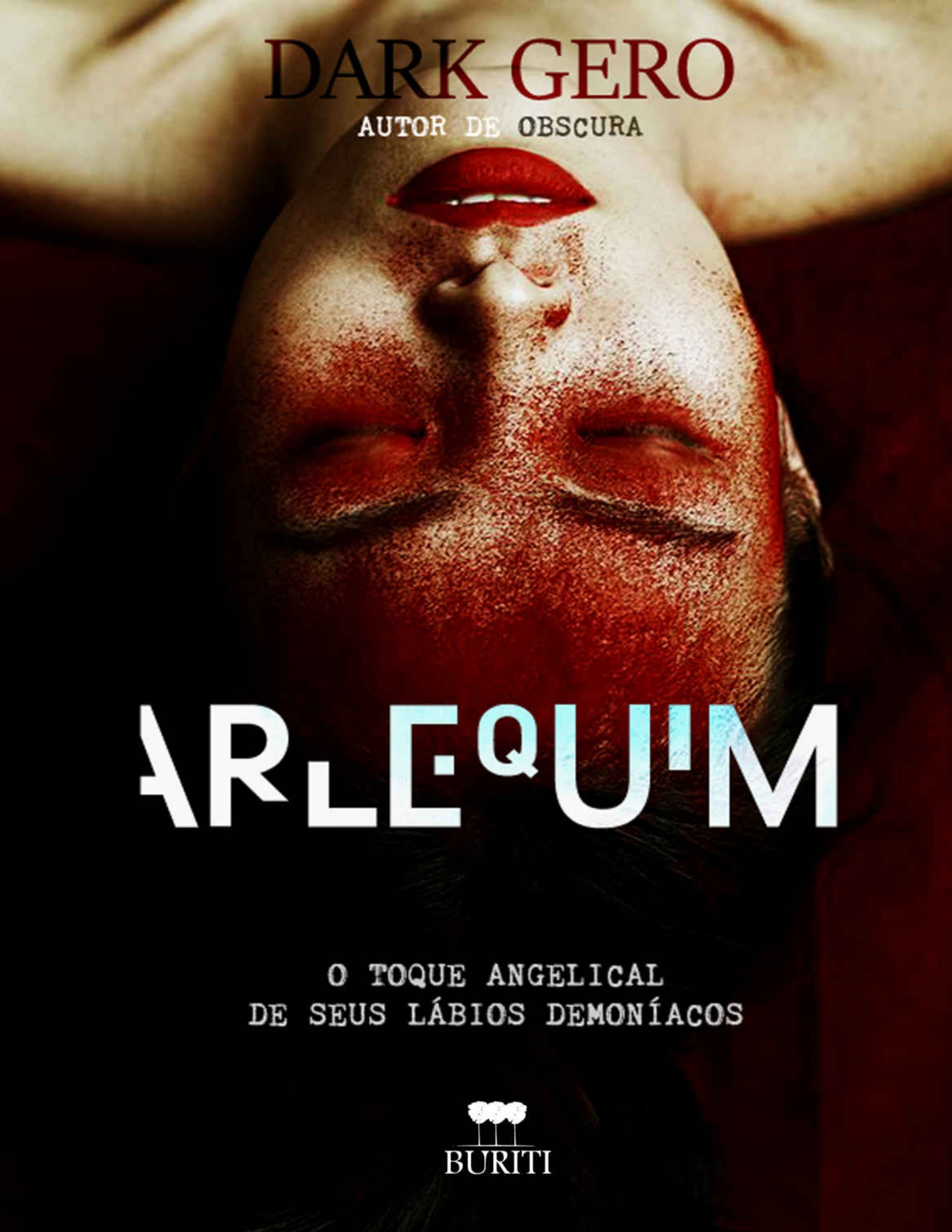
DARK GERO

AUTOR DE OBSCURA



ARLEQUIM

O TOQUE ANGELICAL
DE SEUS LÁBIOS DEMONÍACOS

BURITI

Dark Gero



2014

“O segredo do amor é maior do que

o segredo da morte”

Oscar Wilde

PRIMEIRA PARTE

O vale da sombra do amor

Um

O ônibus estava lotado como sempre, mas desta vez Samuel havia conseguido um lugar para sentar, e ao lado da janela. Não era todo dia que ele tinha essa sorte; geralmente disputava espaço em pé, enquanto era empurrado toda vez que algum passageiro desesperado avançava em direção à porta, temendo perder sua parada. Dessa vez estava ali, cabeça encostada no vidro da janela, fones de ouvido ao máximo com uma música melancólica de sua *playlist* do Radiohead. Ignorava o barulho da rádio do ônibus, onde um forró na moda repetia enfadonhamente a mesma frase com duplo sentido. Seus olhos passeavam pelas pessoas nas ruas, algumas caminhando apressadas, outras nas paradas com semblantes preocupados ou indiferentes. Vez ou outra Samuel se perguntava o que se passava em suas cabeças, que tipo de vida tinham. Perguntava-se se tinham o mesmo tipo de vida que ele, ou se eram felizes.

Às vezes, só às vezes, Samuel considerava-se feliz. Isso quando comparava sua vida com a de pessoas que não tinham o que comer ou que tinham algum tipo de deficiência ou limitação. Ele era saldável, jovem, no auge dos seus dezenove anos, morava em um apartamento, estava em um curso superior... O que tinha para reclamar?

O mundo parecia insuportavelmente repetitivo. Dias que recomeçavam e eram praticamente iguais, ciclos que era refeitos a todo instante sem o menor significado.

A verdade é que poucas coisas o faziam sentir-se próximo do que poderia considerar felicidade: jogar vídeo game, assistir seriados, filmese pornografia trancado em seu quarto. Aquele era seu mundo intocável, o único lugar onde escapava do seu estado de tédio permanente.

Mas ainda faltavam alguns minutos para chegar ao seu mundo. Por enquanto ainda estava no ônibus lotado. Olhou para a esquerda, para as pessoas se espremendo suadas, todas aparente e justificavelmente de mau humor. Uma jovem equilibrava-se com uma mão segurando a barra do teto e com a outra, livros e um caderno. A mulher sentada ao lado de Samuel dormia de boca aberta, totalmente ausente da realidade; ele estendeu a mão pra jovem em pé, que com um sorriso entregou-lhe os livros para que pusesse no colo, sussurrando um inaudível “obrigada”.

Então recostou novamente a cabeça no vidro da janela.

Enquanto caminhava da parada de ônibus em direção ao prédio onde morava, a mochila pesada nas costas e os polegares presos às alças, continuava a analisar as pessoas. Passou por um senhor de idade na casa dos setenta, sentado na calçada de sua casa; o velho sentava-se ali todos os dias e observava os carros e as pessoas. Toda vez que passava por ele, Samuel perguntava-se o que se passava em sua cabeça, se ele revivia as memórias do que havia feito ou se lamentava pelo que não. Talvez o ancião estivesse apenas esperando o dia acabar, e era exatamente o que Samuel queria, que chegasse logo o fim de semana.

Mas ainda era quarta...

Daniel, seu irmão, ainda não havia chegado em casa. Samuel apenas bebeu um copo com água antes de ir trancar-se em seu quarto. Jogou a mochila sobre a cama e deitou-se sobre a mesma com as pernas pra fora. Tinha trabalhos da faculdade pra fazer, mas não estava com o mínimo saco pra eles; pensou em jogar um dos seus jogos de Play Station3, mas não sentiu vontade de jogar nenhum; pensou em ler ou assistir um vídeo, ou talvez algum dos episódios das mais de dezoito séries que ele acompanhava, mas estava sem ânimo pra tudo isso. Reviu mais de uma vez suas opções de entretenimento, mas nenhuma conseguia chamar sua atenção. Ligou o PC, acessou um site de pornografia; foi até o banheiro, masturbou-se no vaso e voltou ao quarto. Ficou procurando sites diversos para passar o tempo, mas tudo parecia desinteressante. Desligou o PC, voltou a se deitar.

Samuel havia se acostumado com o tédio, mas algumas vezes parecia puramente insuportável, como estava sendo naquele momento. Era um vazio incompreensível que se apossava de sua alma e impedia que qualquer coisa tivesse algum sentido pra ele. Parecia algo patológico, similar à depressão, exceto pelo fato de que o que ele sentia não era consternação, nem tinha motivos aparentes para isso. Era apenas tédio. Só queria que o dia acabasse logo, que a quinta e a sexta deixassem o sábado vir o quanto antes. Não que tivesse algo pra fazer, mas pelo menos mais um ciclo seria completado, uma semana a menos.

— Merda de vida.

Ouviu o barulho na sala; Daniel havia chegado.

— Sam?

— Oi.

— Jantou alguma coisa?

— Ainda não.

— Trouxe lasanha, quer?

Ao invés de responder, Samuel levantou-se e saiu do quarto. Daniel estava retirando a gravata, sentado à mesa da cozinha; era seu irmão mais velho, e também o único. Único tudo, única

família. O micro-ondas estava ligado.

— Trouxe de carne, tua preferida.

— Valeu — Samuel sentou-se à mesa.

—Como vai a faculdade?

— Bem. O de sempre.

O micro-ondas apitou.

— Pronto. Eu coloco pra gente — Daniel levantou-se e dispôs a lasanha em dois pratos.

Comeram por um instante em silêncio, Daniel analisando o irmão caçula, procurando alguma coisa pra puxar assunto.

— Como foi lá no escritório? — foi Samuel quem perguntou, quase automaticamente, pra quebrar o gelo.

Daniel era formado em advocacia, mas trabalhava no ministério público, fruto de um concurso que havia feito. O dinheiro que ganhava era suficiente para sustentar o irmão e todas as despesas da casa; Daniel fazia questão de que Samuel apenas estudasse.

— Chato como sempre. Estou pensando seriamente em fazer o teste da OAB e tratar de advogar.

— Seria uma boa.

— É.

Mais algumas garfadas em silêncio.

— Entediado de novo, Sam?

— Muito.

Daniel sorriu.

— Por que não joga vídeo game?

— Sem vontade de fazer nada. É horrível.

— Isso se chama ócio.

— Ócio?

— Meu trabalho é chato, mas nunca fico entediado por que tenho sempre algo pra fazer.

— Eu tenho o que fazer, só não tenho vontade.

— Tenta fazer algo diferente, sair da rotina.

— Estava pensando em traficar.

Daniel riu.

—Vida perigosa não combina contigo.

— Esse é o problema.

— Como assim?

— Minha vida. É monótona demais. Nada acontece.

— Falta de mulher.

Samuel enrubesceu.

— Nada a ver.

— Claro que tem a ver. Se você se apaixonar, duvido que fique entediado. Vai preencher o tempo ocioso criando poesias.

Daniel vez ou outra namorava uma garota diferente; era descolado, bom de papo. Samuel, por outro lado, tivera poucas experiências com as mulheres, e nenhuma delas havia sido louvável.

—Não tenho sorte com as mulheres.

— O azar é um pretexto pra justificar nossa incompetência.

— Valeu por me lembrar que sou um incompetente.

— Não se chateia. O que te falta é malícia, *brother*. Você ainda é ingênuo demais. Ainda é virgem, não é?

Samuel ruborizou-se. Daniel divertiu-se ao vê-lo encabulado.

— Não é da tua conta.

— Como não? Sou seu irmão, tem que falar dessas coisas comigo.

— Não quero falar desse assunto.

—Relaxa, Sam. Se for virgem, não é nem um pouco vergonhoso. Só toma cuidado pra não acabar se envolvendo com qualquer uma. Usa sempre camisinha.

Samuel resolver não comentar nada para deixar o assunto embaraçoso morrer.

— Eu lavo —pegou os dois pratos para lavar. Enquanto os lavava na pia, Daniel enchia um copo com água.

— Devia sair mais com seus amigos.

— Não gosto de sair com eles.

— Nem gosta de ficar em casa. Saindo pelo menos corre o risco de se divertir, conhecer novas pessoas...

— É, pode ser.

Alguns minutos depois, Samuel voltava pra seu quarto, seu mundinho. Agora, pelo menos, estava pensativo; seu irmão tinha esse poder sobre ele. O celular tocou. Era Elias, seu melhor amigo.

— E aí, babaca!

—Fala,viadinho. Interrompi tua punheta ou você continua com a outra mão?

— Estou batendo uma e olhando pra foto de tua mãe — provocou Samuel.

— Duvido. Deve estar olhando pra revista de macho suado se comendo.

—Fala, porra.

— Vamos sair com a galera no sábado?

— Pra onde?

— Confia em mim?

— Claro que não.

Elias riu.

— É uma surpresa minha pra ti.

Samuel pensou um pouco no que o irmão havia lhe dito. Embora as saídas com Elias e seus outros amigos fossem sempre desconfortáveis para ele, já que nunca se encaixava nas festas (não sabia dançar e era um desastre na paquera), desta vez estava inclinado a aceitar.

— Beleza — disse por fim.

— Te pego às nove.

— Me pega, o caralho!

— Teu sonho, né, enrustido?

Desligou.

Quinta-feira havia sido um ctrl C + ctrl V da quarta, e da terça anterior, e da segunda antes dela. Acordar cedo, pegar ônibus lotado pra ir pra faculdade, assistir aula em dois turnos, voltar pra casa de ônibus lotado, procurar algo pra fazer e faltar ânimo. Todos os jogos lhe pareciam enfadonhos, repetitivos, enjoativos; ao pensar em um filme para assistir, logo imaginava como seria o mesmo e isso o desestimulava. Acabou optando por assistir TV. O jornal falava de uma jovem que havia se suicidado, e segundo amigos e familiares, ela não apresentava qualquer motivo. Um especialista explanou que algumas pessoas têm tendência natural ao suicídio. Na mesma reportagem, transeuntes davam sua opinião sobre alguém tirar a própria vida; uma senhora disse que era falta de Deus no coração.

Samuel desligou a TV e ficou olhando para o teto branco. Concluiu que tinha tantos motivos pra se matar quantos tinha para continuar vivo. Cinquenta/cinquenta, zero/zero. Mas suicídio para ele não era uma coisa absurda.

Na sexta, durante a aula, ficou rabiscando uma figura enforcada.

Às vezes Samuel fantasiava situações. Em algumas delas ele era um herói, em outras, um mártir. Imaginava, por exemplo, algum psicopata armado entrando em sua sala e metralhando todo mundo até ele encontrar um jeito de avançar sobre o sujeito e desarmá-lo; quando estava afim de alguma garota, imaginava-se a salvando de alguma situação de risco para impressioná-la; já

havia imaginado que salvava uma criança enquanto era filmado e assim tornava-se famoso por seu ato heroico; tinha até o discurso em mente. Também fantasiava escapar de assaltos, sempre com alguém assistindo para espalhar seu feito.

Mas nada disso jamais havia acontecido. Nem iria acontecer.

Ao terminar o desenho do enforcado, percebeu que o rabisco tinha seus traços. Era ele morto ali.

Pegou novamente o ônibus lotado, desta vez sem sorte, em pé, tendo que administrar o espaço vertical que tinha para si e para sua mochila enorme. Ao invés de Radiohead o que lhe amparava era Sigur Rós, também com os fones de ouvido ao máximo.

Jogou até tarde.

Daniel ligou avisando que chegaria de madrugada, tinha um encontro. *Sorte a dele*, pensou. Quantas vezes ele havia ligado para dizer a mesma coisa?

Em sua cama, olhando para o teto branco, ficou se perguntando quem sentiria sua falta caso se suicidasse. Entristeceu-se ao se dar conta de que pouquíssimas pessoas; o irmão, com certeza, os amigos mais próximos, especialmente Elias, mas o resto falaria dele por uma semana, talvez menos. E então o esquecimento.

Essa conclusão depressiva deu fim aos seus devaneios sobre suicídio.

E assim que dormiu, tinha fim o último dia tedioso de sua vida.

Dois

Samuel desceu do carro olhando o letreiro em *neon* da boate, vendo aquela figura feminina abrindo e fechando as pernas repetidas vezes de acordo com a transição de luzes. Ao lado da figura, o nome da boate: *Paraíso da Perdição*.

— Te prepara, Sam — disse seu amigo Elias saindo do volante do carro. — Hoje você vai conhecer o paraíso.

Samuel tentava esconder o nervosismo, mas era aparente seu desconforto. A "surpresa" preparada por Elias era leva-lo a uma boate de *strippers*?

— Que porra é essa, Elias?

— Uma igreja é que esse lugar não é.

— Podia ter me avisado antes, pô.

— Você ia se cagar todo e inventar uma desculpa pra não vir.

— Porra, Elias...

— Se não gostou eu dou meia-volta e te deixo em uma boate gay, que parece ser mais tua praia.

— Eu estou sem grana, pô.

— É por minha conta.

Elias deu um sorriso confortante e um tapinha nas costas do amigo. Samuel não podia pedir pra ir embora, ia pegar mal pra ele, ainda mais com Elias bancando tudo. Além do mais, por que não?

O segurança pediu as identidades dos dois antes que comprassem os ingressos. Samuel mal conseguiu encarar o gigante: tinha mais de dois metros e uma cicatriz enorme no rosto. Ainda bem que tinha dezenove anos, pensou. Não queria ver a reação daquele monstro caso ainda fosse menor de idade. Cada um recebeu na recepção um cartão eletrônico.

— É nossa comanda — explicou Elias para Samuel. — O cartão de créditos para usar aqui dentro. A gente paga tudo na saída. Ao final das contas é tudo no dinheiro vivo aqui.

Mal entraram, já foram dominados pelo jogo de luz e pelo som psicodélico tocado pelo DJ.

— Eu ouvi falar que esse tipo de música mexe com o organismo e funciona como droga, sabia?

— Nem precisava — Elias mexia-se de acordo com o ritmo da música. — Tem tanta droga rolando por aqui que a música é só um aperitivo.

O ambiente era decorado com o tema "paraíso", com Adão e Eva espalhados pelas paredes em posições sexuais bem lascivas. Em um dos desenhos, Eva enfiava a serpente entre as pernas. Havia um enorme palco com um ferro no meio, onde uma *stripper* dançava e tirava a roupa peça por peça; ela usava uma fantasia rosa de coelha com orelhas pontudas. Vários homens estavam próximos ao palco gritando com cédulas na mão. A "coelhinha" agachou-se de costas e um dos homens pôs várias notas em sua calcinha, dando-lhe em seguida um beijo na nádega.

— Olha lá a galera — mostrou Elias dirigindo-se à mesa onde estavam dois rapazes.

Assim que os dois viram Samuel entreolharam-se incrédulos, depois olharam para Elias.

— Você convenceu o virgem a vir pra *Paraíso da Perdição*? — disse o mais alto e gordo dos dois, Alcides.

— Virgem o caralho, Cidão — Samuel defendeu-se se sentando. — Já tive namoradas.

— Namorada. Singular — corrigiu Agenor, o de cabelo amarrado em rabo-de-cavalo. — Você teve uma experiência com aquela crentezinha da Renata.

— O Agenor tem razão, Sam — Elias concordou acendendo um cigarro. — Você namorou quase um ano com ela sem absolutamente nada de sexo.

— Ela que não queria — defendeu-se.

— Ela *dizia* que não queria. Agora você sabe que ela transou com metade da escola.

— Isso é passado. Eu a levava a sério. Ela que não deu valor. Mas eu transei sim com a Valéria e a Paula.

Elias riu alto.

— Essas vadias não contam, Sam. E além do mais não foi sexo; foi oral! Elas só te chuparam pra você ajudar elas na prova.

— Eu comi as duas sim, porra!

O lugar estava lotado. Entre as dezenas de homens que dançavam e babavam pela *stripper*, passeavam algumas garçonetes com trajes mínimos. No palco, a coelhinha despedia-se.

—Que tal perder a virgindade com a coelhinha, Sam? — ofereceu Elias.

— Já disse que não sou virgem, porra.

— Elas dão desconto se você for. Ficam doidinhas.

Samuel estava cada vez mais desconfortável. Não queria transar por dinheiro, mesmo que o dinheiro não fosse seu. Mas recusar seria pôr sua masculinidade em jogo.

Uma das garçonetes aproximou-se, com os seios pequenos e empinados à mostra. Samuel

ficou sem ação.

— Delícia, traz um balde de Long Necks, da mais gelada — pediu Alcides.

— Espera um instante, amor — chamou Agenor trazendo-a mais pra perto pela cintura. Ela sorria provocantemente. — Essas belezuras são de verdade? — apontou o queixo para os seios dela.

— Naturais como o resto da dona — respondeu piscando.

Alcides riu alto, uma gargalhada grotesca e engraçada, característica sua.

— Posso verificar?

— Fique à vontade.

Agenor apalpou o seio dela com uma das mãos, fazendo um o rosto uma expressão de consentimento.

— Realmente. Toca aqui, Sam.

Samuel estremeceu. Todos os olhares convergiam para ele. Elias fez um sinal com a cabeça encorajando-o. O rapaz esticou o braço e segurou o seio macio da garçonete.

— Mão gelada...

Todos riram, menos Samuel, que retraiu a mão. A garçonete afastou-se rebolando e sorrindo.

— Elas deixam a gente tocar nelas assim, de graça? — comentou para disfarçar o nervosismo e a vergonha.

— Pode esperar na conta um acréscimo de uns cinquenta reais, a "gorjeta" dela... — Elias respondeu com ar experiente.

Samuel lembrou-se de Renata. Em todos os meses que namoraram, ela nunca havia o deixado tocar seus seios, nem mesmo por cima da roupa. Ele era devotado, carinhoso, sempre solícito; ela aparentava gostar dele. Na época Samuel tinha apenas dezessete, ela, dezesseis. Todos os fins de semana ela ia para a igreja, vivia com uma bíblia embaixo do braço, sempre com saias abaixo do joelho; por mais que ele sentisse desejo por ela, respeitava sua decisão pela castidade. Ambos faziam planos para quando casassem. Pensaram até nos filhos que teriam. Samuel só não entendia os olhares maliciosos, nem as risadinhas que alguns davam na escola quando os dois passavam de mãos dadas.

Um dia descobriu.

Elias o chamou para conversar em particular e parecia bem sério.

— O que foi, cara?

— Eu não tinha provas, mas já sabia. Desculpa não ter te dito antes.

— Do que você está falando?

— A Renata é uma puta.

Samuel inflou de raiva. Detestava que falassem mal de sua namorada.

— Já viu os peitos dela? — Elias inquiriu, impassível.

— Não é da tua conta.

— Já viu a cor da bocetinha dela?

— Vai tomar no cu, Elias. Não tem graça!

— Viu ou não viu?

— Não, não vi! Satisfeito? — Samuel gritou antes de se virar.

Elias segurou seu ombro, impedindo que se afastasse. Tinha um celular na mão.

— Pois a escola inteira viu. Sinto muito, cara.

Samuel recebeu o celular em mãos, e Elias apertou o play no meio da tela. Era uma gravação também de celular e ele levou pouco tempo para reconhecer a adolescente que fazia sexo oral com um aluno enquanto era penetrada pelo outro, o que filmava.

Era Renata.

Samuel assistiu em choque sua namorada agir como uma atriz pornô, com imensa satisfação no rosto. E ele nunca havia ao menos tocado seus seios por cima da blusa...

A jovem mudou-se da cidade, seu vídeo publicado na internet e compartilhado por milhares de celulares. Samuel nunca mais teve notícias dela. Chorou de raiva sozinho em seu quarto várias noites seguidas, até finalmente superá-la.

Alguns minutos depois, a garçonete voltava com o balde de cervejas e uma maquininha na mão. Elias entregou seu cartão e ela o passou na máquina, entregando-lhe o comprovante, evolvendo o cartão e saindo rebolando.

— Eu não disse? — Elias olhou de forma repreensiva para Agenor. — Esses sessenta reais a mais você paga!

— Que vaca!

Elias ofereceu uma das cervejas a Samuel enquanto cada um dos outros abria a sua.

— Você sabe que eu não bebo.

— Nem bebe, nem fuma e nem fode. Toma aí, porra.

Samuel não relutou. Aceitou a garrafa e tomou um gole, fazendo careta pro gosto amargo. As horas foram passando, três dançarinas já haviam subido ao palco depois da coelhinha; uma policial, uma noiva e uma empregada (que havia enfiado o cabo do espanador de pó na vagina e jogado para a plateia). O show também acontecia nas mesas. Em uma delas um engravatado bêbado mamava nos seios se uma garçonete sentada em seu colo.

Por não ter costume de beber, na terceira Long Neck Samuel já se sentira tonto, por isso havia parado. Era quase meia-noite, já ia pedir para Elias deixa-lo em casa, ou pegaria um taxi.

A música mudou.

O jogo de luz cessou, resumindo-se a dois holofotes no fundo do palco. Agenor, Alcides e Elias olharam para o palco agora vazio com uma expectativa que Samuel não entendeu. Olhou ao redor: todos pararam de conversar e dançar para olhar para as luzes ao fundo.

— Eu conheço essa trilha sonora — Alcides disse hipnotizado.

— O que é? Quem vai dançar agora?

Elias olhou para ele e sussurrou com os olhos cerrados:

— A razão pra essa boate ser lotada todos os sábados, meu caro. A Arlequim!

Então ela surgiu. Usava botas negras acima dos joelhos, uma roupa que lembrava os bobos da corte da idade média. Sobre sua cabeça estava um chapéu de várias pontas caídas sobre seus cabelos escuros ondulados. Seus lábios tinham uma pintura preta, exageradamente puxada cerca de dois dedos dos cantos dos mesmos, como um sorriso gigante. Do lado esquerdo de seu rosto descia uma grande lágrima preta, como se descesse das sombras que cercavam seus olhos e do lado direito havia uma pintura de estrela vermelha cuja ponta superior alongava-se até acima da sobrancelha. Ela andava de forma graciosa, como se flutuasse sobre o palco, com uma saia que lhe descia os joelhos, destoando do resto do visual medieval; em determinado momento da música ela se agachou, apertando a saia entre as pernas e girando lentamente o pescoço para trás. Os homens urravam, mas não pareciam ter pressa, todos aparentavam se deliciar com aquele ritual.

Ela agarrou-se ao ferro, dando algumas voltas sensuais ao redor do mesmo antes de tirar a parte superior da roupa, ficando apenas com uma pintura corporal que substituía o sutiã. Tinha a agilidade incrível de uma artista circense. Havia algo de diferente nela... Ela era mais sensual... Provocava mais desejo em quem a via... Prendia a atenção de todos...

Samuel não conseguia parar de olhar para seu rosto; era o único que olhava para esta parte de seu corpo. Estava enfeitiçado e ao mesmo tempo intrigado com a beleza dela. Embora tivesse aquele sorriso enorme, Arlequim tinha o olhar triste, sério. Aquele paradoxo facial talvez fosse seu segredo...

Ou talvez fossem suas curvas... Arlequim era a dançarina de seios mais bonitos, embora não os maiores. Eram redondos e rijos, fartos, mas não exagerados. Pareciam naturais, sem silicone ou cirurgias. Em dado momento, colocou o dedo indicador na boca e, com o mesmo úmido, levou-o ao joelho, esfregando-o suavemente pela coxa enquanto subia a saia e, subitamente, com um puxão, livrava-se da mesma, levando todos ao delírio. Não usava fio dental como as outras; usava um short de cinco dedos de largura, muito fino, deixando em relevo suas partes íntimas. O short era metade preto, metade branco, e a divisão das cores passava exatamente no meio de seu monte de vênus. Ela curvava-se e se erguia tendo controle minucioso dos movimentos. Não se movia de

maneira vulgar; tudo parecia artisticamente calculado.

Alguns minutos de dança depois, enquanto caminhava pelo palco, parecia analisar bem sua plateia faminta.

— Ela parece que está procurando alguém — comentou Samuel quase em transe.

— E está — Alcides respondeu sem tirar os olhos dela. — Procurando o filho da puta sortudo da semana.

Alguém gritou um "Eu!", sendo seguido por numerosos outros. Logo cada um na multidão apontava para si próprio, tentando chamar a atenção de Arlequim. Agenor, Alcides e Elias também gritavam e acenavam.

— Aqui!

— Me escolhe, minha deusa!

Samuel não entendia o que estava havendo. Ficou na posição que estava, olhos fixos naquela mulher incrível.

Estremeceu.

O frio na barriga e as pernas fraquejando convenciam-lhe de que não era só impressão sua; ela, por um segundo, havia olhado diretamente nos olhos dele.

Arlequim pulou do palco.

Todos a olhavam com admiração, como se reverenciassem a própria Afrodite diante deles. Nenhum deles se atrevia a tentar colocar cédulas em seu minúsculo short; ela só tocava em quem escolhia. Eles pararam de gritar, todos na expectativa.

— Cara, ela está vindo pra cá — sussurrou Alcides com o coração acelerado.

Os homens abriam espaço para que ela andasse, com o respeito de uma rainha caminhando entre plebeus. Agenor, Alcides, Elias e Samuel estavam estáticos; o cigarro pendia no canto da boca de Elias.

Arlequim parou diante da mesa deles.

Apontou para Samuel.

Todos os olhares afluíram para ele.

Ela girou a mão e com o dedo ainda estirado, fez um sinal chamando-o.

Samuel estava abismado. Por que ele? Era algum tipo de brincadeira? Elias teria tramado aquilo tudo?

— Caralho, ela te escolheu! Anda, vai logo!

— Como assim? Ir pra onde?— disse num fio de voz.

— Segue ela, Mané! Anda, antes que ela mude de ideia.

Samuel se levantou timidamente, dando alguns passos em direção a ela. Arlequim segurou

sua mão levemente, com sua pele macia como veludo, puxando-o com ela.

Um homem de terno aproximou-se tocando o ombro dela.

— Meu anjo, eu sou homem de verdade, não esse moleque aí — lançou um olhar hostil para Samuel. — Pago o que você quiser pra passar a noite comigo.

— Não, obrigada — ela retirou a mão de seu ombro.

— Não sabe o que está perdendo, querida. Falo de muito dinheiro.

O homem de terno surpreendeu-se com as poderosas mãos agarrando-o. Dois seguranças com cara de presidiários puxaram-no para trás com violência. A regra era clara: *ninguém toca a Arlequim*. Ele protestou, sendo ignorado pela brutalidade dos dois.

Arlequim continuava com a expressão calma, enigmática, enquanto guiava Samuel por entre os olhares invejosos para uma porta atrás do palco. Andaram por um corredor sem dizer uma palavra, passando por *strippers* e garçonetes seminuas que os olhavam em silêncio, e em seguida entraram por outra porta, de um quarto. Parecia-se com um quarto de um motel.

— Deita — ela apontou para a cama de casal.

Samuel estava extremamente embaraçado, constrangido. Não sabia exatamente o que fazer. Não tinha dinheiro para um programa, muito menos com uma dançarina como aquela.

— Prefere que eu tire a maquiagem ou que fique assim mesmo?

— Eu... Desculpa, não acho que meu dinheiro seja suficiente...

— Não sou uma prostituta.

Ele enrubesceu mais ainda.

— Eu... não disse isso...

— Quanto tem aí?

— Cinquenta.

— Mil?

— Não, cinquenta reais...— sussurrou extremamente envergonhado.

Ela sorriu, mas não com os olhos.

— Relaxa, eu sei. Não vou te cobrar nada. Veio aqui sem ter ouvido falar de mim?

— Sim...

— Você está tremendo — observou ela.

Ele segurou a própria mão gélida e trêmula.

— Sou a Arlequim — sua voz era tão concupiscente quanto frígida. — Danço aos sábados e escolho ao fim da dança alguém para ir pra cama comigo... de graça.

Agora as coisas faziam mais sentido. Mas isso não diminuía seu constrangimento.

— Sendo assim...

— Quer beber alguma coi... — enquanto caminhava até o frigobar, levou a mão à cabeça de repente, desequilibrando-se.

— O que houve?

Ela recompôs-se, forçando um sorriso.

— Nada... Fico tonta de tanto rodar.

— Você não parece bem.

— Eu estou bem, não se preocupe. Agora deita. E então, tiro a maquiagem ou não?

— Tira.

Ela foi até um banheirinho e lavou o rosto na pia durante algum tempo. Quando voltou, com uma toalha enxugando o rosto, Samuel estava em pé.

— Nossa...

Samuel parecia realmente extasiado com a beleza dela, estava estampado em seu rosto.

— Você é linda — disse com toda sua sinceridade.

— Por que levantou?

— Vista alguma coisa, vou te levar pra comer alguma coisa.

Ela franziu o cenho, incrédula.

— Comer alguma coisa? Está falando sério?

— Estou.

— É algum tipo de fantasia?

— Não.

Ela sorriu.

— Se precisa de algum tempo para se animar, não se preocupe, muitos broxam quando os trago pra cá. Tem alguns azulzinhos na gaveta, se...

— Não é nada disso.

Ela o fitou, intrigada.

— Vai recusar uma noite comigo?

— Vou passar a noite com você. Conhecendo você melhor. Você não está bem, não vou me sentir bem sabendo que está apenas fazendo seu trabalho, contra a sua vontade.

— Eu te escolhi.

— Por obrigação. Deixa de ser teimosa. Veste alguma coisa!

Ela o olhou por um instante, então sorriu com desvelo. Dessa vez, com os olhos também.

— Tudo bem, me dá um minuto.

Arlequim saiu da sala.

Samuel imediatamente fez uma ligação.

— Eu sabia! — Elias disse assim que atendeu.

— Sabia o quê?

— Que você ia broxar. Apostei com os caras que ia acontecer.

— Não, não broxei, caramba. Escuta...

— Ela fugiu quando viu teu pinto pequeno?

— Cala a boca, porra, escuta! Vou precisar de uma ajuda dupla tua.

— Hoje é teu dia de sorte, seu filha da puta sortudo. Ainda não acredito que ela te escolheu!

— Me empresta teu carro? — Samuel o ignorou.

— Ah, saquei, safado. Vai levar ela pra um motel?

— É — mentiu para evitar explicações.

— Tem grana pro motel?

— Esse era meu segundo favor.

— Eu disse que era por minha conta, não disse?

—Beleza, te encontro na saída em um minuto — desligou.

Sentou-se na cama, o coração parecendo uma bateria de escola de samba. Riu-se de sua atitude altruísta ridícula, imaginou os amigos dando-lhe uma surra ao descobrirem o que estava prestes a fazer.

Lembrou-se de Renata. A memória quase o fez mudar de ideia.

Mas não mudou.

Três

Samuel estacionou o carro de Elias em frente ao restaurante. Escolheu um que ficava aberto até altas horas, já que era quase uma da manhã. Quando o amigo emprestara-lhe o dinheiro e o carro, apertara sua mão com orgulho. Iria crucificá-lo se soubesse que ele a estava levando para jantar. Quando desceram do veículo, Samuel contemplou-a mais uma vez: Arlequim abandonara completamente o visual de *stripper*; usava uma blusa folgada branca, de mangas compridas, e jeans azul. Os cabelos já secos haviam ganhado volume.

Deus, como é linda, pensou.

Os dois entraram no restaurante; ela o olhando intrigada. Não sabia qual a intenção dele levando-a até ali. Escolheram uma mesa para eles. O garçom aproximou-se e cada um pediu algo. Assim que se afastou, Samuel percebeu que ela o olhava intensamente nos olhos.

— Fico sem graça com esse olhar — disse sorrindo.

— Estou tentando descobrir de que planeta veio.

— Nossa, sou tão feio assim?

Ela riu.

—Eu olho em seus olhos e não vejo maldade, nem segundas intenções. Posso fazer uma pergunta que está me deixando louca?

— Claro.

— Você é gay?

Primeiro ele riu, depois pareceu ofendido.

— Claro que não. Eu pareço gay?

— Não — ela sorriu. — É que não consigo pensar em nenhum heterossexual que recusasse passar uma noite comigo de graça.

— Já disse que não recusei. Estamos juntos, não estamos?

Ela sorriu mais uma vez ternamente. Como uma figura colorida em um desenho preto e branco.

— Você dança muito bem — ele elogiou.

— É meu trabalho — ela disse olhando para baixo. Seu olhar tornara-se triste.

Samuel notou claramente que aquele era um assunto desconfortável para ela.

— Bebe cerveja?

— Também.

Ele chamou o garçom. Pediu uma cerveja gelada. Não queria realmente beber, mas além de querer dar a ela a impressão de que não era um menino, queria se soltar mais.

— Por que "Arlequim"?

— É um personagem da *CommediaDell'arte*, um gênero de teatro que surgiu na Itália no século XVI. Arlequim é na verdade um personagem masculino.

Ele estava impressionado com a resposta dela. Percebeu que a estava subestimando.

— Interessa-se por teatro?

— Meu sonho era ser atriz ou bailarina. Sabe, usar o corpo para encantar as pessoas — deu um sorriso triste. — de certa forma eu faço isso hoje.

Mais um assunto desagradável, pensou Samuel. Ele tentaria fazer ao máximo com que ela não ficasse triste ou constrangida. A cerveja chegou. O garçom derramou nas duas taças o líquido espumante e se afastou. Samuel bebericou pensando em alguma coisa inteligente para perguntar.

— Me fala um pouco de você — ela disse tomando um gole, olhos fixos nos dele, como se o estudasse o tempo todo.

— Não tenho muita coisa pra falar. Minha vida é um saco.

— Aposto que não. Já jogou "eu nunca"?

— Não.

—Jogava na faculdade. É bem simples. Mas só tem graça com bebida quente — ela disse já fazendo um sinal para o garçom. — Uma garrafa de tequila, por favor.

Samuel ficou apreensivo, nunca havia tomado aquele tipo de bebida.

— Como se joga?

— Você diz algo que nunca fez. Se eu já tiver feito, viro um copo de tequila. Se eu nunca tiver feito, você é quem vira.

— Parece interessante — ele disse irrequieto, prevendo que ficaria bêbado e passaria vergonha.

A tequila chegou. Acompanhada de copos menores que os de cerveja.

— Eu começo — ela disse. — Eu nunca tive um cachorro.

Samuel pegou o copo e bebeu em um gole só. Fez uma careta horrível e soltou uma lufada de ar pela boca, como se tivesse acabado de beber pimenta.

Ela riu.

— Quer voltar pra cerveja?

—Não — disse orgulhoso, tentando se recompor.

— Fale-me mais do seu cachorro.

— Eu era criança, era um vira-lata, o Lopo. Não gosta de animais?

— Nunca tive a oportunidade. Sua vez.

Ele respirou fundo, pensando em algo adequado. Lembrou-se dela tonta no quarto da boate.

— Eu nunca me droguei.

Arlequim virou seu copo, sem caretas, como se bebesse água.

— Sempre me drogo antes de dançar.

— Que tipos de drogas? — perguntou com cautela.

— Do tipo forte.

Ele se arrependeu de ter perguntado.

— Sua vez — ele disse.

— Nunca fumou maconha?

— Nunca.

— Devia tentar qualquer dia desses.

— Quem sabe... — disse sem a menor intenção de experimentar. — sua vez — repetiu.

— Eu nunca conheci meus pais.

Foi a vez de Samuel entristecer o olhar.

— Eu era pequeno demais para lembrar, vale?

O olhar melancólico dela demonstrava que conhecia aquela dor. Ele não esperou resposta, virou o copo. Tentou disfarçar, mas fez as mesmas caretas de antes.

—Mora sozinho?

— Com meu irmão mais velho. Na verdade, ele é como um pai. Em todos os sentidos.

— Bonito isso.

— E você, mora com quem?

— Sozinha. Sua vez.

— Bem... Sei lá... Eu nunca beijei alguém do mesmo sexo.

Ela virou mais um copo.

Ele riu pasmado.

— Sério?

— Mais de uma vez. Elas beijam melhor que vocês.

Ele observou os lábios úmidos dela.

— Sua vez.

— Eu nunca descobri uma traição de um namorado.

Samuel franziu o cenho, encafifado. Na ferida!

Virou mais um copo. Sentiu a tontura, mas fez menos careta.

— Quem foi a vagabunda? — ela sorriu, divertida.

Ele resumiu sua experiência com Renata. Arlequim deu risadas quando ele disse que ela não o deixava tocar seus seios nem por cima da blusa.

— Que piranha! Bem feito pra ela!

— Eu sou mesmo um trouxa, né? — ele baixou o olhar.

Ela se inclinou e tocou seu queixo, erguendo-o.

— Você é um doce.

Ele sorriu, sem graça. As coisas começavam a se mover sozinhas, a cabeça começava a girar.

— Sua vez.

Ele pensou por um instante. Tinha mil coisas na cabeça das quais queria perguntar a ela, mas não tinha coragem. Disse a primeira coisa que lhe veio à mente.

— Eu nunca matei ninguém.

O sorriso dela se desfez. Ela despejou tequila em seu copo e o virou.

Um calafrio percorreu a espinha de Samuel.

— Você...

Ela deu uma súbita gargalhada.

— Você devia ter visto sua cara!

Ele suspirou, aliviado.

— Lá vem a comida.

Enquanto comiam, o jogo havia sido encerrado. Falaram de música, de filmes, de teatro. Neste ponto Arlequim mostrava-se *expert*. Citava nomes de vários teatrólogos famosos, outros que Samuel nunca ouvira falar. Ele se perguntava como uma mulher brilhante como aquela fora parar numa boate de *striptease*. Daniel ligou para saber notícias, Samuel disse que voltaria bem tarde, que estava em um encontro, e desligou.

Ao fundo começou a tocar uma música de Bruno Mars, *When I was your man*.

— Adoro essa música!

— É bonita — admitiu Samuel.

— É linda. Já viu a letra?

— Ainda não. Fala do quê?

— Um cara que perdeu a mulher que amava porque não deu o devido valor e agora ela está com outro. Ouve um pouco.

Os dois ficaram em silêncio, apreciando a música. Samuel não entendia o que ele falava, mas pela explicação de Ariel, sentia tais emoções.

— Quantos anos você tem?

Ele foi pego de surpresa com a pergunta. Não sabia se a decepcionaria com a resposta.

— Dezenove.

Ela sorriu.

— Um bebê.

Ele irritou-se com a comparação. Queria que ela o visse como um homem. Percebeu que estava de cara limpa, nenhum fiapo de barba.

— E você?

— Eu o quê?

— Quantos anos?

— Isso não é nada educado.

— Nunca disse que era educado.

— Vinte e seis.

— Nossa, você parece bem mais velha. Te daria uns quarenta e poucos. Vão achar que é minha mãe — vingou-se.

— Cretino!

Os dois riram alto. Alto demais para o restaurante. Chamaram a atenção de todos.

— É melhor a gente sair daqui — sugeriu ela enrubescendo, mas ainda rindo.

— Você disse que eu tinha direito a uma noite com você. Podemos ir a outro local?

Ela sorriu. Estava prestes a perguntar para que motel ele estava interessado em ir, quando ele a interrompeu:

— Já tentou a carreira de cantora?

— Como?

— Cantora. Nunca pensou em ser uma?

— Sou péssima cantora. Por que a pergunta?

— Vem comigo. Vou te levar a um lugar.

Foram a um bar que tinha Karaokê com banda, com pouca gente já que eram quase três da manhã. No palco um sujeito gorducho cantava uma música brega, com a afinação de um bezerro.

— Eu vinha aqui de vez em quando com meus amigos — ele disse enquanto se sentava. — É um dos únicos lugares que a gente sai e eu me sinto à vontade.

Ela ainda o olhava nos olhos com um sorriso terno.

— Estou ansiosa pra te ouvir cantando.

Assim que chegou a vez deles, Samuel subiu ao palco e cantou *Será,* do Legião Urbana. Arlequim foi a única que aplaudiu, e assoviou alto. Era a vez dela.

— O que vai cantar?

— A banda não vai saber tocar metade das músicas que eu gostaria, mas essa eles sabem. Das que eu gosto é uma das mais populares.

Ele ficou sentado, tentando relembrar o gosto musical dela pela conversa que tiveram. Ela gostava de Cartola, lembrou. Também de Chico Buarque. Ela subiu ao palco, pegou o microfone. A banda começou com o instrumental. Então ela começou a cantar.

O bar inteiro deu-lhe atenção. Ela tinha uma voz grave, aveludada. Cantava uma canção da Lana Del Rey, *Ride*, e só então percebeu a semelhança entre Arlequim e a cantora. Olhou ao redor: todos estavam tão maravilhados quanto ele. Ela cantava com pronúncia em inglês perfeita; pelo contato que ele tinha com a língua com músicas e jogos, podia dizer isso com propriedade. Ao término da música, todos aplaudiram de pé. Inclusive Samuel, por alguma razão, orgulhoso. Aquela mulher era deslumbrante.

Ela sentou-se à mesa com um sorriso envergonhado no rosto, mas também era um sorriso genuíno de felicidade.

— Estou acostumada com o palco, mas não com aplausos que não tenham a ver com meu corpo nu.

— Você foi incrível. Perfeita.

Cantaram mais duas músicas cada. Ele cantou *Creep*, do Radiohead, cuja letra falava justamente de como ele se sentia com relação a ela (e era uma das poucas músicas em inglês que ele sabia a letra), e uma dos Mamonas Assassinas, pra descontrair. A plateia cantou junto com ele, inclusive. Arlequim cantou um samba da Alcione e uma dos The Cranberries.

Quando saíram do bar, já estava clareando o céu.

— Nossa, está amanhecendo.

— Você não existe — ela disse olhando-o intimamente nos olhos. — Há muito tempo não sei o que é rir de verdade. Estou me sentindo tão leve...

— Foi a melhor noite da minha vida. Tenho certeza de que a aproveitei de melhor forma possível.

Ficaram por um instante em silêncio, se olhando. Ele aproximou-se um pouco mais, inclinou um pouco o pescoço para frente, ficando a poucos centímetros da boca dela.

Arlequim desviou o rosto.

— Desculpe, tenho que ir.

Ele não entendia. O que fizera de errado? Ela estava disposta a transar com ele e recusava-se a dar-lhe um simples beijo?

— Eu levo você.

— Não, eu pego um taxi. Foi uma noite maravilhosa, eu juro a você. Adeus — virou-se com a intenção de ir embora.

— Ainda não amanheceu. Não vou deixar você ir pra casa sozinha. Passamos a noite juntos e nem sabemos os nomes um do outro.

— Ossos do ofício.

— Sou Samuel. Mas me chame de Sam.

— Sam. Prazer. Sou Ariel.

Ariel. Nome de anjo. Nome de sereia.

Ele nunca esqueceria aquele sorriso. Um sorriso abatido, carregado de amargura. Ela não estava daquele jeito até ele tentar beijá-la. Era como se ela lutasse com todas as forças para evitar algo. Não pôde impedi-la de ir embora sozinha. Ficou parado assistindo Ariel se afastar, com a angústia no peito de não saber se tornaria a revê-la. Provavelmente não.

Sua doce Arlequim.

Quatro

Samuel havia dormido a manhã inteira e só acordou por que Daniel o chamou para almoçar. O irmão sabia cozinhar muito bem, e aos fins de semana, quando não tinha que comer na rua, fazia questão de praticar seus dotes culinários.

— Chegou que horas ontem? — perguntou enquanto colocava a própria comida.

— Cheguei hoje, na verdade.

— Sim. Depois de ter hibernado a manhã inteira.

— É. Estou um caco — a cabeça doía.

— Aposto que não se lembra de ter se vomitado todo.

Samuel chocou-se, incrédulo:

— Vomitei?

— Quase coloca os órgãos pra fora. Eu limpei tudo e você continuou em coma.

Samuel correu para o quarto. Uma borda da cama de fato estava úmida, e ainda dava pra sentir o cheiro de desinfetante. Voltou à cozinha, acabrunhado.

— Foi mal...

— Não tem o costume de beber, é assim mesmo.

— Como sabe que bebi?

— Sou mais experiente que você, *brother*.

— Você já bebeu?

Daniel ficou sério, terminou de colocar o próprio prato.

— Coloca o teu.

Samuel fazia o próprio prato quando insistiu na pergunta:

— Bebeu?

— Sim.

— Não lembro de ter te visto bêbado.

— Eu não vinha pra casa quando bebia.

— Por quê?

— Sou irreconhecível bêbado, Sam — disse com impaciência. Samuel notou. O irmão raramente era tirado do sério.

Terminou de pôr a comida em silêncio, sentou-se à mesa.

— Algumas pessoas mudam completamente sob o efeito de álcool. Eu sou uma delas.

— Não te imagino sem esse porte de irmão mais velho.

— Por isso eu não voltava pra casa. Por isso parei de beber.

Comeram por alguns minutos sem mais nada falarem. Até Daniel irromper:

— Você usou algum tipo de droga?

— Não, cara, relaxa. Só bebi. Estava com uma garota — falou na tentativa de fazer o irmão mudar o foco da conversa.

— Bebeu pra impressioná-la, isso é visível. Cuidado, Sam. O álcool desperta o que há de pior em nós.

— Não foi nada demais, já disse. Não vou me tornar um alcoólatra. Relaxa.

— Me preocupo com meu caçula, só isso.

Ao fim do almoço, Samuel lavou a louça pensando em que tipo de problemas com álcool o irmão havia tido. Mas logo seus pensamentos foram invadidos por Ariel.

Passou o resto do dia ouvindo as músicas que ela havia cantado no Karaokê. Fechava os olhos e conseguia imaginá-la cantando. Por que não havia pegado nenhum tipo de contato? Não pegou telefone, nem perguntou se ela tinha *What'sApp* ou *Facebook*. Não tinha como falar com ela novamente. Foi dormir com ela em mente...

— Espera um pouco aí. Você não fez *nada* com ela?

Os olhares de Alcides, Elias e Agenor convergiam para Samuel incrédula e ameaçadoramente. Estavam na praça de alimentação da universidade.

— Ela não estava se sentindo bem, caras — defendeu-se acuado.

— Puta que pariu, cara! A Arlequim, a deusa do *strip* escolhe você pra uma trepada além da imaginação, um presente dos deuses e você leva ela pra *jantar?*

— Porra, Sam, tu queria o quê? Pedir ela em namoro?

— Não precisam me crucificar, caras! Ela é uma mulher, não um pedaço de carne!

— Crucificar? Se aquele cara do *Jogos Mortais* soubesse de uma parada dessas fariam um filme pra você proibido em mais de quarenta países! — disse Agenor.

— Você é gay, porra? Se abre aí pra gente!

— Claro que não, Elias! Porra, caras, vocês são foda.

— Foda é uma palavra que não existe no seu vocabulário, boiola — deu sua gargalhada característica.

— Falou e disse, Cidão!

Samuel levantou-se irritado. Não ia ficar ali ouvindo aquilo. Não devia ter contado a eles, já havia previsto aquela reação infantil. Mas e se estivessem certos? E se ele devesse mesmo ter transado com ela quando teve a chance? Nunca vira uma mulher tão concupiscente na vida. E sua beleza chegava a ser hipnotizante. O olhar misterioso, quase místico, o sorriso... Não conseguia tirar Ariel de sua cabeça. Tinha de falar com ela novamente, saber o que causara aquela reação nela. Talvez estivesse com pena dele e baixou o peso na consciência, por isso não quis deixá-lo se envolver. Pela lógica masculina deveria mesmo ter transado com ela.

Então por que não se arrependia?

Os dias seguintes foram angustiantes. Samuel não conseguia pensar em outra coisa, apenas ela povoava sua mente. Ela assombrava seus pensamentos a todo instante. Ficou revendo em sua memória inúmeras vezes os momentos que passara com ela. Aquele sublime sorriso, capaz de desarmar qualquer incauto, seu perigoso cartão de visitas do paraíso; aquele olhar triste, poço de pontos de interrogação que talvez nunca encontrassem resposta, de amargura desmedida, de mistério incitante; aquela voz penetrante, que se cravava em seus tímpanos docemente, enviesando-se por seu cérebro e o entorpecendo, escravo da vontade dela... Mas também não deixava de pensar em como uma mulher tão culta e talentosa fora parar em um lugar como aquele, vivendo da exposição do corpo, fazendo sexo com desconhecidos escolhidos a dedo...

Naquela noite chegou ao apartamento em que morava abatido. Ligou a televisão da sala e ficou mudando de canal sem passar mais que alguns segundos em um só. Não tinha cabeça para vídeo games ou filmes, tampouco livros. Daniel chegou.

— O que há com você, Sam? Parece que alguém morreu.

— Nada. Não aconteceu nada.

— Acha que não conheço meu *brother?* — segurou o queixo em uma demonstração caricata de que o analisava, então completou: — E acha que não conheço esses sintomas? Quem é a garota? A de Sábado, que te fez encher a cara?

— Não pode ser tão óbvio assim.

— Está escrito em sua testa.

— O que faria se a mulher mais interessante que você já conheceu desaparecesse?

— Esperaria que ela reaparecesse ou iria atrás dela. Só não deixaria que ela me machucasse. Nunca ame uma mulher mais que a si mesmo, *brother.*

— Amar é uma palavra forte. Eu mal a conheci e... Digamos que ela não é o tipo de mulher por quem se deva se apaixonar.

— Sabe qual é o tipo de mulher certo para nós?

— Não — disse após pensar por um segundo.

— Aquela por quem nos apaixonamos e que se apaixona por nós. Se o presente te atormenta, transforme em passado; se o passado te atormenta, não deixe que atrapalhe o presente.

Daniel deu um tapinha em suas costas e foi para a cozinha. As palavras dele fizeram com que Samuel pensasse. Daniel parecia ter sempre um conselho útil. Era como se fosse seu pai. Podia confiar sempre nele.

Decidiu o que fazer.

Após o resto interminável da semana, Samuel foi sozinho até o *Paraíso da Perdição*. Chegou já tarde e bebeu algumas cervejas lentamente, enrolando para passar o tempo, aguardando o momento em que surgiria a Arlequim. Começara a embriagar levemente, o que o deixou preocupado; aquilo só aumentava sua ansiedade. E se quando ela surgisse, escolhesse outro cara? Aquilo era o mais óbvio de acontecer; ela não chamaria a mesma pessoa dois sábados seguidos. Sentiu-se idiota por ter ido até ali. Levantou-se, já experimentando certa tontura, pronto pra ir embora, quando resolveu abordar uma garçonete ruiva.

— Boa noite. Tem alguma forma de eu falar com a Arlequim? É muito importante. Eu sou o escolhido da semana passada.

O semblante simpático da garçonete desapareceu. Ela olhou ao redor, desconfiada.

— Devia dar o fora daqui, garoto.

— Por quê?

— Dá o fora antes que eles te vejam.

— Eu tenho que falar com ela.

— Vem comigo — ela o arrastou pelo braço em direção à área dos banheiros, onde não havia nenhum segurança por perto. — Você tem sorte de não terem te notado nem te reconhecido.

Samuel começou a ficar aflito, nervoso com a atitude da ruiva seminua.

— Não sei o que você fez com a Arlequim, mas ela faltou hoje. Ela nunca falta. Vão já anunciar e todo mundo vai ficar puto.

O coração de Samuel acelerou.

— Ela pode estar doente.

— Ela avisaria. Escuta, garoto, você não tem noção da seriedade disso. Esses caras são barra pesada. Você está correndo perigo aqui. Você foi o último a ficar com ela, e ainda por cima *saiu* com ela. Culpado ou não, eles vão te esfolar vivo até dizer onde ela está.

Ela conseguira deixa-lo em pânico.

— O que eu faço?

— Você é surdo, moleque? Já vi muita gente ser aleijada por muito menos por esses caras. Dá o fora daqui! Vaza!

Um dos seguranças brutamontes caminhava desconfiado em direção aos dois.

— Entra no banheiro. *Rápido*.

Samuel obedeceu, trêmulo. Em que estava se metendo? Entrou no banheiro e procurou imediatamente um basculante pelo qual pudesse fugir, como nos filmes. Mas não havia nenhuma saída que o coubesse além da única porta. Ouviu um bate-boca do lado de fora. Ficou tenso, aguardando o momento em que o gorila entraria e o estrangularia.

Ficou estático, de olhos fixos na porta...

...que se abriu.

Samuel suspirou forte quando por ela entrou apenas um bêbado procurando o mictório. Outros dois homens entraram, ambos querendo esvaziar as bexigas. Logo os três saíram, um após o outro.

Tinha que se retirar dali.

Benzeu-se e foi até a porta. Espiou se havia alguém por perto. Então saiu de cabeça baixa, paranoico, a sensação de que todos o observavam. Quando alcançou a saída, alívio. Apressou o passo e quando estava a certa distância, correu. O medo se esvaíra, o que ficara fora a aflição. Arlequim havia sumido. Junto com suas chances de revê-la.

• • •

O barman serviu mais uma dose de uísque para o barbudo. O bar estava quase fechando e ele estava ali há tempo demais, na mesma posição ao balcão, os olhos fundos, avermelhados, destacando o verde dos mesmos. Tinha cabelos e barba cor de cobre e traços que o denunciavam estar entrando na casa dos cinquenta. Virou o copo com a urgência de quem precisa aliviar a dor. E havia dor no seu olhar. Dor e rancor. Mas havia algo mais que o barman não conseguia identificar.

— A saideira, amigo?— foi sua forma de dizer que estavam fechando.

O barbudo o ignorou, olhos fixos em um ponto qualquer à sua frente. Então olhou o relógio de pulso, cujos números provavelmente eram borrões a julgar por seus olhos pesados. Esticou o copo vazio em resposta. O barman o preencheu enquanto analisava seu rosto, perguntando-se o

que o havia deixado naquele estado. Mas não ia perguntar, não era da sua conta. Além do mais, não queria puxar conversa, tinha que fechar o caixa.

O barbudo esticou o copo novamente. O barman não teve escolha:

— Perdão, amigo, mas temos que fechar.

— Encha o copo.

O barman hesitou, mas fez o que o cliente pedia.

— Vou calcular sua conta.

— Ainda não fez efeito — disse com sua voz rouca e grave.

— O senhor vai dirigir?

— Encha o copo, garoto.

— Você bebeu demais, amigo. Volte amanhã e...

O barman surpreendeu-se quando a mão do barbudo subitamente segurou seu braço. Foi um aperto firme, não condizente com seu estado de sobriedade quase nulo. Foi com a mesma firmeza que falou:

— Mais um copo... amigo.

Soltou o braço do barman. Este, estava tão perplexo quanto irritado.

Encheu mais um copo.

O barbudo virou-o num gole.

— Agora realmente tenho que fechar. Tenho mulher e filho me esperando em casa.

O semblante do barbudo ficou ainda mais hermético, olhos fixos no nada. O jovem barman se arrepiou.

— Qual a idade do seu filho?

— Oito meses — respondeu desconfortável, perdendo a paciência e a educação que tanto o caracterizavam. Mas havia algo naquele homem que o despertava certo respeito, ou, mais especificamente, temor.

— Tem fotos do seu filho?

— Muitas.

— Na sua carteira?

— Vou calcular sua con...

— Tem uma foto dele com você?

O barman encarou os olhos verdes do homem, em uma tentativa de intimidá-lo, mas tudo o que fez foi tirar a carteira do bolso, como se fosse a maneira mais rápida de se livrar dele. Mostrou uma foto do bebê, com a carteira aberta.

O barbudo esboçou algo que vagamente lembrava um sorriso. O barman guardou a

carteira, prestes a dar seu ultimato, mas foi interrompido.

— Também sou pai.

— Que bom.

— Quer ver a foto do meu filho?

— Quem sabe amanhã? Eu realmente tenho que fechar o bar — já olhava o caderninho onde havia anotado as doses do barbudo.

— Eu insisto — o homem abriu a maleta que carregava e dela tirou uma fotografia. Colocou-a virada sobre o balcão.

O barman ignorou, somou tudo e escreveu em um pedaço de papel. O barbudo abriu a carteira, tirou duas notas grandes e colocou sobre o balcão.

— Fique com o troco... Pelo atraso pra ver seu filho.

O jovem pegou o dinheiro, perguntando-se por que o homem não havia comprado uma garrafa inteira e bebido em casa, já que o que pagava era bem mais que esse valor.

— Tenha uma boa noite.

— Não vai ver meu filho?

O barman finalmente pegou a foto.

— Ele tinha os meus olhos.

O jovem teve um choque tão grande que soltou a fotografia com um grito contido. Deu um passo pra trás,olhando apavorado para o barbudo. Percebeu finalmente o que havia dentro daqueles olhos além de dor e rancor.

Era ódio.

— Volte para seu filho... Não poderei fazer o mesmo — a voz rouca saiu carregada de angústia enquanto pegava a fotografia e a colocava novamente na maleta. Levantou o corpo robusto do banco e foi embora.

O barman ficou ainda na mesma posição, estático, com aquela imagem perturbadora na cabeça.

"*Ele tinha os meus olhos*".

Literalmente.

Tinha.

Cinco

O barulho da chuva forte e dos trovões cadenciados formava uma sinfonia esplêndida da natureza, gritos furiosos de Deus à humanidade. Essa era a impressão que Samuel tinha enquanto caminhava a passos lentos, com seu guarda-chuva preto, pensativo. Sentia o peito vazio, e o vácuo inexplicável provocava uma dor até então desconhecida. Só havia uma pessoa que seria capaz de lhe abrandar tais sentimentos tão inéditos. Seu irmão tinha respostas para quase tudo que o perturbava, mas aquele assunto era delicado demais, tinha vergonha de contar-lhe a verdade. Mas para o velho Macário não teria problema em se abrir.

Chegou em frente à fachada da funerária, onde letras garrafais mostravam PACE, em latim, "paz". Era um estabelecimento pequeno, modesto, com alguns caixões à mostra encostados às paredes. Samuel sacodiu o guarda-chuva na entrada antes de fechá-lo. Havia um funcionário atrás do balcão, Pedro, um rapaz alto e narigudo. Samuel o cumprimentou e foi direto ao escritório, onde havia um senhor com semblante aprazível, olhos experientes por trás dos óculos pequenos, cabelos grisalhos e sorriso afável.

—A uma hora dessas da manhã e nessa chuva, só posso deduzir que alguém morreu.

— Não dessa vez, Macário.

— Que pena.

Apesar dos sessenta e poucos anos, Macário não aceitava ser chamado de senhor ou "seu Macário". Seuhumor negro ajudava bastante para que Samuel o tratasse de forma menos respeitosa como ele desejava.

— Vou acabar falindo por falta de clientes. Daqui a pouco vou ter que começar a demitir os funcionários. As pessoas andam saudáveis demais. Sou obrigado a torcer pra que sofram acidentes mortais.

— As pessoas morrem direto. Mas a PACE não tem tanta credibilidade assim.

— Veio nessa chuva falar mal da minha funerária, moleque?

— Vim te pedir conselhos — sentou-se, encostando o guarda-chuva na escrivaninha.

— Só me interessa se o assunto for morte.

— É amor.

Macário deu uma risada.

—São sinônimos...

Macário era simpatizante com o espiritismo, talvez por isso não visse a morte como algo terrível, uma vez que era esse seu negócio. Vira tantas pessoas derreterem-se em luto, despachara tantos filhos, pais, avós, direto para o cemitério, que havia se acostumado com a ideia do fim, e mais ainda, brincava com ela, obviamente com as pessoas certas, como Samuel, que conhecera certa vez em uma fila de supermercado. Apesar do humor negro, Macário tinha serenidade e experiência, era um ótimo conselheiro, às vezes um verdadeiro guru. Sabia a hora certa de falar sério.

— Estou apaixonado.

— Alguma garota da faculdade?

— Uma stripper.

Macário deu uma risada alta.

— Uma stripper? Se envolveu com uma prostituta, garoto?

— Ela é dançarina.

— Mas transa por dinheiro?

Samuel ficou sem palavras. Macário riu de novo.

— Uma prostituta! Quem você pensa que é, moleque? Richard Gere? Eu que estou mais próximo da idade dele e nem por isso fico procurando *Julias Roberts* por aí.

— Eu me molhei todo em vão?

— Abra seu coração, Don Juan.

— Como faço pra tirar ela da minha cabeça? Não paro de pensar nela um segundo!

— O programa foi tão bom assim?

— Eu não transei com ela.

— É melhor falar o contexto. Não está fazendo o menor sentido.

Samuel explicou como conheceu Ariel, cada sensação que ela o provocara quando saíram juntos, todas as qualidades que havia admirado, e a angústia de não poder vê-la novamente.

— Você está deslumbrado, rapaz.

— Sim, definitivamente.

— Muito cedo para achar que está apaixonado. Você conheceu uma mulher que achou incrível, fantasiou inconscientemente uma relação com ela e agora está frustrado por que percebeu que não pode ter tal relação. Isso não é amor.

— Mas como eu faço parar?

— Os sentimentos são criaturas como quaisquer outras. Criaturas abstratas, mas criaturas. O que determina se tais criaturas vão crescer fortes e o tempo que durarão é o quanto você as

alimenta. Expectativas são a ração ideal. Se não consegue esfaquear a criatura de uma hora pra outra, pare de alimentá-la, deixe de imaginar "o que seria se...?". Guarde o que vocês tiveram como uma memória boa, que te salvou do tédio e da misantropia. E só. Evite imaginar finais alternativos, futuros românticos. Nada acontece por acaso. Se aconteceu assim, era pra ser assim. Cada espírito cumpre seu papel para alcançar a evolução, o dela talvez tenha sido despertar você para a vida.

Samuel tinha de admitir, tinha despertado de seu mundinho, tinha fome por mais sentimentos como aqueles; eles o faziam sentir-se vivo. Não admitia voltar à sua redoma de tédio sufocante.

— E se eu não conseguir parar de alimentar? E se for além do meu controle?

— O que os olhos não veem...

— Tem razão — consentiu, mas ainda não estava satisfeito. E Macário percebeu.

— Crie um cachorro alimentando-o apenas com ração. Ele vai crescer conhecendo apenas aquele alimento. Aí, certo dia, enquanto estiver jantando, jogue um delicioso pedaço de bife pra ele. O que acontece em seguida?

— Ele perde o interesse pela ração?

— Ele anseia por outro pedaço de bife. Ração se torna algo tão desprovido de sabor perto daquela carne deliciosa que ele simplesmente vai se recusar a comer o velho alimento, vai te infernizar todas as vezes que for jantar. Não só os cães, nós também não aceitamos menos do que o melhor. E o melhor perde esse título quando aparece algo melhor ainda.

Samuel ficou pensativo.

— No seu caso, sua vida não tinha luz alguma. Ela veio e te iluminou, acionou alguma coisa aí dentro. Aproveite essa luz, aprenda com ela. Tente procurar outras luzes, crie a sua própria, pare de buscar uma única fonte de iluminação, mas não volte ao que era antes. "A vida começa no final da sua zona de conforto". Nael Donald Walsch.

Samuel respirou fundo. Sorriu.

—Valeu, Macário. Vou indo.

— Deixa a chuva passar. Ou melhor, tomara que não passe, assim a probabilidade de alguém vir parar aqui é maior — riu.

— Não... Com certeza vão procurar uma funerária mais decente.

O telefone tocou. Macário piscou enquanto atendia e acenava com a outra mão enquanto Samuel se despedia com o mesmo aceno.

Destino. Por mais que Samuel não compartilhasse as mesmas crenças que Macário sobre o

caráter fatalista de todos os acontecimentos da vida, era difícil abandonar tal ideia estando tão apaixonado. Afinal, se Elias não o tivesse convidado para ir ao Paraíso da Perdição, ele talvez jamais teria pisado os pés lá, portanto, nunca conhecido Ariel. E difícil entender racionalmente por que, dentre tantos caras na multidão ela tinha escolhido ele. Justo ele.

Parar de alimentar. Parar de alimentar. Parar de alimentar.

Como?

Bastava se distrair para o sorriso de Ariel invadir sua memória, pra voz dela recitar cada palavra antes dita como um poema em suas lembranças. Estava muito além do seu controle, do domínio de sua vontade. Não havia um botão que facilmente o desligasse. E isso o torturava. Não precisava alimentar aquele monstro; o monstro estava se alimentando dele.

Eu devia pelo menos tê-la beijado, concluiu.

Naquele dia havia ficado na universidade até tarde da noite, depois das últimas aulas, e a parada de ônibus estava praticamente deserta, com alguns remanescentes infelizes que dependiam de transporte público. Andava até a parada com um colega, falando de trivialidades. A conversa estava tão desinteressante que aquele assovio leve e repentino à sua esquerda o sobressaltou.

O colega de Samuel só percebeu dois passos depois que ele havia parado. Olhava fixamente para a esquerda; seguiu o olhar do mesmo para perceber o que o havia chamado tanto a atenção...

Samuel estava em choque. O maxilar inferior pendia levemente, os olhos estavam bem abertos, incrédulos; o coração batia furioso, todo o ar de seus pulmões parecia ter se esvaído de uma só vez. O sangue que parecia ter sumido de seu corpo por uma fração de segundos subiu inteiro para a cabeça, fervendo seu crânio.

— Ariel? — balbuciou tão baixo que o som mal chegou a seus próprios ouvidos.

Ela estava encostada em uma coluna com um sorriso torto no rosto. Usava uma saia branca e uma blusa que deixava o sutiã vinho aparecer. Era como uma fotografia que jamais sairia de sua mente com cada detalhe registrado sordidamente.

Saiu do torpor do susto e caminhou até ela tentando desesperadamente disfarçar a surpresa, procurando algo para falar. Ela também desencostou da coluna, os passos dos dois agora os levando de encontro um ao outro.

Ela abriu os braços alargando o sorriso.

Os corpos se chocaram com um doce abraço.

O cheiro da pele dela... Não era perfume, era um aroma natural, insigne, afrodisíaco...

O colega de Samuel afastou-se convenientemente, com um inaudível "falou, Sam" ao mesmo tempo que o abraço dos dois se desfazia.

— Você estuda aqui? — ele mal fez a pergunta e sentiu-se idiota por tê-la feito. Como não lembrara que ela havia parado de estudar? Tudo o que havia ensaiado mentalmente quando a reencontrasse esvaecera completamente.

— Não. Desisti faz um bom tempo.

Ela tinha um olhar diferente de quando saíram juntos. Era um olhar sedutor, levemente frio. Ia perguntar o que ela fazia ali quando ela o interrompeu:

— Te devo uma coisa — pegou-o pelo braço e o arrastou em direção a uma ala de corredores vazios. Ele olhava para os lados, confuso.

Ariel entrou em um corredor mais escuro e abriu a porta de uma sala. Mais uma vez Samuel olhou ao redor antes de entrar. Ela fechou a porta. Andou até ele e seu rosto corado.

E o beijou.

Os lábios dela moviam-se nos seus como se tivessem vida própria, a língua invadindo sua boca com sofreguidão. Ele a abraçou timidamente, mas logo apertou o corpo dela contra o seu como se isso o ajudasse a recuperar o fôlego que ela roubava dele. Só percebeu que andavam para trás quando esbarrou na mesa do professor. Sentiu o membro crescer e enrijecer dentro da cueca e ficou envergonhado por ela estar próxima o suficiente para esfregar a virilha nele. Os seios dela esmagavam-se contra seu peito de maneira que mesmo através dos tecidos ele conseguia sentir sua maciez.

Ela afastou o rosto do dele, pegou sua mão e guiou até o seio, por baixo do sutiã vinho. Ele o apertou tendo a sensação de que escapava entre seus dedos de tão tenro. Ela voltou a beijá-lo, esfregando o corpo no dele, então segurou sua cabeça pela nuca e conduziu-a até seu seio à mostra. Ele o colocou na boca sem jeito, com medo de machuca-la, mas desejando suga-lo com força; como se percebesse a insegurança de Samuel, ela sussurrou em seu ouvido, o hálito afrodisíaco arrepiando seu pescoço:

— Chupa com força.

Ele obedeceu, com vontade, volúpia, ora chupando, ora passando a língua ao redor do mamilo. Enquanto isso ergueu uma das pernas e levou uma das mãos dele ao meio delas, fazendo-o acaricia-la por cima da calcinha.

Estava úmido. E quente.

Com as mãos habilidosas ela desprendeu o cinto dele da calça e enfiou a mão dentro dela para agarrar o pênis pulsante. Num segundo ela estava se ajoelhando. Abocanhou-o com a urgência de quem tem pressa em saborear algo. Ele gemeu alto. Não era como quando suas duas colegas fizeram sexo oral nele. Era melhor. Muito melhor. Havia se esquecido de que estava em uma sala de aula. Ele sentiu que ia gozar, não ia se conter. Tentou ao máximo se controlar, deter a

ejaculação...

Ela tirou a boca a tempo, retardando o orgasmo. Virou de costas, encostando-se à mesa e ergueu a saia.

— Me fode.

Samuel foi tomado pelo pânico por dois motivos: primeiro, nunca havia feito sexo; segundo, não estava preparado. E a camisinha?

Mas o pânico não o impediu de posicionar o pênis entre as pernas dela, levando algum tempo para encontrar a entrada. Assim que sua glande penetrou a fenda vaginal, deslizando deliciosamente para dentro, ele foi agredido por uma onda de deleite indescritível. Segurou-a pelos quadris e penetrou-a seguidas vezes, sentindo a respiração faltar de tanta excitação.

Passos.

Alguém passando pelo corredor próximo.

Samuel parou subitamente, alarmado, mas Ariel girou a cabeça para trás, sussurrando:

— Não para. Fode minha boceta.

Samuel ignorou os passos lá fora. Voltou a penetrá-la, agora com mais força e mais rápido. Os passos se aproximavam.

Um formigamento familiar na genitália fez com que diminuísse o ritmo, se contorcendo para retardar o inevitável. Ariel foi rápida; em um movimento estava agachada, com o pênis dele na boca. Retirou-o apenas para provocar:

— Goza na minha boca.

E voltou a suga-lo.

Samuel sentiu a explosão e o esperma sendo bombeado direto pra garganta dela, que era engolido à medida que ela o sorvia. Sentiu a velha sensação que conhecia apenas com a masturbação, a de dever cumprido, de alívio imediato. De volta à realidade...

Os passos haviam sumido. Ariel lambeu os lábios, sorrindo libidinosamente enquanto Samuel ainda parecia em êxtase, de calças baixadas. Ela passou por ele, indo em direção à porta. Ele logo imaginou que era para checar se havia alguém. Subiu a roupa e prendeu o cinto, fechando o zíper em seguida. Então foi para a porta por onde Ariel havia saído.

— Ariel?

Olhou para os dois lados do corredor, com um mal pressentimento. *De novo não!*

— Ariel? — dessa vez mais alto, enquanto corria até o outro corredor.

A angústia era crescente, a frustração o dominava como um vírus, o desespero estava entalado em sua garganta.

— Ariel!

Procurou-a por mais alguns minutos, descreveu-a para as pessoas da parada; ninguém a havia visto.

Ela havia desaparecido. De novo.

• • •

Ela abriu a porta, entrou, olhou para o relógio de parede. Era cedo ainda. Ouviu o barulho vindo da cozinha, sua mãe preparando o jantar. Foi direto para o banheiro. A casa era simples, apenas uma parte era rebocada, e poucos móveis, a maioria velhos. O banheiro também era bem humilde, com uma pia improvisada sobre tijolos. Tomou banho esfregando-se bastante para tentar retirar o cheiro de gordura da pele e do cabelo.

Pouco tempo depois estava na cozinha, que também servia de sala de jantar, com uma mesa pequena de madeira com quatro cadeiras. A mãe estava lá, com a mesma cara sofrida e amarga de sempre, terminando de preparar a comida.

— Te pagaram?

— Ainda não.

— Está trabalhando de graça agora?

— Eles sempre atrasam, mãe.

— Por isso aquela porcaria de lanchonete vai falir. Vão cortar a luz, já são três meses atrasados. Vende a droga dessa pulseira!

Ela levou a mão à pulseira de ouro, dada pelo pai no aniversário de quinze anos. Era uma peça única, com um emblema e a inicial R. Jamais se desfaria daquele presente; era o que a lembrava que um dia fora princesa.

— Vou conseguir um emprego melhor.

A mulher riu, debochando.

— Por que está rindo?

— Que outro emprego você conseguiria?

— Não sei, qualquer um, que pelo menos pague em dias.

— O máximo que pode conseguir é caixa de supermercado.

O sangue subiu à cabeça.

— Não. Posso arranjar um que me pague na hora. Prostituta, o que acha?

— Esse sim combina com você.

A porta foi aberta. Passos pela sala em direção a elas. Era seu pai. Como sempre, passou direto por ela, sem dirigir-lhe sequer um olhar.

— Ainda não está pronto?

— Ainda não, querido.

Ele sentou-se à mesa, irritado. Ficaram em silêncio por cerca de dez minutos até que a comida fosse finalmente servida. Frango cozido, arroz e feijão. Comeram igualmente em silêncio, e ao final, quando seus pais se retiraram, lavou a louça, retirando a pulseira de ouro. Foi para o quarto, e pela milésima vez, chorou.

Chorou pela casa de dois andares que não mais tinha.

Chorou pelo repúdio do pai que antes a chamava de princesa e a tratava como uma, e pelo desgosto da mãe que outrora a mimava.

Chorou pelos amigos que a olhavam com nojo.

Chorou por não ser mais a filha do pastor, a queridinha da igreja.

Chorou de ódio de seu ex-namorado, a raiz de toda a sua desgraça.

Renata tinha certeza que fora Samuel quem espalhara o vídeo de sua orgia. Um dos dois amigos com quem transara dissera que havia perdido o celular com a gravação, e que Elias, o estúpido amigo de Samuel o havia encontrado. Ele se vingara dela e acabara com sua vida. Nunca esqueceria o pai em prantos, como uma criança ao ver o vídeo; ou a forma com que foram banidos da igreja, como aberrações. Tiveram que vender tudo para pagarem as dívidas e mudar de cidade para fugirem da vergonha. Vergonha essa estampada na cara de seus pais. Vergonha, desgosto, desprezo. Agora tinha que trabalhar para sustentar a casa, assim como o pai, que antes vivia da oratória, do pagamento dos fiéis da igreja, que agora trabalhava em uma borracharia. Pelos últimos dois anos ele não lhe dirigia a palavra a menos que fosse extremamente necessário. Deus a abandonara. Odiava Deus por ser tão cruel.

Mas seu ódio maior era para o perdedor do seu ex. Sempre achara Samuel inocente demais, sensível demais, respeitador demais, romântico demais. *Uma bicha,* como seus amantes o chamavam. Mas era o namorado que seus pais se orgulhavam de ela ter, apesar de ele não ser membro da igreja. Os homens que a interessavam eram homens de verdade, que pegavam nela como homens, que a beijavam como homens, e transavam com ela como selvagens. Samuel jamais seria capaz de fazê-la chegar a um orgasmo com seu cavalheirismo.

Provavelmente ainda é virgem. Viado.

Como havia rido dos poemas que ele escrevera para ela na época que namoravam... Certa vez leu em voz alta com seu amante enquanto os dois gargalhavam nus na cama. Outra vez falara com Samuel ao telefone enquanto era penetrada; eram fetiches que a deixavam louca de tesão.

Como o odiava...*Viado. Corno e viado!*

Adormeceu. Sonhou com a época em que se orgulhava de ser a filha do pastor, sentada com

um sorriso de orelha a orelha durante o culto.

A princesinha do pastor.

Seis

As músicas que antes apenas o faziam companhia em sua solidão voluntária, agora faziam um sentido absurdo para ele, como se tivessem sido escritas para descreverem o que ele sentia minuciosamente. Alguns versos chegavam a machucar de tão atrozes e realistas. Então ele não fora o primeiro e nem seria o último a sofrer por amor, mas tinha quase absoluta certeza de que ninguém havia vivido coisa parecida.

Samuel amava um fantasma. Era a melhor definição para Ariel; um fantasma que se materializara apenas para fazê-lo sofrer quando se tornasse ausência novamente. Segundo Macário era só deslumbre, era cedo pra dizer que era amor. Mas já haviam se passado duas semanas desde o último encontro dos dois, e desde então, sumiço. Se era mesmo verdade que o que os olhos não vêm o coração não sente, então por que diabos a saudade aumentava cada vez mais, a níveis insuportáveis? Como era concebível sentir algo tão forte por uma mulher com quem se encontrara apenas duas vezes? O pior mesmo era não ter a menor ideia se ela voltaria a aparecer ou não, do nada, como antes, e isso criava expectativas diárias, que sempre levavam à frustração. Samuel se tornara um paranoico que queria ser encontrado.

Elias completava seus vinte e dois anos e convidara os amigos mais próximos para uma festa em sua casa, como sempre fazia. Churrasco e muita cerveja. Samuel pensara em recusar o convite, não estava com cabeça para nada, mas era Elias, e este fazia sempre questão de sua presença. E além do mais talvez o fizesse bem se distrair, sair de casa, onde passava cada tortuoso segundo lembrando-se de Ariel.

Havia cerca de quinze pessoas na casa de Elias quando Samuel chegou. Agenor e Alcides já estavam lá, falando e rindo bem alto, aparentemente embriagados, cada um segurando um copo de cerveja. Uma música do Legião Urbana tocava em volume alto; Elias um grande fã da banda, tanto que fizera uma "homenagem" colocando o nome do cachorro de Russo. A maior parte das pessoas achava ofensivo ou que era uma piada, mas para ele era realmente um tributo ao seu ídolo.

— O viadinho veio! — Alcides levantou o copo em comemoração.

— Tua mãe não me chama assim quando está sendo enrabada — defendeu-se.

— Ela não ia sentir nada com teu micro pinto.

— Verdade, do jeito que ela está, nem meu braço ela ia sentir.

Todos riram. Insultar as mães uns dos outros era comum entre eles e por mais que pegassem pesado, raramente se ofendiam de verdade.

Elias surgiu com um copo vazio e uma cerveja. Entregou a Samuel, preenchendo o copo em seguida.

— Parabéns, viado.

— Parabéns o caralho. Cadê meu presente?

— Presente, porra? Vai se foder.

— Vai me presentear com o cu de novo? Pelo menos aparou dessa vez?

Risadas.

Uma garota se aproximou. Tinha o braço tatuado, o cabelo raspado de um dos lados da cabeça e um piercing no nariz.

— Parabéns, Broxa.

— Vai dar a xereca de presente?

— Pra quê? Passar raiva?

— Dá pra fazer cócegas.

— Eu até daria, mas não trouxe a pinça pra achar teu pintinho.

— Ah, deixa de ser egoísta. Me passa uma das tuas DSTs, vai...

Ela mostrou o dedo médio para ele sorrindo, e se afastou. A maioria dos amigos de Elias era "alternativo", quase todos com o humor boçal com que Samuel se acostumara e aprendera a usar. Mas sempre se sentia deslocado, um intruso que fingia participar.

— E aí, Sam, alterou o status do facebook pra "Em um relacionamento sério com uma prostituta"? — Agenor indagou performaticamente.

Samuel respirou fundo. Fora para a festa para esquecer-se de Ariel, não para falar nela, muito menos pejorativamente.

— Vai se foder.

— Mais fácil eu me foder do que tu foder alguém. Se com uma prostituta deusa daquelas esfregando a xereca na tua cara tu não conseguiu perder o cabaço, imagina.

Samuel por um segundo pensou em falar do encontro com Ariel na universidade, mas resolveu se calar. Não queria se vangloriar daquilo.

— Por falar nisso, vamos voltar lá no Paraíso?— sugeriu Elias, fazendo Samuel gelar.

— Estou sem grana — lamentou Alcides.

— Eu te empresto, Cidão— Elias insistiu.

— É amanhã a noite da Arlequim. Pode ser que a gente tenha a sorte desse boiola —

Agenor fez sinal com a cabeça para Samuel. — e represente a raça masculina.

Samuel estava tenso. Sentiu o suor brotar na testa. Lembrou-se das palavras da garçonete ruiva, do que fariam com ele se o reconhecessem.

— Não dá pra mim.

— Vai amarelar, mocinha?

— Não vi muita vantagem.

— Não disse que é viado? — Alcides disse alto demais, dando uma gargalhada debochada. — O cara não vê vantagem em um monte de mulher nua e na mais gata de todas querendo dar pra ele. Viado!

Os mais próximos foram atraídos pelo exagero de Alcides, passando a prestar atenção na conversa.

— Vou indo, galera. Falou.

— Espera aí, Sam. Pegou ar? — Elias entrou em sua frente.

— Não, só quero ir embora.

— Espera mais um pedaço. Não se fala mais na tua namorada, beleza?

— Sério, estou meio sem clima — desviou-se de Elias e saiu.

— O que deu nele?

— Sei lá, Cidão, mas quer apostar quanto como o moleque está apaixonado?

—Pela Arlequim? Ele não é tão burro assim...

• • •

A empregada deu um sorriso amarelo para o delegado e os dois investigadores do Departamento de Homicídios que o acompanhavam, os três de óculos escuros.

— Podem entrar, fiquem à vontade.

O delegado, assentiu e adentrou o luxuoso apartamento, seguido pelos outros dois. A empregada fechou a porta e fez sinal para que a seguissem. Acomodaram-se nos sofás da sala, retirando os três os óculos.

— Belíssimo apartamento — elogiou Jeremias.

— Faz poucos anos que se estabeleceram aqui. Moravam em uma mansão na zona sul, mas decidiram que era grande demais. O senhor Leônidas logo os receberá. Aguardem, por favor — disse a mulher se afastando.

Um dos investigadores, careca, sussurrou para o outro, negro:

— Com a puta grana que ele tem poderia contratar uma empregada mais gostosa.

O delegado não os ouviu. Olhava ao redor, para a luxuosa mobília do empresário, coçando o cavanhaque e devaneando que jamais teria um lar parecido com o dinheiro que recebia.

Os três se levantaram quando o homem de barba cor de cobre se aproximou, com os olhos fundos, aspecto horrível de quem não desfruta do mínimo de horas de sono. O barbudo cumprimentou os três, pegando na mão de cada um com o mesmo olhar nada receptivo.

— Bom dia.

— Bom dia, senhor Leônidas.

— Sentem-se.

Os três obedeceram.

— Sou o Delegado Doutor Jeremias Torres. Estes são os investigadores do DH Simão Ferreira — apontou para o careca, — e Josué Silva. Sou o novo responsável pelo caso do seu filho. Vim pessoalmente dizer que o Ministério Público liberou o inquérito para mais noventa dias de investigação. E agora que o caso está sendo reaberto estamos reavaliando algumas pistas. Estamos trabalhando com todas as possibilidades possíveis para encontrar o assassino de Leonardo.

— Com todo respeito, delegado, o senhor veio aqui para isso?

Jeremias analisou por um instante o olhar sombrio de seu interlocutor, que levemente o intimidava.

—Viemos fazer algumas perguntas. Estamos intimando novamente as testemunhas para novos interrogatórios.

— Ou seja, vocês não têm nada — disse abruptamente.

— Senhor Leônidas, nós...

— Delegado, o senhor tem filhos, não tem?

— Dois filhos.

— Imagine o senhor abrir a geladeira e encontrar os globos oculares de um deles no compartimento dos ovos.

Por mais que entendesse a dor de Leônidas, a conjectura fez com que se ofendesse, mas guardou para si a súbita raiva por ele tê-lo feito imaginar tal cena.

— Eu entendo.

— Não, delegado, o senhor não entende. Um filho da puta entrou na minha casa e colocou os olhos do meu filho na minha geladeira. E eu cumprimentei o assassino, eu o deixei entrar em minha residência!

— Entendo...

— O corpo do meu filho foi encontrado em uma praça qualquer naquele estado... miserável!

— ele se alterava gradativamente. — A imprensa sugou tudo o que tinha que sugar, como urubus, e deixou completamente de lado. Perdi vários negócios, estou indo à falência, minha mulher me abandonou, e o senhor vem até aqui dizer que não tem nada?

— O senhor está alterado. Por favor, acalme-se. Só estou fazendo meu trabalho. Viemos falar justamente do encanador. Estamos intimando as testemunhas para confrontá-las com o retrato falado feito pelo senhor e as fotos das câmeras de segurança. Havia alguma outra característica que o senhor não mencionou no seu primeiro depoimento?

— Eu disse tudo que tinha pra dizer. Obviamente não ocultaria nenhuma informação que levasse ao assassino de meu filho.

O delegado estava perdendo a paciência. Os inspetores ao seu lado também.

— Vou ser bem sincero, senhor Leônidas. Sem rodeios. Vim aqui me certificar de que o senhor não está investigando por conta própria. Como fez antes — inclinou-se, encarando o barbudo ruivo.

O olhar de desprezo de Leônidas era de gelar a alma. Aquele homem era realmente arrepiador, pensou Jeremias. Mas não se deixaria intimidar. Ele era a lei. Não poderia permitir que o empresário voltasse a intervir. Nas primeiras investigações, o delegado anterior responsável pelo caso conseguiu encontrar possíveis suspeitos, o maior deles o namorado de um caso romântico da vítima, com quem já havia tido confronto físico e ameaças de morte. Crime passional, o que explicaria a brutalidade e sadismo do crime — a vítima sofrera dias e tortura antes de finalmente morrer. Os olhos inclusive haviam sido arrancados enquanto ainda estava vivo. — A explicação perfeita, caso encerrado. O suspeito, porém tinha álibi para o dia do desaparecimento do filho de Leônidas, e não batia com o retrato falado feito pelo próprio empresário.

A polícia o deixou de lado, mas Leônidas, não. O barbudo enviou o rapaz para o hospital com algumas costelas quebradas e traumatizado. Seu dinheiro e advogados não o deixaram passar um único dia na cadeia. Jeremias descobrira que o empresário havia feito interrogatórios por conta própria, determinado a fazer justiça com as próprias mãos. Por isso não se interessava pela investigação da polícia, queria achar o assassino antes. Agora que o caso fora reaberto, Jeremias queria se certificar de que Leônidas não voltaria a se meter. O empresário de barba bronze fora abandonado pela mulher por causa da obsessão pelo assassino, pelo alcoólatra que havia se tornado, vagando de bar e bar depois que todas as pistas desapareceram. Tornou-se vazio e nuvioso. E perigoso. Jeremias precisava sondá-lo. Ficar de olho.

—Terminou, delegado?

Jeremias sabia que não era bem-vindo ali, mas a petulância daquele homem poderia tirá-lo do sério. Uniu todo o autocontrole que tinha:

— Sim, senhor. Isso é tudo — levantou-se sendo imitado por Simão e Josué.

— Gorete! — gritou. — Acompanhe os cavalheiros até a porta!

Pouco tempo depois os três já haviam saído do apartamento. Leônidas respirava pesadamente, borbulhando de ódio, sentindo as entranhas ardendo em chamas, sendo consumido por aquela onda de sentimentos negativos tão familiares. Pegou uma garrafa decorativa sobre um batente e a arremessou com força na parede, provocando um grito de susto em Gorete.

— Senhor... Está tudo bem?

— Uísque, Gorete. Rápido!

Ela o obedeceu, nervosa. Pouco tempo depois, enquanto bebia goles pouco espaçados entre um e outro, Leônidas lembrou-se do encanador de boné e óculos escuros, irreconhecível ao circuito interno de câmeras, mas inesquecível em sua memória. Vira o homem de relance, fora educado e o cumprimentara quando o mesmo fora fazer um conserto a mando da empresa que, como mais tarde descobriu, nunca o havia mandado. O desgraçado fora exclusivamente colocar os olhos de seu filho na geladeira. Quem os encontrou foi sua ex-mulher, que desmaiou em seguida e entrou em choque quando descobriu a quem pertenciam. Enquanto agora que a polícia começara a confrontar as testemunhas com as fotos e o retrato falado, ele já havia feito muito antes, sem sucesso. Ninguém se lembrava da figura do homem, ou simplesmente não queriam se envolver. Ninguém queria se envolver em um caso sórdido daqueles. Ninguém havia visto nada, ouvido nada.

Foi para o quarto algumas horas depois, onde dezenas de fotos do cadáver do seu filho estavam afixadas em um grande mural, desde quando foi encontrado até o necrotério. Era sua inspiração.

— Eu juro pela minha alma que eu vou torturar esse filho da puta bem mais do que ele o torturou, meu filho.

E pela milésima vez colocou toda a dor à tona em forma de um choro dolente, como um animal selvagem ferido.

• • •

Sábado. Paraíso da Perdição. Elias e os amigos estranharam o movimento fraco. Àquela hora da noite o local estava sempre superlotado. Não havia nem um décimo do público usual. Talvez por que uma chuva torrencial caía lá fora.

— O que foi que houve? — Alcides perguntou quando os três já haviam se sentado nos estofados.

Uma garçonete aproximou-se sorrindo.

— O que querem pra hoje?

— Saber se a Arlequim engordou ou alguma coisa assim. Cadê todo mundo? Medo da chuva?

A garçonete forçou um sorriso para Agenor, espremendo o que havia de simpatia, como se estivesse exausta de responder a mesma pergunta infinitas vezes.

— A Arlequim se ausentou por um tempo, mas ela retornará em breve. Enquanto temos várias *strippers* deliciosas — ela enfatizou a última palavra, como se fizesse uma propaganda de TV.

— Ela se ausentou por quê? — Elias insistiu, inconformado.

— Problemas familiares. Mas nossas dançarinas...

—*Strippers* têm problemas familiares? — Alcides interrompeu.

A garçonete não conseguiu esconder a impaciência no rosto.

— O que vão querer beber?

Pediram um balde de Long Necks. Ela anotou e foi buscar sem a simpatia forçada.

— Estão vendo o estrago que a Arlequim causa quando falta? Não tem quase ninguém! — observou Agenor olhando ao redor.

— Até onde eu sei, ela nunca faltou — lembrou Elias.

— Será que nosso Sam matou ela?

— Galera — Agenor sussurrou, olhando estranhamente para baixo.

— O que foi?

— Não olhem agora, mas um dos seguranças está apontando pra gente.

Elias franziu o cenho.

— Será que a garçonete reclamou que a gente tratou ela mal?

— Merda, eles estão vindo — Agenor disse entredentes.

Alcides e Elias olharam ao mesmo tempo. Dois dos seguranças se aproximavam com caras de poucos amigos.

—Corre, porra! — Agenor gritou já dando um salto.

Os três correram em direção à saída, mas Alcides com seu corpo obeso foi logo capturado, imobilizado por um deles pelo pescoço. Os dois amigos imediatamente viraram-se no instinto de o salvarem, mas o outro segurança já sacava seu revólver, forçando-os a erguerem os braços, impotentes. As pessoas se afastaram, assustadas.

— O que é que a gente fez?

— Estão devendo? Correram por quê?

— Vocês vieram em nossa direção...

— Cala a boca! Vem com a gente — apontou com a cabeça para a porta vermelha. E para o restante das pessoas: — Está tudo sobre controle, pessoal, voltem a se divertir.

Não tinham escolha. Nem a mínima ideia do que estava acontecendo. Mas sabiam o que acontecia com os que os seguranças levavam para fora. Ou pelo menos tinham uma ideia, o suficiente para deixa-los aterrorizados.

Sete

— Estou apaixonado, Macário.

Macário riu para Samuel, observando-o com seus olhos experientes.

— Sim, você está.

— E agora, como faço pra parar?

— O coração não tem pálpebras.

— Como assim?

— Se você não quer ver algo, fecha os olhos, mas não tem como fazer o mesmo com sentimentos. Se quiser desligar, vai ter que desligar tudo junto e isso uma bala na cabeça deve resolver. Assim pelo menos ganho mais um cliente.

— Não quero meu velório feito aqui. Quero uma funerária de vergonha.

Os dois riram.

— Mas diga, quais são os sintomas?

— Do que?

— De que você está apaixonado.

Samuel pensou por um instante.

— Bem, eu simplesmente não penso em mais nada. Cada coisa que vejo, cheiro, sinto, ouço, remete a ela. E dói terrivelmente não poder fazer nada.

— Ela reapareceu depois do primeiro encontro de vocês?

— Sim, uma vez mais. Ela me encontrou na universidade. Fez sexo selvagem comigo em uma sala de aula.

Macário fez uma cara cômica de admiração. Então riu.

— Ela trepou com você em uma sala de aula?

— Você é velho demais pra usar esses termos.

— O que eu deveria dizer? Fornicar? Saiba que eu trepei muito em minha vida, moleque. E ainda trepo, e sem azulzinhas.

— Sem azulzinhas? — Samuel deu uma risada incrédula.

— Não entendo a surpresa.

— A senhora sua esposa é sortuda.

— Sou viúvo. Mas vez ou outra arranjo namoradas. Coloco molecotes como você no chinelo.

— Aqui estou discutindo sexo com um sexagenário.

Samuel adorava conversar com Macário. A PACE não era uma loja à qual os clientes entravam o tempo todo para olhar as prateleiras. Quem se interessava por caixões? Por isso mesmo Macário passava o dia inteiro sentado sem nada para fazer, a não ser quando tinha seus clientes, todos frutos de alguma tragédia. Assim sendo, Samuel era sempre uma visita bem-vinda. Tinha funcionários, claro, Pedro no atendimento, o motorista e outro homem responsáveis pelo translado dos caixões e uma tanatóloga, preparadora e maquiadora de cadáveres. Macário passava a maior parte do trabalho sozinho, em seu escritório, atendendo ligações, preparando documentações e negociando com serviços terceirizados. Ou simplesmente lendo livros, em especial sobre espiritismo.

— Tenho escrito algumas coisas — disse Samuel.

— Poesias?

— Também. Mas a maioria pensamentos.

— Gostaria de lê-los.

— Trouxe um.

Samuel abriu a mochila e retirou um pequeno caderno preto. Abriu-o em uma página e entregou a Macário. O velho ajeitou os óculos e leu em silêncio:

Por que me salvar do vazio me roubando a paz?
Torturar-me com memórias quase palpáveis
Escravizar-me com a necessidade de mais?
Não respiro mais nada além do teu cheiro
Nem sinto mais gostos além do teu beijo
Cada vez que te vejo é um novo "jamais".

— Uau. Em dois encontros ela virou isso tudo?

— Não é loucura? Os dois encontros ficam se repetindo em minha mente como um vídeo programado pra reproduzir quando chegar ao fim. Simplesmente não para.

— Não tem como procura-la?

— Não. Ela transou comigo e desapareceu. Nada de números, nada de nada.

— E como ela encontrou você?

Samuel pensou um pouco. Não lembrava se havia perguntado ou não. Aliás, não havia. Como ela o encontrara?

— Não sei.

— A pergunta é: por que ela voltaria?

— Ela disse que me devia uma coisa.

— Ela se sentiu mal por não ter transado com você no primeiro encontro como era seu direito?

— Talvez.

— Se está tão inquieto, por que não volta à boate?

— Ela não voltou.

Macário ergueu as sobrancelhas grisalhas.

— E por que não?

— Não sei. Mas a garçonete dançarina disse pra não pisar mais lá ou minha vida correria perigo.

— Pelo fato de você ter sido o último a sair com ela?

— Sim.

— Interessante...

— Eu não quero me iludir, mas por que ela sumiria logo depois do nosso encontro? Aliás, sumiu de lá, por que ela reapareceu do nada pra transar comigo.

— Algo me diz que ela vai aparecer de novo.

Samuel sentiu um frio na barriga.

— Não sei... — disse, embora o que sua mente e alma gritavam era “tomara”.

— Mas e se ela aparecer, o que você vai fazer?

— Não faço ideia! Eu fiquei parecendo um retardado quando a vi na universidade. Ela me deixa sem reação.

— Sabe que ela representa perigo, não sabe? Os homens da boate associam o sumiço dela a você.

— Sei sim...

— “Temer o amor é temer a vida, e os que temem a vida já estão meio mortos”. Bertrand Russel.

— Faz sentido...

— E não te incomoda o fato de ela ter transado com tantos desconhecidos?

Samuel respirou fundo.

— A princípio sim, mas... Mas acho que não. É o passado dela. Todos temos o direito de ter nossos passados.

— Você não acredita, mas somos fruto de nossas ações em outras vidas. Desde os mais belos

acertos até os mais terríveis erros. Pagamos sempre nas vidas seguintes, quando temos nossa chance de nos corrigir, até o espírito alcançar a evolução.

— Pra mim só existe essa vida.

— É a única com que deve se importar. Só pense que cada escolha que você fizer vai mudar completamente o rumo da sua história, e definir quem você virá a ser.

Samuel pegou uma caneta, o caderninho preto e escreveu algo.

— O que escreveu?

Samuel mostrou:

Para cada escolha, um destino. E uma vida.

Macário sorriu serenamente.

— E o que me aconselha?

— Caso ela reapareça?

— Sim.

— Leia o que acabou de escrever, garoto.

Samuel releu. Macário continuou:

—É sua escolha, seus possíveis destinos.

Ficou com isso fixo na cabeça.

• • •

Renata cuspiu no sanduíche antes de fechá-lo com a fatia de pão. Foi até a mesa daquele homem asqueroso que não parava de olhá-la, principalmente para sua bunda quando andava. Sentiu nojo dele, vontade incontrolável de dizer mil palavrões.

Mas tudo o que podia fazer era servi-lo. E sorrindo.

— Ei, ei, pra que a pressa? Senta aqui na mesa comigo.

Olhou bem para aquele gordo com cara de tarado, achando-se o cara mais sexy do mundo. Ele lhe dava ânsia.

— Preciso trabalhar.

— Só um minutinho.

—Desculpe, senhor.

— Tem namorado?

— Eu tenho que ir.

Ela se afastou, embravecida. Foi pegar os outros pedidos, dos outros clientes.

— Vamos, Renata, o pessoal está esperando! — disse outra das garçonetes, com sua bandeja em mãos, apressada.

Ao retornar com um hambúrguer e um milkshake para outra mesa, percebeu que o gordo nojento não parava de olhar para ela, com o sorriso lascivo enquanto mastigava o sanduíche cuspido. Ao pegar o próximo pedido percebeu que teria que passar pela mesa dele. Ia explodir de ódio. Quis trocar o pedido com uma colega, mas esta a ignorou. Não tinha feito amizades na lanchonete com ninguém.

A cada passo que dava em direção àquele porco repugnante sentia mais nojo. Ele a comia com os olhos.

— Garota.

Ele o quis ignorar, mas o gordo repetiu:

— Garota.

— Sim? — que vontade de despejar aquela jarra de suco na cara daquele nojento...

— Precisando de uma grana extra?

Ele deu um sorriso mostrando os dentes amarelos de fumante e uma arqueada de sobrancelhas sugestiva.

A vontade que ela teve foi que quebrar a jarra de suco. Mas apenas virou as costas. Mais tarde o homem pediu a conta. Ela tinha de atendê-lo. Mas desta vez nem se esforçou para ser simpática. Ele manteve o sorriso que para ele, era sedutor. Ao entregar o dinheiro, entregou junto um pedaço de papel com algo escrito.

— Pode ficar com o troco — disse piscando o olho.

Ele dera uma nota de cinquenta reais e seu número de telefone.

— Não pagaram ainda?

— Não, mãe, atrasaram mais um dia. Mas talvez amanhã...

— Talvez, Renata? Talvez? — disse em um tom alto demais. — Vão cortar a luz, estamos sem dinheiro pra comida, temos dívidas!

— Eu sei, mãe, mas não posso fazer nada. Não posso obriga-los a me pagar, não é culpa minha.

A mulher arregalou os olhos.

— Não é culpa sua? Não é culpa sua?

— Mãe...

— Você desgraçou essa família! Estamos pagando um pecado que você cometeu! Se não tivesse agido como uma puta, fazendo sexo com mais de um homem ao mesmo tempo e filmando... — ela parou de falar interrompida pelo choro, com a decepção estampada em sua face como uma máscara.

Renata pensou em dizer alguma coisa, mas desistiu. E quando se virou, deu de cara com seu pai, fitando-a com desprezo na porta da cozinha.

— Pai?

— Já disse pra não me chamar mais assim.

— Mas pai... — ela sentiu as lágrimas borbulharem sob seus olhos, prestes a transbordarem.

— Cala a boca! Nem mesmo competência para trazer dinheiro pra casa você tem. Está vendo essas mãos? —mostrou as duas palmas abertas, sujas de graxa. — Essas mãos costumavam abençoar pessoas, garantir nosso sustento. Você nunca precisaria trabalhar, apenas cuidar do lar e ser uma mãe de família respeitável. Agora olha a cor delas! Eu rastejo embaixo de carros agora. Sou um mecânico! O pastor promissor virou um maldito mecânico! E por culpa de quem?

Dois anos. E nada havia mudado. Seria culpada para sempre. Renata não suportava mais.

— O que eu faço pra vocês me perdoarem? — disse às lágrimas, colocando o rosto entre as mãos.

Seu pai se afastou. A mãe se aproximou e disse secamente:

— Pode começar trazendo dinheiro pra dentro de casa.

E saiu.

Renata parou de chorar. Foi até o quarto em silêncio. Trancou a porta. Pegou um pedaço de papel sobre a mesinha próxima à cama, sob o despertador. Discou o número nele escrito.

— Alô?

• • •

Elias, Alcides e Agenor estavam sentados em um sofá grande o suficiente para caber os três. Os dois seguranças estavam diante deles, um deles, bem grande, com traços indígenas estava de braços cruzados, o outro, de pescoço tatuado até o maxilar, segurava uma arma na mão, repousada ao lado da perna. Um terceiro homem chegou, bem vestido, com cabelo levemente grisalho, embora aparentasse ter pouco mais de quarenta. Tinha barba rala, olhos bem azuis, frios como gelo e um brinco de argola na orelha esquerda. Os três jovens suavam, apesar da temperatura agradável do ar condicionado da sala em que se encontravam. Parecia uma espécie de escritório.

— Nós não fizemos nada... — Alcides começou, gaguejando.

— Fale mais uma vez sem eu mandar e mando ele quebrar suas pernas — o recém-chegado disse apontando para o maior dos seguranças, o de traços indígenas. Sentou-se diante dos três, fitando seus semblantes apavorados. — Quero que gravem bem meu nome: Adão. Sou o dono desse paraíso.

Alcides fez mentalmente uma associação entre o nome da boate e a decoração com o nome do homem, mas guardou a observação para si.

— Meus funcionários reconheceram vocês. Disseram que estavam junto com o garoto escolhido por Arlequim no sábado em que ela sumiu. É verdade?

Um alarme soou na cabeça de Elias, assim como um raciocínio desenfreado que começava a juntar as peças e fazer sentido.

— Não sei de quem está falando.

Agenor olhou para ele apavorado, sem entender por que mentia. Adão continuou com sua fisionomia indolente. Acendeu um cigarro.

— Você está mentindo pra mim, Pajé?

O segurança apenas movimentou a cabeça negativamente, com os olhos fixos em Elias.

— Então alguém está mentindo. Os dois não podem estar falando a verdade — soltou uma baforada de fumaça. — Vou perguntar de novo. São amigos do garoto?

Antes que Elias negasse, Agenor respondeu:

— Sim.

— Agora sim. O que ele fez com a Arlequim?

— Ele saiu pra jantar com ela — Alcides respondeu hesitante.

Adão olhou para os dois seguranças, incrédulo, e os três riram alto.

— Levou pra *jantar?*— replicou Adão. — Quer dizer jantar no sentido de foder, não é?

— Não, senhor — Elias respondeu. — Levou ela pra jantar em um restaurante. Pegou meu carro emprestado. Ele não fez nenhum mal a ela.

— Diz isso por que a viu?

— Não, senhor. Ele nos contou. Disse que teve uma noite romântica com ela. Nós inclusive chacoteamos ele por isso.

Adão apoiou os cotovelos nos joelhos e inclinou o pescoço para frente, em tom ameaçador.

— Escutem, moleques. Vocês não têm noção do que o amigo de vocês se meteu. A Arlequim nunca, nunca mesmo faltou uma única noite de trabalho. E simplesmente desapareceu depois de sair com ele. Aquela desgraçada nos pertence. Ela *me* pertence. Viram como a casa fica sem ela? Vazia! A vagabunda era a grande atração, e se...

A porta foi escancarada. Outro segurança, entrou empurrando um homem magro, de rosto ossudo.

— Mas que *porra* é essa, Vagner? — Adão gritou enfurecido por ser interrompido.

O segurança de cabelo loiro e crespo respondeu:

— Desculpe, senhor. Ele tentou sair sem pagar.

— Pajé!

O segurança de traços aborígines andou até uma parede e pegou um taco de baseball. O homem de rosto ossudo tentou argumentar, em pânico, enquanto o que Adão chamara de Vagner o imobilizava:

— Eu ia pagar, sim! Só ia pegar o dinheiro no carro! Eu... AHHH!

O primeiro golpe brutal no joelho fez com que a perna dobrasse para o lado. O barulho de ossos quebrando deixou os três jovens sentados aterrorizados, fazendo-os afundar no sofá, imóveis. O brutamontes desferiu uma sequência de mais cinco golpes, todos nas pernas, cada um seguido dos gritos de agonia e dor imensuráveis. O segurança loiro o soltou, deixando-o despencar como uma marionete sem sustentação nas pernas, gritando sem parar, como um porco ferido.

— Tirem esse lixo daqui. E façam ele calar a boca— Adão ordenou, irrequieto.

Vagner tapou a boca do homem e o arrastou com a ajuda do segurança de pescoço tatuado. Saíram por outra porta, ao fundo da sala em que se encontravam.

— Trouxe esse taco dos Estados Unidos pro Pajé — Adão disse com um sorriso reconfortante. — Ele adora quebrar ossos com ele.

Pajé deu uma risada, batendo levemente o taco na mão espalmada.

Elias estava tão gelado de pavor quanto seus amigos, brancos como folhas de papel, o suor brotando da testa como prantos.

— Onde estávamos? Ah, claro! Vocês iam me dizer onde está o amigo de vocês.

— Ele não vai falar nada — Elias tomou coragem.

— Acredite, vai sim.

— Eu o conheço mais do que ele mesmo. Ele não vai falar sabendo que vocês podem machucar a Arlequim. Ele é metido a altruísta, a mártir. Esse taco não vai fazer ele falar.

Alcides e Agenor estavam pasmados com a atitude de Elias, sem a mínima ideia de onde ele queria chegar.

— O que me sugere então, garoto? Que deixe ele pra lá baseado na sua suposição de que ele é um herói e que vamos gastar nosso tempo?

— Eu sugiro um acordo.

Alcides e Agenor arregalaram os olhos.

— Fale mais... — interessou-se Adão, com um sorriso de canto de boca.

— Vamos sondar ele, saber onde ela está, e te damos a informação. Em troca você nos dá uma grana.

Adão deu uma gargalhada genuína.

— Ela vale a pena, não vale? — ele continuou, ignorando os olhares terrificados dos amigos sentados ao seu lado.

— Gostei de você, moleque. Gostei mesmo. De quanto estamos falando?

— Cinco mil.

Nova gargalhada. Alcides estava tremendo, e estava gelado como um cadáver.

— Fechado. Aproveitem e gastem parte da grana aqui na boate — pegou um bloquinho e uma caneta e anotou algo. Entregou a Agenor. — Meu número. Cinco mil para quem me der o paradeiro da Arlequim. E juro que seu amigo não será ferido.

Alcides pareceu mais aliviado. Olhou para Agenor, cujo sangue também voltava a circular no rosto.

— Só pra constar: O amiguinho de vocês não tem ideia de com quem ele está se metendo. E não falo de mim, nem do Pajé aí. Falo da Arlequim. Acredite, nós não somos os monstros de verdade na história — fez uma pausa pra observar as feições intrigadas dos três. — Caiam fora daqui e só voltem pra dar notícias que me farão feliz.

Os três levantaram-se, observados por Pajé como um predador observa suas presas. Saíram sem olhar para trás.

Só quando o carro de Elias saiu do estacionamento, encarando a tempestade furiosa, Alcides sentiu-se à vontade para explodir:

— Você tem merda na porra da tua cabeça? Caralho! Que porra foi aquela? Você... O índio... Você viu o que o índio fez com o cara? Ele aleijou ele em nossa frente. E você... Porra! A gente quase morreu!

— Eu salvei nossas vidas.

— Pior que foi, Cidão. Pensa bem. O Elias foi frio e calculista.

— Ele colocou estrume na tua cabeça também?

— Primeiro, ele salvou o Sam. Se não tivesse dito aquilo, o tal Adão ia matar o coitado.

Alcides ficou calado, tentando digerir aquilo.

— Segundo, se ele não tivesse falado na grana, o Adão ia achar que a gente estava só

tentando fugir, blefando. O que o Elias fez foi mostrar pra ele que a gente pouco se importa com o Sam, e sim com o dinheiro, e que a gente não ia hesitar em dar a informação sobre a Arlequim. Estou certo, Elias?

— Em cada palavra. Pedi um valor relativamente baixo, mas não tão ridículo, pra ele acreditar que realmente estamos dispostos a entregar o paradeiro dela.

Alcides ficou pensativo, mas não mais contestou. Ficou em silêncio por alguns segundos, então deu um grito de comemoração, abrindo os braços.

— A gente está vivo! Eu me mijei à toa!

Agenor e Elias riram, ainda nervosos, sentindo o clima apaziguar.

— Se mijou?

— Quase me caguei todo, porra!

Os três riram.

Aos poucos Elias voltou a ficar sério, pensativo ao volante.

— O que a gente vai fazer, Elias? — indagou Agenor, aflito.

— Falar com aquele filha da puta do Sam. Ele vai me ouvir.

Em sua cabeça, as palavras de Adão:

Acredite, nós não somos os monstros de verdade na história.

• • •

Samuel estava a meio caminho da parada de ônibus quando começou a trovejar. Apressou o passo. A chuva caiu de uma vez. Foi pego de surpresa, não havia trago um guarda-chuva para a funerária. Havia anoitecido rápido demais, ou as horas de conversa com Macário haviam se tornado minutos. Pelo menos estava menos consternado; falar com Macário sempre o deixava pensativo.

— O fato é — dissera-lhe o velho quando o indagara sobre Arlequim reaparecer e tornar a sumir. — A gente se acomoda no sofrimento. Sabe o que tem que fazer pra fugir dele, mas simplesmente espera que passe. Diga, o que o tempo faz com uma fruta que começou a apodrecer? O processo de putrefação para? Somos calhados com as migalhas de felicidades que temos e só tomamos alguma decisão quando a dor chega a níveis insuportáveis. Mas a vida é tão curta pra perder tanto tempo... e na maioria das vezes é tarde demais. Não há segredo, não há mágica. Se te fazem sofrer, a culpa é deles; se você deixa que te façam sofrer, a culpa é sua. Agora se você acha as migalhas de alegria compensam o sofrimento, problema seu. Cada um sabe a felicidade que lhe cabe, e suas consequências. Resta saber, vale a pena?

A chuva estava forte demais. Samuel procurou abrigo sob uma árvore para não molhar o celular. A rua estava deserta — e perigosa. — Não era muito sábio ficar ali sozinho. Só uma figura se aproximava com um guarda-chuva, provavelmente uma mulher. Mas saía e danificava o celular ou ficava mais um pouco e esperava algum bandido tomar? A chuva não ia tirar sua vida, concluiu, prestes a sair de baixo de seu abrigo, que não o impedia totalmente de se molhar dado a força dos ventos, quando a figura de guarda-chuva se aproximou da árvore.

— Carona?

A voz o fez perder o fôlego. Virou-se rápido para reconhecer aquele rosto tão familiar em sua memória.

Era ela.

Oito

— Ariel?

— Oi, Sam.

Ele ficou olhando para ela sem reação. Estava com um short vermelho e uma blusa do *Snoopy*. Era difícil decifrar a expressão dela; aquele sorriso abstrato poderia significar tanta coisa...

— Vem — ela ofereceu espaço sob seu guarda-chuva.

Como nada lhe vinha à mente para falar, atendeu ao instinto e andou até ela, abrigando-se da chuva ao seu lado. Bem perto. Sentiu o cheiro do cabelo dela quando este roçou em seu rosto. Não houve abraço. Apenas andaram.

Em silêncio.

Dobraram a esquina, a mente de Samuel como uma panela de pressão com pipocas explodindo dentro. Tinha um milhão de coisas para falar, e ao mesmo tempo, nenhuma. Era o cheiro dela que o distraía, talvez. Cheiro que não lembrava nada além dela. Era o perfume natural *dela*. Da pele, do cabelo... Dela. E como era aprazível, ameno, único... Seria apenas efeito da paixão? Estariam seus sentidos sendo enganados atrevidamente por estar apaixonado? Como explicar o êxtase em que ele se encontrava?

— Desculpa.

Ele olhou para os lábios dela enquanto caminhavam, a chuva mais forte, trovões ribombando no céu escuro.

— Pelo quê?

— Eu não deveria ter escolhido você.

Ele sentiu um nó na garganta.

— Por quê? — balbuciou.

Ela o olhou, os lindos olhos carregados de pesar:

— Eu vou arruinar sua vida.

Ele parou de andar, fazendo-a imitá-lo. Os dois rostos próximos para caberem sob o guarda-chuva.

— Do que você está falando?

— Eu tentei me afastar, tentei te deixar em paz. Mas não consegui. Estou sendo absurdamente egoísta.

Ele não conseguia digerir aquilo.

— Por que está dizendo isso, Ariel?

— Você não tem ideia de quem eu sou.

— Então diga.

— Não é nada simples.

— Tente.

— Não posso. Para o seu bem.

Samuel estava confuso demais, mas não poderia desistir.

— Eu não entendo! Nos demos tão bem naquela noite... Aí você some e reaparece pra fazer sexo, e some... Por quê?

— Aquela noite... Nunca deveria ter existido.

Samuel saiu de baixo do guarda-chuva, arreliado, deixando-se molhar completamente. Abriu os braços, finalmente colocando para fora o que o engasgava:

— Não devia ter existido? Eu te tratei como uma princesa! Eu fiz o que eu pude pra você se sentir bem. Eu não estava interessado em fazer sexo, estava interessado em você! Aí você desaparece. E surge do nada pra me deixar ainda mais confuso! O que esperava transando comigo daquele jeito e depois evaporando?

— Era uma mensagem. Bem clara.

A chuva batia forte no rosto de Samuel, que estreitava os olhos para enxergar.

— E por que isso? Eu não ligo! Não ligo pro que você fez. Sua intenção era que eu desistisse de você?

Ela manteve o semblante triste, porém altivo, e quando começou a chorar, largou o guarda-chuva no chão, a água logo escorrendo seus cabelos e camuflando as lágrimas.

— Talvez um dia você entenda — a voz tentava ser impassível, firme. — Talvez um dia te conte tudo. Mas agora não.

— Então vai me deixar no escuro?

— Você se acostuma a viver nas trevas. Acaba virando uma mariposa.

As perguntas surgiam ao mesmo tempo, incessantes, mas não havia tempo para todas elas.

— Então por que voltou?

Ela ficou em silêncio. Por um instante apenas o barulho da chuva se fazia ouvir, quebrado por trovões coléricos. Ela olhava para o chão. Então levantou o olhar, impelindo um sorriso.

— Eu disse, eu sou egoísta.

Ele avançou, segurando-a pela cintura e pelo pescoço e a beijou, como em uma cena cliché de um filme romântico. Samuel não queria larga-la nunca mais. Ficaria ali, na chuva, delibando seus lábios, sentindo o corpo dela no seu para sempre.

Mas se espaçaram. Ela o contemplava com profunda tristeza, como o olhar de despedida a um moribundo desenganado.

— Você não entende. Eu vou trazer apenas desgraça pra sua vida.

— Isso é problema meu. Não vou deixar você ir embora.

— Não Sam. Eu tenho que ir, e você tem que se preparar para eu não voltar mais.

Ele fez uma cara descrente:

— Óbvio que não! Não vou te perder de novo!

— Ouça! Cada vez que nos encontrarmos será como a última vez, entendeu?

— Como posso garantir isso? O coração não tem pálpebras.

Ela analisou a frase dele, aquiescendo silenciosamente.

— Se quiser que eu reapareça tem que concordar. Carpe Diem. A cada encontro, um adeus. Pode viver com isso?

Claro que não.

— Sim...

— Tem que concordar também em nunca perguntar sobre o meu passado, viver apenas o que tivermos que viver de agora em diante, entendeu?

— Vou poder ligar pra você?

— Samuel, cada encontro um adeus. Sem contatos. É isso ou nunca mais me verá.

O desespero tomou forma em palavras nos lábios de Samuel:

— O que quer que te faça ficar por perto...

Ela o beijou. Forte. Então sussurrou em seu ouvido:

— Eu preciso de você.

E de repente a chuva e os trovões se tornaram insignificantes, figurantes naquela cena que Samuel jamais olvidaria. Cingia aquela mulher com a certeza de que cedo ou tarde ela escorreria por entre seus dedos. Mas por enquanto, ela estava ali, ela era sua. Por mais breve que fosse. Não tinha a mínima ideia se voltaria a tocá-la de novo, mas tinha uma certeza irrefragável: Ele a amava.

Para cada escolha, um destino. E uma vida.

Havia feito sua escolha.

• • •

O delegado Jeremias passeava uma moeda entre os dedos com a agilidade em sua cadeira de rodinhas, atrás da escrivaninha. Atrás dele, duas bandeiras, uma do país e outra do estado, completavam o visual de delegacia à brasileira, com estantes cheias de arquivos, janelas com persianas e paredes com infiltração. Sentado em um sofá estava o Inspetor Simão e acomodado em uma cadeira; com as pernas sobre outra, Josué.

— Ninguém vai abrir o bico. Nem adianta forçar a barra — comentou Josué.

— Bando de cagão — disse Simão, fazendo Josué rir. Então voltou a atenção para Jeremias. —Pensativo, Delegado Torres?

— Pensando na porra do pai da vítima. Tenho certeza de que ele vai se meter de novo. Ele já serviu na Marinha, foi expulso por ser violento. E tem as costas largas, não dá pra fazer muita coisa a respeito dele.

— Acho que ele não vai muito longe — opinou Josué. — Dos que prestaram depoimento, nenhum falou nada.

— Bando de cagão — repetiu Simão. — Vai acabar que o caso vai ser encerrado como sem solução e vão cair em cima da gente como caíram em cima do delegado Fragoso.

— Eu vou arranjar o culpado dessa porra — Jeremias se impacientou.

— O senhor disse "arranjar", delegado? — Simão provocou. — Não seria "descobrir"?

— A prioridade é descobrir — imprimiu Jeremias com ar de cumplicidade.

A porta abriu-se. Um policial entrou com um rapaz bem vestido.

—Testemunha para depoimento, delegado— disse o policial entregando uma pasta a Jeremias.

— Obrigado, Cabo Arantes — acenou para que se retirasse. — Sente-se, rapaz.

— Já estive aqui antes, disse tudo o que sei. Aliás, disse que não sei de nada, e continuo sem saber.

— Só vou te fazer mais algumas perguntas — Jeremias falou enquanto olhava o arquivo. — Luiz Antônio Boaventura. Você foi o último a ver Leonardo antes de ele desaparecer, certo?

— Eu tinha saído pra beber com ele. Quando a gente saiu da boate, nos despedimos e cada um entrou em seu carro.

— Jovens mimados dirigindo embriagados — comentou Simão olhando para a testemunha com desprezo.

— Não viu ninguém na boate ou fora dela que tivesse se aproximado de Leonardo?

— Já disse que não da outra vez.

— Então repita nessa — Jeremias proferiu já se irritando. Então pegou um desenho e

mostrou a Luiz Antônio. — Não viu este homem?

— Não.

— Talvez nesta fotografia — mostrou.

— Não dá pra saber com os óculos e o chapéu. E está muito embaçado. Mas duvido muito. Havia tantas pessoas lá...

— Vocês provavelmente foram seguidos antes de ele ser capturado, e tudo leva a crer que foi este homem.

— Desculpem perderem o tempo de vocês.

— Muito bem, está dispensado.

O jovem saiu, antes encarando Simão.

— Playboy filho da puta — disse o careca assim que a porta foi fechada. — Adoraria dar uma surra nele. Se acha melhor que todos nós. Viu a carinha de nojo dessa bicha?

Jeremias sentia a cabeça ferver.

— Quero os dois em campo. Interroguem os seguranças da boate, mostrem a foto e o retrato pra eles. E também vão à faculdade. Quero saber se o suspeito andou fazendo perguntas para encontrar a vítima ou se simplesmente já o conhecia. Ainda aposto no passional, mas não podemos descartar nada.

Assim que os inspetores saíram, Jeremias voltou a brincar com a moeda. Desta vez, mais compenetrado, a mente bem distante. Refletia sobre o apartamento luxuoso de Leônidas que ele jamais teria dinheiro para comprar...

• • •

O pequeno botequim só tinha dois clientes encharcados, deixando uma poça d'água sob suas cadeiras de madeira. O vento uivava empurrando a chuva violentamente, sob o comando dos trovões.

— Dessa vez não avisaram com antecedência para construirmos uma arca — Ariel disse sorrindo, puxando o cabelo molhado para trás das orelhas.

— Também não vi pares de animais desfilando pelas ruas — concordou Samuel tomando um gole de cerveja.

Um trovão estrondou, dando a impressão de que o estabelecimento havia tremido.

— Isso é por causa das blasfêmias de vocês — disse seriamente o atendente do bar, um homem gordo e calvo, atrás de um balcão próximo a eles.

Samuel teve vontade de rir, mas se conteve, trocando apenas olhares cúmplices com Ariel,

que fez um sinal com o dedo apontando para a parede, onde havia frases do tipo “Só Jesus salva”.

— Vamos ser expulsos — sussurrou Samuel.

— O que pior pode acontecer? Nos molharmos mais ainda? Acho meio improvável que isso seja possível — ela ergueu os braços demonstrando o estado em que se encontrava.

— Pelo menos foi romântico. Beijo na chuva e tudo. Dava quase pra ouvir a música de fundo.

— Eu vou vomitar. Você é muito mulherzinha — zombou ela.

— Isso se chama romantismo. Sou romântico por natureza.

— Os poetas são trocados por ogros.

Samuel lembrou-se de Renata. Expulsou o pensamento.

— Alguma mulher no universo deve gostar de poemas.

— Eu gosto.

— Você? — ele duvidou. — Acaba de me repreender por ser romântico.

— Eu te chamei de mulherzinha. Pode ser poeta sem ser mulherzinha.

— E quanto aos poetas serem trocados pelos ogros?

— Basta ser um pouco ogro. Aí vai ser o homem perfeito — ela sorriu. Divertia-se o vendo confuso.

— Então vou ter que aprender a ser ogro?

— Eu detesto ogros. Lidei com tantos...

— O que você está dizendo não faz sentido algum. Por que me aconselha a ser um?

— Estou te dando uma dica de amiga. Pra quando for conquistar uma mulher.

Amiga. Ele sentira-se levemente desconfortável. Percebeu aí que em sua mente enraizara-se a ideia de que ele queria a ela, não outra mulher. E as palavras dela faziam desvanecer todo o romantismo entre os dois.

— Vou anotar isso — sorriu tentando esconder o desapontamento.

— Aposto que escreveu algum poema sobre mim.

Ele enrubesceu.

— Que convencida! Por que eu faria isso?

— É o que os poetas fazem. Suas lágrimas saem em formato de letras, versos e estrofes.

— Nossa, você é tão mulherzinha — devolveu ele, tomando um gole de cerveja e enchendo o copo. — Gosta do Snoopy?

— Não mude de assunto. Fez ou não fez?

— Vários — confessou, baixando o olhar, envergonhado.

— Vai me recitar algum?

— Claro que não.

— Os poemas são pra mim ou pra você?

— Depois eu te mostro. Talvez.

— Depois quando? Antes de irmos embora?

— Outro dia.

— Eu disse que é pra agir como se não houvesse um outro dia.

— Todo mundo deveria agir assim. É metafórico, não?

— Não, Sam. É bem real. Que isso agora seja como nosso último encontro, então aja como tal.

— Não entendo por...

— Isso não é discutível — ela deteve, muito séria. — São as regras.

Houve um lacônico silêncio. A atmosfera havia pesado. Samuel queria discutir sobre aquilo, mas ela parecia convicta e ele não queria estragar tudo.

— Gosto sim — ela disse.

— Gosta de quê?

— Gosto do Snoopy. Sou muito fã do Charlie Brown. Somos igualmente depressivos — ela sorriu.

— Charlie Brown é o da camisa amarela com preto no meio?

— Você está brincando, né?

Ele sorriu.

— Estou sim. Mas só sei quem ele é por alto. Nem sabia que ele era depressivo.

— Se me deixar falar sobre *Peanuts* passo a noite inteira contando a história, os personagens...

— O que é *Peanuts*?

Ela riu, complacente. Desta vez ele não estava brincando.

— Deixa pra lá — ela bebeu mais um gole.

— Fiquei curioso.

— Quer mesmo saber?

— Entretenha-me.

Ela falou sobre a história das tirinhas, sobre como os traços dos personagens havia mudado com o passar dos anos, apresentou os personagens, e enquanto falava, Samuel apenas a admirava, como se cada movimento dela fosse feito para deslumbrá-lo. A maneira com que falava, as informações precisas que tinha... Era uma mulher brilhante, ele pensava. E ainda falava de maneira a manter o interesse no que discorria, sem ficar maçante em momento algum.

Ela interrompeu a própria apresentação quando notou a maneira com que ele a olhava, como se não acreditasse que ela estava ali, de novo, com ele.

— Tira esse sorriso bobo do rosto, está me constrangendo com o dono do bar.

— Que sorriso? — ele fechou a cara imediatamente.

— Cara de adolescente apaixonado.

— Não sou adolescente.

— Opa! Com orgulho de macho não se brinca.

Os dois riram.

— Continue.

— Onde eu parei? Ah!

Só então Samuel notou algo que antes passara despercebido. O olhar, as risadas... Tudo parecia mais espontâneo, como se ela estivesse à vontade, serena, exatamente como ela estava na noite em que jantaram juntos. Muito diferente do olhar lascivo e sedutor, da beleza triste, depressiva do primeiro contato que tiveram, na boate, ou de quando ela o abordara na universidade para fazerem sexo. Era outra Ariel. Aliás, aquela *era* a Ariel, não a Arlequim. Ele conseguia distinguir claramente as duas figuras.

— De novo?

— O quê?

— Vai ficar me olhando feito retardado? Está ficando realmente constrangedor.

— O que posso fazer? Você é linda.

— Algo menos embaraçoso que ficar me olhando abobalhado.

— Como o quê?

Ela aproximou a cadeira e o beijou. Um beijo doce, leve, menos intenso que os precedentes. Um beijo quase em câmera lenta, dando realce a cada percepção, saboreando sem pressa os lábios e língua um do outro. Ele abrigou a mão na nuca dela, afagando seu cabelo no mesmo ritmo do beijo, uma valsa de carícias.

— Aprendeu, garoto? — ela sussurrou sorrindo, segurando o rosto dele.

— Vou anotar isso também.

Uma música brega romântica começou a tocar. Samuel olhou para o dono do bar, que deu uma piscada e fez sinal com o polegar. O homem provavelmente achava que estava dando clima para o casal com aquela música horrível, ele pensou. Retribuiu a piscadela. Ariel riu. Então começou a cantarolar, balançando o corpo no ritmo da música, imitando um bêbado apaixonado.

— Vai fazer jus ao nome, pequena sereia?

— Seus trocadilhos são horríveis. Disse isso pra elogiar minha voz?

— É. Voz de sereia, pequena sereia, a Ariel...

— Não explica, fica mais ridículo por ser tão óbvio.

Com aquele sorriso no rosto, se ela o mandasse ir para o inferno, ele iria.

— Vem — ela levantou-se, convidando-o para dançar.

Samuel olhou para o gordo calvo, que fez um sinal com a mão o encorajando. Aninhou-se ao corpo de Ariel, segurando-lhe a cintura com uma mão e o braço estendido dela com a outra. Enquanto simulavam uma dança, divertindo-se com a melodia sofrida da música, Samuel lembrou-se de perguntar:

— Como sabia onde me encontrar?

— Se te contasse, teria de te matar.

— Você é espiã ou coisa assim?

— Sou. E uso uma ferramenta de alta tecnologia para descobrir informações sobre as pessoas. Coisa do serviço secreto. *Facebook*, já ouviu falar?

Ele riu, envergonhado. Por que não pensara nisso antes? Pelas informações que ela tinha da primeira conversa dos dois, com uma busca com filtros no Facebook ela facilmente saberia onde ele estudava.

Mais um trovão escandaloso e as luzes se foram junto com a música brega. O breu tomou conta do bar.

— Maravilha.

— Relaxem, vou acender umas velas — tranquilizou-os o proprietário, a voz partindo de algum ponto da escuridão.

Quando o homem acendeu a primeira vela, o casal ainda estava em pé, na mesma posição, mas se beijando. Ele deu um sorriso orgulhoso por ter dado um e*mpurrãozinho* com sua trilha sonora infalível.

Samuel sentiu a bexiga prestes a explodir. Teve de interromper o beijo.

— Só um instante.

— Vá lá, garotão.

Perguntou ao gordo onde era o banheiro. Pegou uma vela acesa e foi até lá às pressas, até finalmente se aliviar. Lavou as mãos na pequena pia e voltou para onde havia deixado Ariel.

Ela não estava mais lá.

— Ela saiu sozinha na chuva, é louca — disse o dono do bar com ares de preocupado. — Mas parece que ela escreveu uma coisa e deixou na mesa — apontou.

Samuel, com o mesmo aperto no peito de quando a perdera das outras vezes, foi até a mesa. Pegou o pedaço de guardanapo escrito a caneta e o iluminou com a vela.

Pelo menos desta vez ele conhecia as regras.

A caligrafia delicada dizia: Adeus.

Só lhe restou sentar-se, beber o resto da cerveja à luz de velas e sonhar que aquele não fosse o último adeus que ela o dava.

— Mulher é assim mesmo, rapaz — começou o homem atrás do balcão. — Minha ex-mulher por exemplo...

Nove

Gorete bateu gentilmente na porta e aguardou. Como não houve resposta, tornou a bater, um pouco mais forte.

— Senhor Leônidas?

— O que você quer? — a voz irritada era um sinal de alerta para que ela se afastasse.

Gorete hesitou, mas insistiu:

— O senhor não come nada desde ontem. Quer que eu prepare alguma coisa?

— Saia daqui, Gorete.

— Mas...

— Não me faça repetir — a voz do outro lado da porta era ameaçadora. Não era como um "saia daqui ou está demitida"; soava mais como um "saia daqui ou eu mato você".

A empregada engoliu em seco, trêmula. Não estava realmente preocupada com o patrão, mas sua integridade física e mental era sim, de seu interesse. Afinal, se ele morresse ou enlouquecesse ela perderia o emprego. Foi em silêncio para a cozinha. Seu celular tocou.

— Oi, Girlane.

Era sua irmã.

— O psicopata está por perto?

— Não, está trancado na jaula desde ontem, sem comer nada — ela sussurrou.

— Já falei pra você cair fora daí. Esse homem é louco.

— Eu preciso do emprego.

— Você presenciou o inferno que a mulher dele viveu. Você disse coisas horríveis sobre ele. Lembra o que ele fez com aquele rapaz? Ele é tão influente que nem foi pra TV. E agora são apenas vocês dois no apartamento. Sem falar que ele está falindo, perdendo tudo desde que o filho morreu. Procura outro emprego, mulher.

— Onde mais vou arranjar um emprego desses? Enquanto ele não falir, vou aproveitar o máximo o salário que ele paga.

— Gorete, estou falando muito sério. Esse homem é louco, você sabe.

— Claro que sei. O quarto dele que o diga, cheio de fotos do defunto.

— Do que chamou meu filho?

A voz rouca atrás de Gorete a sobressaltou, gelando sua espinha. Virou o corpo para trás,

tremendo, olhando para o corpulento e barbudo ruivo, de olhos encovados, intimidantes, avermelhados, fixos nela como os de uma fera assassina.

— Gorete? Gorete? — a voz da irmã repetia ao telefone.

— Fotos do defunto — ele estresiu com a voz gélida.

— Senhor, é... Apenas modo de falar... — ela trepidava tanto quanto a voz.

Ele continuou parado no meio da cozinha, como uma estátua macabra.

— Se o senhor quiser eu... Eu vou embora agora...

— Não.

Ela respirava fundo, nervosa. Aquele homem aleijara um rapaz. Já havia batido na esposa e tinha olhos de lobo. Tinha certeza de que ele a mataria naquele momento. Teve o ímpeto de gritar, mas sua voz não saía da garganta.

— Prepare alguma coisa, estou com fome. E leve mais uma garrafa de uísque — e dizendo isso deu meia-volta e saiu da cozinha.

Ela deu um suspiro de alívio que secou seus pulmões.

— Gorete? Gorete?

Levou o celular ao ouvido.

— Está tudo bem, Girlane. Arranja um lugar pra eu dormir. Amanhã mesmo estou indo embora.

Leônidas voltou ao seu quarto, para o santuário funesto em que se enclausurara. A polícia jamais descobriria o assassino. *Ele* não queria que eles o encontrassem. Mas como o faria primeiro sem nenhuma pista? Os emprestáveis da polícia apenas ruminavam as mesmas de novo e de novo. Ninguém vira ou sabia de nada. Seu filho era assunto esquecido. Logo iria para o arquivo morto, casos não solucionados. Fantasma.

Batidas na porta. Gorete.

— Entre.

Para sua surpresa, ao invés de uma bandeja, Gorete trazia um telefone em mãos.

— Senhor, telefone. É urgente.

— Você me oportuna oferecendo comida e quando aceito me oportuna com ligações? O que eu falei sobre ligações para mim, Gorete?

— Mas ele disse que é urgente...

— Está vendo as "fotos do defunto", Gorete? Sabe por que eu fico olhando para elas o dia inteiro? — ele se aproximou dela lenta e ameaçadoramente, cada passo deixando-a mais nervosa.

— Para saber exatamente o que eu vou fazer com o desgraçado que fez isso. E a última coisa que preciso é de interrupções desnecessárias.

— Ele disse que é sobre o Leo.

O semblante de Leônidas mudou. Tomou o telefone das mãos dela.

— Alô?

— Senhor Leônidas, eu sei quem é o homem do retrato falado.

Leônidas tapou o fone.

— Fora daqui, Gorete. Fora! — a voz trovejou.

Assim que a empregada apavorada fechou a porta atrás de si, ele voltou a falar:

— Isso é algum trote?

— Meu nome é Luiz Antônio Boaventura. Eu fui o último a ver seu filho vivo, e reconheci o cara das fotos e do retrato falado. Sei onde encontra-lo.

— Então fale — a voz de Leônidas tremia de excitação.

— Eu entendo sua dor, senhor, mas é uma informação valiosa, se é que me entende...

Leônidas sentiu o gosto de sangue na boca. Seus olhos álgidos focavam em um ponto qualquer.

— Vamos falar sobre isso pessoalmente.

— Pessoalmente não...

— Pessoalmente — ele frisou, sem deixar margem para negociações.

— Tudo bem — a voz saiu hesitante. — Onde nos encontramos?

— Diga onde está, vou pegar você.

Por um insano segundo Leônidas teve a impressão de que em todas as fotos o cadáver de Leonardo sorria para ele.

Sorriu de volta.

• • •

— E aí, caras.

Samuel estranhou os olhares dos três amigos assim que se juntou a eles para o lanche na praça de alimentação. Colocou o suco sobre a mesa e deu uma mordida no sanduíche, olhando para cada um deles nos olhos.

— Por que estão me olhando assim, porra?

— Qual foi a última vez que viu a Arlequim, Sam? — Elias perguntou secamente.

Samuel parou de mastigar. Olhou para Alcides e Agenor, cujos olhares interrogativos

aguardavam a reposta. Algo estava errado.

— Por que está perguntando isso?

— Responde, Sam.

Samuel tomou um gole de suco para engolir o pedaço de sanduíche e para pensar no que responder. Por que não falar a verdade? Eram seus amigos, confiava neles.

— Primeiro me digam o porquê da porra dessa pergunta. Se eu tivesse visto, algum problema?

— Só responde, caralho. Você viu a Arlequim depois daquele dia?

Samuel começou a pensar rápido. Por que estavam perguntando aquilo? E enquanto sua cabeça fervilhava, lembrou-se de que os três haviam decidido ir ao Paraíso da Perdição no sábado. Lembrou-se da garçonete ruiva alertando-o sobre o que fariam com ele se o encontrassem. O nervosismo aflorou.

— Não, não vi.

— Fala a verdade, Sam — insistiu Alcides.

— É verdade, caramba. Ela sumiu naquele dia. Por que estão perguntando isso?

Elias olhou para os outros dois amigos e pareceram baixar a guarda ao mesmo tempo.

— A gente foi lá no Paraíso.

— E aí? — disse já com medo da resposta.

— Daí que por pouco não quebraram a gente — Agenor respondeu já alterado. — Caralho, eles quebraram as pernas de um cara na nossa frente. Poderia ter sido um de nós!

— Como assim? Por que fizeram isso? — o nervosismo apertou. O gosto de bile na garganta.

— Por que você sumiu com a menina dos olhos deles — disse Alcides. — A Arlequim sumiu depois que saiu contigo.

— Deve ter sido por qualquer razão, ora. Por que ela não voltaria por minha causa?

— Eu acredito no Sam — Agenor disse debochado. — Afinal, depois de bancar a moça, duvido que a Arlequim tenha tido vontade de ver ele novamente.

Os quatro riram, mas Samuel riu de nervoso, esperando que realmente tivessem acreditado nele.

— Até por que, Sam — disse Elias —, é no mínimo nojento.

— Verdade, Sam — Agenor concordou. — Sabe quantos paus ela deve ter chupado? Quantas vezes não devem ter gozado na cara dela?

— Verdade — Alcides fez cara de nojo. — Deve haver esperma entre os dentes dela!

Samuel sentiu-se incomodado com os comentários, mas não quis demonstrar. Tentou fazer o

máximo para não deixar que percebesse o quanto estava ficando chateado.

— Vai comer não?

— Não, perdi a fome, Cidão. Pode ficar. Depois dessa conversa de esperma aí...

Alcides tomou o sanduíche das mãos do amigo e o abocanhou.

— A orca ataca novamente — chacoteou Agenor.

— Galera, vou indo nessa.

— Já? Você mal chegou.

— Posso ficar com o suco, né?

—Pode, Cidão. Falou, galera.

Samuel andou em direção ao CCHL, respirando fundo, pensando no perigo em que seus amigos haviam se metido por sua causa. Deveria tê-los prevenido sobre os seguranças da boate.

Mas outra coisa começara a torturar seus pensamentos.

Deve ter esperma entre os dentes dela!

Pensou no sexo que haviam feito, lembrou-se que quando ejaculara na boca dela, e se perguntou quantos estranhos não haviam feito o mesmo.

— Sam!

Virou-se. Era Elias, com fisionomia séria.

— Fala.

— Eu sei que você está escondendo alguma coisa, eu te conheço, você não sabe mentir.

— Eu...

— Relaxa, Sam — Elias o interrompeu. — Quando estiver pronto pra confiar em mim, me procura. Aqueles caras são realmente perigosos. Sou seu amigo, pode contar comigo.

— Pode deixar.

— Cara, se eles te encontrarem, com certeza vão te torturar. Eu falo sério. Toma cuidado.

— Entendi. Valeu.

— Mais uma coisa. O dono da boate falou algo sobre a Arlequim não ser o que parece.

— Como assim?

— Ele disse que não são os monstros da história. Não sei o que querem dizer, mas se você reencontrou ou reencontra a Arlequim, cuidado. Você não sabe nada sobre ela.

Samuel ficou absorto, sem dizer uma palavra. Elias deu um tapinha em suas costas e se afastou.

Daniel convidara Samuel para jantar em um restaurante, como fazia pelo menos duas vezes

ao mês, para sair da rotina. Ou pelo menos, aos olhos de Samuel, como uma demonstração de caridade de irmão mais velho.

A verdade é que Daniel sempre fora o irmão bacana, protetor. Certa vez, quando crianças, um grupo de meninos mais velhos havia cercado Samuel para surrá-lo por ter dedurado um deles à professora, depois que este roubou sua mochila. Eram cinco ao todo. Daniel surgira como um leão do meio da multidão de crianças que incentivava a briga e postou-se diante do irmão indefeso, que chorava depois do primeiro empurrão. Segurava na mão um galho de pau pontudo, como se fosse uma faca.

— Toquem em meu irmão e eu enfio isso na garganta de vocês!

Nenhum dos garotos teve coragem de encarar a fúria de Daniel, que tinha quase a idade deles. Samuel nunca esqueceu aquilo, a sensação inexplicável de estar sendo salvo. Seu irmão herói.

O restaurante era considerado um dos bons da cidade, conhecido pelo delicioso prato da casa, que Samuel adorava. O garçom veio e fizeram o pedido.

— Alguma coisa para beber?

— Não — Daniel disse de imediato.

— Eu quero uma cerveja.

— Cerveja, Sam? Quer saber, traga duas doses de *scotch*.

— E quanto à cerveja? — indagou o garçom.

— Só o uísque, por favor.

O garçom se retirou.

— Scotch? Você está dirigindo, cara.

— Uma dose ou duas, vou viajar.

— Viajar? Pra onde?

— São Paulo, a trabalho. Vou passar umas duas semanas resolvendo umas papeladas.

— Bacana.

— Que cara é essa, Sam?

— Oi?

— Você anda estranho esses dias. É sobre a garota que mencionou?

— Eu mencionei uma garota?

— Disse que a conheceu, ela sumiu, e que ela não era o tipo de mulher por quem devesse se apaixonar.

— Você tem ótima memória.

— Tenho que ter. Minha profissão exige.

Samuel confiava no irmão, mas tinha medo de deixa-lo preocupado. Resolveu distorcer um pouco a história:

— É, eu conheci uma garota sim.

— Da sua idade?

— Mais velha.

— Um ano? Dois?

— Mais.

— Está envolvido com uma coroa? — Daniel deu uma risada.

— Não, cara. Ele tem vinte e seis.

— Bonita?

— Divina.

— Gostosa?

— Ela é perfeita — disse para cortar os detalhes.

— Conheceu uma mulher perfeita e não apresentou pra mim, *brother*?

— Complicado.

— Por quê?

— Nem eu sei dizer.

Daniel franziu a testa.

— Ela é casada?

Samuel ia responder imediatamente que não, mas percebeu que não sabia dizer. O que sabia sobre Ariel, afinal?

— Não sei.

— Não faz sentido, Sam.

— Eu sei. E é isso que está me enlouquecendo. Nada faz sentido. Ela surgiu em minha vida e some e aparece quando bem quer, e eu nem sei a razão.

O garçom surgiu com dois copos em uma bandeja, que serviu com uma garrafa de uísque.

— Some e aparece?— perguntou tomando um gole.

— É.

— Sabe onde ela mora?

— Não.

— Não estou entendendo nada. Como vocês se conheceram?

— Em uma boate — não estava mentindo, pensou.

— Boate... As mulheres que conhecemos em boates raramente querem algo sério. Eu já me relacionei com várias, mas nunca ligo no dia seguinte.

Samuel sabia que ele obviamente se referia a outro tipo de boate. Resolveu deixa-lo pensar assim. Daniel já terminara sua dose. Acenou para o garçom.

— Vai com calma, Daniel, você vai dirigir.

— Faz muito tempo que não bebo. Só mais uma dose. Então — Daniel continuou, contente de fazer Samuel falar. —, ela não quer nada sério?

— Mais ou menos isso.

— Seja direto com ela, seja sincero quanto ao que está sentindo.

— Não é tão simples.

— A simplicidade ou dificuldade das coisas somos nós que fazemos, *brother.*

— Verdade.

— Eu nunca te vi apaixonado assim. Vai por mim, se acha que ela vale a pena, não desista.

— Não depende de mim.

— Então só resta convencê-la disso. Agora, *brother,* melhor se preparar para o pior também.

— Como assim?

O garçom serviu mais uma dose a Daniel. Samuel ainda não havia terminado a sua.

— Onde estávamos?

— Sobre eu me preparar para o pior.

— O que de pior pode acontecer quando estamos apaixonados? Não sermos correspondidos.

Samuel balançou a cabeça.

— Ela gosta de mim, eu sei.

Daniel tomou um gole.

— Só esteja preparado. Não quero te ver sofrer. A melhor forma de enxergar o amor é como um presente gratuito. Dê sem esperar nada em troca, senão vira um jogo de interesses.

— Não acho que seja o caso.

— Estou dizendo isso porque pelo que me falou ela parece ser complicada, não saber o que quer. Ame preparado para não ser amado, porque se ela te der amor, vai estar lucrando.

— O lucro do amor. Parece título de comédia romântica.

— Falo sério. Acredito que não é preciso amar pra ser feliz com outra pessoa, mas se houver amor, que seja independente da reciprocidade.

— Não gosto dessa ideia.

Daniel secara o copo mais uma vez. Acenou para o garçom novamente.

— Sério, cara, chega. Isso é forte.

— Eu sou o irmão mais velho aqui, *brother* — disse em tom divertido.

— Eu sei, cara, só acho perigoso.

Mais uma dose servida.

— Como eu dizia, *brother,* ame por amar. Senão não vale a pena. E se não te amarem de volta, ame pelos dois.

— Tem outra coisa que queria te perguntar...

— Fala.

— Já aconteceu de você... Sentir ciúmes do passado de alguma namorada?

— Ciúme do passado?

— É... Imaginar que o que ela faz com você já deve ter feito com vários...

Daniel riu.

— É uma coisa inevitável, Sam. Suas namoradas terão ex-namorados, casos de uma noite, histórico de sexo tórrido com outras pessoas. A não ser que sua namorada seja virgem, tudo ou quase tudo que ela faz com você ela aprendeu praticando antes. É duro pensar nisso? Claro que é! O segredo é não pensar, *brother*. Imagina que a história dela começou no dia em que começaram a se relacionar; ela não te conhecia, não estava te traindo, entende?

Fazia sentido. Aquilo tirou um peso enorme de sua consciência.

— Você está parecendo um daqueles palestrantes de autoajuda — Samuel zombou bebendo um gole.

— Sabedoria de primogênito. Na verdade, eu tive várias desilusões amorosas, sofri muito por amor.

— Sofreu?

— Se sofri! Por isso estou solteiro, não costumo confiar muito nas mulheres.

— Por que não?

— Não me conformei quando uma de minhas namoradas, a que mais amei, chegou pra mim um dia e disse que não me amava mais — Daniel deu um sorriso triste, para disfarçar o quanto aquela lembrança o dilacerava por dentro.

— Você nunca mencionou nada disso...

— Não costumo falar disso.

— E o que você fez?

— Me humilhei pra ela voltar pra mim. Procurei de todas as formas fazer ela me amar de novo, mas ela simplesmente não sentia mais nada por mim.

— Caramba...

— Então um belo dia descobri que ela estava apaixonada por outro cara. Louca por ele. Porra, eu ia casar com ela, tinha muitos planos pra nós dois, e ela escolheu ficar com ele... — virou

o copo, já fazendo outro sinal para que reabastecessem seu copo.

Antes que Samuel contestasse, continuou:

—Eu enlouqueci. Enchi a cara e dei uma surra nele.

Samuel arregalou os olhos.

— Você? Você deu uma *surra* em alguém? — a ideia para Samuel era totalmente inconcebível. Daniel era seu exemplo de razão e serenidade.

— Tem muita coisa que escondi de você, Sam. Pro seu bem. Mas você está grande o suficiente pra entender como a vida funciona.

O garçom os serviu mais uma vez.

— E o que aconteceu?

— Ela... — ele deu uma risada triste, olhando para a mesa, como se visualizasse a lembrança. — Ela pegou um tijolo e jogou em mim. Acredita nisso? A mulher que eu amava estava salvando o homem que ela amava, que não era eu. Sabe o que fiz?

— ...

— Eu chorei, Sam. Na frente dos dois, eu me ajoelhei e chorei feito uma criança. Eu me humilhei na frente dos dois. Um bêbado sem valor nenhum. Eles ficaram com pena de mim, *brother*. Tanto que ele nem registrou queixa.

Os dois ficaram em silêncio por um momento. Samuel realmente não tinha ideia do que dizer a ele. Nunca ia imaginar aquela cena acontecendo com seu irmão herói.

— Desapontado comigo, *brother?*

— Nem um pouco — mentiu parcialmente.

— Eu tentei não amar novamente. Mas com o tempo decidi que não amar não é a resposta. Não posso vir aqui te aconselhar a não amar alguém, porque é inevitável. Mas posso sim te dizer pra amar sem esperar retorno. É a expectativa que gera o sofrimento, mais que qualquer coisa.

— Uau! Mais algum segredo que eu não saiba?

— Eu quase casei.

— Você? Como assim, cara? Com quem?

— A Marta, uma ex-namorada. Foi um romance fulminante. Íamos casar em segredo, apenas no cartório.

— Em segredo por quê? Por que nunca me disse nada?

— Você era mais jovem, éramos apenas eu e você... Os pais dela eram contra, ela tinha acabado de completar dezoito. Eu ia contar a você, mas... Acabei desistindo.

— De me contar?

— Não, do casamento. Uma semana antes de cometer essa loucura — seu olhar tornou-se

triste, cheio de pesar e culpa.

Samuel estava completamente embasbacado. E sentia-se culpado. Tinha certeza de que Daniel não havia se casado para não deixa-lo sozinho. O irmão se sacrificara por ele...

Resolveu mudar de assunto.

— Você estava certo sobre outra coisa.

— O quê?

— A bebida. Ela transforma as pessoas. Olha só pra você, com olhos pesados, falando diferente até.

— Foi a bebida que me fez espancar o cara. Sem falar que eu era bem mais jovem.

— Beleza. Agora esse aí foi a saideira, né?

—Certo, certo. Você venceu.

Daniel tomou o último gole e emborcou o copo minúsculo. Samuel o olhava ainda atarantado. Isso o fez refletir. Se nem seu irmão herói ele conhecia direito, a ponto de se surpreender tanto com uma história como aquelas, o que esperar de uma mulher cheia de mistérios que conhecera em uma boate de *strippers*? Talvez Daniel soubesse do fardo que carregava de ser o responsável, o herói, o irmão mais velho, pai e mãe, por isso escondia dele seu lado mais humano, falho. Olhou bem para o irmão como se o fizesse pela primeira vez, e ao invés de um cavaleiro de armadura, viu um ser humano. E isso fez com que se orgulhasse e o admirasse mais ainda. Ele não tinha superpoderes, não era especial. Era apenas Daniel, seu irmão mais velho.

A comida finalmente foi servida. Após o jantar, Daniel dirigiu pelas ruas noturnas, com o preocupado Samuel ao seu lado, temendo pelo seu estado de sobriedade.

Tudo aconteceu muito rápido.

Primeiro o barulho na traseira do carro, o susto terrível da batida no para-choque. Daniel estacionou o carro bruscamente e saltou do mesmo, possesso. Do carro atrás do deles, responsável pela batida, saiu uma mulher apavorada.

— Ai, meu Deus, eu machuquei vocês?

— Podia ter machucado, sua vaca!

A mulher recuou, certa de que seria espancada por aquele homem. Samuel agarrou Daniel pelo braço e o arrastou para o carro, acenando para a mulher para que se acalmasse. Ele estava tão assustado quando ela. Aquele definitivamente não era seu irmão.

Enquanto esperavam pela perícia e Daniel retomava o controle e a ressaca moral ia tomando de conta, abraçou o irmão com um lado do corpo apenas, sem coragem de encará-lo.

— O que eu falei sobre bebida? No final, estou sempre certo, não é, *brother*?

Samuel apenas assentiu. Estava com pena do irmão perfeito.

Dez

Renata teve vontade de correr quando viu o carro se aproximando. Mas era tarde demais. Andou até ele, olhando antes ao redor para certificar-se de que ninguém a via. Não havia ninguém naquela rua por trás de uma escola estadual, com casas muradas do outro lado; o ponto de encontro era realmente ideal, apesar de perigoso. Mas ela queria ter certeza de que ninguém a viria com aquele imundo.

Entrou no carro. Fechou a porta.

O gordo deu um sorriso amarelo. Inclinou-se para lhe dar um beijo, mas ela recuou para o lado.

— Ainda não.

Ele riu. Ela sentiu nojo da risada dele.

Não fora uma decisão fácil. Mas seus pais tinham razão: ela era uma vagabunda. Ela estragara tudo. Havia se entregado à carne antes de graça, apenas para se satisfazer; desta vez, pelo menos, receberia dinheiro em troca.

O carro partiu.

Em sua mente vinha a imagem da igreja, onde ela sempre ia devidamente arrumada, o centro das atenções. Ela merecia aquilo tudo, merecia o conforto que tinha. Talvez tivesse sido imprudente demais se deixando filmar, mas não se arrependia de suas aventuras sexuais, do sexo casual com parceiros diferentes. Era o que a fazia se sentir livre, esperta. As outras garotas da igreja eram devotas, certinhas, privadas. Sim, porque Renata tinha certeza de que todas se masturbavam sonhando em fazer o que ela fazia, mas tinham medo de arriscar. Ela tinha, inclusive, um álibi, um namoradinho sem graça, de fora da igreja, até, mas tão amável que seus pais não se importavam com este detalhe. Aquele *viado*, pensou. Talvez no início alguma coisa nele houvesse feito com que ela se encantasse, mas logo enjoou. Definitivamente não era seu tipo de homem. Samuel nem era homem, era um moleque inexperiente, virgem. Divertia-se não o deixando tocar nela nem dar beijos mais ousados. Talvez o tenha escolhido justamente por isso, para controla-lo, brincar com ele. Queria que os amigos caçoassem dele, assim como ela fazia enquanto transava com outros. No fundo sabia que aquilo era errado, mas sentia-se tão bem o fazendo, que ignorava tal fato completamente. Ela era livre. Selvagem e livre.

E ele estragara tudo.

O gordo não disse nada até a entrada do motel. Ficou assoviando grosseiramente até lá. Pegou a chave do quarto na entrada e estacionou o carro na garagem. Renata saiu do veículo sem expressão; esperou que ele abrisse a porta do quarto dos dois e entrou logo depois do gordo.

— Eu nem me apresentei. Meu nome é Tonico.

Ela soube que a partir daquele momento odiaria aquele nome para sempre.

Ele sentou-se sobre a cama, que cedeu. Havia um grande espelho na cabeceira da cama. Renata viu-se em pé, usando calça jeans e blusa de botão. Nada sexy, pensou. Não ia dar esse gostinho àquele porco imundo. Tonico Encostou-se na cabeceira, os olhos suínos fixos nela, a língua lambendo os lábios grosseiros. Abriu o cinto, empurrou as calças com cueca e tudo, revelando as coxas peludas e o membro curto cercado de nojentos pelos pubianos em uma meia ereção, quase murcho.

Ela sentiu ojeriza. Aquela cena era no mínimo repugnante. Ele estimulava o pênis enquanto olhava para ela, na mesma posição em pé.

— Dá uma voltinha.

Ela obedeceu.

— Tira a calça.

Ela baixava o jeans quando ele a interrompeu:

— Devagar, putinha!

Putinha.

Ela sentiu o sangue ferver. Mas obedeceu. Baixou a calça jeans lentamente, revelando a calcinha rendada.

— Que delícia. Rebola essa bundinha pra mim, rebola.

Ela fez movimentos mecânicos. Isso o irritou.

— Rebola direito. Vai querer o dinheiro ou não, sua puta?

O dinheiro. O dinheiro. O dinheiro.

Rebolou sensualmente.

— Dá um tapinha na bunda.

Ela deu.

— Agora dá uma abaixadinha, vai.

Ela inclinou o corpo para baixo.

— Abre a bunda.

Ela segurou as duas nádegas e as puxou em direções contrárias.

— Isso... isso... Vira! Abre a blusa. Devagar!

Ela satisfez o pedido, desabotoando lentamente, o olhar morto, expressão impassível. Tirou a blusa.

— Tira o sutiã, puta, tira.

Ela desprendeu o mesmo nas costas.

— Tira devagar.

Assim ela o fez, revelando os seios médios.

— Tira a calcinha, delícia! — ele babava de tesão enquanto se masturbava.

Renata não esperou a ordem para tirar devagar. Livrou-se da peça íntima com um movimento ágil.

Ele fez um sinal com o dedo, a chamando.

Ela deu cada passo como se caminhasse em direção a um precipício, o asco tomando conta de seu ser. Subiu na cama. Ele avançou em sua direção e a forçou a deitar, indo em direção a seus seios, abocanhando-os com voracidade, como um porco fuçando em sua lavagem. Ficou imóvel enquanto as mãos abrasivas a acariciavam, quando a boca asquerosa desceu pela sua barriga e invadiu sua vagina. Ele abodegava grosseiramente entre sua coxa com sua boca voraz, machucando-a, tratando sua área genital como um prato sujo sendo lambido por um cão esfomeado.

Olhava para o teto. As lágrimas rolaram para os lados do rosto, mas sua expressão continuava indolente.

Ele finalmente afastou a boca de sua vagina agora emporcalhada de sua saliva e sentou-se, abrindo as pernas.

— Vem!

Ela sentou-se, entendendo o que o "vem" significava.

— Não vou colocar minha boca nesse pau imundo.

— Então não vai receber nenhum centavo, piranha. Chupa!

Assim, sem mais reclamações, ela inclinou-se e colocou o membro parcialmente murcho na boca. Alguns minutos depois ele estava deitado por cima dela, penetrando-a com força, arfando como se prestes a morrer, gemendo e rindo. Sob o pesado corpo ela apenas olhava novamente para além do teto.

Culpa sua, Samuel. Maldito seja, sua bichinha. Maldito seja...

Quando os testículos vomitaram dentro dela e Tonico finalmente saiu de cima de seu corpo, Renata correu para o banheiro e se trancou. Tonico ouviu o barulho do chuveiro, de vômito e de choro, mas não se abalou. Riu satisfeito. Abriu a carteira e retirou os quinhentos reais prometidos, colocando-os em cima do balcão rente à cama. Ligou a TV presa ao teto, acendeu um cigarro e

relaxou.

Uma hora depois, quando Tonico resolveu ir embora, vestiu-se e bateu na porta do banheiro.

— Vamos, putinha.

Ela levantou-se do chão onde estava sentada com a testa nos joelhos e abriu a porta com os olhos vermelhos, o corpo avermelhado de quem havia se esfregado com bastante força. Sua vagina também estava inchada. Caminhou maquinalmente, pegou as peças de roupa no chão e as vestiu também de maneira robótica. Sem expressão. Vazia.

— E o dinheiro?— sua voz saiu tão inexpressiva quanto seu rosto.

Ele apenas apontou com o queixo. Ela foi até lá, pegou o dinheiro, conferindo nota por nota. Então colocou no bolso de trás.

— Já pedi a conta — ele informou sem o mesmo ar libertino de antes, como em uma espécie de ressaca pós-sexo.

Alguns minutos depois ele a deixava no mesmo lugar que a havia pego. Renata caminhou na direção oposta ao veículo. Chorou novamente, sentindo-se imunda, com o fluido asqueroso do gordo dentro dela. Seus passos ecoavam pela noite. E só então percebeu que estava em um local perigoso com quinhentos reais no bolso.

Apressou o passo.

Pegou a pulseira de ouro com sua inicial e colocou no bolso. Dobrou uma esquina, duas, três. Finalmente alcançou uma avenida e sentiu-se mais segura, apesar do pouco movimento. Andou até uma parada de ônibus deserta, mas com um bar próximo com movimentação.

Só respirou segura quando seu ônibus veio.

Desceu meia hora depois em seu ponto. Caminhava pela rua que dava acesso à sua casa tentando apagar a imagem horrível de sua cabeça.

Nem ouviu o barulho da moto chegando perto demais por trás dela.

— Passa o celular, vagabunda!

Seu corpo virou-se por instinto, trêmulo, impotente. O que estava na garupa saltou com um revólver na mão.

— Passa o celular, porra!

Ela não havia levado o celular. Nem bolsa. Temia ser assaltada...

Ele a segurou com força no braço e enfiou a mão que não segurava a arma em seus bolsos. Renata quis correr, mas sabia que levaria um tiro. E seu corpo paralisado não responderia de qualquer maneira.

A mão ágil encontrou as notas no bolso traseiro. O assaltante deu-lhe um empurrão violento e montou na moto, que disparou.

Ficou ali, caída no chão, olhando para o céu escuro, respirando pesado demais, como uma válvula prestes a explodir.

E explodiu em um grito de rasgar os pulmões e contorcer o corpo inteiro, como em uma possessão demoníaca.



Quase uma semana havia se passado desde que Samuel havia se encontrado com Ariel na chuva. E ele estava na parada de ônibus da universidade à noite quando ela surgiu, sorridente, caminhando entre os outros universitários como se fosse mais uma. O mesmo olhar felino da Arlequim, mas o sorriso era ameno, sem mostrar os dentes.

Samuel talvez não conseguisse descrever o gatilho emocional acionado quando via Ariel, que desencadeava inúmeros processos químicos em seu corpo, bagunçava com o funcionamento rotineiro do seu organismo, e definitivamente, deixava-o instantaneamente feliz.

Sem drama. Sem perguntas. Um abraço mudo, que falava por si só.

— Olá.

— Olá.

— Indo pra casa?

— Era meu plano até você aparecer.

— E qual é o seu plano agora?

— Ficar com você até você desaparecer.

— Olha só, aprendendo as regras — ela fez uma cara de mãe orgulhosa.

— Tenho outra escolha?

— Se ir pra casa te parece mais interessante... — provocou.

— Se for com você...

— Está me convidando pra apresentar à família?

— Apresentaria com todo prazer. Daniel, essa é a minha... minha... — fez uma expressão caricata de quem não lembra ou não consegue achar uma palavras para algo.

— Sem chances, baby. Somos o segredo um do outro. Nada de terceiros.

Samuel não conseguiu esconder o desapontamento. A “namorada” invisível.

— Então, pra onde vamos?

Samuel tenha alguns trocados apenas.

— Minha casa?

— Já disse que...

— Ele está viajando. Estou sozinho no apartamento.

— Sou moça de família. O que vão pensar de mim entrando no apartamento de um rapaz que está sozinho?

E antes que ele falasse, o calou com um beijo.

— Esta é minha humilde residência — Samuel disse estendendo o braço, em um gesto convidativo para que ela entrasse.

Ariel olhou ao redor, aparentando surpresa.

— Eu esperava uma caverna com cuecas e meias por todo canto. Dois homens morando sozinhos? Estou chocada com a limpeza e organização.

Samuel apresentou cada um dos cômodos, que não eram muitos. O apartamento consistia em dois quartos, a sala, a cozinha americana e o banheiro, sem suítes. Deixou seu quarto por último.

— Essa é minha fortaleza da solidão.

— Que cheiro de esperma! — ela tapou o nariz.

— Sério? — ele ruborizou de imediato.

Ela riu.

— Não, seu bobo. Tirando o fato de que parece o quarto de um adolescente...

— Tenho dezenove, tiazona.

— Com dezenove eu tinha mais bom gosto.

— Falando em gosto... — Samuel avançou e a beijou, segurando-a pela nuca e pela cintura, forçando-a a caminhar para trás e sentar na cama.

— Uau. Onde o menino aprendeu a segurar uma mulher assim?

Ele sorriu satisfeito e voltou a beijá-la. Na verdade, havia aprendido lendo sites e sites sobre como enlouquecer uma mulher na cama. Como segurá-las na hora de beijar, como ter a tão famosa "pegada" de que todas falavam. Assistiu filmes românticos para ver como os garanhões se portavam com suas mocinhas, e filmes pornôs, para aprender posições diferentes, aprender como fazer sexo oral corretamente, etc. Um manual completo de como ser o homem viril sonhado por elas, o mestre da satisfação feminina.

Mas esquecera-se de quase tudo nos braços dela. Deixou-se levar pelo desejo, deixou o corpo agir por si só, em sintonia com o dela. Logo estavam despidos, um corpo só, suados, pele na pele, diferente da brutalidade machista dos pornôs que assistira, em que quase não havia contato corporal a não ser das genitálias. Penetrava Ariel no mesmo ritmo do beijo, os dois corpos em êxtase tão colados quanto possível. Trocavam de posições sutilmente, com os membros entrelaçados

em cada uma delas; fosse as pernas dela em suas costas, em X, ou pernas e braços emaranhados em uma dança sensual que culminou em um orgasmo de Ariel. Ao ouvir o gemido característico, a contorção no corpo dela, Samuel também gozou, os corpos se espremendo ainda mais um no outro enquanto satisfaziam-se ao mesmo tempo.

Ficaram abraçados por um tempo, sob os lençóis, acariciando o rosto um do outro enquanto os olhares cruzavam-se com ternura, sem articularem uma única palavra. Um silêncio sagrado, um momento primoroso, pensou Samuel.

— Há muito tempo não faço amor — ela disse com uma centelha de tristeza no olhar. — Apenas sexo.

— Foi incrível.

— Foi? Então recite um poema sobre isso, senhor poeta.

— Recitar, assim, do nada?

— Que espécie de poeta você é?

— O tipo que escreve, não que recita.

— Pois escreva, espertinho.

Ele levantou e foi até a mochila, abrindo-a a pegando o caderninho preto e uma caneta. Ariel o observou sentado e concentrado em sua mesa de estudos, enquanto escrevia. Quando ele terminou, andou até ela, mas parou por um instante, contemplando aquela deusa sobre sua cama.

— Aqui — ele entregou.

Ela leu apenas com os olhos.

E somos um só, e o tempo para
E respiramos o ar um do outro em nirvana
Nossas carnes e almas se confundem
Nossas peles e pelos se fundem
E cada poro implora
Para que chegue a hora
De o prazer deflagrar em estado líquido

— É magnífico, Sam — ela o olhou com sincera surpresa e fascínio.

Ele sorriu, baixando o olhar.

— É lindo como você delineia, a maneira como descreve, as palavras que escolhe...

— É minha alma dizendo o que minha boca não consegue.

Ela se inclinou e deu-lhe um beijo.

— Com fome? — ele perguntou.

— Morrendo.

— Vou preparar alguma coisa.

— Você cozinha?

— Por que a surpresa? Eu e meu irmão não temos empregada.

Ele se vestiu e foi para a cozinha. Ela ficou sentada, folheando o caderninho preto, lendo outros poemas e pensamentos. Estava maravilhada com cada um deles, e lisonjeada de saber que eram todos endereçados a ela, sem medo de ser pretensiosa.

E sem aviso a felicidade me desperta
E vivo um sonho que nunca ousei sonhar
Mas as cortinas do adeus sempre se fecham
Sou miseravelmente forçado a acordar

Releu alguns mais de uma vez, emocionada com a sensibilidade de Samuel:

Teu perfume
Tua pele
Teu sorriso
Teu olhar
Teu mistério
Tua voz
Teu encanto
Tua cor
Teu tudo
Meu amor

Ariel andou até a cozinha, nua como estava, abraçou Samuel pelas costas, aninhando-se a ele, repousando o rosto com ternura em seu cangote.

— "Você é meu sonho de carne e osso, meu conto de fadas adulto. A angústia que você trás quando se vai não é maior que a felicidade de quando incertamente reaparece, e torna infinito o mais breve dos instantes".

— Você decorou?

— É lindo, Sam...

Ela o apertou mais forte.

— É tudo sobre mim?

— Claro que não. Um pra cada conquista.

Ela o largou, dando-lhe um tapinha no ombro, divertida.

— Cafajeste.

— É tudo pra você. Minha musa do nunca.

— Musa do nunca?

— Tem todo um contexto.

— Não explica, eu amei.

Ele contemplou o corpo nu de Ariel e a beijou novamente.

— Ajuda na cozinha?

— A dondoca sabe cozinhar?

— Não me subestime, moleque.

— Outro dia. Tenho que te impressionar primeiro.

— "Outro dia", Sam... Esqueceu?

—Bla, bla, bla. Fique sentadinha enquanto eu... — parou de falar como se lembrasse de algo. Estreitou os olhos para ela, como um pai para uma menina sapeca prestes a fazer estripulias.

Correu até a porta da sala e a trancou. Voltou balançando a chave, vitorioso.

— Nem pensar, David Coperfield.

— Eu não ia fugir antes de provar da tua comida. Estou morrendo de fome.

— Só por precaução.

Ela sorriu, prendendo o cabelo e caminhando em direção a seu quarto, enquanto ele acompanhava seu rebolado nu.

Minutos depois os dois jantaram a macarronada feita por Samuel, que ela aprovou aparentando estar surpreendida.

— Esperava muuuuito menos.

— Isto fica feliz em ser útil — recitou a fala do robô interpretado por Robin Willians em O Homem Bicentenário.

— Amo esse filme.

Então falaram sobre filmes. E ele mostrou-lhe sua coleção de DVDs e entre eles, seus jogos.

— Muito adolescente mesmo... Olha isso.

— São jogos sérios — defendeu-se.

— Estou vendo. "Crash". Com uma raposa em um carro...

— Te desafio a me vencer nesse game.

— Me recuso.

— Bora?

Então jogaram vídeo game, um jogo em que personagens animados faziam uma corrida de carros, com direito a se destruírem no processo, com foguetes, bombas e outros artifícios mágicos que deixavam tudo divertido e viciante. Jogaram por quase uma hora.

— Cansei.

— De perder? — ele sorriu, triunfante.

— Admito que é bem divertido. Liga o PC. Deixa eu te mostrar música boa.

Ela abriu o *youtube*, mostrando-lhe algumas das bandas que gostava e suas músicas prediletas.

— Ah, escuta essa. Cícero, conhece?

— A música se chama Cícero?

— O cantor.

— Nome de vinho barato.

—Ouve, ignorante.

Ela colocou uma seleção de músicas em sequência para tocar e os dois se beijaram. Foram para a cama e voltaram a fazer amor. Depois ficaram abraçados, ouvindo a música em silêncio. Na *playlist* havia Phill Veras, Paulinho Moska, Ana Larousse, Chico Buarque, Tom Jobim e Marisa Monte. Samuel não queria estragar aquele momento, mas tinha de tocar no assunto:

— Meus amigos foram ao Paraíso da Perdição. Estão procurando você.

O olhar de Ariel ficou sombrio. Era Arlequim, agora.

— Fique longe de lá, Sam.

— Não vou. Mas meus amigos foram e eles quase foram aleijados por serem meus amigos. Acham que eu sei onde você está.

— Você não sabe.

— Mesmo que soubesse. Pode confiar em mim.

— Ninguém mantém um segredo sob tortura.

— Eu manteria.

— Não, Sam. Não manteria.

— Você fala como se tivesse tanta certeza... — engoliu em seco antes de perguntar: — Você já foi torturada?

— Eu falei para não tocar no meu passado.

— Eu sei, mas...

— Sam!

— Desculpa.

Ficaram um momento em silêncio. Um silêncio pesado. Mas a angústia dominou Samuel impedindo-o de continuar calado.

— Então é isso. Você vai sumir e provavelmente nunca mais vou te ver e nem mesmo vou saber quem você é.

— É melhor assim.

— Melhor como? Você não tem ideia do que é ficar longe de você. Por mim não te deixava ir nunca!

— Tem que ser assim.

— Por quê?

— Apenas aceite. Guarde esse momento, os que passamos juntos na memória e guarde pra sempre. É assim que nossa história deve funcionar. Feita de momentos, momentos felizes, sem futuro, sem passado.

— Não sei fazer isso. Se passar por essa porta e nunca mais voltar, vou passar a eternidade esperando que reapareça.

— Eu sei que não é justo. Eu não deveria ter entrado em sua vida, mas já que entrei, preciso que veja o "nós" desse jeito. Sem perspectivas. Aprendemos a ser fortes quando praticamos o desapego. Se somos capazes de deixar as coisas que mais amamos irem, nada pode nos ferir.

— Eu quero ser ferido.

— Pelo amor de Deus, Sam! Pensei que tinha entendido.

— Você é casada, é isso?

Ela deu um sorriso, como se aquilo fosse ridículo.

— Não.

— Então tem alguma doença terminal e não quer se apegar pra não te verem morrer.

O olhar dela ficou ainda mais obscuro.

— Está quente.

— Então você...

— Chega! — vociferou.

Ele ficou quieto, olhando-a num misto de medo e angústia.

— Não me faça ir embora desse jeito, em um clima negativo. Se esse for nosso último encontro, quero que seja uma lembrança feliz.

— Desculpa.

— Não precisa se desculpar. Eu entendo você. Só quero que me entenda e respeite minhas condições. O que me impulsiona a rever você é a paz que você me traz. É egoísmo, eu sei. Eu só

quero paz. Pode me dar isso, Sam?

— ...

— Olha pra mim, Sam. Vai trabalhar o psicológico para praticar o desapego. E essa vai ser a última vez que toca nesse assunto. Quando eu era adolescente tinha uma grande amiga. Costumávamos escolher um dia em que podíamos fazer qualquer coisa, qualquer coisa, e jamais tocar no assunto novamente, nosso segredo mortal, mesmo que não fizéssemos nada de obscuro ou especial. Era só pela satisfação de ter um dia como aquele. Chamávamos de dia inexistente. Foram poucos esses dias, mas foram inesquecíveis, nosso segredo. Jamais falei nada que tenha acontecido nesses dias a ninguém.

— Por que está contando essa história?

— Por que eu sou seu eterno dia inexistente. E você é o meu. Meu segredo mais delicioso, e nada pode tirar isso de nós.

E o beijou. Ficaram agarrados fazendo carinho um no outro. A música no computador cessou. Os dois adormeceram.

Quando Samuel acordou, estava sozinho na cama. Correu até a sala só para constatar o óbvio: a chave jogada por baixo da porta. E um bilhete.

Adeus.

Ass.: Sua Musa do Nunca.

Ela se fora mais uma vez. Seu dia inexistente tinha mais um crepúsculo. Ou no caso, mais um alvorecer. Foi quando se deu conta de um fato curioso.

Ela só aparecia à noite.

Onze

Luiz Antônio percebeu que algo estava muito errado quando o carro pegou uma estrada de terra. Para onde o barbudo o estava levando? Ficou em silêncio, maldizendo o momento em que entrou naquele veículo; ninguém sabia que ele estava ali. Olhou hesitante para o motorista, tentando esconder o medo que sentia, cada vez mais evidente. Com aquela barba cor de cobre, olhos e porte, lembrava fácil a imagem caricata de um viking. Olhos famintos, avermelhados e fundos.

— Para onde estamos indo?

Não houve resposta.

— Para onde estamos indo? — repetiu mais alto.

O carro parou, causando uma cortina de poeira.

— Desce do carro.

Luiz Antônio sentiu o corpo inteiro estremecer.

— Mas...

— Desce do carro.

Ele obedeceu. Saiu do carro, com o primeiro ímpeto de sair dali correndo. Mas não se atreveu. Olhou ao redor, para os morros e árvores dos dois lados da estrada.

— Por que me trouxe aqui?

— Onde você viu o homem da foto?

— Calma aí — Luiz Antônio tentou impor a voz para demonstrar que *ele* estava no controle. — Eu digo o que quiser saber, mas vamos acertar o preço.

Leônidas deu um passo em direção a ele, os olhos frios ameaçadores fixos nos seus.

— Onde você viu o homem da foto?

— Eu não vou fa...

Como um leão, Leônidas atacou, agarrando seu cabelo pela nuca e batendo com violência sua cabeça contra o capô do carro.

— Onde você viu o homem da foto?

— Se me machucar nunca vai saber! — clamou em desespero.

O soco no estômago de baixo pra cima o fez perder o ar por alguns segundos. Leônidas

largou seu cabelo para que pudesse cair no chão com as mãos na barriga. Luiz Antônio arreganhava a boca à procura de oxigênio. Tinha que pensar rápido. Leônidas estava desarmado, e apesar do porte físico, nada atlético, mas avantajado, era um cinquentão. Podia arriscar revidar.

—Levanta, seu monte de merda.

— Por que está fazendo isso? Eu... eu quero ajudar.

— Você quer explorar a dor de um pai que perdeu o filho, seu lixo. Eu tenho dinheiro, poderia pagar. Mas não vou dar um centavo. E você vai falar.

Luiz Antônio pôs-se em pé rapidamente, dando alguns passos para trás, levantando poeira. Leônidas ficou onde estava, fitando-o com nojo. O jovem tinha certeza de que ele o mataria.

Deu um giro. Correu, para o outro lado da estrada, em direção a um morro.

Estouro.

A carne da coxa sendo atravessada em uma fração de segundos.

A queda. Cara no chão. Então o grito.

Leônidas aproximou-se com a pistola esfumaçando na mão.

— Eu falo! Eu falo! Por favor, não atira!

— E quanto vai cobrar?

— Nada! Nada! Só quero ir embora. Não atira, por favor! — deu um grito de dor, apertando a coxa para estancar o sangramento. A bala com certeza acertara seu fêmur.

Luiz Antônio viu o olhar medonho cortar sua alma. Aquele homem era um demônio.

— Ele é segurança.

— De onde?

— De uma boate... Uma boate de *strippers*. Eu posso levar você lá.

— Diga o nome.

Era sua única chance de sair, vivo, ele sabia.

— Eu não lembro.

O tiro acertou sua canela. Gritou tão alto que sentiu a garganta ferir.

— Paraíso da Perdição! — gritou, voltando a agonizar aos berros.

— Você está mentindo?

— Não, eu juro que não! Não atira! Não atira! Eu imploro!

— Quanto ia me cobrar por essa informação?

— Nada! Nada! Nem um centavo! Deixa eu ir embora, preciso de um hospital!

— Acabou de mentir pra mim. Quantas mentiras está me contando? — a voz fria saia cortante.

— Tudo bem! Eu ia ver o quanto... o quanto queria pagar... Não tinha um preço em mente!

Por favor! — chorava alto, sentindo os ossos partidos, a carne queimando.

— O quando eu quisesse pagar?

— Por favor!

—Eu te daria todo o dinheiro que tenho, meu apartamento, tudo. Só pra me dar a informação que me deu. Só pra pegar o desgraçado que torturou e matou meu filho.

— Então por que isso? — berrou. — Não precisava atirar!

— Por que sinto nojo de um urubu repugnante como você, que além de tudo é amador. Um bosta querendo se alimentar da dor alheia. Com um esterco como você não preciso gastar mais que três balas.

Luiz Antônio entrou em pânico ou ouvir "três balas".

Um movimento ágil de Leônidas, mais um estrondo e o rapaz caía de costas, com pedaços do próprio cérebro no chão.

Sem qualquer sinal de emoção, Leônidas andou até o automóvel, abriu o porta-malas e pegou uma pá.

• • •

—Fala,viado.

— Estou na praça de filosofia. Vem aqui — a voz de Elias saiu séria demais.

— Beleza — Samuel desligou.

Pouco tempo depois Samuel chegava à chamada "praça de filosofia", setor mais hippie da universidade, onde os alunos mais alternativos se reuniam para fumar, conversar, tocar violão. Elias era frequentador assíduo da praça, o ídolo dos calouros. Ele estava sentado num banco mais afastado das tribos de alunos.

— E aí.

— Senta aí, Sam.

Elias raramente cumprimentava Samuel ou qualquer outro amigo sem algum tipo de ofensa. Era estranho que estivesse tão circunspecto e o chamasse de "Sam". Só o fazia quando falava sério.

Sentou-se.

— Porra, Sam, você sabe que pode confiar em mim, não sabe?

— Sei sim.

— Então por que mentir, velho? Eu estou do teu lado.

— Do que você está falando?

—Você foi visto com a Arlequim ontem. Na parada.

Samuel engoliu em seco. Claro que o haviam visto se beijando.

— Como sabe que era a Arlequim?

— Uma mulher excepcionalmente linda pra ti de vinte e poucos te beijando. Preciso ter o Q.I genial pra deduzir quem é?

Samuel baixou a cabeça, envergonhado, como uma criança pega no flagra.

—Desculpa, cara. Eu estava com medo.

— De quê?

— De envolver outras pessoas.

— Se tivesse me dito eu nem teria pisado os pés na boate. E quase fui morto por causa disso.

— Eu sei, desculpa.

— Você não sabe com quem está se metendo.

— Eu estou apaixonado.

— Por uma *stripper?*Acorda, Sam! Ela deve ser tão bandida quanto todos eles. Ele é parte deles.

— Ela deixou o lugar quando me conheceu.

— E isso faz sentido pra ti? Ela de repente larga a vida de prostituta por conhecer um grande amor? Porra, Sam, isso é vida real. Você romantiza demais as coisas, não enxerga o perigo de se envolver com essa mulher.

— Eu sei o que estou fazendo.

— Não, caralho! Não sabe! Eles vão te matar se encontrarem os dois juntos.

— Isso é problema meu.

— Estou tentando salvar tua vida!

— Agradeço, mas não preciso.

— Caralho, ela te hipnotizou? Fez um chá de boceta e te deu?

— Eu não preciso de ajuda, cara. Mesmo. Ela é uma ótima pessoa.

— Sim, ela é. É uma delícia. Mas o que você sabe sobre ela?

Samuel ficou calado.

— Está vendo? Nem sabe com quem está se metendo. Não sabe o passado dela, não é?

— Não.

— E ela explicou por que largou tudo pra viver um romance contigo?

Silêncio.

— Estão namorando?

— Não.

— Menos mal. Daqui a pouco vai colocar uma aliança na mão dela.

— Sim, cara, eu colocaria sim — Samuel alterou a voz. — Ela é uma mulher como qualquer outra. Não. Ela é especial. Ela não é o que parece e eu sei que não. Não preciso saber o passado dela; é o presente que me interessa!

Elias bateu palmas zombeteiramente.

— Bravo! Vou escrever isso na tua lápide quando ela te matar.

— Falou — Samuel se levantou.

— Espera — Elias o imitou.

Elias ficou em silêncio, procurando as palavras certas antes de falar:

— Eu estou do teu lado. Você é o irmãozinho viado que nunca tive — observou Samuel dar um sorrisinho, quebrando um pouco o clima. — E eu estou realmente preocupado, por ser teu amigo, entende? Se não fosse, mandava você se foder e esperava que se fodesse pra jogar na tua cara que estava certo. Se ainda estivesse vivo, claro.

— Eu sei. Valeu. Mas não precisa se preocupar. Confia em mim.

— Em você eu confio. Coloco a mão no fogo. Mas nela não. E você não sabe nada sobre ela. Sou contra, não nego. Vou torcer pra ela te dar um pé na bunda e você vir choramingar escrevendo poemas depressivos. Mas a salvo, ileso.

— Não comenta nada com os caras. Sabe como eles são.

— Relaxa. Mas se continuar se expondo, vai acabar atraindo atenções muito mais preocupantes.

Samuel fez um sinal com o queixo de despedida e se afastou. Sabia que Elias estava certo.

Na noite do mesmo dia ela reapareceu. Veio por trás quando caminhava para o apartamento e tapou seus olhos. O susto o paralisou momentaneamente, mas a maciez das mãos e o perfume inebriante o acalmaram quase que instantaneamente.

— Conheço esse cheiro. Espera, está fácil... A dona da peixaria, dona Aldenira!

Ela o largou dando uma risada e um leve empurrão.

— Tenho mãos enrugadas e cheiro a peixe?

— Sereias são peixes.

— Vai insistir nessa cantada barata?

— Demorando cada vez menos. Não resistiu de saudades nem por um dia?

— Está reclamando, garotão?

— Assim complica minha agenda. As outras garotas vão sentir ciúmes.

— As imaginárias ou as das revistas pornográficas?

— Veio me insultar?

— Vim te convidar pra dar uma volta. Topa?

— Posso tomar banho e trocar de roupa? Passei o dia na universidade.

—Te dou cinco minutos.

Subiram ao apartamento. Samuel tomou banho e trocou de roupa rápido, com medo de sair na sala e ela ter sumido. Mas não. Lá estava ela, sorridente, sentada no sofá, de pernas cruzadas.

— Você é linda.

— Você é repetitivo.

Ela levantou-se e deram um beijo.

— Vamos.

— Um parque de diversões?

— Mágico, não é?

Samuel olhou ao redor, para os brinquedos gigantes, adultos e crianças em um mar de carne e osso. Luzes neon e de todos os tipos, o paraíso de qualquer criança.

— É algum tipo de piada? — perguntou incrédulo, os dois de mãos dadas. — Está me chamando de criança?

— Diversão não é exclusividade dos miúdos

— Você *realmente* gosta de parques?

— Faz um século que não vou a um parque. A criança em mim clamava por isso.

— A criança em você? — ele riu.

— Já leu O Pequeno Príncipe?

— Aquele do desenho animado que o loirinho pega carona nos cometas? — fez a pergunta em tom desdenhoso.

— Pra um poeta até que você é bem ignorante. É um clássico da literatura universal.

— Literatura infantil, você quer dizer. Passei da idade.

— É um livro infantil para adultos. Uma criança dificilmente enxergaria as mensagens lindas do livro. Apenas um adulto sensível é capaz. E digo mais. Para um adulto que capte tais mensagens, se o mesmo for acusado de cometer um crime hediondo, eu coloco as mãos no fogo pela inocência dele.

— Soou como um desafio.

— Leia o livro.

— Soou como uma ordem.

Os dois riram.

— Sabe pra que te trouxe aqui?

— Pra quê?

— Pra vencer um medo de criança. Sempre sonhei em andar de roda gigante, mas sempre tive medo.

Ele riu.

— Você está brincando.

— Juro. Em minha cidade natal uma roda gigante saiu do lugar e várias pessoas se feriram e algumas morreram. Eu era uma menina. Fiquei traumatizada.

Samuel a puxou pela mão, com um sorriso desafiador. Comprou os tickets, enfrentaram a fila. Sentiu a mão de Ariel gelar quando se sentaram no brinquedo. Ela estava genuinamente nervosa.

— Ainda acho que você está tirando uma com minha cara.

— Estou apavorada.

Ela realmente estava pálida. Suava frio. Ele divertiu-se com a cena ridícula. A mulher que se impunha com o porte felino tinha medo de roda gigante. Bastou que o brinquedo começasse a girar para que ela entrasse em pânico e se agarrasse a ele com todas as forças, amassando sua camisa enquanto segurava-se a ela na altura do peito, enterrando a cabeça em seu ombro. Ele se divertia com o medo dela. De certa forma fazia com que se sentisse especial. A respiração dela no seu pescoço enquanto gritava, seus cabelos tocando seu corpo e deixando-o arrepiado, o cheiro entorpecente do cabelo e da pele... Tudo parecia um sonho. Samuel decidiu que não importava de onde ela viera ou o que costumava fazer. A única coisa importante era o agora. Carpe Diem. Seguia o conselho de Daniel, estava deixando o passado para trás. E estava funcionando.

Após algumas voltas ela estava mais calma. Desaninhou a cabeça do ombro de Samuel e arriscou olhar ao redor. Deu uma risada nervosa.

— Que lindo!

— Que repetitiva.

Os dois se beijaram. De olhos fechados, enquanto subiam e desciam; a sensação de que flutuavam de lábios colados. Ela largou a camisa dele e segurou sua nuca. Quando a roda gigante parou, ela estava radiante. Era Ariel ali, Samuel identificou; nenhum sinal da felina Arlequim. Toda aquela empolgação juvenil , toda aquela ternura não combinava com a *stripper* selvagem e melancólica. Percebeu que amava as duas em suas devidas proporções. As duas o enlouqueciam, o intrigavam, encantavam, faziam a poesia borbulhar em seu cérebro, implorando para tomar vida

no papel.

Voltaram para o apartamento após se divertirem em mais alguns brinquedos. Ouviram música, conversaram, fizeram sexo, voltaram a conversar, e finalmente adormeceram abraçados.

Samuel acordou no susto, o espaço ao seu lado vazio. O cheiro dela ainda ali nos cobertores. Suspirou fundo, comprimindo os lençóis macios às narinas para senti-la mais uma vez.

Ergueu a cabeça alerta. Um barulho vinha da cozinha.

Barulho de algo sendo frito.

Saltou da cama, o coração esperançoso batendo forte.

Ela estava de costas, usando uma camisa sua, larga demais nela, e uma calcinha. O cabelo amarrado em um rabo-de-cavalo.

— Acordou, donzelo?

— É manhã e você ainda está aqui...

— Está tão surpreso por eu ainda está aqui ou por estar de manhã?

— Nunca te vi à luz do sol.

Ela deu uma risada.

— Achou que eu fosse uma vampira?

— Uma criatura das trevas, sim.

— Talvez eu queime quando abrir as janelas.

— Daria um poema e tanto. "A dama em chamas".

— Achei brega — tirou a frigideira do fogo. Colocou o conteúdo em um prato. — Panquecas. Gosta?

— Com esse cheiro, impossível não gostar.

— Para de me bajular, é ridículo.

Enquanto comiam, trocavam olhares silenciosos, sorriam um para o outro, sem necessidade de palavras. Samuel sentia-se completo. Feliz. Absurdamente feliz. Mais uma vez desejou congelar aquele momento no tempo, pois sabia que ele dificilmente se repetiria. E a vontade massacrante em seu peito era de dizer o quanto a amava, mas não se atrevia. Preferiu ficar calado, como alguém bem próximo de um belíssimo e raro animal, contemplando-o escondido, e temendo fazer o mínimo barulho para não espantar aquela preciosidade.

— Quando vai me levar pra conhecer sua casa? — disse por fim.

— Nunca.

— Como assim nunca?

— Não estamos namorando. Não há necessidade de conhecermos a casa um do outro.

— Você conheceu a minha.

— Perfeito então.

— Perfeito nada. O que esconde em sua casa?

— A mim.

— Achei você.

— Não precisa da casa então.

— Não confia em mim?

— Ninguém sabe onde eu moro, Sam.

— Não confia em mim? — repetiu.

— Já disse, ninguém mantém um segredo sob tortura. Nem sei se vamos nos ver de novo. Minha casa não interessa. Assunto encerrado, O.K?

Ele apenas assentiu, contrariado. Ela continuou, tentando mudar de assunto:

— Não vai para a faculdade pela manhã?

— Só pela tarde.

— Podemos fazer um programa agora então — ela sugeriu.

— Depende. Quanto é o programa, moça?

Ela riu.

— Gosto do seu humor negro. Uma hora chega ao nível do meu.

— Ui. "Ao nível do meu" — ele imitou comicamente.

— Uma criança com câncer terminal estava fazendo aniversário e os médicos do setor de oncologia resolveram fazer uma surpresa para ela. Um bolinho, vela, balões. Aí todos se reuniram ao redor dela e começaram a cantar: "Parabéns pra você! Nesta data querida! Muitas felicidades! *La la lá la la la lá!*".

Samuel riu. Alto. Os dois gargalharam juntos por alguns segundos.

— "La la lá la la la lá" — ele imitou no ritmo da música. — Você vai queimar no inferno! Sabe disso, não sabe?

Ela parou de rir, deixando o sorriso murchar aos poucos.

— Sim, eu sei.

Samuel percebeu o clima pesar. Sua vontade era de fazer mil perguntas, mas preferiu não estragar o momento.

— Vamos dar uma volta?

— Eu tenho que ir.

O coração dele apertou.

— Como assim? Você acabou de sugerir...

— Desculpa, Sam. Eu realmente tenho que ir.

— Foi algo que eu disse?

— Não — disse já se levantando, limpando os lábios com um lenço. — deixo a louça pra você — ela piscou forçando um sorriso.

— Ariel...

— Sam — disse com a voz firme, com certa autoridade. Depois amainou — Relaxa. Só umas lembranças ruins. Quando vêm, estragam meu humor. Prefiro deixar como estávamos.

A angústia foi tomando conta de Samuel.

— Espera um pouco que passa. Vamos dar uma volta, pegar um ar. Já você esquece...

— Vou trocar de roupa — foi para o quarto. E pelo tom de voz dela Samuel teve certeza de que não era para darem uma volta.

Seguiu-a aflito, sabendo que não poderia fazer nada para que ela mudasse de ideia. Ariel já vestida caminhou em sua direção e o deu-lhe um beijo suave nos lábios, apenas. Olhou-o nos olhos sorrindo.

— Adeus, Sam.

E saiu.

Samuel ficou onde estava. Ouviu o barulho da porta da sala abrir-se e fechar-se, e então o silêncio.

Foi quando teve a ideia de segui-la, como um estalo na mente. Vestiu-se às pressas e correu para a porta do apartamento. Desceu as escadas e saiu do prédio. Olhou para os dois lados da rua. Nem sinal dela.

Colocou as mãos nos bolsos e voltou para o apartamento de cabeça baixa, sentindo-se um idiota.

Doze

Adão fez um sinal para que o homem de meia idade sentasse. Tinha cabelos penteados com gel e a tatuagem de uma caveira no pescoço. O homem que o acompanhava ficou em pé, próximo ao segurança tatuado de Adão.

— A que devo a honra de sua presença, Iguana? — Adão abriu um sorriso cordial.

— Deve imaginar, primo.

— Preciso de um pouco mais de tempo. Não consegui todo o dinheiro. A boate teve uma queda de lucros, mas o serviço de acompanhantes está funcionando normalmente. Preciso de uma semana.

— Uma bebida — Iguana disse fazendo um sinal com a mão.

Adão foi ao frigobar e pegou uma garrafa e whisky e dois copos de vidro. Serviu os dois.

— Uma semana... — Iguana repetiu enquanto tomava um gole. — Você não tem falhado há um bom tempo, primo. Subiu em meu conceito, mereceu meu respeito. Dominou os lucros da área — balançou o líquido no copo, olhando para o fundo, por fim tomou outro gole. — Mas você entende que estamos lidando com negócios. É um esquema simples de ser seguido: você é responsável por financiar a compra das drogas, e em troca tem financiamento para aumentar seu império. Funcionários, subornos, tudo isso vem do meu dinheiro que você toma conta.

— Eu conheço bem o esquema.

— Então não preciso frisar que o dinheiro do tráfico tem outros propósitos, e não cabe a esse dinheiro comprar os carregamentos de cocaína. Esse dinheiro vem de você — apontou o dedo para Adão. — E meu acordo com o cartel é bem claro: carregamento fixo por pagamento fixo — deu um último gole que esvaziou o copo, levantando-se. — Uma semana e nada mais, Adão.

Iguana saiu do escritório, seguido por seu acompanhante. O segurança tatuado de Adão, que estava em pé como um cão de guarda, aproximou-se do chefe.

— Deveríamos ter seguido os moleques.

Adão pegou um copo de vidro sobre sua escrivaninha e jogou-o com violenta força contra a parede, levantando-se tomado de fúria:

— Vai me dizer o que eu tenho que fazer? — esgoelou, deixando o tatuado acuado, dando

um passo para trás. — Essa puta desgraçada elevou meus lucros e agora vai me foder? Ela fodeu com a porra do esquema! Fodeu com tudo! O cartel não aceita falhas! O Iguana não aceita falhas! — esfregou as mãos no rosto retomando o controle. Respirou fundo, foi até a mesa, colocou uma dose de whisky no copo que Iguana bebera e tomou em dois goles. Então voltou a sentar-se na cadeira giratória, aparentemente calmo. — Duvido que o pirralho que levou ela pra jantar tenha algum envolvimento. Só assustei eles pra ter certeza, e se souberem de algo vão falar, ou por medo ou por ganância. Estamos falando da besta-fera gostosa. Quais são as chances daquele demônio se apaixonar? Pra isso precisaria de um coração — acendeu um cigarro. — Ela deve ter fugido, ou morrido, quem sabe. Não ia me surpreender se ela tivesse se matado — deu um trago profundo, depois soltou a baforada para o alto — Meu pacto com essa piranha só acaba quando ela morrer! Por falar nisso, preciso que destruam o *Calvário*. Se o encontrarem podem associar à boate e não quero envolver os negócios com as atrocidades satânicas da Arlequim. Onde está o Vagner?

— Saiu pra comprar cigarros faz um tempo já.

Adão discou no celular. Aguardou uns segundos com o aparelho na orelha.

— Esse imbecil não atende.

— Mas ele sempre atende, principalmente se for o senhor.

Adão fechou os olhos, dando mais uma tragada, guardando o celular no bolso. O tatuado estava tenso; sabia que aqueles silêncios repentinos de seu chefe significavam seu nível de paciência esgotado. E sabia o que ele era capaz quando a paciência se esvaía. Sempre sobrava pra alguém.

Cadê você, seu idiota?

— É o chefe, eu tenho que atender — Vagner disse com falsa tranquilidade.

— Você tem que calar a boca e continuar dirigindo — Leônidas disse no banco do passageiro, com a arma em punho fixada em sua costelas.

O telefone parou de tocar.

— Pra onde está me levando?

— Dirija — a voz cortante de Leônidas o deixou mais preocupado do que já estava, mas não queria aparentar fraqueza.

— Quem diabos é você?

— Não lembra mesmo de mim, não é?

— Claro que não! Você é cliente da Paraíso? Dei uma surra em você ou em algum parente

seu? Fazemos isso o tempo todo, não é nada pessoal.

— Você devia lembrar de mim. Foi à minha casa, falou comigo.

— À sua casa?

— Deixou uma encomenda para mim. Na minha geladeira.

Vagner gelou. Sentiu o frio na barriga ao olhar para o homem ao seu lado com mais atenção. Sua barba havia crescido, os olhos estavam fundos demais, mas os traços eram familiares.

— Puta merda...

O carro por pouco não bateu em outro. Vagner reassumiu o controle há pouco perdido no volante, as mãos começando a tremer, o suor descendo pela testa.

— Lembrou-se agora?

— Como... como chegou até mim?

— Dirige.

Vagner dirigiu por mais alguns minutos, seguindo as instruções do ruivo, até uma região mais afastada, enquanto pensava furiosamente em uma maneira de sair vivo dali.

— Para o carro.

Vagner obedeceu.

Foi muito rápido. Num segundo Leônidas retirava a mão livre do bolso e comprimia uma arma de choque contra as costelas do segurança, fazendo-o gritar e estrebuchar antes de desfalecer.

Saiu do carro guardando a arma de choque e a pistola. Deu a volta no veículo, empurrou o corpo para o banco do passageiro e assumiu o volante.

Dirigiu.

• • •

Elias estava sentado com o notebook no colo, os dedos entrelaçados, pensativo. Não conseguia dormir. Pensou em ligar para Samuel e perguntar se estava tudo bem, mas sabia que o amigo mentiria para acobertar a Arlequim. Abriu uma página do Google e digitou “boate Paraíso da Perdição”.

Além do blog da boate com a propaganda da parte legalmente aceitável pela lei, havia algumas menções a pessoas espancadas no local, mas nada comprovado. Foi abrindo as páginas até ver uma que chamou sua atenção: era uma notícia sobre o assassinato de uma dançarina há alguns anos. Segundo a matéria, uma dançarina conhecida como Medusa havia sido assassinada brutalmente por um provável amante. O suspeito já havia sido capturado e condenado. Na mesma

matéria havia o depoimento do assassino, que jurava inocência. Além das digitais do mesmo espalhadas pelo apartamento da vítima havia sêmen dele dentro da vagina dela e a carteira dele, que levou à sua localização. Elias viu as fotos dos dois; a dançarina era uma linda loira na casa dos vinte, e ele parecia um pouco mais velho, bonito, barba rala e alargador na orelha. Era um músico, segundo a matéria.

Elias fechou a janela da notícia e procurou outras páginas que lhe dessem uma luz sobre Arlequim. Mas não havia nada que remetesse a ela; nem uma única foto. Nem mesmo no blog da boate. A sua divulgação era feita de boca em boca, pelo visto. Após algum tempo, desistiu. Ficou pensando se haveria alguma relação entre Medusa e Arlequim, mas aquele assassinato parecia realmente ser um caso isolado.

Desligou o computador e ficou deitado olhando para o teto.

• • •

Renata encontrou-se mais três vezes consecutivas com Tonico antes que ele a apresentasse a alguns amigos tão asquerosos como ele, mas que pagavam bem. Não demorou a se acostumar com a ideia de se prostituir e em pouco tempo seu telefone tocava o dia inteiro. Amigos de amigos de amigos. Sua fama estava se espalhando: a ninfeta crente que topava tudo, de anal a gozar na boca. Certa vez aceitou transar com três ao mesmo tempo, como uma exímia atriz pornô. Para satisfazer a clientela, disfarçava o nojo e fingia prazer, instigando-os com palavreados chulos que sempre funcionavam para excitá-los; e quanto mais excitados, mais vezes ligavam para ela.

Pagou as contas em casa, disse aos pais que mudara de emprego para justificar o dinheiro que ganhava, mas não entrou em detalhes.

Seu telefone tocou em uma tarde de domingo. Saiu da sala onde assistia TV com a mãe em silêncio e foi para o quarto.

— Alô?

— Alô. É a Renatinha?

— Sim, sou eu.

— Quanto é o programa?

— Uma hora com anal é quinhentos.

— Porra! Quinhentos é muito caro. E sem anal?

— Trezentos.

— Cuzinho caro esse! — ele riu. — Pago duzentos.

— Trezentos — repetiu.

— Minha filha, uma prostituta cobra no máximo cem. E se for das gostosas.

— Então procura uma delas.

— Marrentinha. Gostei. Duzentos e cinqüenta. Sou pai de família, não tenho tanto dinheiro assim, e ainda tem o motel.

— Ta. Duzentos e cinquenta.

Marcaram o local de encontro onde ele a pegou lá em um Fiat Uno modelo antigo. Era negro e alto, mas não muito forte. Tinha aliança no dedo e parecia ter por volta de quarenta. Transaram duas vezes durante a hora limite.

— Você é bom de cama — ela elogiou com sinceridade. — E tem um pau enorme. Ainda bem que não tem condições de pagar pelo anal; não ia aguentar tudo isso no meu cu.

Os dois riram.

— Ganho ao menos desconto pelo prazer proporcionado?

— Na próxima, talvez.

— Falando em próxima, posso tirar uma foto sua?

— De jeito nenhum — replicou lembrando-se do vídeo que desgraçara sua vida.

— Por favor. Preciso me vangloriar pros meus colegas. Sem falar que é marketing positivo pra ti.

— Nada de foto.

— Sem mostrar o rosto, vai!

— Ta. Sem rosto.

Ela encostou-se na cabeceira da cama tapando o rosto com as duas mãos e abrindo bem as pernas. Ele tirou a foto com o celular.

— Enquanto não arranjo mais grana vou bater muita punheta pra essa foto.

Renata sorriu. Até que gostara dele. Fora um dos únicos que não lhe tratara como um objeto.

Na terça-feira deu à mãe dinheiro para comprar roupa. A mulher estava menos resistente, e até sorria de vez em quando. Renata sentia que podia reconquistar o amor dos pais. Resolveu limpar a casa inteira para quando o pai chegasse. Deixaria a prostituição e arranjaria um emprego digno até que seu pai voltasse a pregar em alguma congregação dali, onde ninguém os conhecia.

O telefone tocou. Havia salvo o nome do cliente como “Pinto negro grande”, o que tirara sua foto. Dava apelido aos clientes, como a Tonico, salvo em seu celular como “Porco”. Então o negro bem-dotado já havia conseguido mais dinheiro?

— Alô? — disse sensualmente.

— Caralho! — a voz dele estava arfante. — Acabei de mostrar sua foto pra um amigo aqui

da borracharia. Ele enlouqueceu e me deu um soco! Que porra é essa? Algum cliente teu ciumento?

Renata arregalou os olhos. O coração palpitava como se fosse explodir. Todo o sangue de seu corpo parecia ter evaporado.

— Bo... Borracharia?

Não pode ser!

— Sim, meu colega de trabalho, porra! Eu não entendi. Como ele reconheceu você? Na hora que mostrei a foto e ele olhou direito disse na hora teu nome. "Renata?" e me deu um soco.

Renata olhou para o braço.

Para a pulseira de ouro com o R.

Peça única.

Presente de seu pai.

— Onde... Onde ele está?

— Saiu daqui feito um louco faz uns minutos. Eu estava estancando o sangramento antes de te ligar.

Um estouro e a porta foi arrombada com um chute. Renata assistiu em pânico seu pai avançar em sua direção possuído. Tentou fugir, mas o homem foi mais rápido e a agarrou pelo pescoço com as duas mãos, espremendo-a contra a parede.

— Então é assim que consegue dinheiro? — rosnou aos prantos, os olhos vermelhos de choro de dor e ódio.

Renata sufocava com as mãos potentes e furiosas do pai. Tentava se livrar, em vão.

— Sua puta! Puta desgraçada! Maldita! Maldita!

A visão escureceu. Renata perdeu os sentidos.

Sonhou com Samuel rindo dela, apontando-lhe o dedo e rindo. Sentiu vontade de matá-lo, mas seu corpo não se movia. Ouviu um grito no seu sonho. O grito foi se tornando constante, mais alto, foi despertando-a aos poucos.

Abriu os olhos.

Era sua mãe que gritava. Renata levantou-se com dificuldade e terríveis dores no pescoço. Os gritos vinham da cozinha. Andou até lá se segurando nos móveis e tossindo.

Parou de repente.

Ficou inerte assistindo a mãe gritar em desespero para o corpo do seu pai dependurado por uma corda, suspenso pelo pescoço a alguns palmos do chão.

De repente os gritos se tornaram um zumbido. As coisas pareciam acontecer em câmera lenta. Renata estava em transe. Sua face foi se enrijecendo até tornar-se uma careta de ódio e repulsa, e uma convicção cega se apoderou dela como o ar que respirava:

Vou acabar com você, Samuel. Eu juro por Deus! Vou matar você, sua bicha! Vou matar você! Vou matar você! Vou matar você! Vou matar você!

SEGUNDA PARTE *Monstros*

Treze

Vagner acordou com a água gelada jogada em seu rosto. Piscou várias vezes para tentar enxergar onde estava, enquanto constatava que as mãos e os pés estavam atados à cadeira em que estava sentado.

— Vamos começar — Leônidas rosnou sentado em um tamborete diante dele. Na mão tinha uma navalha e no rosto um sorriso infausto.

Vagner olhou ao redor em desespero. Estava em uma sala mal iluminada, do que parecia ser um depósito.

— Não fui eu quem matou seu filho! Não fui eu!

— Claro que não foi você.

Leônidas deu a volta ao redor da cadeira e agachou-se, segurando o dedo mínimo do segurança.

— Não, não, por favor, não! — deu um grito animalesco quando a lâmina talhou seu dedo, partindo deu osso dolorosamente. — Seu animal! Já disse que não fui eu! Já disse que não fui eu!

Leônidas voltou a sentar-se em sua frente, segurando o dedo decepado, expressão calma no rosto.

— Quanta dor você acha que meu filho sentiu antes de finalmente morrer?

— Não fui eu quem matou! Não fui eu!

— O que deve ter se passado pela cabeça dele enquanto era torturado? Deve chegar um momento em que você começa a enlouquecer, concorda?

— Por favor, me ouça! Eu só deixei os olhos em sua geladeira, como me mandaram. Não tenho nada a ver com a morte de seu filho!

— Provavelmente não.

— Eu digo quem foi se você me deixar ir!

— Você vai dizer, de uma forma ou de outra.

— Por favor, ouça! Ouça o que tenho a falar!

— Dedo, orelha ou olho?

— O quê?

— Dedo, orelha ou olho?

— Seu maníaco desgraçado! Vai se foder!

— Olho, então.

Leônidas levantou-se.

— Dedo! Dedo!

Leônidas sorriu, deu a volta e arrancou mais um dedo, o médio da mesma mão, enquanto Vagner berrava. Voltou a sentar-se no tamborete, com os dois dedos nas mãos ensanguentadas.

— Eu já disse! Eu conto tudo o que quiser! Mas por favor, pare com isso!

— Comece a falar.

— Foi a Arlequim. Quem matou foi a Arlequim, a dançarina, a *stripper* da boate.

— Por que ela faria isso? — a voz fria como gelo permanecia ameaçadoramente calma.

— Eu não sei! Eu não sei! Apenas cumpri minhas ordens, que eram de entregar os olhos na sua casa! Ela quem pediu! Eu juro por Deus que não sei por quê!

— Dedo, orelha ou olho?

— Pelo amor de Deus! Calma! Calma! Eu falo tudo o que sei!

Leônidas permaneceu sentado.

— Seu filho não foi o primeiro e nem o último.

O ruivo franziu o cenho.

— Como assim?

— Seu filho foi apenas mais uma vítima dela. Ela é um demônio! É completamente insana!

— Está dizendo que o que ela fez com meu filho também fez com outras pessoas?

— Sim! Com vários. Ela usava torturas diferentes para cada um — ele arfava de dor, respirava aos tropeços.

— E por que não há nenhum caso como o do meu filho nos noticiários?

— Por que ela só quis que o seu filho fosse exposto! Ela fez questão, não só de deixar ele na rua como exigiu que eu deixasse os olhos dele em sua geladeira!

Leônidas bufou.

— Com qual propósito?

— Eu não sei, eu juro! Apenas seguia ordens do meu chefe, que fazia o que ela pedia.

Leônidas fitou-o nos olhos por alguns segundos, a fúria de um animal selvagem no olhar. Vagner sentia que a qualquer momento ele avançaria e o retalharia com a navalha. Mas a besta estava estranhamente contida.

— Ela apenas torturava e matava? Sem motivo?

— Ela não dizia se tinha motivações. Provavelmente é uma *serial killer*, sei lá. Todos tinham a mesma faixa etária do seu filho, o mesmo perfil...

— Como ela escolhia?

— Ela apenas dizia como encontrar e onde e nós íamos buscá-los pra ela. Mas eu era obrigado, ou meu chefe...

— CALADO! — gritou.

Vagner percebeu que seu algoz usava de força sobre-humana para se controlar. Mas estava prestes a estourar.

— Onde estão os outros corpos? — falou com a voz animalesca.

— Desovados em lugares diferentes. Todos dados como desaparecidos, mas nenhum foi encontrado. Como disse, apenas o do seu filho ela fez questão de expor...

— Quantos ao todo?

— Uns... uns seis ou sete...

— Onde ela torturava as vítimas?

— No Calvário. Um lugar apelidado de Calvário.

Calvário...

— Leve-me até ela.

— A Arlequim? Perdoe, mas ela desapareceu.

— Desapareceu?

— Sim, senhor, ela abandonou a boate.

— Onde ela mora?

— Nós não sabemos...

Leônidas enterrou a navalha na coxa de Vagner, que urrou absurdamente alto.

— Seu desgraçado! Seu filho da puta!

— Quer que eu acredite nessa história fantástica de uma *serial killer* que magicamente some sem deixar rastros? — gritou bem próximo ao rosto de Vagner, a saliva escapando-lhe da boca como um cão raivoso.

— É verdade! Nós não sabemos onde ela mora. Ela tinha um pacto com nosso chefe. Dançaria todos os sábados e escolheria alguém da plateia pra transar de graça. Isso lotava a boate sempre. Em troca nós daríamos a ela de mão beijada as vítimas que escolhesse! Só isso que eu sei!

— Besteira! Eu vou esfolar você se não me provar o que está dizendo!

— Posso levar você até o Calvário!

— Eu quero que me leve até ela!

— Meu chefe está atrás dela tanto quanto você! Ele precisa dela viva!

Leônidas passou a mão suja se sangue pelos cabelos, enquanto pensava. Respirou fundo.

— Olho ou pênis?

— O quê? Não, eu estou cooperando! Não faz isso! Por favor?

— Olho ou pênis?

— Dedo! Dedo! Por favor, dedo!

— Pênis — inclinou-se para abrir o zíper da calça do segurança, arrancando a lâmina da coxa.

— OLHO! Olho! Caralho! Olho! — começou a chorar convulsivamente.

Leônidas atendeu seu pedido. Com um golpe rápido fez um corte no olho esquerdo de Vagner. Os berreiros estridulosos duraram alguns segundos. O tempo que ele levou para cortar as cordas que imobilizavam os pés e as mãos do segurança. Quando Vagner se levantou, uma arma estava apontada para sua cabeça.

— Leve-me ao tal Calvário.

O carro passou pela fachada onde lia-se "Sítio Morro Velho" e continuou subindo a estrada de terra dentre a vegetação. Vagner comprimia o olho ferido com a mão e não mais chorava de dor, embora gemesse baixinho de forma cadencial e sentisse a febre dominar seu corpo; a mão com os dedos decepados estava enrolada com a camisa para estancar o sangramento. Sabia que ia morrer, mas não queria se entregar a valentias suicidas e apressar o inevitável. Esperaria o momento certo de agir, ou de um milagre salvá-lo daquele psicopata.

— Ali — Vagner apontou.

Leônidas estacionou o veículo em frente ao casarão aparentemente abandonado, repleto de mato à altura dos joelhos ao redor. Ficava no alto da colina, talvez daí o apelido de Calvário, deduziu.

O barbudo desceu do carro com a arma em punho. Vagner o imitou, mancando, indo em direção à porta de entrada.

— É aqui. Eu não tenho a chave.

Leônidas o ignorou. Vistoriou as laterais da casa para ter certeza de que não era uma armadilha. A grande varanda de madeira tinha uma rede armada e uma cadeira de balanço quebrada. Encostou o ouvido na porta, tentou a maçaneta, então deu um pontapé poderoso, seguido de outros dois, escancarando-a.

Uma nuvem de poeira subiu por causa do movimento brusco. Leônidas tossiu e fez um sinal com a arma para que Vagner entrasse primeiro.

Quase não havia móveis nos grandes cômodos. Além do mofo e poeira, apenas teias de

aranhas e cupins dominavam o lugar, com raios de sol escapando pelas frestas e goteiras deixando a penumbra interromper a escuridão. Vagner guiou o barbudo até uma escada que levava a um cômodo subterrâneo.

— É lá embaixo.

Sinal com a arma. Vagner desceu na frente. A porta estava selada com um cadeado. Leônidas posicionou a arma e disparou. A porta abriu-se com um rangido.

Os dois taparam os narizes instantaneamente. Era um misto de fezes, urina, vômito e carniça. Vagner ligou o interruptor.

Os olhos ferozes de Leônidas tornaram-se os de uma criança assustada. Deixou o queixo cair enquanto olhava ao redor.

Era uma sala de tortura.

Nas paredes, correntes com algemas posicionadas de maneira a deixar alguém em formato de X. No chão havia fezes e manchas assustadoramente grandes de sangue coagulado. Uma mesa cirúrgica estava posicionada ali perto, também ensanguentada. Havia algumas caixas empilhadas, uma estante e pedaços de carne apodrecida pelo chão. No centro havia uma poltrona.

— Então é verdade... — a voz de Leônidas saiu num fio, queixo trêmulo, as lágrimas de dor impossíveis de conter transbordando. — Meu filho morreu aqui...

Vagner pensou em aproveitar o momento de choque de seu algoz para atacar, mas debilitado como estava, dificilmente conseguiria dominá-lo, e correr não era uma opção com a coxa ferida. Resolveu apenas observar, temendo o que viria a seguir.

— Vocês a ajudavam? — a voz grotesca tinha o tom casual.

— Não — apressou-se em responder. — Nós apenas trazíamos eles até aqui e prendíamos na parede ou na cama. Ela fazia o resto.

Leônidas virou o rosto para ele, os olhos vermelhos estuprando sua alma.

— Onde meu filho foi colocado? Parede ou cama?

— Eu... Eu não lembro. Eu disse, foram vários...

— Vários...

Vagner engoliu em seco.

— Não temos nenhum envolvimento com as vítimas dela. Só cumpríamos ordens do chefe.

— Vocês sequestravam jovens para serem torturados até a morte. Apenas o trabalho de vocês, não é?

— Já disse, nós...

— Você presenciou alguma tortura?

— Nunca. Não teria estômago pra isso... — sentiu uma pontada no olho cego e gemeu.

— Então ela fazia tudo sozinha?

— Sim. Sozinha.

— Meu filho estava irreconhecível. A perícia mostrou que foi torturado por dias. Dias! Como suportavam tanto tempo?

— Ela os alimentava... Para que... Para que durassem mais. Dava remédios, curava as feridas... E fazia tudo de novo. Às vezes ela chamava a gente pra tirar os corpos de um lugar e colocar no outro — apontou para a parede e para a cama cirúrgica. — Essa cama nós conseguimos para ela. Foi uma exigência... Quando a vítima finalmente morria, ela ligava para desovarmos os corpos. Aliás, ela não tinha contato direto com a gente. Ela ligava para o chefe e ele mandava a gente fazer — dava pausas para gemer de dor, a pontada no globo ocular tornando-se insuportável.

— E por que eu? Por que meu filho? Por que colocar os olhos dele na minha geladeira? O que fiz a essa mulher? O que meu filho fez a ela?

— Não... Não sei, senhor...

Leônidas andou pelo cômodo a passos curtos, lentamente, e por fim sentou-se na poltrona.

— Suponho que ela sentava-se aqui... Para assistir...

— Sim... Eu... Eu não entendo como ela tinha tanto sangue frio... como conseguia...

— Eu entendo.

Vagner calou-se. Leônidas continuou:

— É exatamente o que pretendo fazer com ela. Dar um tiro me frustraria imensuravelmente. Não... Eu a torturaria por dias, semanas, pela eternidade se ela suportasse. E sentaria aqui ouvindo os guinchos dela. Seria música para mim... Não desejo mais nada nessa vida do que ter esse privilégio — olhou para Vagner com um brilho doentio nos olhos. — Eu tenho tantas ideias para tortura... Nisso temos algo em comum, eu e ela... o sadismo! A criatividade para causar a dor até o limite...

— Deixe-me ajuda-lo a encontra-la! Eu juro que farei meu melhor para...

— Você é inútil.

Vagner gelou.

— Eu juro, eu posso ajudar a encontrar aquela vagabunda!

— Onde?

— Eu sei onde ela mora! Posso levar você até lá!

— Você não sabe de nada. Ou teria me dito antes que furasse seu olho. Está desesperado para sair vivo.

— Não! Eu estava guardando a informação, mas... Eu sei quem pode chegar até ela!

Leônidas levantou-se com a arma em punho.

— Você entrou na minha casa e colocou os olhos do meu filho no compartimento de ovos da geladeira... — começou a andar em direção a ele.

Vagner recuou, trêmulo, o globo ocular com hemorragia, a dor insuportável no músculo partido da coxa.

— Tem um garoto! O último a ver a Arlequim! Se ele souber onde ela está, nós vamos saber! Os amigos dele vão entregar, eles pediram uma grana pra dar a informação, e... O moleque sabe! Eu ligo pra você diretamente, assim que souber! Eu juro!

Leônidas apontou-lhe a arma.

Levantou a cabeça, alerta.

Era o som de carro.

Ágil, Leônidas disparou escadas acima. Vagner, incrédulo, começou a ter um surto de euforia. Adão deveria ter mandado destruir o Calvário, e os homens deram de cara com o carro do barbudo ruivo.

Obrigado, meu Deus! Obrigado!

Leônidas sabia que não teria tempo para correr para o carro, já que o outro estacionara ao lado e não sabia quantos homens havia ou se estavam armados. Resolveu sair pelos fundos. Ouviu o grito estridente vindo do porão.

— Peguem ele! Peguem o barbudo! Peguem esse filho da puta!

Enquanto entrava no matagal, ouviu passos atrás de si, então tiros. Uma saraivada de tiros às suas costas. Correu em ziguezague, abaixando-se periodicamente para evitar que fosse acertado. Correu por cinco minutos ininterruptos e parou para recuperar o fôlego. Apesar do porte, era um homem de meia idade.

Ao seu redor, apenas o coaxar dos sapos e o barulho irritante dos grilos, sinfonia natural da noite. Ao longe ouvia latidos, mas nada de vozes.

— Vou pegar você, sua puta. Nem que tenha que descer ao inferno! — disse de dentes cerrados, um bizarro sorriso doentio nos cantos da boca, os olhos famintos por dor alheia. E ficou repetindo enquanto caminhava pela vegetação escura: — Arlequim... Arlequim... Arlequim...

• • •

— Eu preciso de um médico! Por que pararam aqui? Meu olho vai infeccionar!

Estavam à beira do rio, um pouco afastados da estrada. Tinha uma leve neblina pairando no chão.

— Cala a boca, Vagner — ordenou Pajé.

Além do indígena havia um negro e um de gorro. Ambos bem grandes, quase tanto quanto Pajé; ambos companheiros de Vagner, funcionários de Adão. Não estavam de terno, usando casacos e sobretudos.

— Eu preciso de um médico! — insistiu. Ele furou meu olho, arrancou meus dedos!

— Vou arrancar tua língua se não calar a boca — ameaçou o negro.

Um veículo se aproximou. Vagner reconheceu o carro de seu chefe. Adão desceu, caminhando em sua direção com o semblante furioso.

— Quem é ele?

— O pai de uma das vítimas da Arlequim.

— E você levou ele até o Calvário? Levou ele até o lugar onde o filho dele foi trucidado? O que acha que ele vai fazer, seu merda?

— Ele me torturou... Ele... — mostrou a mão com os dedos faltando, retirou a outra mão do olho furado, fazendo com que jorrasse um líquido esbranquiçado e viscoso junto com o sangue. — Eu não tive escolha, senhor! E ele não vai à polícia! Ele quer a Arlequim tanto ou mais que o senhor!

— Como ele é?

— Alto e forte, de barba e cabelos ruivos, na casa dos cinquenta... É o pai do ruivo que a Arlequim pediu pra deixar os olhos na geladeira.

— Aquela puta! — Adão estrondou, as veias ficando à mostra no pescoço. — Eu sabia que ia dar merda! Sabia que essa exposição ia acabar fodendo comigo! Pra que aquela vagabunda exigiu que jogasse o corpo na porra da praça? Pra que essa bizarrice dos olhos? Puta! Maldita puta! Eu juro que mato essa desgraçada!

— Sinto muito, senhor, ele me torturou, e...

— Já ouviu falar de lealdade, Vagner? Vocês falariam sobre o Calvário e levariam o homem lá? — dirigiu-se aos outros três, e todos menearam a cabeça negativamente. — Está vendo? Lealdade, seu imbecil! Lealdade!

Em um movimento rápido sacou a arma e atirou na testa de Vagner, fazendo o corpo despencar de costas.

— Queimem o corpo e joguem o resto no rio — disse dando as costas e indo em direção ao carro.

Quatorze

— O que há de errado contigo, *brother*?

— Vou dar uma volta no shopping.

— Quer carona?

— Não, relaxa. Valeu.

Samuel precisava ficar sozinho. E não havia lugar onde se sentisse mais sozinho do que no lugar onde havia multidões como o shopping. Era seu jeito particular de aproveitar a solidão. Ver tanta gente de todos os tipos e idades, casais, famílias, amigos, faziam-no sentir-se à parte, isolado, invisível. Era pra lá que ele ia sempre que se sentia depressivo. Foi de ônibus, fones de ouvido e camisa com capuz. Andou por mais de uma hora antes de sentar-se à praça de alimentação para comer algo.

Duas semanas desde a última vez que vira Ariel. Cada dia tinha tortuosas vinte e quatro horas de esperança de ela aparecer a qualquer momento, de qualquer lugar. Tornara-se paranoico, sempre olhando para trás, para as esquinas, para as multidões.

Mas ela nunca vinha.

Não era apenas saudade. Era físico. Doía por dentro, fazia-o mal. Ele precisava dela. Ela era sua droga e ao mesmo tempo traficante. Por quanto tempo ia suportar aquilo? Quando ela se despediria e nunca mais a veria? E se essa tivesse sido a última vez?

"Tu te tornas eternamente responsável pelo que cativas", dizia uma passagem de O Pequeno Príncipe. Ele lera o livro sem expectativas e acabara se apaixonando; era uma fábula simples, sobre um menino que vivia sozinho em um planeta do tamanho de uma casa e que era apaixonado por sua rosa. Apesar da linguagem infantil, o livro realmente carregava lições para adultos, e tinha várias frases de efeito que o deixaram pensativo.

Você me cativou, Ariel. Cadê a responsabilidade? Está me negligenciando!

Estava louco para comentar com ela as passagens que o deixaram maravilhado. Mas onde ela estava? Enquanto caminhava, observava os casais felizes. Alguns de mãos dadas, alguns se beijando, ou apenas sentados, conversando. Quando teria isso com Ariel? Seria realmente sua musa do nunca?

Ao pagar o lanche, teve uma desagradável surpresa: seu cartão de crédito havia

desaparecido. Por sorte ainda tinha algum dinheiro na carteira.

Deu mais algumas voltas, então resolveu voltar para casa. Vasculhou cada cômodo mais de uma vez à procura do cartão, sem sucesso.

— Tem certeza de que não deixou cair, Sam?

— Cair como, Daniel? Sempre coloco na carteira. Não tem como ter escorregado e caído.

— Então é melhor ir logo ao banco e pedir pra bloquear. E solicitar outro imediatamente.

— Tem um banco na universidade. Passo lá depois do almoço.

Dia seguinte almoçou com os amigos sem que ninguém tocasse nos nomes "Arlequim" ou "Paraíso da Perdição". Apesar de conversarem descontraidamente, havia um clima no ar. Não era a mesma coisa, nem para ele nem para os amigos. Como de praxe, sentavam-se sob as árvores no gramado em frente ao restaurante universitário, as mochilas e cadernos amontoados encostados em um tronco. Ficaram ali por alguns minutos até ele se despedir:

— To indo ao banco — disse apanhando a mochila.

— Cheio da grana! A próxima rodada de cerveja é por conta do Sam! — Elias disse elevando a voz e o braço para os amigos o imitarem na comemoração, batendo palmas.

— Prejuízo. Roubaram meu cartão. Ou eu perdi, sei lá.

O trio fez chacota, piadinhas pejorativas, mas ele ignorou mostrando o dedo médio e dirigiu-se ao banco. Ao passar pela porta giratória, o detector de metais acionou o alarme. Samuel voltou, colocou o celular no compartimento da parede de vidro e tentou passar novamente.

O alarme voltou a soar.

— Merda!

O segurança fez um sinal para que se aproximasse.

— Abra a mochila, por favor.

Samuel obedeceu. O segurança olhou no interior, e num ímpeto, sacou a arma, apontando para a cabeça de jovem.

— Mão na cabeça! Deita no chão!

Sem reação, completamente embasbacado, Samuel obedeceu, vendo ao redor as pessoas assustadas, algumas delas já posicionando os celulares para filmar. Antes que perguntasse o que estava havendo, viu um segundo segurança colocar a mão na mochila e retirar de dentro um revólver calibre trinta e oito.

O pior não foi ser algemado e colocado dentro de uma viatura sob olhares de colegas, amigos e rostos conhecidos, sob a mira de várias câmeras de celulares; nem ser jogado em uma

sela fria e suja com três bandidos de verdade. O pior foi fazer a ligação que tinha direito para Daniel e tentar explicar aquele absurdo assombroso.

— Alô? Daniel? Eu não tenho muito tempo pra explicar. Estou na delegacia — pausa, ouvia algo do outro lado. — Calma, calma. Eu não sei como diabos isso foi acontecer, mas quando entrei no banco tinha um trinta e oito carregado em minha mochila — nova pausa. Samuel fez caretas de impaciência e constrangimento. — Não, a arma obviamente não é minha! Alguém colocou na minha mochila pra me incriminar!

Informou em qual delegacia estava. Algumas intermináveis horas depois Daniel aparecia diante de sua cela, incrédulo, seguido por um policial.

— Estou livre?

— Ainda não. Vai ser levado a uma cela especial por ter nível superior.

Os companheiros de cela vaiaram ironicamente, mas Daniel os ignorou. Foi transportado para uma cela tão simples quanto a primeira, mas com banheiro, pia e, o mais importante, sem mais ninguém.

— Contatei um ex-professor meu advogado que está cuidando do caso. Há os agravantes de ser prisão em flagrante, e ainda mais na entrada de um banco, Sam!

— Eu não sei como essa arma foi parar na minha mochila, Daniel!

— Vamos focar na solução, *brother*. Porte ilegal de armas pode dar até quatro anos de reclusão.

A simples ideia já era apavorante para Samuel. Quatro anos preso injustamente. *Preso!* Logo ele!

— Mas tem como provar que a arma não é minha?

— Na verdade isso não quer dizer nada, Sam. A não ser que prove que alguém colocou na sua mochila, com testemunhas, vídeo, alguma coisa do tipo, vai ser julgado pelo porte de arma de fogo. Agora deixe comigo e com meu advogado, vamos ver o que podemos fazer.

Quando Daniel deu as costas para ir embora, o pânico tomou conta de Samuel, a sensação de abandono, de ser deixado para trás. Estava em uma cela! Estava na cadeia!

Foi uma noite longa. Um dos presidiários tossia sem parar ecoando no corredor. Só lhe faltava pegar uma tuberculose, pensou. Olhou para os quatro cantos da cela, na penumbra, imaginando quem poderia ter feito aquilo com ele. E por quê? O que ganhariam com isso? As únicas pessoas que poderiam que querer algum mal eram as da Paraíso da Perdição. Mas não lhe parecia o perfil dos bandidos incriminá-lo tão banalmente. Faria mais sentido quebrarem-lhe a coluna. Não se dariam ao trabalho de lhe roubarem o cartão de crédito e ainda implantarem a arma em sua mochila. Aliás, em que momento isso havia acontecido? Lembrava-se de ter aberto a

mochila antes do almoço, e teria visto um revólver ali se houvesse um. Provavelmente o haviam feito enquanto conversava com os amigos, com as mochilas ao pé da árvore, fora o único momento em que ficara longe da sua.

E se realmente passasse quatro anos preso?

Quatro anos sem Ariel...

Que provavelmente se estenderiam ao resto da vida.

O desespero e angústia o dominaram. Nessa e nas noites seguintes.

Voltar à universidade não foi fácil. Samuel sentia-se uma celebridade local, no sentido negativo. Alguns olhares o julgavam, outros temiam, enquanto outros apenas zombavam. Finalmente viu rostos que o deixaram à vontade, na praça de alimentação.

— Sam! Caralho! Meu melhor amigo é um assaltante de bancos!

Elias deu-lhe um abraço.

— Que porra foi essa, Sam? — inquiriu Alcides, incrédulo.

— Eu queria mudar de vida, resolvi assaltar o banco.

— Vai se foder, porra. Fala sério!

— Colocaram a arma na minha mochila.

— Quem? — perguntou Agenor.

— Não tenho ideia.

— E como saiu da prisão? Provou inocência? — questionou Elias, preocupado.

— Fui condenado a três anos de reclusão, mas o advogado amigo do meu irmão conseguiu converter a pena em multa e prestação de serviços comunitários. Não posso sair da cidade também.

— Multa de quanto?

— Não tenho ideia. Meu irmão não quis dizer, mas pelo visto vai ser parcelada. E começo segunda-feira a esfregar o chão e os banheiros de um hospital. Uma hora por dia.

— Que país de merda esse. País da impunidade — zombou Agenor, provocando risadas.

— Cara, você virou um herói! — Alcides disse pegando o celular e abrindo um vídeo. — Olha isso!

Samuel assistiu horrorizado sua própria prisão, no vídeo de quase dez minutos.

— Herói o caralho — contestou Elias. — Pegou fama de burro. Que tipo de assaltante de banco leva a arma pro detector de metais?

Conversaram por horas sobre o ocorrido, divagando sobre quem poderia ter tentado

incriminar Samuel e qual possível razão teria para isso. A verdade era que Samuel não tinha inimigos, exceto claro os bandidos da boate, mas todos concordavam que não era o tipo de coisa que fariam.

Naquela mesma noite, em casa, o telefone tocou. Número desconhecido. Seria Ariel?

— Alô.

— Alô, querido — era uma voz feminina.

— Quem fala?

— Não reconhece minha voz?

— Desculpa, número errado — disse ele já pensando ser um trote.

— Isso me magoa, Sam.

Ouvir seu nome o deixou intrigado.

— É alguma amiga do Elias? Não tem graça.

— Foi engraçado te ver sendo algemado, preso e filmado — deu uma risada.

Ele reconheceu a risada. O coração acelerou.

— Renata?

— Finalmente!

— Foi você? Foi você que colocou a arma na minha mochila?

— Isso não foi nada, querido. Foi só uma mensagem. Uma prévia do que virá.

— Está me ameaçando, sua vadia? — ele alterou a voz.

— Olha só, falando grosso! — riu. — Quem ouve não imagina o viadinho que é.

— Sua puta desgraçada! Vai pagar por isso!

— Eu vou pagar? *Eu?* — foi a vez de ela aumentar o tom de voz, deixando-o ameaçador: — Eu vou *acabar* com sua vida! Vou foder com sua vida como você fodeu com a minha! Está ouvindo o que estou dizendo? Sua vida vai ser um inferno a partir de agora! Um inferno! — desligou.

Samuel ficou algum tempo sem reação.

Então foi tomado pela raiva, revolta, desejo de vingança, e finalmente pelo medo. O que ela planejava fazer com ele?

Quinze

Renata era uma ameaça. Uma vez que não havia como provar que fora ela quem colocara a arma na mochila, nem que havia feito o telefonema, ela estaria impune e poderia agir de novo a qualquer momento. E o pior era não saber *do que* ela era capaz.

Acompanhado por Daniel, Samuel registrou um B.O, apenas para constar, já que não daria em nada sem provas.

— A Miss Vagina? — surpreendeu-se Elias ao telefone. — Caralho, faz tanto tempo! Por que ela viria se vingar de você agora? Não fui eu quem espalhou o vídeo?

— Aí é que está, bicho. Não tenho ideia da motivação dela pra querer me prejudicar. Eu senti o ódio na voz dela!

— Procura os pais dela, vão dar uma coça nela.

— Saíram da cidade depois que o vídeo se tornou popular.

— Por falar em popular, o teu está com mais de quinhentas mil visualizações no Youtube. Sem falar que ainda hoje a galera compartilha nos grupos de What's App.

— É o que ela quer... Me desmoralizar como ela foi.

— Cuidado, Sam. Enquanto ela quiser só ferir teu orgulho, tudo bem. Ela pode querer te ferir fisicamente. Não sabemos do que essa louca é capaz.

Na segunda-feira Samuel teve seu primeiro dia de pena. Foi a um hospital público, foi apresentado ao chefe dos serviços gerais, e este lhe designou algumas tarefas de limpeza. Os primeiros dias foram leves; em uma hora não dava pra encerar um único corredor inteiro. Então foi alcunhado de lavar os banheiros. A hora de trabalho parecia o dia inteiro; era nauseante tanto o odor quanto o visual. Vômito, fezes, urina. Mas ainda assim era melhor do que a cadeia.

Mas apesar de tudo não era Renata que tirava a paz de Samuel. Não estava mais suportando a ausência de Ariel. Tinha que vê-la ou iria enlouquecer.

— Que cara é essa, Sam?

Samuel estava deitado no sofá da sala olhando para o teto. Daniel afastou os pés dele e se sentou.

— Nada.

— Preocupado com a Renata?

— Não. Nem estava lembrando dela pra falar a verdade.

— Então é a mulher misteriosa da boate, que roubou seu coração.

— Ela mesma — confessou.

— Não quer falar dela? Pode ser que eu ajude. Tenho mais experiência com a raça feminina.

— Aposto que sim. Quem sabe outro dia.

— Eu um dia vou conhecê-la?

Aperto no coração.

— Espero que sim.

— E onde ela está agora?

— Não sei.

— Já tivemos essa conversa. Ela está brincando com você, Sam.

— Não, não está... Na verdade eu não sei. Ela é misteriosa demais.

— Mulheres...

— O que eu faço, cara?

— Esquecer é uma opção?

— Acredite, é impossível.

— Vai atrás dela então. A dúvida e a esperança andam de mãos dadas no inferno; adiam sofrimentos que poderiam ser cortados logo no início.

— Como assim?

— Pensa bem, *brother*. Uma criança desaparece. Os pais sofrem por anos e anos, sem diminuir a dor em momento algum, e por quê?

— Por não saberem se a criança ainda está viva, nem o que está acontecendo com ela... — seguiu o raciocínio.

— Isso mesmo. Chega a um ponto que eles só querem ter a certeza, nem que seja de que ela está realmente morta. Porque a esperança de que possa estar viva ainda é o que tira a paz. A morte faz sofrer, mas é uma coisa inevitável, e coisas inevitáveis são mais fáceis de aceitar com o tempo.

Samuel perguntava-se se o irmão teria o mesmo discurso se soubesse de toda a história. Entretanto, estava certo. Como sempre. Não era só saudade, vontade de ver, estar perto; era a dúvida, a incerteza de vê-la ou não. Se soubesse que nunca mais a veria talvez não sofresse tanto quanto com a esperança de revê-la. Precisava ao menos ter uma luz sobre quem era Ariel de verdade.

Mais tarde, em seu quarto, escreveu em seu caderninho preto:

A dúvida e a esperança são os elos que te prendem ao inferno. Mate as duas e se liberte.

Só havia uma forma de fazer isso.

A ruiva desceu do ônibus e acendeu um cigarro. Caminhou esperou os carros passarem para atravessar a rua em direção à boate Paraíso da Perdição. A boate só abriria às nove, mas as *strippers* tinham de chegar com grande antecedência.

— Moça!

A voz atrás dela a sobressaltou. Não tanto quanto virar e ver o dono da voz.

— Você? Você é louco de andar por aqui?

— Eu preciso falar com você — pediu Samuel.

— Se os homens do Adão te vêm eles te matam! Ele está louco por causa da Arlequim, moleque! Dá o fora daqui!

— Eu só te peço alguns minutos, por favor.

— Estou atrasada, não posso.

— Espero você na saída, tudo bem?

— Não, não está tudo bem. Você é teimoso e burro! Como sabe que não vou te entregar pro Adão?

— Você me ajudou a fugir da boate da outra vez.

— Não cometo o mesmo erro duas vezes.

— Por favor!

— Tudo bem! Tudo bem! Amanhã, uma hora mais cedo. Três paradas antes dessa, tem uma lanchonete. Me espera lá, e senta lá pros fundos, onde não possam de ver.

Samuel passou o dia seguinte ansioso. As horas não passavam; lavar as privadas durou uma eternidade e as aulas pareciam passar em câmera lenta. Por volta das seis da tarde chegou à parada e identificou a lanchonete. Sentou-se ao fundo. Pediu o cardápio, pediu um lanche e ficou aguardando. E se ela aparecesse com os bandidos na cola? Se ela de fato o entregasse ao chefe?

Olhou para o relógio de parede inúmeras vezes. O lanche veio, nada da garçonete *stripper*.

Seu rosto então se iluminou.

Ela entrou com as mãos nos bolsos da calça jeans. Sentou-se à mesa diante dele.

— Você é muito burro, moleque.

— Eu sei. Tinha que arriscar.

— Você sabe onde a Arlequim está, não sabe?

— Não, não sei. Exatamente por isso vim aqui. Eu quero que me diga o que sabe dela.

— O que sei dela? Garoto, se por acaso esbarrar com ela, foge, entendeu?

— Por quê? Por que todos dizem isso?

— O que você acha que conhece da Arlequim?

— A Ariel é uma mulher excepcional. Não consigo ver esse perigo todo que todos falam.

— Então vem se encontrando com ela?

— Isso não interessa.

— Me paga um lanche.

Samuel pediu o cardápio, ela fez o pedido.

— Se for esperto não vai andar nessas redondezas nunca mais. Se os homens do Adão te pegam... Eu vi quando eles pegaram os seus amigos. Por sorte saíram inteiros dali, mas pude ver as caras apavoradas deles.

— Você não respondeu minha pergunta. O que sabe da Arlequim?

— As meninas e eu não sabemos de muita coisa sobre ela. A falecida Medusa apresentou ela ao chefe — Samuel percebeu certo desprezo na voz dela. — Chegou cheia de regalias, logo era a dona do pedaço, com essa coisa de dançar e dar de graça pra alguém da plateia, como deu pra você. O pior é que a vadia fez a boate lotar da noite pro dia, virou a estrela.

— Conversava com ela?

— Ela não era muito de conversa com ninguém, e ninguém fazia questão de conversar com ela. A única com quem tinha contato era a Medusa, e um cara foi lá e matou ela.

— Sinto muito.

— Não, não sente. Eu sinto. Eu conhecia a Medusa. Melina o nome dela verdadeiro. Era bacana.

— O cara foi preso?

— Vai apodrecer na cadeia. Sorte dele. Se o Adão pegasse ele antes da polícia...

— Certo. Mas até agora não entendi o porquê de a Arlequim ser perigosa.

— O perigo que menciono vem do interesse do Adão por ela. A menina dos olhos. Mas as meninas falavam coisas dela...

— Coisas?

— A maioria boato, fofoca, inveja mesmo. A filha da puta é linda. Mas a própria Medusa uma vez deixou escapar algo muito estranho.

— O quê?

— Ela estava bêbada, no meio das meninas. Ela disse que a Arlequim tinha morrido, que tinha sido assassinada. Chamou ela de morta-viva várias vezes, disse que tinha um pacto com o demônio.

— Isso é ridículo.

— Eu sei. Ela estava bêbada e dia seguinte negou tudo. Mas os rapazes, os cães de guarda do Adão sempre se referem a ela como um demônio, parecem realmente ter medo dela, sabe? Nunca nos disseram nada, ou pelo menos não a mim, mas basta tocar no nome dela pra eles fazerem esse tipo de comentário, ou simplesmente evitarem, mandarem a gente calar a boca. Tem algo de muito errado com ela.

Samuel ficou pensativo, confuso. O lanche chegou.

— Nem perguntei seu nome.

— De verdade ou de trabalho?

— Os dois.

— Sandra. Eu sou a Bombeira.

— Bombeira? — ele sorriu.

— Cabelo em chamas, "vou apagar seu fogo", coisa de tarado — desdenhou. — Mas eu fico muito gostosa em meu traje. Quando não estamos dançando, servimos as mesas com nossos "uniformes" de garçonetes. Aí subimos no palco fantasiadas, só pra tirar tudo logo em seguida. Pena que não pode mais pisar lá pra ver.

— É uma pena — mentiu. Não tinha o mínimo interesse de voltar àquele lugar. — Você... Só dança? Digo, dança e serve como garçonete?

— Ninguém só dança e serve. Todas somos garotas de programa. Acompanhantes, se preferir. Fora o site oficial da boate, tem um "cardápio" na internet com nossas fotos. Mas só clientes em potencial têm acesso. Pra todos os efeitos a Paraíso é apenas uma casa noturna de strip-tease. Até aí nada de ilegal.

— Você não pensa em mudar de vida?

— Hora de ir, garoto. Já disse tudo o que te interessava — disse finalizando o lanche.

— Sim, muito obrigado.

— Ajudei?

— Não muito — confessou. — Tudo o que sabe dela provém de boatos, rumores. Esperava algo mais concreto. Só fiquei mais confuso. Mas agradeço mesmo assim.

— Está apaixonado, não está?

— Muito.

— Eu mesma me apaixonaria por ela fácil. É linda que dá raiva e inveja — sorriu. — Mas cuidado, garotão. Tem caneta?

Ele abriu a mochila e deu uma a ela. Ela anotou algo em um guardanapo. Deu a ele.

— Meu número. Faço um desconto pra você.

Ele sorriu em graça e se despediu, assistindo-a sair do estabelecimento. Pagou a conta e saiu logo em seguida.

Em sua mesa, a alguns metros dali, Leônidas fez o mesmo.

E o seguiu.

— Ocupado, Macário?

— Não, não. Pode entrar.

Samuel entrou no escritório de Macário e sentou-se diante dele.

— Veio fazer o plano funerário?

— Na verdade vim aqui porque não tinha ninguém mais com quem falar.

— Então sou sua última opção, moleque?

Samuel riu.

— Estou perdido, Macário.

— A *stripper* de novo?

— Também. Na verdade minha ex reapareceu e quer acabar com a minha vida.

— Típico de ex-mulheres — o velho riu

— Mas nesse caso é literal. Estou cumprindo pena por que ela colocou um trinta e oito na minha mochila e me fez entrar num banco com ela.

Macário arqueou as sobrancelhas, surpreso.

— E o que fez a essa mulher?

— Nada. Na verdade, ela fez a ela mesma. É a do vídeo, lembra?

— Ah, a aspirante a atriz pornô.

— Ela mesma. Mas pra falar a verdade, o que me atormenta é a incerteza com relação a Ariel, a *stripper*. Eu não sei nada sobre ela, e o pouco que descubro aponta que ela é um demônio...

— E ela é? Sente isso quando está com ela?

— Muito pelo contrário. Tudo o que ela me faz sentir é divino.

Macário suspirou fundo, com o olhar fixo em um ponto qualquer da parede.

— O que foi, meu velho?

— Hoje acordei um pressentimento ruim.

— Acontece.

— Sim — respondeu o velho ajeitando os óculos no nariz. — E sempre vêm acompanhados de uma tragédia.

— Que papo medonho, Macário.

— Você teme a morte, Sam?

— Claro que temo.

— Venha comigo. Preciso te mostrar uma coisa — ele levantou-se e Samuel o acompanhou para fora do escritório.

Passaram por um corredor estreito e desceram um lance de escadas. Macário abriu a porta. Samuel assustou-se ao ver o corpo coberto sobre a cama de metal. Era uma sala pequena, que lembrava a de um hospital, com duas camas de metal, algumas estantes de ferro e prateleiras repletas de ferramentas e produtos químicos. Era onde acontecia a preparação dos cadáveres para o velório. Samuel jamais havia pisado ali, apesar de conhecer Clara, a tanatóloga.

— Clara preparou essa garota há poucas horas. O velório é amanhã — Macário puxou o pano, descobrindo o rosto do cadáver.

Samuel esperava ver uma face horrenda, mas para sua surpresa, a jovem parecia viva. Aparentava ter a mesma idade que ele, posto maquiado, expressão tranquila.

— Ela parece estar dormindo!

— Clara é mesmo uma artista, não é? Mas não se engane. Ela injetou sete litros de água e um de formol para conservar o corpo. E a boca dela estava aberta quando chegou; ela teve que costurar o maxilar ao céu da boca e apagar as marcas roxas de enforcamento do pescoço.

— Nossa — disse impressionado. — Então é assim que acontece.

— Quem a enforcou?

— Um ex-namorado ciumento.

— Me trouxe aqui pra me assustar?

Macário riu.

— Não tem a ver com sua ex. Olhe bem pra ela.

Samuel olhou para o rosto plácido.

— Ela estudava medicina. Ia ser a primeira da família a ser média. Orgulho dos pais. Não queira ter visto o desespero deles quando chegaram aqui.

— Que horrível...

— De fato. Essa menina tinha planos, sonhos, um futuro. E tudo acabou do nada — Macário ficou olhando pensativo para a jovem. — Quantas vidas ela não salvaria como médica?

Samuel entristeceu-se ainda mais ao imaginar.

— Planejamos nossas vidas todos os dias, Sam, e ela acaba assim, sem esperarmos, sem nenhuma glória, sem nenhum significado. Você pode não acreditar, mas esse pobre espírito terá que continuar a luta em outra encarnação, até evoluir.

— Eu sinto muito por ela, Macário, mas não entendo onde quer chegar.

— Você mesmo disse que só acredita nessa vida, que não há uma segunda chance. Se pensa assim, tem mais um motivo para fazer as escolhas certas, aproveitar ao máximo o que essa existência tem a lhe oferecer. "O próprio viver é morrer, porque não temos um dia a mais na nossa vida, que não tenhamos, nisso, um dia a menos nela"; Fernando Pessoa. A pergunta é, rapaz, estaria pronto para morrer hoje?

— Claro que não.

— Então viva para um dia responder que sim, sem nada a desejar nessa vida que não já tenha realizado. E o que você mais deseja nesse momento?

— Ariel...

— Muito bem. Se ela é um anjo ou um demônio, só vai saber se viver essa experiência ao máximo, aprender tudo o que tiver de aprender. "Os covardes morrem várias vezes antes da sua morte, mas o homem corajoso experimenta a morte apenas uma vez". Shakespeare.— cobriu o rosto do cadáver novamente.

— E você, Macário, está pronto para morrer?

O velho deu um sorriso.

— "Quem de manhã compreendeu os ensinamentos da sabedoria, à noite pode morrer contente". Confúcio. A resposta é sim, meu jovem. Quando a morte bater à minha porta estarei preparado para ela.

Samuel analisou a citação de Shakespeare. Deu um sorriso ao amigo.

— Essa porta dá pra rua?

— Sim, tem o muro, mas o portão está aberto. Pode sair por ela.

— Valeu, Macário.

Macário destrancou a porta e Samuel saiu por ela, acenando. Em seguida o velho retornou ao escritório. Sentou-se , respirando fundo. Abriu a gaveta da escrivaninha e pegou uma foto de uma mulher na faixa dos cinquenta, abraçada com ele, bem mais novo. Deu um sorriso triste e beijou a foto.

Bateram na porta.

Pedro, o atendente, abriu a porta.

— Tem um homem querendo falar com você, Macário.

O pressentimento ruim aumentou. Guardou a foto na gaveta.

— Diga pra ele entrar.

Alguns segundos depois um homem alto de barba ruiva e olhos ferinos entrou, olhando ao redor, negativamente surpreso.

— Onde ele está?

Então a morte é ruiva, pensou.

Dezesseis

— Ele quem? — perguntou calmamente Macário.

Leônidas fitou o velho impaciente.

— O garoto que entrou aqui. Ele trabalha aqui?

— Ah, claro. Saiu pelos fundos.

Leônidas fez uma careta e apertou o punho com força.

— Por que ele sairia pelos fundos? — indagou perguntando-se se o garoto havia notado que fora seguido.

— E por que não sairia? Eu estava mostrando a ele a sala de higienização dos cadáveres.

— Então você o conhece?

— Isso é uma pergunta ou uma afirmação?

Leônidas tirou a arma da cintura. Trancou a porta por dentro. Sentou-se diante de Macário, colocando a pistola sobre a escrivaninha.

— Onde ele mora?

— Por que eu saberia onde ele mora? — Macário mantinha-se impassível, alheio à arma diante dele.

— Olhe nos meus olhos, velho. Eu não estou nada disposto a perder tempo com você. Diga o que sabe sobre o garoto ou eu enfio uma bala em sua testa.

— Não tenho medo da morte. Olhe onde eu trabalho, eu vivo da morte.

Leônidas pegou a arma e apontou para o rosto de Macário, contendo a fúria.

— Sabe o que vejo quando olho para você? — perguntou no mesmo tom sereno. E sem aguardar resposta, continuou: — Vejo dor, sofrimento. Perda. Você perdeu tudo, não perdeu? Eu sinto sua aura negra, sinto o seu ódio.

Os olhos vermelhos de Leônidas encheram-se de lágrimas, o que fez com que fizesse uma careta de ira, por deixar-se demonstrar fraqueza. Aproximou o cano da arma do rosto de Macário, a mão trêmula.

— Onde o garoto mora? — disse cada palavra enfaticamente.

— Eu já perdi pessoas que amava também. Pessoas muito próximas — abriu a gaveta e pôs sobre a escrivaninha, a arma ainda fixa em sua testa. — Esta é minha esposa. Ela morreu em meus

braços, teve um AVC... Ela era tudo que eu tinha — foi a vez de Macário deixar-se lacrimejar. — Os filhos foram embora, casaram, só restaram eu e ela... E agora sou apenas eu. Eu conheço a sua dor...

Leônidas cerrou os dentes, o corpo inteiro trêmulo, fazendo um esforço gutural para segurar as lágrimas que lhe escapavam dos olhos.

— Sua esposa foi torturada por dias antes de morrer? Você não conhece a minha dor, velho! Não tem ideia do que estou sentindo. Vou perguntar pela última vez: onde encontro o garoto?

— "Aqueles que amamos nunca morrem, apenas partem antes de nós". Amado Nervo. Não deixe a dor consumir sua alma. Busque a paz.

Leônidas baixou a arma. Limpou as lágrimas com a manga da camisa. Deu as costas e foi até a porta. Então parou, olhando para baixo.

— Sabe onde vou conseguir paz, velho? — virou o rosto para trás e pousou os olhos sombrios nos de Macário. — Na dor dos responsáveis. E de quem estiver no caminho.

Deu três tiros certeiros no peito de Macário.

Destrancou a porta e saiu.

Macário ouviu mais dois tiros enquanto engasgava-se no próprio sangue. Fez um esforço para pegar a fotografia sobre a mesa e caiu no chão a segurando.

Estou indo, meu amor. Seu velho está chegando. Abriu um sorriso ameno para a foto.

E deu seu último suspiro.

• • •

Samuel colocou mais desinfetante na privada e a esfregou. Estava exausto; encostou-se sentado na divisória com as mãos enluvadas sobre os joelhos. Ainda lhe faltavam vinte minutos de trabalho, aproximadamente, mas estava sem nenhuma força para trabalhar, focado nas palavras de Macário sobre vida e morte.

Ao sair do hospital resolveu jantar pelo centro. Saiu do self-service com as mãos no bolso, absorto. Não percebeu o rapaz que se aproximava.

— Que horas são aí, parceiro?

Samuel ficou alerta. O rapaz encapuzado de camisa branca parecia bastante suspeito. E percebeu que estava em uma rua pouco movimentada.

— Não tenho relógio.

— Mas tem celular, não tem não?

— Não, deixei em casa — continuou a andar.

— Espera aí, parceiro! Qual é a pressa? Está com medo de mim?

— Não, imagina.

Só então Samuel percebeu que havia uma moto estacionada com um homem de óculos escuro sobre ela, motor ligado. Sentiu frio na barriga.

— Sou bandido não, chegado — estendeu a mão para Samuel segurar.

Samuel apertou a mão dele, e o rapaz moveu a de Samuel até sua cintura, para que ele sentisse o objeto escondido por dentro da camisa.

— Vamos dar uma volta. Sobe na moto do meu amigo ali.

— Eu estou atrasado, tenho mesmo que ir.

— Atrasado o caralho. Sobe na moto, velho.

— Leva meu dinheiro, meu celular. Pode levar!

— Sobe na porra da moto.

Samuel, de pernas trêmulas, caminhou até a moto e montou na garupa, sem ter ideia do propósito daqueles dois.

— Eu vou estar na cola — disse o rapaz dirigindo-se a uma segunda moto, estacionada mais à frente.

O motoqueiro partiu, com o outro os seguindo.

O coração disparado de Samuel estava prestes a sair pela garganta. A moto atravessou o centro da cidade em alta velocidade. Aquilo era um sequestro, e eles claramente não estavam interessados em roubá-lo. Sentiu-se vulnerável, impotente diante do que tinha certeza que o levaria à morte.

Chegaram a um engarrafamento, mas o motoqueiro conseguia habilmente costurar por entre os carros. Samuel olhou para trás, para o rapaz encapuzado logo alguns carros atrás deles, esforçando-se para acompanha-los. Lembrou-se da citação feita por Macário:

Os covardes morrem várias vezes antes da sua morte, mas o homem corajoso experimenta a morte apenas uma vez.

Saltou da moto, abaixando-se e correndo por entre os veículos, em direção à calçada. Entrou em uma loja grande, que pegava os dois lados do quarteirão; atravessou-a e ao chegar à outra rua, correu desenfreado até não conseguir mais. Parou, arfante, alguns minutos depois, olhando ao redor para ter certeza de que não estava sendo seguido. Acenou para um taxi.

Samuel entrou no carro de Daniel, em frente à delegacia. Os dois haviam ido dar queixa da tentativa de sequestro, mesmo sabendo que não levaria a lugar algum. Não havia indícios

concretos para pedir proteção policial.

— Vou conseguir uma medida preventiva contra essa garota, enquanto isso, vou deixar e buscar você todos os dias — disse Daniel dirigindo, visivelmente alterado.

— Não precisa, Daniel. Você tem seu trabalho. Vou tomar mais cuidado.

— Onde fica a igreja que o pai dela era pastor?

Foram até lá. Ninguém sabia para onde haviam se mudado. Renata era um fantasma. Chegaram em casa frustrados.

— Pelo menos sabemos que é amadora. Quem sequestra outra pessoa em uma moto?

Os dois riram, quebrando um pouco o clima. Mas Samuel estava realmente preocupado; Renata estava passando dos limites. O que ela planejava com aquele sequestro? Matá-lo? Torturá-lo? O que quer que fosse, ela não ia parar. Tinha de ficar atento, ser mais esperto que ela. O celular tocou. Seria ela?

Dessa vez não havia "número desconhecido" na tela.

— Alô?

— Sou eu, cara, o Elias — o tom de voz dele era triste.

— Já está sabendo do seu amigo coroa da funerária?

Samuel prendeu a respiração.

— O que houve com o Macário?

— Liga a TV no canal sete.

Samuel chorou até dormir, e ao acordar recomeçou a chorar. Por que fariam tamanha crueldade com um senhor de idade? Não fora assalto, fora uma execução. Quem poderia desejar mal a uma pessoa como Macário? E ao pobre atendente Pedro... também assassinado, provavelmente queima de arquivo. O sentimento de revolta não passava.

Compareceu ao funeral. Macário era muito amado, pelo que pôde ver. No cemitério estavam seus filhos e famílias, amigos, conhecidos, funcionários da PACE. Aliás, eles mesmos foram responsáveis pelo velório. Samuel prestou suas últimas homenagens ao velho amigo, aos prantos, antes que o caixão fosse enterrado:

— Quem vai me dar conselhos agora, seu velho inútil? — falava baixo, de maneira que ninguém mais o escutava. — Quem vai falar um monte de asneiras sobre vida após a morte, reencarnação e outras besteiras? Quem vai citar frases de pensadores famosos pra me fazer sentir burro? Quem vai... Quem vai me falar exatamente o que eu preciso ouvir? — fez uma pausa para soluçar e enxugar o rosto. — Vá em paz, meu velho. Vou guardar suas palavras e esperar

um dia ser tão sábio quanto você... Adeus, Macário.

Quando Daniel chegou em casa, encontrou o irmão chorando no sofá.

— O que houve, Sam?

— O Macário, meu amigo dono da funerária. Foi assassinado ontem.

— Sinto muito, Sam.

— E a hora da morte bate justamente com a hora em que eu saí de lá. Eu poderia ter morrido também...

— Espera um pouco. Você esteve lá?

— Sim. Visitei ele. Foi pouco antes do assassinato.

— Alguém viu você lá, Sam?

— Não, só o Pedro, o atendente, mas ele também foi morto.

— Pegaram o assassino?

— Não.

— Ninguém viu o assassino?

— Não, ninguém. Por que está perguntando isso?

— Sam, não conte a absolutamente ninguém que esteve lá pouco antes do crime, entendeu? Você foi preso por porte de arma de fogo e pouco tempo depois é visto na cena de um crime. Sabe o que isso significa?

Samuel levantou-se do sofá com os olhos arregalados.

— Renata? Acha que ela fez isso pra me incriminar?

— Não duvido. Ela tentou te sequestrar, Sam.

A simples ideia de que Renata fosse a responsável pela morte de Macário fez com que o ódio subisse-lhe à garganta.

— Eu mato essa desgraçada! Eu juro que mato!

— Ei, ei, cuidado com a palavra "matar". Escuta aqui. Mais uma vez não temos prova alguma de que tenha sido ela. Qualquer acusação será calúnia e você pode ser processado por isso. Deus, Sam, essa mulher é capaz de matar! Estamos lidando com uma psicopata!

— E o que espera que eu faça? Nada? Ela não pode sair impune dessa! Eu posso ser o próximo!

— Eu vou pensar em alguma coisa, *brother,* mas enquanto isso, evite sair de casa o máximo que puder, e sempre lembre de trancar a porta quando entrar.

Mais tarde, na mesma noite, o celular tocou. Número privado. Samuel atendeu, mas não disse nada.

— Alô? — era a voz de Renata. — Meu amorzinho não quis dar uma volta com meus

amigos?

— Eu vou te matar, sua desgraçada! Vai pagar por ter matado o Macário! Ele não tinha nada a ver com essa sua vingança ridícula! Eu juro que vou te matar, sua piranha!

— Do que você está falando?

— Você vai pagar por isso, sua vaca! Eu juro que vai pagar!

Daniel ouviu os gritos e apareceu à porta.

— É ela? — sussurrou.

Samuel meneou a cabeça positivamente.

— Acha que sou idiota de cair nesse truque? Eu não matei ninguém. A única pessoa que vai sofrer bastante antes de morrer é você, seu viadinho!

— Quer tanto me matar? Vem pessoalmente! Aparece!

— Pode deixar que eu vou, não se preocupe. Enquanto isso, fique de olho aberto — desligou.

Samuel jogou o celular sobre a cama. Levou as mãos à cabeça.

— O que ela disse?

— Ela não confessa a morte do Macário.

— Mas é óbvio que foi ela. Pra incriminar você.

— Sim, sim. Só achei estranho ela não assumir a morte, já que as ligações dela são pra se gabar do mal que me fez. Não faz muito sentido.

— A mente de uma psicopata não faz sentido. Amanhã mesmo vou ver se há como rastrear chamadas de número privado com a polícia. Eles devem ter alguma forma de encontra-la.

A partir dessa noite Samuel não chorou mais a morte de Macário. O ódio que sentia queimou suas glândulas lacrimais.

• • •

Leônidas despertou de mais um cochilo no susto. Pegou um energético sobre o banco do passageiro e tomou inteiro em dois goles. Continuou sua vigília dentro do carro, com os binóculos posicionados, observando todos que entravam ou saíam da boate Paraíso da Perdição. Fazia leitura labial quando possível, como fizera com a *stripper* ruiva e o garoto que perseguiu.

Amaldiçoou-se inúmeras vezes pela própria estupidez. Poderia ter seguido o garoto na noite em que ele abordara a ruiva, mas dizia a si mesmo que precisava ter informações mais concretas, precisava saber o que ela tinha a dizer a ele. Seguiu-o esperou-o na lanchonete e observou ao longe, com leitura labial, tudo o que ele dizia. Pensou em sequestra-la e força-la a falar, mas

duvidava que ela tivesse mais informações do que já tinha; e o sumiço de mais um funcionário iria aumentar a guarda no local, todos ficariam mais alertas do que já estavam, e isso o impediria de conseguir o que queria. Por enquanto passava as noites de vigília na rua da boate, aguardando qualquer coisa que o levasse à Arlequim.

Deu um murro na própria perna.

Burro! Burro! Burro!

Poderia ter torturado o velho, ou o atendente, forçado os dois a falar. Ou pelo menos deixar os dois vivos e fazer a vigília diante da funerária até que ele retornasse. Não estava pensando direito, não estava raciocinando. Estava agindo como um animal ferido e raivoso, e isso não o levaria até a desgraçada que matara seu filho. Se ele a desejava, tinha que agir com calma, frieza, paciência. Tinha que *pensar*.

Mas tudo o que conseguia pensar era nas maneiras diferentes de tortura-la quando a encontrasse.

Isso o dava forças pra continuar.

Dezessete

Samuel desceu do ônibus olhando para os lados, para se certificar que não estava sendo seguido, coisa que fazia desde os ataques de Renata. Já dentro do prédio, sentiu-se seguro. Quando abriu a porta do apartamento, percebeu o homem que fumava no corredor.

Era o motoqueiro.

Correu para dentro e tratou de fechar imediatamente, mas o homem foi mais rápido e empurrou a porta com força, a pancada derrubando-o. Mal abriu a boca para gritar e o homem já estava sobre ele, tapando-a com a mão calejada.

Então entrou o rapaz encapuzado, agora com uma camisa preta.

E logo após, Renata. Com uma câmera na mão.

Samuel fez força para se levantar, mas o homem era forte; não tinha grande porte nem era o tipo musculoso, mas tinha força.

— Levanta ele — ela disse com a câmera em mãos, ainda desligada.

O homem obedeceu, forçando-o a levantar.

Samuel foi rápido. Chutou a canela do homem com o bico do sapato e livrou-se, correndo em direção à cozinha, mas o motoqueiro jogou-se para segurar suas pernas, derrubando-o para frente, onde bateu a cabeça na quina do balcão da cozinha americana, e caiu desacordado.

— Ele morreu? — perguntou o de capuz.

O outro checou o pulso.

— Está vivo — disse fazendo careta para a dor na canela.

— Mas que merda! — irritou-se Renata. — Olha que porcaria! Não tem o mínimo sentido se ele não sentir nada! Acorda ele!

— Ele não vai acordar. Está desmaiado.

— Foda-se. Coloquem as máscaras e tirem a roupa dele.

Os dois colocaram meias com furos no lugar dos olhos nas cabeças e começaram a despir Samuel. Ela começou a filmar. Quando ele estava completamente nu, ela o filmou de perto enquanto ria.

— Agora estuprem ele.

— O quê?

— Que porra é essa, mina?

— Comam ele, não sabem o que é estuprar?

— Tu pagou a gente pra dar uma surra nele enquanto filmava. Que porra é essa agora?

— Esse era o começo. Depois vocês iam estuprar ele. Não vai tirar a masculinidade de vocês, só a dele!

— Eu não vou fazer essa merda — disse o de capuz, ofendido.

— Nem eu, caralho. Pagou a gente pra espancar ele. Eu não faço esse tipo de coisa, muito menos com homem, e desacordado!

— Estão com peninha dele? Eu pago mais! Pago o dobro!

— Vai se foder, sua puta — o motoqueiro tirou a máscara, tomando a câmera das mãos dela e jogando no chão, pisando em cima em seguida. — Eu podia quebrar a tua cara por me desrespeitar desse jeito. Quem devia ser estuprada aqui era você.

— Olha o que você fez, seu idiota!

Ele deu um soco no rosto dela, derrubando-a com o nariz sangrando. Em seguida saíram os dois do apartamento.

Renata cerrou os punhos, com ódio. Seu plano dera completamente errado. Olhou para o corpo nu de Samuel no chão, borbulhando de ódio.

— Não vou dar a viagem perdida.

Foi até a cozinha. Pegou uma faca.

Arrancaria o pênis dele.

Quando voltou à sala, deu de cara um homem na porta. Ao vê-la com a faca na mão, gritou por socorro e correu pelo corredor. Apavorada, largou a faca no chão e correu para a porta, em direção à escadaria. Ouviu os gritos do homem enquanto corria. Conseguiu chegar até a portaria e passar por ela. Os motoqueiros já haviam ido embora.

Correu.

Samuel acordou com tapinhas no rosto. Era o vizinho, Tadeu.

— Graças a Deus você acordou!

Samuel olhou ao redor e viu que a casa estava cheia de pessoas. Seu corpo estava enrolado em um lençol, e logo percebeu que estava nu.

— O que aconteceu? — perguntou com dificuldade.

— Atacaram você. Eu ouvi barulhos e gritaria, depois vi dois caras suspeitos saindo do seu apartamento. Quando entrei, tinha uma mulher com uma faca. Jovem, mais ou menos da sua idade. E você, caído nu no chão. A polícia está chegando, não se preocupe.

Primeiro a polícia e uma enxurrada de perguntas. Depois uma ambulância, cujos paramédicos apenas verificaram suas retinas com uma lanterna e constataram que fora apenas uma concussão. O pequeno corte na cabeça nem precisaria de pontos. Colocaram uma compressa com gelo e foram embora. Samuel apenas se vestiu e foi direto para a delegacia. Lá se encontrou com Daniel, aterrorizado com o ataque. Desta vez tinham testemunhas, e gravações do circuito interno do prédio. Samuel contou tudo à polícia, desde as ligações ameaçadoras e da arma implantada na mochila até o último ataque. Omitiu a suspeita sobre a morte de Macário, por conselho de Daniel. O irmão disse que poderia prejudica-lo.

Não sabia o que havia acontecido depois que desmaiou, nem o porquê de o terem tirado a roupa, mas teve certeza de que não o haviam estuprado, pois uma das evidências encontradas pela polícia no apartamento, além do sangue de Renata, era o cartão de memória nos destroços da máquina, que havia gravado automaticamente quase tudo. Provas mais do que suficientes para pega-la.

Depois de uma noite inteira de depoimento, Samuel voltou para casa. Seu tombo havia lhe salvado de ser espancado, quem sabe até a morte. Tivera muita sorte, pensou. Pelo menos estava mais tranquilo com relação a Renata, agora que a polícia estava atrás dela.

Quando conseguiu dormir teve um pesadelo.

Ele andava de mãos dadas com Ariel por um parque; os dois riam, se divertiam. Então os olhos dela ficaram vermelhos e chifres nasceram do nada da sua cabeça. Acordou quando ela avançou com uma bocarra repleta de dentes afiados em direção a seu pescoço.

Acordou suado. Foi à cozinha, bebeu água. Pegou o caderninho preto, pensou, e escreveu:

Se o amor é puro e divino, o que acontece se você ama um demônio? Ele deixa de ser demônio? Ou o amor deixa de ser puro e divino?

Foi dormir.

• • •

Renata olhou-se no espelho de vários ângulos para checar se o nariz quebrado havia afetado sua aparência. Deduziu que era cedo para dizer já que a região em que fora golpeada estava inchada. Limpou o local mais uma vez com algodão, fazendo leves caretas de dor.

— Eu juro que vou matar você, seu desgraçado — disse encarando a própria imagem como se fosse a de Samuel.

Saiu do banheiro, voltou para a sala da pousada em que estava hospedada, sentou-se no sofá e ficou olhando para o teto. Tinha de pensar em outra coisa, algo sórdido, e que dessa vez funcionasse. Queria ver Samuel sofrer, ser humilhado, reduzido a nada antes que o matasse. Talvez nem precisasse acabar com a vida dele; talvez o castigo maior fosse deixa-lo com sequelas pelo resto dos seus dias miseráveis.

Mas estava completamente sem ideia do que poderia fazer. Não tinha mais dinheiro para pagar bandidos que a ajudassem. Tinha que se prostituir por um tempo para conseguir o dinheiro, o tempo de a poeira baixar e de conseguir os contatos certos, não os meros assaltantes de celular que conseguiu. E agora a polícia estava atrás dela, o que dificultaria sua tarefa. Tinha de pensar em algo urgente.

Noite seguinte saiu para um bar próximo à pousada. Era um lugar discreto, não seria reconhecida. Apesar de nada ter sido noticiado na televisão e de seu rosto não ter sido divulgado, queria evitar lugares em que pudesse encontrar conhecidos de Samuel que pudessem lhe entregar. Pediu uma cerveja e ficou sentada em uma mesa na parte externa do estabelecimento. Havia poucas pessoas ali fora e alguns homens jogavam sinuca lá dentro.

Um bêbado se aproximou sorrindo:

— Sozinha, meu bebê? Quer companhia, meu anjo?

— Cai fora, imbecil.

O homem fez uma cara de descontentamento, praguejou baixinho e se afastou. Ela continuou a beber, percebendo então que era a única mulher bonita ali, e para ser mais específica, gostosa. Estava na segunda cerveja, absorta em pensamentos, planejando febrilmente o que fazer, já completamente alheia ao ambiente em que estava.

— Com licença.

Renata virou o rosto para ver a mulher estonteantemente linda em pé ao seu lado. Era do tipo que chamava a atenção, mesmo estando usando trajes tão comuns, nada vulgares. Percebeu as atenções dos homens voltadas para ela.

— Posso falar com você um segundo? É bem rápido.

— O que você quer? — fechou a cara, impaciente. Queria ficar sozinha.

— Posso sentar?

Quis dizer que não, mas apenas deu os ombros.

— Eu acabei de chegar e vi isso em seu rosto...

— Não é da sua conta.

— Eu sei, eu sei. Só queria dizer que já apanhei de um namorado antes, e por muito tempo, até que cansei e... e dei um fim nisso de uma vez por todas.

— Parabéns pra você, querida. Mas como disse, não é da sua conta. Era só isso? Veio aqui me dar lição de moral?

— Eu vim dizer que conheço alguém que pode dar um fim nessa situação pra você, mas se não está interessada... — fez menção de se levantar.

— Espere — um estalo na mente de Renata fez sua mente funcionar furiosamente. — De quem está falando?

— Desculpe, não deveria ter vindo te incomodar.

— Eu quero muito ouvir. Desculpe minha grosseria, é que não suporto mais apanhar daquele canalha...

A outra mulher deu um sorriso comprazente.

— Você o ama?

— Não mais. E ele não me deixa terminar o relacionamento, sabe? Minha vida é um inferno! Ele vive ameaçando me matar, matar minha família...

— Eu sei bem o que é isso...

— Então, você dizia... Que sabe quem pode dar um fim nisso por mim?

— Posso confiar em você?

— Claro que pode.

— Isso é muito sério. Só vim até aqui falar com você porque já passei por isso e me revolto. Quis que tivesse a mesma oportunidade que eu de se libertar.

— Sou toda ouvidos...

— Tem um cara... Um profissional que conheci por meio de indicações. Ele é policial, mas também trabalha como... matador de aluguel — ela fitou os olhos de Renata esperando sua reação.

— Continue — seus olhos brilhavam de interesse.

— E ele... Ele não só dá um fim no canalha como também dá uma lição antes, sabe? Espanca até não restarem mais dentes, faz a humilhação que você quiser. Eu sei que parece extremo demais, talvez você não tenha coragem de fazer esse tipo de coisa...

— Continue, por favor. Eu quero aquele filho da puta morto. E da pior forma possível.

— Pois esse é o cara ideal. Ele tem um ódio especial por espancadores de mulheres...

— E... Quanto ele cobra?

— Geralmente cobra caro, porque faz um serviço bem feito, sem deixar vestígios. Mas... Não quero ofender, mesmo, mas caso... Ah, não vou falar isso.

— Diga!

— Não sei se você tem dinheiro suficiente, mas eu não tinha. Contei minha história e tudo o

que ele me cobrou foi uma foda daquelas... Eu fiz sexo com ele pelo serviço.

Era muita sorte. Aquela mulher caíra do céu. Ou saíra direto do inferno.

— Leve-me até ele, por favor!

— Tem certeza?

— Sim! Mais que tudo! Pode ser agora?

— Se você puder... Mas não fica perto daqui. Você tem carro?

— Não.

— Não se preocupe, eu tenho. Só colocar alguns litros de gasolina pra mim e te levo lá agora.

— Fechado! Garçom!

— Fico muito feliz em ajudar outra mulher a sair da vida que eu vivia...

— Muito prazer em conhecê-la. Meu nome é Renata — estendeu a mão.

— Ariel. O prazer é todo meu — disse apertando a mão dela.

Renata não sentia o corpo, estava grogue, como se o corpo todo houvesse sido anestesiado com novocaína. Estava tonta, desnorteada, com a visão embaçada, que aos poucos ia distinguindo as imagens ao redor, como uma câmera conseguindo foco. Estava sobre uma cama, sentada e encostada na parede, e só depois de um tempo reconheceu aquele ambiente.

Estava em um quarto de motel.

Ariel aproximou-se quando percebeu que ela estava desperta. Sentou-se ao lado dela.

— Você pesa, garota. Tirar você do carro e colocar na cama deu trabalho — o tom de voz havia mudado, o semblante havia mudado; o olhar agora era nuvioso, era uma pessoa completamente diferente da simpática mulher que a abordara no bar. — Consegue me ouvir, não consegue?

Renata tentou falar algo, mas só conseguiu emitir alguns sons.

— Injetei ketamina em você. Tranquilizante de cavalo, e numa boa dose. Deve estar tonta e breve terá alucinações, mas quero que esteja ciente do que estou falando. Quero que saiba exatamente por que você vai morrer.

Renata abriu os olhos, aterrada.

— Deve estar se perguntando quem sou eu — a voz de Ariel era calma, serena, triste, até. — Eu não saberia mais responder a essa pergunta. Mas temos algo em comum. Ambas somos monstros. Ambas somos capazes de tirar a vida alheia e sentir prazer com isso. Certo?

Não houve resposta. Apenas os olhos em pânico de Renata falando por si sós. A voz de Ariel

tornou-se fria:

— Só que somos monstros em proporções muito diferentes. Você não passa de uma vadia mimada que fodeu com a própria vida e busca vingança com um inocente. Se acha que perdeu tudo, saiba que perdi minha própria vida, minha própria alma, minha humanidade. Nem sabe direito o que está fazendo, garota. Eu sim. Eu sei exatamente o que faço. Calculadamente. Eu sei aproveitar cada segundo da dor alheia e extrair toda a tranquilidade e paz que isso traz à minha alma. Quer um exemplo de como fazer isso?

Renata fez um som alto. Estava tentando gritar. O olhar de Ariel tornou-se ainda mais sombrio:

— Arranquei toda a pele da perna de um cara. Esfolei do joelho ao pé. Depois arranquei cada músculo com um canivete; deixei a perna dele literalmente nos ossos. E ele gritou durante todo o processo. Bem alto — ela fechou os olhos como se conseguisse ouvir. — Então cerrei o osso da canela bem devagar... até arrancá-la e mostrar para ele. Ele perdeu muito sangue e morreu cedo demais; depois disso aprendi a estancar hemorragias, cuidar de feridas... Essa era a minha droga mais eficaz, a única coisa capaz de sossegar minha alma, de anestesiar minha dor. Meu paliativo para meu sofrimento inacabável — inclinou-se para ficar bem próxima ao rosto de Renata. — Vê agora que tipo de monstro eu sou? Ainda acha que estamos no mesmo patamar? Você se imagina fazendo isso, Renata? Seria capaz de fazer isso com Samuel?

Ao ouvir o nome de Samuel, Renata franziu o cenho, pasmada.

— Ele é a razão de você estar aqui — ela disse com um leve tom de consternação na voz. — Se fosse qualquer outra pessoa no mundo, nunca nos falaríamos. Mas você foi mexer justamente com ele... Eu só deveria matar mais uma pessoa antes de acabar com minha própria vida, deixar ele em paz. Uma pessoa específica, e essa pessoa não era você. Graças às suas escolhas eu serei obrigada a incluí-la.

Renata começou a chorar, tentando gritar, sem sucesso. Os gemidos que soltava seriam facilmente ignorados devido ao local em que se encontravam.

— Se tornou um monstro desalmado, garota. E apenas um monstro deveria matar outro monstro — retirou uma seringa da bolsa. Os olhos obscuros também estavam tristes. — Não sinto nenhum prazer em tirar sua vida. Mesmo. Mas entenda, você tem que morrer.

Injetou o líquido em seu pescoço. Renata quase não sentia dor; estava delirando. Arlequim abriu o frigobar, abriu uma cerveja e tomou um gole longo. Não sentia prazer, mas não sentia remorso, nem compaixão. Olhou para Renata, já imóvel.

— Durma, menina.

Tomou outro gole de cerveja. Não podia deixar o corpo ali; as funcionárias a encontrariam

antes que saísse das dependências do motel. Cortaria sua garganta enquanto dormia, mas não ali.

Ficou absorta.

Dezoito

Samuel ajudou os outros zeladores com a limpeza de um corredor e assim que sua hora de trabalho acabou, saiu do hospital pensando em dar uma volta no shopping, almoçar por lá antes de ir para a universidade. Precisava de seu momento de solidão.

— Sam.

Ali, encostada no corredor da urgência, com o olhar triste, envergonhado, estava Ariel. Ficou olhando para ele com a respiração ofegosa, e foi tomado por um sentimento de raiva.

— Resolveu aparecer — virou as costas e atravessou a rua.

Ariel apressou o passo e o acompanhou. Segurou seu ombro.

— Preciso falar com você.

— Você precisa falar comigo? — disse alterado. —Depois desse tempo todo, Ariel? Eu pensei que você nunca mais fosse aparecer! Não sabe como minha vida tem sido um inferno desde que você sumiu! E foda-se essa sua filosofia barata de aproveitar o presente e cada adeus ser o último! Se é pra você sumir, que seja de uma vez, não me deixar em banho Maria num pote de ácido!

Ela ficou calada, cabisbaixa. Ele esperou uma reação dela, esperou que dissesse algo, ficou irrequieto olhando para sua inércia.

— Não tem nada a dizer?

— Preciso te mostrar uma coisa.

— Não sei bem se quero ver, Ariel. Qualquer coisa que me traga esperanças... Eu preciso acabar com isso.

Ela levantou os olhos, deu um sorriso triste.

— Acho que não dessa vez, Sam.

— Como assim?

— Eu preciso te mostrar uma coisa.

— Que coisa?

— Minha casa.

Ele ficou sem ação.

— Sua... sua casa?

— Sim. Quero que conheça minha casa.

— Mas... Por quê? Por que mudou de ideia?

— Por que preciso que me conheça. Quero que saiba quem é Arlequim de verdade.

— Quer dizer... Você vai me mostrar sua casa por que pretende se mudar?

— Não. Para que me visite sempre que quiser.

Samuel sentiu um nó na garganta. Deu um sorriso, o peito ardendo de alegria.

— Agora? — gaguejou.

— Não. Assista sua aula. Pego você na saída.

— De jeito nenhum! Não vai desgrudar de mim enquanto não mostrar o endereço!

Ela sorriu.

— Não quero que perca aula por minha causa.

— Eu perderia tudo por você.

— Deixa de ser brega.

Riram.

— Vamos?

— Vamos almoçar primeiro.

— Fechado — abraçou-a forte e deu-lhe um beijo.

Não havia grandes segredos. Ela morava sozinha em uma pequena casa em um bairro distante da Paraíso da Perdição. Era um bairro pobre, isolado e mal iluminado. Sua casa era murada e tinha cerca elétrica, mas era simples, não chamava a atenção.

— Você não mora aqui. Você literalmente se esconde — disse enquanto ela abria a porta. — Esse lugar não é perigoso para morar sozinha?

— Eu sou perigosa para esse lugar sozinho — piscou para ele.

— Tenho certeza que sim.

— É distante, difícil de achar. Dificilmente me procurariam aqui.

— Estou decepcionado. Esperava uma caverna cheia de morcegos e caveiras.

Ela riu.

Por dentro a casa era linda; era como se a fachada pertencesse a outro lugar. Havia alguns quadros com imagens de peças de teatro conhecidas, algumas delas, de Shakespeare. Outras faziam alusão à *commedia dell'arte*, com imagens do Arlequim, da Colombina e de outros personagens. Em um quadro enorme havia uma imagem de Arlequim segurando um cajado, com trajes medievais decorados de losangos multicoloridos e uma máscara pintada de preto, com uma expressão animalesca.

Ariel ficou olhando para o quadro.

— Sabia que as máscaras carnavalescas medievais fazem alusão a seres infernais? Falo de demônios, criaturas subterrâneas. Para que houvesse fertilidade na terra era necessário invocar tais divindades. As máscaras denotam esse caráter infernal, pintadas de preto, a cor das trevas. Arlequim seria uma espécie de chefe dos diabos, que os comandava com este bastão do quadro.

— Que medonho. O carnaval então é coisa do diabo?

Ela riu.

— Perspectiva interessante essa sua.

— Por que a temática "Arlequim" para as boates?

Ela olhava ainda para o quadro.

— Ele era imperfeito, ambivalente. Embora suas diabruras e caretas, suas cambalhotas e sua agilidade remetessem ao inferno, ao ruim, ele causava o efeito contrário, benigno. Ele fazia as pessoas rirem. Não tem nada a ver com a boate ou o sexo. O Arlequim para mim tem significado maior. Uma alegria disfarçada de maldade, ou uma maldade disfarçada de alegria...

— Uau, estou começando a me arrepiar com essa história. Onde aprendeu tanto sobre arte?

Ela apontou para uma estante repleta de livros.

— Fiz três anos de teatro e dois de *ballet*. Nunca me formei em nenhum. Nem me tornei atriz, nem bailaria.

— Não entendo como foi parar numa boate sendo tão inteligente, Ariel.

— As mulheres que estão lá não são burras. Elas têm suas razões. É tudo uma questão de princípios, ou de ponto de vista. O que é inaceitável pela sociedade pode ser a única alternativa para alguém, e com o tempo, algo normal, mecânico, não errado. Não criei laços com nenhuma delas, mas por motivos pessoais.

Samuel lembrou-se da garçonete ruiva.

Ele ficou em silêncio um segundo. Não ia continuar falando do passado, mesmo que a curiosidade estivesse matando-o há muito tempo. Esperaria ela se sentir à vontade para falar.

Foram para o quarto.

— Que lindo, cara!

Cada parede tinha uma temática; em uma delas o papel de parede era composto por tirinhas do *peanuts* do chão ao teto; outra com a temática "música", com prateleiras presas em suportes com CDs, miniaturas de instrumentos musicais e discos de vinil presas às paredes como quadros, e bem no centro, um piano; a outra era uma decorada com o estilo "retrô", e a maior parte dela era de madeira, que Samuel deduziu ser um closet. E a última parede tinha quadros com o Pequeno Príncipe e sua rosa, presa a uma redoma, ou uma raposa. Na parte inferior da

parede havia um desenho simples, com dois traços formando um horizonte curvilíneo, e uma estrela amarela sobre ela. Ao pé da cama havia uma luminária em formato de árvore, com centenas de pequenas lâmpadas no lugar das folhas. Samuel aproximou-se de um dos quadros, onde havia uma frase em francês:

L'essentiel est invisible pour les yeux.

— O essencial é invisível ao olhos — ela traduziu, apoiando-se no ombro dele.

— Eu sei, eu li o livro. E me apaixonei. É simplesmente fantástico, Ariel. Cada passagem, cada viagem, a relação dele com a rosa, e... A raposa — seus olhos se entristeceram. — Lembram-me um velho amigo sábio.

— O Pequeno Príncipe me lembra várias coisas. Impossível não refletir sobre a vida, parar pra pensar que perdemos tão facilmente nossa inocência nesse mundo cruel. Nos tornamos pessoas grandes, que ao contrário das crianças, não enxergam o novo, procuram sempre algo que já conhecem. As crianças não; as crianças, não, estão sempre em busca do novo, das descobertas, de um novo mundo de possibilidades.

— E assim como ele, eu achei minha rosa entre milhares de outras. E agora ela é única, por que ela me cativou.

— E foi cativada...

Beijaram-se.

— E esse piano? Você também toca?

Ela apenas sorriu, puxou o banquinho e posicionou as mãos sobre as teclas. Fechou os olhos. Começou a tocar. Seus dedos deslizavam pelas teclas com agilidade e leveza, e Samuel viu-se imediatamente maravilhado pelo som que ela produzia.

— Que lindo — deu ênfase a cada uma das palavras.

Ela continuava a tocar, como se sentisse a música.

— Chama-se *Claro de Luna*, do Bethoven — disse ao terminar de tocar.

— Nossa, é simplesmente incrível! Parece impossível de se fazer, e você faz tão...

— Quem sabe tocar um instrumento musical jamais se sente sozinho — e ao dizer isso começou a tocar algo que Samuel logo identificou: era *When I was your man*, de Bruno Mars, música que ouviram no dia em que se conheceram. Samuel já estava enlevado com as mãos mágicas dela, quando começou a cantar, casando sua doce e aguda voz à melodia. Enquanto tocava e cantava, dos olhos de Ariel brotaram lágrimas. Samuel esperou o fim da música para interrompê-la:

— Por que está chorando? — enxugou seu rosto e deu-lhe um beijo na face e outro nos lábios.

— Essa música me faz ter medo do futuro, fala de arrependimento...

— Do que tem medo de se arrepender?

— Senta na cama, quero te mostrar uma coisa.

Ele obedeceu e ela saiu do quarto. Esperou sentado na cama por algum tempo, quando uma música suave começou a tocar vinda da sala-cozinha. Intrigado, andou em direção ao som.

Ela estava vestida de bailarina, uma roupa branca e rosa, dançando ballet na ponta dos pés ao ritmo da música. Ele assistiu maravilhado Ariel girar trezentos e sessenta graus com as pernas em formato de quatro. Era como se ela não respeitasse a gravidade, brincasse com ela. Ficou abobalhado assistindo-a dançar, como em câmera lenta, como se cada movimento fosse calculado, perfeito. Era exatamente o que ela fazia no palco da boate, mas com uma candidez sublime.

Quando a música se encerrou, ela se curvou, em agradecimento.

Samuel bateu palmas.

— Nossa, você foi demais! Você fica linda de bailarina, Ariel!

Ela riu, envergonhada com o elogio.

— Cheguei a dançar O Lago dos Cisnes. Eu fazia o Cisne Branco e o Negro.

— Assistiu o Cisne Negro?

— Amo aquele filme.

— Era obcecada por perfeição como a personagem principal?

— Não. Um pouco, talvez. Essa dualidade nunca foi um problema pra mim.

Os dois foram para a cama. O sexo desta vez foi mais romântico, demorado, sem pressa, cada segundo sendo apreciado. Deitados nus, ela sussurrou em seu ouvido:

— É a primeira vez que mostro minha casa a alguém. Ninguém sabe onde moro. Nunca confiei em ninguém.

— Exceto em mim...

Ela o olhou com pesar nos olhos. Tocou seu rosto.

— Eu tenho tanto medo...

— De quê?

— De machucar você.

— Por que me machucaria?

— Se souber quem eu sou, Sam, vai se afastar de mim, vai ter repúdio. Como eu disse, eu jamais deveria ter me envolvido com você. Mas é tarde demais.

— Sim, é tarde demais. Mas por que você voltou?

— Eu não ia. Juro que não ia mais. Mas algo me fez mudar de ideia... Achar que talvez posso ter uma segunda chance.

— O que te fez pensar assim?

— Você despertou a parte pura que existia em mim, a parte que não havia sido corrompida. Você me fez acreditar em sonhos novamente, imaginar uma vida... Uma segunda chance.

— Então por que demorou tanto?

— Não achei que fosse justo com você. E não achei que eu merecesse essa chance... Muita coisa aconteceu aqui dentro — apontou para o peito — desde que te conheci. Você me faz querer viver, Sam. Deu-me um forte motivo para querer mudar tudo. Desistir do ódio que me consome e abraçar o amor que você oferece.

Ele a beijou. Ia perguntar se ela o amava, mas não teve coragem.

— Você já amou alguém? — perguntou ele olhando fundo em seus olhos.

Ela sorriu triste.

— Sim. Já tive um grande amor. Mas não quero falar dele agora.

— Você está falando em segunda chance, em tentar de novo comigo... É isso que eu entendi? Você deseja ficar comigo?

— Mais que tudo, Sam. Mas... Tenho medo. Tenho medo por você.

— Se confiou em mim para me deixar entrar em sua casa, por que não confia em falar do seu passado?

— Por que perderia você se o fizesse.

— Nada que você me fale vai mudar o que eu sinto.

— Conseguiria viver comigo o resto da vida sem que eu te dissesse?

A ideia de viver com ela o resto da vida o inundou de felicidade.

— Eu preferia que me dissesse, pra ajudar você a carregar sua cruz.

— "Mentiras sinceras me interessam" — citou o trecho da música do Cazuza.

Ele sopesou o que ela disse.

— Prefiro verdades cruéis, Ariel.

— A ignorância é uma bênção. Não podemos ser felizes juntos, Samuel. Não me perdoaria se algo acontecesse a você.

— Então vamos fugir.

— O quê?

— Vamos embora, pra longe, trocar de identidades, começar do zero...

Ela riu.

— Adolescentes... Pensa que isso é um filme, Sam?

— Não me importo com seu passado. Quer saber? Não tenho interesse que me conte. Vamos enterrar ele aqui e começar de novo, bem longe. Se for pra te manter comigo, mentiras sinceras me interessam sim.

Ela sorriu, e aos poucos os olhos foram se enchendo de lágrimas.

— É a proposta mais tentadora que alguém já me fez.

— Você aceita?

— E sua vida, garoto? Não posso fazer isso com você, deixar meu egoísmo destruir sua vida...

— Como destruir? Estar ao seu lado é a única coisa que desejo pro meu futuro.

Os dois se beijaram, forte.

— F5, vai. O que aconteceu nesse tempo em que estive ausente?

Samuel falou então sobre o incidente no banco, os dias na cadeia, as ameaças e atentados de Renata, e a morte de Macário.

— Sinto muito pelo seu amigo. Ele merecia ser vingado.

— Vingado? Sim, na verdade, não sei o que seria capaz de fazer com os responsáveis.

— Eu acredito em punição, Sam. Todos temos que pagar pela dor que causamos ao próximo, ou pela dor que causamos aos entes queridos deles. Eu sempre me vinguei de todos que me fizeram mal. Sempre fui assim, desde criança. E sei que devo pagar pelo mal que causei também, em igual proporção.

— Não vai pagar por nada. Eu vou te proteger.

Ela riu.

— Vai escrever um poema ofensivo?

— Rá, rá, rá — disse ironicamente. — Mas falando da Renata, só de pensar que ela pode atacar de novo, e eu não ter ideia de como ou quando...

— Ela não vai.

— Como pode ter certeza?

— A polícia está envolvida. Ela não tem peito pra continuar.

— Você pode ter razão — disse, pensativo. — E você, o que tem feito? Aliás, o que você faz sempre que desaparece?

— Quer sorvete?

— Vai fugir de novo?

— Tem de flocos, meu preferido. Gosta?

— Sim.

Saíram para a sala, nus. A casa basicamente tinha sala, cozinha americana, o banheiro, o quarto e uma porta amarela ao lado do quarto.

— O que tem atrás daquela porta?

— Não te interessa.

— Ah, fala aí. É outro quarto? Um depósito? Adega?

— Não tem nada ali. A porta está isolada. Nem mesmo tenho a chave mais.

— Mas tem que limpar, deve estar cheio de poeira e ratos.

— Não, não tem móveis lá dentro, não tem nada — abriu a geladeira e retirou o pote de sorvete. — Seria um quarto de hóspedes se eu recebesse hóspedes.

— E eu?

— Com você partilho meu quarto — colocou o sorvete em taças.

— Seu quarto tem seu cheiro. É incrível.

Tomaram o sorvete enquanto se encaravam e sorriam um para o outro. Beijaram-se e fizeram sexo ali mesmo.

— E então, minha proposta de fuga?

— Você pensa em ter filhos? — ela o fitou seriamente.

— Sim, claro. Adoro crianças. De preferência uma menina; seria ótimo.

— Não posso engravidar.

Samuel ficou sem palavras.

— Eu tive uma filha. Na verdade nem sabia o sexo ainda quando a perdi, mas sabia que seria menina.

— Podemos adotar.

— Você nunca teria um filho do seu sangue.

— Poderia viver com isso. Só não poderia viver sem você...

— Ah, você tinha que estragar o momento com suas breguices!

— Breguices?

— É. Tem que ter esse "mi mi mi" toda vez? — riu.

— Falar nisso, cadê seu caderninho preto?

— Nesse tempo que você evaporou, escrevi um bocado.

— Eu quero ver.

— Jamais. Não vou te dar esse gostinho.

— Então não te dou mais esse gostinho — passou a mão na vulva.

— Isso é golpe baixo, sua pilantra.

— Vamos viajar? — disse com cara de quem acabara de ter a ideia.

— Não posso. Estou cumprindo pena.

— Um fim de semana. A polícia não vai saber.

— Fala a verdade. Você veio pra desgraçar a minha vida, não foi?

— Basicamente isso.

— Viajar pra onde?

— Um paraíso de verdade. Jericoacoara.

— Jeri? Sempre quis ir lá!

— Esse final de semana?

— Já? Claro. Vou... Vou conseguir a grana com o meu irmão.

— Não. Eu tenho dinheiro pra nós dois.

— De jeito nenhum vou deixar você me bancar.

— Seu machista idiota, tenho dinheiro de sobra. Se seu irmão souber que vai viajar, não vai deixar por causa da polícia. Não disse que ele é super protetor?

— Tem razão... Vou engolir o orgulho.

Estava vivendo um sonho. Ariel mudara completamente o discurso, agora falava em futuro com ele, fazia planos... Não sabia o que a havia feito mudar de ideia, mas dessa vez tinha um pressentimento de que daria certo.

Ao se despedir, pela primeira vez ela não disse Adeus.

— Até logo, Sam.

E isso significava tudo.

Dezenove

Adão afastou o braço de sua esposa de cima do seu corpo e se levantou, caminhando de sunga até a cozinha de sua luxuosa casa. Tomou um copo com água, voltou para o quarto.

— Sentiu saudades, Adão?

Ele virou-se por instinto, com o susto que a voz lhe causara. A voz *dela*.

— Arlequim!

Ela estava encostada no enorme guarda-roupa, com uma pistola apontada para ele, escondida na sombra, a mão armada aparecendo na penumbra.

— Falemos mais baixo ou ela vai acabar acordando — apontou para a cama.

— Como entrou aqui?

— Esse é o menor dos seus problemas.

— Vamos conversar... Lá fora.

— Sim, claro. Você na frente.

A mulher remexeu-se sob os lençóis, mas não despertou. Os dois saíram do quarto, ele sempre sob a mira da pistola.

— Onde você estava, sua desgraçada?

— Pedi demissão.

— Não existe demissão. Temos um pacto! Você disse que restava mais um. E que só acabaria quando você morresse!

— Eu desisti do último. Estou indo embora.

— Não pode fazer isso! Eu preciso de você na boate!

— O que o Iguana dirá quando descobrir que você não tem como pagá-lo?

— Eu quase consegui o dinheiro. E é pra isso que preciso de você! Eu pago muito mais do que antes. Juro que encontro a vítima que você procura!

— Acho que ele não ficará contente quando perceber que você não tem nenhum centavo...

— Eu já disse que... — fitou-a descrente.

— Abra o cofre, Adão.

— Você é louca? Esse dinheiro é do Iguana!

— Esse dinheiro agora é meu. Meus direitos trabalhistas — sorriu com malícia.

— Não vou te dar um centavo, sua puta maldita!

— Antes de atirar em você vou matar sua esposa e seus filhos na sua frente.

Adão começou a tremer de ódio.

— Abre a porra do cofre, Adão.

Ele foi até um escritório, no mesmo andar. Afastou o tapete, revelando o cofre, abaixo da escrivaninha.

— Juro que vou matar você, sua vadia!

— Claro que vai.

Digitou a senha do cofre, logo retirava vários blocos de notas. Ariel jogou uma bolsa preta e ele a encheu. As veias apareciam no pescoço de Adão, tiritando de ira. Jogou a bolsa para ela.

— Gostei da sunga. Anda! — fez um sinal com a arma.

— Por que não me mata?

— Não teria graça te matar. Iguana vai fazer isso melhor que eu.

Adão foi levado até o próprio quarto e assim que entrou, ela trancou a porta.

Correu até o criado-mudo e pegou sua pistola.

— Amor? — disse a mulher despertando.

Ele deu um chute na porta. Dois. Três. Então atirou na fechadura, gritando, e deu mais um chute, a mulher em desespero em sua cama. Desceu as escadas possesso. O segurança estava caído, mas não havia sangue; devia ter lhe injetado alguma coisa.

Era tarde demais. Ela já devia estar longe.

Seus filhos adolescentes surgiram na porta atrás dele, assustados. Mas nenhum teve coragem de perguntar o que estava havendo.

Nunca haviam visto aquela expressão no rosto de seu pai.

• • •

Foram longas horas de viagem, até o Ceará, com Ariel revezando o volante com Samuel. Chegaram em Jijoca e de lá não poderiam mais ir de carro devido às estradas de areia irregulares e às poças de lama. Pegaram uma "jardineira", como era chamada uma espécie de ônibus rural com grades de madeira e capô de caminhonete. Lembrava os ônibus escolares americanos.

Sacolejaram desconfortavelmente até finalmente verem o mar. Chegaram a Jericoacoara já de madrugada, recebidos por guias que os oferecia auxílio para encontrarem pousadas ou hotéis. Um deles os chamou a atenção; falou em inglês e em português com os recém-chegados, e dirigiu-se diretamente ao casal.

A vila de pescadores onde se situava a parte comercial da cidade era incrível. O ambiente rústico estava ali, intacto; as ruas eram de areia e não havia iluminação de postes, apenas vinda dos estabelecimentos e do céu. Samuel via maravilhado o ambiente cinematográfico; parecia uma cidade cenográfica.

O guia os levou até uma pousada simples, mas muito bela, repleta de apanhadores de sonhos como decoração, "Recanto do Cacique". Foram recebidos por uma mulher madura, de olhos bem azuis, pele clara bronzeada, a dona da boate, que se identificou como Iara. Dormiram, exaustos pela viagem, e acordaram cedo para aproveitarem o máximo. Tomaram café com alguns estrangeiros, a maioria vindos do Peru. Tomaram banho na praia, tomaram algumas cervejas, então contrataram um passeio de *boogie*, para fazerem um tour pelas principais atrações do local.

Enquanto subiam e desciam dunas, o guia ia explicando curiosidades. Quando chegaram à Árvore da Preguiça, Ariel pediu para que o guia tirasse uma foto dos dois. Tratava-se de uma árvore deitada pela força do vento. Após algumas fotos, ela abriu a bolsa onde levava a câmera e tirou de lá uma pequena caixa de metal com cadeado e uma espátula.

— O que é isso?

— Meu segredo mais precioso. Se eu não viver pra te contar, vai ficar enterrado aqui, nesse paraíso de sonhos perdidos. Só volte para ver quando duvidar do que sinto por você.

— Ah, não vale. Deixa eu ver.

Ela o ignorou. Foi até o tronco da árvore, cavou um buraco relativamente fundo e enterrou a caixa.

— O que tem aí é tão importante assim?

— É a coisa mais importante da minha vida.

Beijou-o e voltaram ao veículo. Samuel perguntou-se se o dono do *boogie* os havia visto enterrar o objeto, e por curiosidade voltaria para ver o que era. Não tinha como saber ainda.

Almoçaram na Lagoa do Paraíso, ficariam lá por algumas horas antes de continuarem o passeio. Ariel estava sentada em uma das mesas, com óculos escuros, esfregando protetor solar nas costas de Samuel.

— Com licença.

Era um homem na faixa dos trinta, acompanhado de uma bela mulher de cabelos negros, na mesma faixa de idade ou mais nova. Segurava uma câmera fotográfica na mão.

— Podem tirar uma foto nossa?

— Com certeza — disse Samuel, prestativo, pegando a câmera.

Tirou uma foto do casal se beijando e outra dos dois abraçados contemplando a enorme lagoa.

— Tira uma nossa também? — pediu Samuel.

— Claro!

O homem pegou a câmera de Ariel e tirou a foto dos dois abraçados, de rostos colados.

— Casal lindo vocês — elogiou a mulher, sorrindo.

— Vocês também — replicou Ariel, simpática. — O amor está no ar entre nós quatro.

A mulher riu, concordando com a cabeça.

— Primeira vez em Jeri? — indagou o homem.

— Sim — respondeu Samuel.

— Isso aqui é o paraíso — disse o homem olhando ao redor. — Precisamos voltar aqui mais vezes.

— Quantos anos de casamento? — indagou Samuel vendo alianças nas mãos dos dois.

O homem e a mulher se olharam, constrangidos, e riram, com cumplicidade.

— É complicado — ele respondeu coçando a cabeça, sorrindo. — E vocês? Namorados?

— Não sei ainda em que categoria nos encaixamos — Samuel respondeu também embaraçado, após dar troca de olhares com Ariel.

— Vão ver o pôr do sol? Dizem que é o mais bonito do mundo — disse a mulher.

— Definitivamente — Ariel respondeu.

— Bem, vamos indo. Prazer, eu sou Bernardo, e essa é Camila.

— Eu sou Samuel, e essa é Ariel.

— Até os nomes combinam — disse Bernardo sorrindo.

O casal despediu-se e Ariel voltou a passar protetor em Samuel. Algumas horas depois os dois continuaram o passeio até a Lagoa Azul, que tinha redes armadas na parte rasa da mesma. O casal deitou-se nas redes, beberam, sentindo os peixes passarem por entre seus pés. A água era incrivelmente cristalina.

— Isso aqui é o Caribe do Brasil — comentou Samuel, maravilhado.

Depois de lá passaram pela Praia do Preá, uma belíssima praia com ar nuvioso, solitário, parecia intocado pelo homem. Encerraram o passeio na Duna do Pôr do Sol. Havia centenas de pessoas espalhadas pela duna, todos procurando um lugar privilegiado para verem o fenômeno em que o Sol parecia ser engolido pelo mar.

Tiraram fotos, depois ficaram sentados, abraçados, a cabeça de Ariel no ombro de Samuel, observando o sol baixar cada vez mais.

— Eu amo você, Ariel.

Ela o encarou com ternura e o beijou.

— Não vou ouvir um “eu também”?

— Tenho medo dessas palavras.

— "Eu também"?

— "Eu te amo".

— Eu também te amo — ele sorriu.

Ela riu e deu-lhe um tapinha na perna.

— Hei.

Os dois se viraram. Era uma mulher com a filha ao lado.

— Querem que tire uma foto de vocês nesse ângulo?

— Claro, agradeço — disse Samuel entregando a câmera e voltando à posição em que estavam.

A mulher tirou a foto, então mostrou como ficou. Os dois eram sombras com o sol avermelhado no espaço entre os ombros e cabeças encostadas.

— Ficou linda! — Ariel disse abrindo um sorriso. — Muito obrigada.

Alguns segundos depois e todos começaram a bater palmas, o sol aos poucos desaparecendo no horizonte, como se despedisse de todos em grande estilo.

Então a escuridão.

Na praia havia uma apresentação de capoeira. Assistiram por alguns minutos antes de irem jantar em um restaurante da vila. Havia músicas para todos os gostos; em algumas regiões, rock, pop rock, covers de bandas famosas nacionais e internacionais; em outras, forró, pagode, reggae, samba. Ariel tirou uma foto de Samuel encostado em uma árvore com o formato de jacaré. Sentaram-se na praça por um tempo, enquanto namoravam, depois foram para a roda de samba. Samuel não sabia dançar, mas ficou observando sua musa rebolar como uma *globeleza*. De lá foram para um restaurante em que tocava uma banda de forró; mais uma vez Samuel observou Ariel dançar, dessa vez com outras pessoas. Ao invés de ciúmes, sentiu orgulho: aquela deusa que chamava a atenção do lugar inteiro era sua. *Sua*.

Mais tarde da noite foram a outro ambiente, onde ouviram um cover de bandas nacionais: Legião urbana, Cazuza, Capital Inicial, Nenhum de Nós, entre tantas. Dessa vez Samuel acompanhou as músicas, cantou alto algumas.

— Vem, eu prometi que você ia ter essa experiência — ela disse puxando-o pela mão em direção à área em que ficavam os hippies com suas barracas de produtos artesanais.

Samuel ficou encantado com o talento deles; viu um *Alien* do tamanho de um antebraço feito de arame. Havia narguilés, pulseiras, colares, apanhadores de sonhos, tudo feito de madeira, arame e escamas de peixes. Mas Ariel foi direto a uma barraca específica.

— Quanto é o baseado?

— Vinte reais.

Ariel pagou. Samuel assistiu sem reação o hippie tatuado fazer o cigarro de maconha ali, na frente dos turistas que passavam, sem a menor cerimônia. O homem fez propaganda de outras drogas, mas Ariel agradeceu e se afastou de mãos dadas com Samuel.

— Vamos fumar maconha? Onde?

— Na pousada.

— Mas é proibido.

— Ninguém vai ver, relaxa.

Subiram para o quarto em que haviam se hospedado, o número sete. Subiram ao segundo andar do quarto, onde havia uma cama de casal.

— Eu não sei tragar.

— Eu ensino — ela disse acendendo o cigarro. — Olha só — disse segurando com os dedos indicador e polegar. —, você puxa, mas não engole a fumaça, segura aqui, na garganta. Espera um tempo, depois solta. Assim — ela demonstrou.

Passou o cigarro para ele.

Samuel tentou seguir os passos, mas teve uma crise de tosse. Ela riu. Tentou mais algumas vezes até conseguir. Passavam o baseado um para o outro enquanto riam sem parar.

— Seus olhos estão muito vermelhos.

— Olha os seus!

Samuel foi até o espelho. Começou a rir. Estava ficando tonto, mas com uma sensação incrível de relaxamento. Assim que o cigarro se extinguiu os dois fizeram sexo.

— Nossa, me deu uma fome!

— Larica — ela disse rindo.

Quando saíram para procurar comida, a maioria dos lugares estava fechado. Acharam uma padaria aberta, comeram misto quente com café com leite e voltaram para a pousada.

— Que loucura! — disse Samuel, os dois já deitados. — Se meu irmão sonha que fumei maconha!

— Vai dizer que ele nunca fumou.

— Meu irmão? Duvido. Ele é muito careta.

— Mas você o idolatra, não é?

— Sim. Daniel é meu ídolo, meu herói. Recentemente descobri que ele não é perfeito, o que só me fez admirar ele ainda mais. Sabe, eu tenho ele como modelo. Quero ser como ele, quero ter a maturidade e carisma dele, e a determinação também.

— Ele sabe de mim?

— Sim, falei em partes. Não disse que você era uma *stripper*...

— Ele não precisa saber. "Mentiras sinceras me interessam", lembra? Tem medo que ele não me aprove?

— Ele só quer me ver feliz. Se ele sabe o quanto você é especial pra mim, logo será seu melhor amigo.

— Preciso conhecer esse cara.

— Precisa mesmo! Você vai adorar ele! Ele é muito bacana, cara, e inteligente. Nesse quesito vocês são muito parecidos; me sinto burro perto de vocês.

— Depois dessa propaganda toda, acho que vou acabar me apaixonando por ele — provocou.

— Não fala isso nem brincando! Mas, quer saber? Apesar de saber que ele nunca se interessaria por você sabendo o que eu sinto, se vocês se apaixonassem, eu ficaria muito feliz. Pra você ter noção do quanto amo aquele cara.

— Quero ver isso na prática — duvidou, maliciosa.

— Quando apresento vocês?

— Você que sabe. Ele é bonito?

— Para, sua idiota — deu-lhe um leve empurrão e os dois riram. — Me fala do seu grande amor

— Foi um amor louco — ela disse com um sorriso terno. — Nos conhecemos por acaso, eu estava saindo do curso de teatro e ele estava tocando violão em frente à escola. Parei para ouvi-lo tocar. Ele era muito bom, e muito, muito bonito — o comentário causou uma ponta de ciúme em Samuel. — Ele usava barba e alargador, vestia-se largadão, sabe? Estava ali pela música. Ele me viu e cantou olhando diretamente para mim uma música do Lulu Santos, "Apenas mais uma de Amor", sabe qual é?

— "Eu gosto tanto de você que até prefiro esconder..." — cantarolou ele.

— Isso. Logo em seguida emendou "Proibida Pra Mim", do Charlie Brown Jr, mas na versão do Zeca Baleiro. "Eu vou fazer de tudo o que eu puder, eu vou roubar essa mulher pra mim. Eu posso te ligar a qualquer hora, mas eu nem sei o seu nome" — ela cantou de olhos fechados. — Quando ele cantou essa parte, eu disse de longe, sussurrando, mas como se gritasse: "Ariel" — ela sussurrou. —Conversamos e bebemos. Eu fiquei simplesmente encantada por tudo nele! A voz grave, a maneira com que ele sorria, o sotaque carioca... O primeiro beijo foi incrível e desde então tivemos um relacionamento de amor avassalador. Eu disse que ele era muito bom de cama?

— Pode pular esses detalhes — o ciúme já havia se propagado. Já criara uma antipatia pelo músico.

— Na época eu estava passando por dificuldades financeiras, e ele também. Mas sempre dávamos um jeito de segurar a barra. Ele conseguia algum dinheiro cantando em churrascarias, e eu, que ainda não trabalhava na boate, vendia produtos de beleza. Passamos necessidades juntos, mas sempre com um sorriso no rosto. Nosso amor era maior que tudo.

Samuel sentiu-se incomodado. A maneira com que falava dele o fazia se sentir um intruso; quem era ele perto daquele cara perfeito? Estava claro o quanto ela o amava. Não a imaginava falando assim dele para outra pessoa. Sentiu-se mal, mas não quis transparecer.

— E o que houve com ele? — perguntou já com medo da resposta. E se eles se reencontrassem?

O semblante dela mudou. Ficou sério, triste.

— Ele me amou até descobrir que eu estava grávida. Aí me abandonou. Disse que estava confuso, que não teria condições de ser pai, que não estava preparado... Me deixou sozinha. Ele me fez maldizer todos os "eu te amo" que enderecei a ele. Todo o amor se transformou em ódio de sua covardia.

— E... Como você perdeu a criança?

— Melhor dormirmos, Sam. Estou exausta.

Ele entendeu. Assentiu e a beijou, aliviado de que o cara não seria mais um problema.

Dia seguinte acordaram um pouco mais tarde. Tomaram banho na praia, beberam e partiram depois do almoço. Aquele lugar paradisíaco ficaria para sempre na mente de Samuel, especialmente por ter compartilhado aquela experiência fantástica com a mulher de sua vida.

Já em sua cidade, Ariel deixou Samuel em frente ao prédio de seu apartamento. Despediu-se com um beijo doce.

— Foi incrível, Sam.

— Foi único. Eu te amo, Ariel. Você não tem ideia do quanto eu te amo.

Ela novamente apenas o encarou com ternura, sorrindo, e tornou a beijá-lo.

— Até mais, Sam.

Samuel observou o carro dobrar a esquina.

— "Também te amo, Sam" — ele sussurrou antes de entrar no prédio.

Vinte

— Um brinde ao estuprado! — Elias gritou levantando a dose de tequila.

Os amigos vibraram, com exceção de Samuel, a vítima do brinde. Estavam na casa de Agenor; além de Alcides, o dono da casa, Elias e Samuel, apenas o irmão mais novo de Agenor, Adriano, estava no quintal, no churrasco em que cada um deu uma contribuição para as carnes e bebidas.

— Já disse que não fui estuprado, caralho!

— E tiraram tua roupa pra quê? Pra verem teu corpo escultural? — provocou Alcides gargalhando alto.

— Se eles iam, não deu tempo. O vizinho chegou bem na hora.

— Essa é a tua versão, Sam — disse Elias rodando a carne na churrasqueira. — Abre o jogo pra gente! Somos teus amigos!

— Vão se foder.

— Mas fala aí, Sam, doeu? — perguntou Agenor, provocando outra gargalhada em Alcides.

Adriano também ria. Era um adolescente mirrado de dezoito anos, a cara de Agenor.

— Pro governo de vocês ando mais sexualmente ativo que qualquer um aqui.

— Punheta não conta como sexualmente ativo — Alcides deu mais uma de suas gargalhadas cômicas.

Elias ficou sério.

— Vou aproveitar que vocês estão aqui e quero fazer um comunicado.

— Vai dizer que é gay? — debochou Agenor. — Não precisa, Sam, a gente sabe.

— Estou com a Arlequim.

Todos ficaram calados. Alexandre não entendeu a reação deles, não sabia que quem ele estava falando.

— Você está falando sério? — indagou Agenor.

— Não adianta ficarem com essas caras, velho. Eu e ela estamos apaixonados. Desde aquela noite eu e ela nos vemos. A princípio ela só aparecia quando queria, mas agora ela...

— Você estava com ela o tempo todo? — Agenor falou alto demais.

— Não ouviu nada do que a gente disse sobre os caras da boate? Eles aleijaram um cara na nossa frente! — Elias se aproximou com expressão agressiva.

— Eu sei, caras, relaxem. Eu e ela estamos pensando em fugir, ir para longe, e...

— Fugir? — Alcides gritou, incrédulo. — Você tem merda na cabeça, meu filho? Vai fugir com uma puta?

— Não fala assim dela.

— Não falar assim dela? — Elias interviu. — Essa vadia mexeu com a tua cabeça, está te manipulando! Agora te convenceu a largar tudo e fugir! Que espécie de idiota você é?

— Ela não está me manipulando! Ela me ama! — disse alterando a voz, nervoso.

— Ama? — desdenhou Agenor. — Ela ama uma rola! Uma não, ela ama várias! Vai mesmo querer ter um relacionamento com uma puta que vai foder até com o cachorro do vizinho?

Samuel desferiu um soco no rosto de Agenor, derrubando-o. Alexandre correu para pegar o espeto do churrasco e avançou para atacar Samuel. Elias o agarrou e tomou o espeto a tempo.

— Ficou maluco, Samuel? Vai bater em seus amigos por causa dessa mulher? Cara, olha pra você!

— Vão tomar no cu, todos vocês! Quem falar mal dela de novo eu quebro a cara!

Alcides segurou Agenor, que se levantou com intenção de revidar.

— Calma, cara! Calma!

— Sai da minha casa, corno do caralho! Sai daqui!

— A gente quase morreu por tua causa, cara! — Elias perguntou descrente com aquela situação. — Vai ferrar com nossa amizade por causa dela?

— Estou pouco me fodendo pra amizade de vocês!

— Ah é? — Elias avançou e deu-lhe um empurrão. — Pois vai atrás dela, foge pra bem longe mesmo. Caga na nossa amizade, filho da puta! Eu sempre fui como um irmão pra ti, eu que sempre tentei dar emoção à tua vida de sem graça! A gente quase morreu por tua causa, seu merda! E agora está cagando e andando pra nossa amizade? Vai se foder então! Vai tomar no cu! — gritou mais alto ainda, perto do rosto dele: — Vai tomar no cu!

Samuel viu os olhares odiosos de todos. Saiu da casa e enquanto caminhava, começou a chorar.

• • •

Agenor estava com o olho roxo, sentado na cama, com o celular na mão. Ainda estava com raiva de Samuel, mas isso não era motivo para fazer o que estava pensando em fazer.

São cinco mil reais, cara!

Com cinco mil pagaria as contas que o pai tinha com um agiota e ainda teria dinheiro sobrando para gastar consigo. No emprego que tinha recebia apenas um salário mínimo, não dava

pra fazer quase nada.

Não, não! Eles podem matar o Sam!

Só de lembrar-se do que haviam feito com o cara na boate, teve arrepios. Fariam coisa muito pior com Samuel, tinha certeza.

Mas é pro próprio bem dele! Ele vai fugir!

Pensando por esse ângulo, se eles pegassem a Arlequim, Samuel estaria livre. Sim, claro! Era para o bem dele!

Pegou o número que Adão havia lhe entregado de dentro da carteira e discou no celular.

— Alô? — gaguejou. — É Adão, o dono da boate? — ouviu a confirmação. — Lembra-se de mim? Você... Você me deu seu número outro dia... — a voz tremia tanto quanto o celular. — Sou um dos amigos do rapaz que a Arlequim escolheu — pausa. — Sim, que bom que lembra de mim... — Pausa. — Sim, tenho novidades, sim. Ele sabe onde ela está — nova pausa. — Sabe, ele e ela têm um caso — pausa mais longa. — Não, não, senhor, não é um trote, eu juro por Deus! Eu não faria isso! — pausa. Agenor suava frio. — Eu digo, sim, mas o senhor lembra do combinado? — pausa. — Exato, os cinco mil — acabou de ter uma ideia. — Mas... eu decidi aumentar esse valor... — pausa. — Dez mil — disse fechando os olhos, sem entender de onde tirara a coragem para fazer aquilo. Nova pausa enquanto ouvia. — Eu juro que ele sabe. Brigamos por causa dela — nova pausa. — O.K, mas preciso que o senhor... prometa que não vai machucar ele... Basta seguir ele por uns dias, talvez só horas sejam o suficiente... — pausa. — Tenho sua palavra, então? — pausa. — E como faço para receber o dinheiro? — pausa. — Como posso garantir que não vão me matar quando eu for buscar? — pausa. — Não, senhor! Não estou duvidando da sua palavra... Tudo bem, tudo bem! — respirou fundo. — Ele cumpre pena de prestação de serviços à comunidade, ele trabalha no hospital.... — disse endereço e horários. Então desligou.

É pro bem dele. É pro bem dele.

Tocou o olho machucado.

Isso não foi por vingança, Agenor. Claro que não foi...

É pro bem dele.

• • •

Samuel chegou à casa de Ariel cedo da noite. Quando ela abriu a porta, a abraçou com força.

— Viu se não foi seguido?

— Sim, relaxa.

— Tem certeza, Sam?

— Tenho, claro.

— Vamos entrar.

Foram para a sala.

— Ariel...

— O que foi, Sam? Aconteceu alguma coisa? Você está estranho...

— Você vai fugir comigo?

— Sam...

— Diz se vai fugir comigo, Ariel!

— Você tem certeza de que é isso que você quer?

— Sim.

— Não se importa de começar do nada, com outro nome e nunca mais ver seus amigos ou seu irmão?

— Não posso ver seu irmão?

— Óbvio que não, Sam. Começar do zero.

Ele olhou para o chão, pensando em quão duro seria se afastar de seu *brother*.

— Sim.

— Então vou tratar de conseguir os documentos falsos. Vou precisar de sua identidade e CPF.

— Onde vai fazer isso?

— Tive um cliente que me deu o contato de um cara no Acre. Ele trabalha com falsificação de documentos e é muito bom no que faz.

— Acre? É muito longe!

— É o único contato que tenho. Onde acha que encontramos esses caras? Google?

— Quanto tempo até você ir e voltar?

— Não mais que três dias. Vou descer de avião em Rio Branco e de lá pegar alguns ônibus.

— Não é perigoso?

— Claro que é — ela riu. — Pra eles.

— Eu vou com você.

— De jeito nenhum. A polícia vai prender você se desaparecer. Não podemos arriscar que seja preso.

— Mas viajamos a Jeri...

— Em um fim de semana, Sam. Se eu viajar ainda hoje posso chegar até ele antes do anoitecer amanhã.

— Mas com esses documentos falsos, pra onde vamos?

— Algum lugar distante, de preferência fora do país. Lembre-se que será foragido da justiça.

Ariel tinha razão. Seria procurado como foragido. Isso o fez pensar em seu irmão, no que ele passaria quando ele desaparecesse, com os interrogatórios da polícia...

— Sam!

Ele despertou do transe.

— Se quer mesmo isso, o quanto antes melhor — ela continuou. — Tenho que ir ainda hoje para partirmos próxima semana. É o tempo de planejarmos tudo. Está com os documentos aí?

— Sim — abriu a carteira e retirou os documentos.

— Tem passaporte?

— Não.

— Isso ele pode conseguir também. Alguma preferência por nome?

Ele não havia pensado nisso.

— Não faço ideia.

— João? Gerônimo? Astrogildo?

— Credo, não! Um nome mais bonito... — lembrou-se do casal que conhecera em Jeri. — Bernardo.

— Belo nome.

— E o seu?

— Escolho na hora.

Ariel comprou a passagem pela internet para uma da manhã. Escolheu algumas roupas, colocou o que precisava em uma bolsa de viagem e ficou agarrada com Samuel na cama. Ele estava assustado, era uma mudança radical e extrema em sua vida, e ela entendia isso. Começariam do zero. Juntos. O dinheiro que roubara de adão seria suficiente para esse recomeço.

Samuel foi com ela até o aeroporto. Esperaram juntos o voo, abraçados, trocando carícias. Samuel deu seu número de telefone a ela; ela ligaria assim que voltasse da viagem. Quando o avião finalmente chegou, viu-a partir. Não tinha mais volta. Pegou um taxi de volta para casa.

Vinte e um

Samuel carregava um saco de lixo para a parte externa do pronto-socorro; usava luvas e uma máscara hospitalar. Quando voltava pelo corredor, surpreendeu-se ao ver Elias se aproximando, pálido.

— Elias? — retirou a máscara.

— Eles estão aí fora, Sam — disse em tom de urgência.

— Eles quem?

— Os caras da boate. Estão esperando você lá fora!

Samuel sentiu o impacto da notícia pelo corpo todo. Todos os sintomas do medo se manifestando.

— Como eles me acharam?

— Não sei! Eu vim falar com você sobre o que houve ontem, quando reconheci o com cara de índio esperando em um carro.

— Eles te viram?

— Não. Eu dei a volta a tempo e entrei pela urgência. Corre daqui, Sam, eu vou chamar a polícia — disse já pegando o celular. — Sai pelos fundos do hospital, rápido!

Samuel obedeceu. Correu em direção à área de depósito de lixo hospitalar e então para o portão de ferro, trancado com ferrolho. Destrancou o mesmo e ganhou a rua.

Parou sobre a calçada perguntando-se para onde ir.

Quando percebeu a aproximação do homem tatuado até o pescoço, este já estava perto demais. Samuel disparou em direção a um beco, com o homem em sua cola, poucos metros de alcança-lo; atravessou a rua movimentada de carros, quase sendo atropelado por um deles e seguiu rua abaixo, sem olhar para trás, desviando-se de algumas pessoas e chocando o ombro contra outras, quase as derrubando. Dobrou a esquina, para uma rua com vários carros estacionados no meio-fio, ainda pela calçada. Ao tentar atravessar a próxima rua, uma *Land Rover* negra parou bruscamente em sua frente, forçando sua parada. Samuel se desequilibrou e antes que conseguisse mudar de direção, sentiu um par de mãos o imobilizar com brutalidade por trás.

A porta traseira da *Land Rover* abriu, revelando Pajé em seu interior.

— Traz ele pro carro! — fez sinal com a mão.

O tatuado segurava Samuel com firmeza, prendendo seus braços às costas e forçando sua

cabeça para baixo. Empurrou-o em direção ao carro, mas parou de repente, puxando-o para trás.

— CUIDADO!

O barulho dos metais se colidindo foi ensurdecedor. O veículo recém-chegado acabara de se chocar em alta velocidade contra o canto traseiro da *Land Rover*, fazendo-a dar um giro que forçou o segurança a soltar Samuel, na urgência de evitar que fosse atingido pelo carro. Samuel jogou-se ao chão, mas logo se pôs em pé.

— CORRE, SAM! — disse Elias dentro de seu carro, com o para-choque contra a parede do muro, a testa ensanguentada.

O tatuado se jogou para agarrar Samuel, que conseguiu correr a tempo.

As portas da *Land Rover* eram abertas e delas saíam um careca, que estava ao volante, Adão e Pajé, este também ferido, todos armados;

Elias tentou dar ré no carro;

Samuel atravessou a rua.

Disparos.

Vidros sendo estilhaçados.

Uma buzina ruidosa, barulho de pneus em atrito contra o asfalto, tudo ao mesmo tempo, e um segundo depois o impacto às costas de Samuel, próximo demais dele;

Ele não se virou para ver o corpo do tatuado atropelado pela van.

Nem os bandidos retornando ao *Land Rover*.

Nem o corpo cravejado de balas de Elias, em seu carro.

Apenas correu.

Jeremias fumava um cigarro recostado na viatura. Já havia decidido o desfecho do caso: Um policial amigo de Simão havia encontrado um estuprador que topara assumir a autoria do crime do filho do empresário Leônidas ao invés da acusação de estupro. O infeliz sabia o que faziam na cadeia com aquele tipo de criminoso, especialmente um tipo asqueroso como ele. Para ele seria melhor ser preso por tortura e assassinato do que por violentar uma jovem universitária — e depois mata-la. Assim matava dois coelhos com uma só cajadada: prendia um verme como aquele e salvava seu nome por não falhar em seu caso.

Josué e Simão bebiam em um bar no qual a viatura estava estacionada na frente. Jeremias queria um momento sozinho, para pensar em cada detalhe, em tudo que precisaria fazer o criminoso confessar. Estavam no centro, a caminho da favela onde buscariam o estuprador, sob custódia do outro policial. Terminou o cigarro, jogou a bagana no esgoto e fez um sinal para os

investigadores do DH. Quando virou o rosto para a posição anterior, surpreendeu-se com o jovem que atravessava a rua sem fôlego, em desespero, vindo em sua direção.

— Policia! Policia!

Jeremias colocou a mão na arma presa ao coldre, e com a outra, fez um sinal de "pare".

— Calma, rapaz! O que aconteceu?

Samuel olhou para trás, para se certificar que não estava sendo seguido, então apoiou as mãos nos joelhos, fazendo força para recuperar o ar dos pulmões prestes a explodir.

— Querem... Querem me matar! — falou com dificuldade. — Meu amigo... Acho que mataram ele!

— Quem quer matar você?

— Bandidos! Meu amigo... Atiraram nele!

— Calma, rapaz! Onde eles estão?

— Vindo atrás de mim! Estão em um *Land Rover*.

— Por que querem matar você?

— Por favor, precisa verificar se meu amigo ainda está vivo!

A essa altura, Josué e Simão já estavam em pé ao lado da viatura.

— Entra no carro — Jeremias ordenou. — Me leva até seu amigo e vai explicando o que está acontecendo.

— O que houve, delegado? — indagou Simão.

— Pra viatura, todos!

Jeremias ligou a sirene e seguiu pelas ruas indicadas por Samuel, ainda arfante. O delegado sabia que naquele estado de choque o garoto não estava em condições de responder a um interrogatório. Parecia uma emergência.

— Ali! São eles! — Samuel apontou para a *Land Rover* negra que vinha pela via dupla certamente à sua procura.

Jeremias deu um cavalo-de-pau e brecou diante do outro veículo, forçando-o a parar. O carro preto deu a ré, fez uma manobra e avançou na contramão. Jeremias fez o mesmo e acelerou no encalço do veículo fugitivo. Samuel estava branco, o coração aos pulos. Simão, que estava sentado no banco de passageiro, ao lado de Jeremias, virou-se para Samuel, logo atrás.

— Quem são esses caras, moleque?

— Cala a boca, Simão! — Jeremias gritou com olhos fixos no carro que dobrava a esquina, quase se chocando com outro veículo. — Atira neles!

— Não podemos atirar, delegado, eles não atiraram ainda.

— Foda-se a porra da lei! Atira nesses filhos da puta, caralho!

Simão inclinou o corpo para fora da janela, com a arma em punho, dando dois disparos. Josué chamou pôs-se entre os dois e chamou reforços. A perseguição durou pouco mais de três minutos. A *Land Rover* havia seguido em direção à linha do trem, em uma parte mais afastada, e brecou subitamente. Jeremias fez o mesmo, alguns metros atrás, abriu a porta com a arma segura com as duas mãos. Samuel olhou ao redor: não havia ninguém por ali. Só mato e os trilhos do trem. Eles os haviam guiado até ali. Era uma armadilha!

— Saiam do carro com as mãos pro alto!

— Fica aqui, moleque — disse Josué antes de sair da viatura junto de Simão, ambos mirando no outro carro.

As portas do carro negro se abriram.

Adão, Pajé e o motorista careca saíram, desarmados.

— Mãos pro alto! — Jeremias gritou.

— Abaixem essas armas, seus idiotas — admoestou Adão, irritado. — Sabem quem eu sou?

— Um filho da puta morto se não levantar a porra dessas mãos!

— Senhor — Simão disse gaguejando. — Esse é o Adão, primo do Iguana...

Jeremias olhou para Simão, depois para Adão, confuso.

— O dono da Paraíso?

— Se me prender sabe o que acontece, não é? Não só vocês como seus superiores recebem nossos subornos. Fazer uma burrice dessas vai custar sua cabeça! Se eu cair, caem todos!

De entro do carro, Samuel não ouvia o que diziam, mas o apavorava ver que os policiais baixavam suas armas.

— Para que querem o garoto?

— Não é da sua conta. Entreguem ele pra nós.

Jeremias engoliu o orgulho, bem menor que seu medo. Fez um sinal com a cabeça para os investigadores.

Ao ver os dois homens vindo em direção à viatura, Samuel teve o ímpeto de abrir a porta e correr, mas seu corpo paralisado não obedecia.

— Sai do carro, garoto — Simão disse abrindo a porta e apontando-lhe a arma.

— O que vai fa... — Samuel foi puxado pela gola da camisa e arrastado em direção aos bandidos.

Isso só pode ser um pesadelo!

A mão gigante de Pajé agarrou seu braço.

— Eles vão me matar! Eles são bandidos! Eles mataram meu amigo!

Samuel estava em pânico vendo os três policiais à paisana voltando para a viatura,

guardando suas armas em seus coldres, abandonando-o para a morte. Tentou se debater, mas um simples aperto em seu braço era o suficiente para deixa-lo imóvel. Assistiu o carro da polícia se afastar, com as sirenes desligadas. Sabia que ia morrer.

Adão caminhou em sua direção, um sorriso no rosto.

— É tudo por sua causa, não é, seu bostinha?

— Não sei do que está falando. O que querem de mim?

Pajé segurou seu cabelo com força. Samuel deu um grito sentindo o couro cabeludo arder.

— Cadê a Arlequim? — interrogou Adão aproximando o rosto do dele.

— Eu não sei!

Adão ficou olhando para ele, com o mesmo sorriso no rosto.

— Admiro sua lealdade. Sabe o que mais me enoja nesse mundo? Traidores. Ah... Esses me deixam realmente puto, sabe? — enfiou a mão no bolso e retirou um saquinho marrom. Despejou o conteúdo na mão espalmada. — Reconhece?

Samuel teve ânsia de vômito.

Eram dentes.

— De... De quem...?

— Fiz questão de arrancar um por um. Como acha que chegamos até você? Um de seus amigos te entregou. Aquele do carro, não. Aquele era fiel, morreu tentando te salvar. Acho poético isso. É nessas horas que sabemos quem são nossos amigos de verdade.

A vista de Samuel embaçou só de imaginar. Alcides? Agenor?

— Segurei ele pelo rabo-de-cavalo enquanto arrancava cada dente com o alicate — Adão simulava a cena com as mãos. — Depois mandei o Pajé quebrar todos os ossos dele. Como ele vai fazer com você.

Samuel olhou novamente ao redor. Ninguém. Via ao longe uma construção, mas nem sinal de vida. Os policiais com certeza já haviam cancelado os reforços. Ia morrer. Transformou seu pânico em determinação: jamais entregaria Ariel.

— Onde ela está?

— Vai se foder.

O careca e Pajé riram. Adão continuou impassível. Fez um sinal com a cabeça.

O primeiro soco nas costelas foi suficiente para arrancar-lhe todo o ar dos pulmões. O segundo, em seu rosto foi forte o suficiente para derrubá-lo. A sequência de chutes teve início. Com a vista embaçada pelo sangue, via flashes do careca e do indígena golpeando seu corpo caído com os pés.

Ninguém mantém um segredo sob tortura.

Samuel cego pela dor espalhada pelo corpo inteiro, sorriu.

Vou ser o primeiro a resistir.

— Parem.

Os homens se afastaram. Samuel ficou caído, contorcendo-se, se sentindo quebrado em cada membro.

— Isso foi só o começo, pra te aquecer. Diz onde ela está ou o pajé vai quebrar suas pernas.

Samuel fez um esforço para falar. Adão ficou na expectativa.

— Vou... vou ser... cadeirante então, caralho... — e riu. Uma risada extremamente dolorosa, como se houvessem cacos de vidro em seus órgãos.

— Pajé.

O indígena caminhou até a *Land Rover* e retornou com o taco de baseball.

— Me dá aqui — Adão estendeu a mão e apanhou o taco. — Tive uma ideia melhor. Estou criativo hoje. Abram as pernas dele.

Samuel se debateu, as os dois brutamontes tinham muita força. Abriram suas pernas em formato de V. Adão posicionou-se no meio dos dois.

— Vou te dar mais uma chance, moleque. Diz onde ela está e eu te deixo ir embora. Senão eu vou acertar teu saco até fazer omelete.

Os outros riram.

Samuel concentrou-se no sorriso de Ariel. Em seu cheiro. Em seu toque. Não importava o que fariam com ele, já que com certeza o matariam no final. As dores fulminantes pelo corpo inteiro o alertavam de que havia se ferido gravemente por dentro. Se era pra morrer, que fosse com orgulho, em grande estilo, como nos filmes. Lembrou-se de Mel Gibson em Coração Valente. Morrer por amor. Havia melhor motivo pra se morrer?

Mostrou os dedos médios das duas mãos para eles.

Encontro vocês em breve, Elias, Macário.

Adão ergueu o taco.

Samuel fechou os olhos com força.

Um disparo estrondou. Abriu os olhos ao mesmo tempo que soltavam suas pernas e que o corpo de Adão caía. Viu Pajé e o careca tentarem sacar suas armas.

Cinco disparos consecutivos.

Um na testa de Pajé, os outros distribuídos pelos tórax e peitorais dos dois.

Em dois segundos havia três corpos deitados juntos a Samuel. Em seu campo de visão surgiu um homem de cabelo e barba cor de cobre com uma arma com o cano fumegando. Agachou-se ao

lado dele.

— Então você não vai mesmo falar, não é?

Samuel entregava-se à súplica do corpo para que apagasse todos os sentidos e cessasse aquela dor insuportável.

Leônidas retirou de uma pasta uma foto de seu filho mutilado. Mostrou a Samuel.

— Esse é meu filho. A sua namorada fez isso com ele. E com vários outros. Você é a próxima vítima dessa vagabunda. Ela é doente. Diga onde ela está, deixe que eu cuide dela.

Leônidas assistira tudo, vira que por meio de tortura o garoto não falaria. Não lhe restava outra opção do que tentar convencê-lo por outros meios.

— É... É mentira...

Leônidas respirou fundo.

— Você vai me dizer onde ela está por sua própria vontade — colocou a mão no bolso da camisa e retirou um cartão, depois o colocou no bolso da calça de Samuel. — Quando descobrir a verdade, ligue pra mim. Antes que seja a próxima vítima.

Foram as últimas palavras que Samuel ouviu antes de desmaiar.

TERCEIRA PARTE

Doces sonhos mortos

Vinte e dois

Ariel chegara da boate em que havia se drogado e cheirou mais uma carreira de cocaína, desmaiou, chorou por horas, mas finalmente havia se recomposto. Estava sentada diante do seu laptop com os olhos inchados de tanto prantear. Lembrou-se de quando era adolescente e ouvira pela primeira vez a definição de Karma. Agora tudo fazia sentido.

A palavra era usada em muitas religiões, mas em todas, havia uma mesma definição, usada, inclusive, na física: "para toda ação existe uma proporção de força equivalente sem sentido contrário". Ou seja, tudo o que você fizer de bom ou ruim nessa vida acabará voltando para você. Ariel acreditava piamente nisso, agora mais do que nunca. O destino é implacável, ela sabia; e muitas vezes, irônico. Tal ironia beirava o sadismo, como era o caso. Ariel acreditava nessa recompensa ou punição celestial do Karma. E, durante os últimos anos esperava uma punição massacrante para seus atos, mas não sabia que seria assim tão cruel...

Enquanto organizava as ideias para saber exatamente o que escrever, fazia uma retrospectiva de sua vida. Quando criança vivia assombrada pela ideia de se tornar a mesma coisa que sua mãe, uma sociopata desprovida de qualquer sentimento de compaixão, capaz de qualquer coisa para conseguir o que queria. A mulher jamais dera a Ariel a mínima demonstração de carinho, sempre fora cruel com a mesma, mas aos olhos da sociedade, era uma mulher simpática e agradabilíssima, que ganhava qualquer um na conversa. Ariel fugiu de casa antes que a mulher fosse presa pelo assassinato do próprio marido, pai de Ariel, para ganhar o dinheiro do seguro. Passou a adolescência sozinha, morando de aluguel em um sobrado, que pagava vendendo bombons de chocolate que ela mesma confeccionava. Apesar da vida dura que levava, Ariel tinha sonhos, era ambiciosa. Queria ser uma grande atriz, atuar em grandes filmes de hollywood um dia. Sempre apaixonada pelos livros, lia todos os dias em uma biblioteca pública, e quando podia, comprava seus próprios livros. Terminou o ensino médio, conseguiu um emprego em uma loja de roupas, no setor de perfumaria, e ingressou em um curso de teatro. Foi no curso que ao assistir uma apresentação de *ballet,* "O lago dos cisnes", acabou se apaixonando igualmente. Entrou também em um curso gratuito de ballet, nos fins de semana, focada em seu objetivo: tornar-se o que sua mãe nunca se tornaria. Sempre fora elogiada pelos professores e colegas; tinha talento de sobra, além da beleza que lhe abria portas com mais facilidade.

Ariel não tinha tempo para namoro, mas havia se envolvido com alguns rapazes, sem nunca sentir nada especial por nenhum deles. Até conhecer Rael, o músico de rua por quem se apaixonou loucamente. Passou a construir todos os planos que tinha ao lado de Rael, e ele parecia disposto a ajuda-la a realiza-los. Eram felizes juntos, apesar das dificuldades que enfrentavam; Rael tocava em churrascarias, e algumas vezes em casas de shows. Passaram a morar juntos depois de um tempo.

— Toca a nossa música — ela pedira em um luau na praia, sentados próximos a uma fogueira.

Ele tocara "Apenas mais uma de amor", de Lulu Santos. Os dois se beijaram apaixonadamente.

— Eu te amo — ela sussurrou ao seu ouvido.

— Não ouvi.

— Eu te amo!

— Mais alto!

Ela se levantou, correu até a água de braços abertos, girando, gritando:

— Eu te amo!

Quando engravidou, Ariel sabia que não seria fácil. Teria de interromper os cursos, trabalhar dobrado para sustentar a criança, mas tinha certeza de que Rael a ajudaria. Estava radiante de felicidade, queria muito ter uma criança, apesar de isso estar em seus planos futuros.

Fez uma surpresa para Rael. Preparou um jantar à luz de velas para dar-lhe a notícia.

Mas a reação dele não foi a esperada.

— Um filho, amor? Como vamos criar um filho agora?

— Damos um jeito, Rael. Pensei que ficaria feliz, como eu estou!

— Feliz como, minha princesa? A gente não tem onde cair morto. O que vamos fazer com a criança?

— Podemos arranjar empregos mais sólidos. Eu largo o curso por enquanto, consigo outro emprego pela noite, você pode trabalhar em alguma empresa com carteira assinada...

— Nunca, Ariel! Você conhece meu estilo de vida! Eu quero viver da música.

— Você pode viver da música quando melhorarmos nossa situação. Cristo, Rael! Não acredito que está me dizendo essas coisas! É uma criança, nosso filho!

Ele a abraçou, disse para se acalmar. Então segurou seu rosto, olhou fundo em seus olhos, totalmente inseguro do que estava prestes a dizer:

— Você sabe qual é a melhor opção, não sabe?

— Do que está falando?

— A... A criança... Podemos ter ela depois, quando estivermos bem de vida...

Ela deu um passo para trás, fitando-o enojada.

— Está sugerindo... que eu aborte?

— É, amor... Não é crime, ainda é um feto... — gaguejou.

Ariel surtou, gritou, jogou-lhe objetos, chorou até dormir. Quando acordou, Rael havia ido embora.

• • •

O primeiro rosto que Samuel viu no hospital foi o de seu irmão.

—Enfermeira! Enfermeira! — gritou Daniel encurvado sobre a cama.

Dois policiais entraram no quarto junto com uma enfermeira.

— Por favor, esperem mais um pouco. Ele não está em condições de falar — a enfermeira disse aos policiais, fazendo-os sair do quarto. — Você também, rapaz. Afaste-se — disse a Daniel, examinando Samuel em seguida.

Samuel estava cheio de faixas pelo corpo, inclusive a cabeça. Havia tubos em suas veias e uma máscara de oxigênio em seu rosto. Cada vez que respirava, sentia uma dor lancinante nas costelas.

— Calma, não precisa falar agora, Sam. Você quebrou algumas costelas e uma delas perfurou seu pulmão. E também fraturou o fêmur. Mas você já passou por duas cirurgias, só precisa repousar...

Duas cirurgias? Há quanto tempo estava ali?

Um médico entrou no quarto, examinou Samuel.

— Podem alimentá-lo — autorizou.

Uma enfermeira deu uma sopa na boca de Samuel. Daniel aguardava ansioso, aparentemente aliviado por ver o irmão acordado. Já não precisava mais da máscara.

Algumas horas depois, chamou pelo irmão.

— D-Daniel...

— Diga, *brother*. Consegue falar?

— Acho que sim... — disse com dificuldade.

— Quem fez isso com você? Foi a Renata, não foi?

Samuel não poderia falar a verdade. Não podia expor toda a história, pois não podia confiar na polícia. Caso expusesse os bandidos da Paraíso da Perdição, estaria em perigo, ele e o irmão. Apenas balbuciou:

— Sim...

— Aquela vadia dos infernos! Eu juro que mato aquela vagabunda! Meu Deus, Samuel! Você quase foi assassinado! Acharam você em frente ao hospital prestes a morrer!

Em frente ao hospital? Então o barbudo ruivo que o havia salvo também o havia levado a um lugar seguro? Isso o fez lembrar-se da foto que mostrara, do que havia dito sobre Ariel... O que o fez lembrar também do que a stripper ruiva dissera sobre Ariel.

Demônio...

Depois de algum tempo, Samuel conversou com os policiais, já mais recomposto, disse a eles que fora sequestrado e espancado, sem motivo aparente, mas que suspeitava que se tratasse de Renata. Fizeram anotações, mais perguntas então deixaram Samuel e Daniel sozinhos.

— Você não sabe o que foi pra mim te ver naquele estado, Sam — Daniel começou a lacrimejar, segurando sua mão. — Pensei que você ia...

— Não tão fácil, *brother* — disse Samuel imitando a forma do irmão falar.

— Vamos nos mudar da cidade até essa cretina ser presa...

Mudar de cidade... Onde estaria Ariel? Precisava vê-la, falar com ela, fazê-la negar todas aquelas acusações medonhas sobre ela. E finalmente fugirem.

Não queria acreditar que ela era realmente um demônio...

• • •

Foi na loja que Ariel conheceu Medusa. A loira aproximou-se interessada em algumas fragrâncias de perfumes importados. Ariel borrifava-os em tiras de papel e entregava a ela.

— Vou levar esses três — decidiu.

Ariel estava impressionada. Cada um dos perfumes custava mais de quinhentos reais. Olhou a loira dos pés à cabeça: aparentava ter sua idade, mas tinha um porte de maturidade que a deixava sensual e elegante. Ariel não sabia ser sensual, nunca se preocupara muito com isso — nunca tivera tempo para se preocupar. — Mas sentiu um pouco de inveja daquela mulher linda e tão feminina.

— Você já usou algum desses? — a loira perguntou.

— Não, não. São muito caros para mim — teve de admitir.

— Mas gostou de algum deles?

— De todos.

— Um em especial?

— Esse — apontou para um frasco vermelho.

A loira sorriu. Foi até o caixa, pagou os três perfumes e quando retornou, colocou o vidro vermelho sobre o balcão.

— É pra você.

— Pra mim? Não, que é isso, não posso aceitar.

— Garota, você é linda, mas não sabe aproveitar sua beleza, se veste muito simples. Coloque uma roupa bem provocante, borrife esse perfume, ponha uma maquiagem ousada e tenha todos os homens aos seus pés.

— Não pretendo ter todos os homens aos meus pés. Na verdade estou meio traumatizada com homens...

A loira se debruçou sobre o balcão com um sorriso lascivo:

— Procurando novas experiências com mulheres então?

Ariel ruborizou. O perfume caro de presente não podia ser livre de intenções.

— Não, não, você entendeu mal...

A loira deu uma gargalhada sutil.

— Estou brincando, garota. Meu nome é Melina. E o seu?

— Ariel.

— Lindo nome. Gosta de trabalhar aqui?

— Não tenho muitas opções. Estou grávida.

— Quanto tempo? — perguntou surpresa.

— Três semanas.

— Nem dá pra perceber ainda. E o pai da criança?

— Ela não tem pai — disse secamente.

— Mãe solteira em apuros.

— Coitada de mim — disse sorrindo.

— Tem um plano B?

— Se nada der certo vou rodar bolsinha — disse sorrindo.

— Sério?

— Claro que não!

As duas riram.

— Você gosta de música?

— Sou apaixonada.

— Sabe onde consigo dinheiro para comprar essas coisas? Dança!

— Dança? — o rosto de Ariel se iluminou.

— Olhando bem pra você, com certeza faria sucesso.

As duas saíram para um bar em um bairro nobre, por conta de Melina. Ariel tomou um coquetel sem álcool para não afetar o bebê. Melina tomava vodika como se bebe água. Contou seu drama de infância, os pais drogados se divertiam apagando baganas de cigarro nela, e em certo momento, a trocaram por drogas.

— Violentaram você?

— Eu tinha cinco, seis anos.

— Nossa, sinto muito.

— Relaxa.

— O que houve com seus pais?

— Mortos os dois. Devem estar queimando no inferno.

Ariel não fez nenhum comentário, ficou constrangida.

— E você? Alguma história para competir em tragédia com a minha?

— Não fui estuprada, mas tenho uma mãe sociopata que assassinou meu pai.

— Uau! Psicopata de verdade?

— Diagnosticada e tudo mais.

— Sabe que tem pré-disposição pra sociopatia, não é?

— Você está sentada com uma psicopata — disse com olhar abstruso.

As duas riram.

— Duas infelizes rindo das tragédias uma da outra.

— E então, me fala mais sobre seu trabalho — interessou-se Ariel.

— Então, eu danço... em uma boate.

O entusiasmo sumiu da cara de Ariel, tão rápido que Melina percebeu.

— Que cara é essa? Algum preconceito?

— Não, claro que não — apressou-se em responder. — Só imaginava que era outro tipo de dança.

— É uma dança como qualquer outra, com a diferença que fico nua ao final. Ninguém toca em mim, e sou muito bem paga por isso.

— Eu não teria coragem...

— Nem por seu filho?

Ariel ficou pensativa. O filho...

— Você fica nua em pelo?

— Não, só às vezes. Na maior parte fico de calcinha, com pinturas no corpo. É tudo pela dança, sabe? Os movimentos, a arte de seduzir...

— Falando assim parece fascinante...

— Interessada?

— Não, ainda é muito chocante para mim. Nem mesmo sei ser sedutora...

— Olha pra você. Você esbanja libido. Tem um talento nato para seduzir. Só precisa lapidar.

— Eu posso treinar você, e quem sabe... Te levar até meu chefe. Vai ganhar uma grana preta.

— Não sei... Tem certeza de que não envolve sexo?

— Os seguranças da boate são totalmente violentos com quem toca nas meninas. Está cem por cento segura...

Assim Ariel passou a frequentar o apartamento de Melina, bem localizado e requintado, apesar de não muito grande; ela morava sozinha. Melina ensinou-lhe a como caminhar, rebolar, deu-lhe dicas e ensinou-lhe truques para ser libertina sem precisar ser vulgar. Ariel tinha talento para dança, já que praticava ballet; isso ajudou bastante seu desempenho na hora de dançar músicas mais sugestivas. Duas semanas depois, Melina já se impressionava com seu desempenho.

— É hora de fazer um *test drive* com você.

— Como assim?

— Sua barriga logo vai aparecer. Melhor ganhar uma grana enquanto isso não acontece, não é?

— Acho quem sim — disse insegura.

— Tem um grupo de filhinhos de papai que me contrataram pra dançar pra eles em uma despedida de solteiro. Eu disse que não podia, mas que ia indicar uma morena lindíssima pra eles.

— E o que a morena disse — Ariel sorriu.

— Estou esperando a resposta. Topa?

Essa talvez fosse a chance que Ariel precisava. Afinal, o que haveria de errado em uma simples dança? Faria esse sacrifício por sua criança. Nos dias que antecediam a festa, Ariel pensou bastante no bebê que esperava, e cada vez mais se inundava de alegria. A ideia de ter uma criança e trata-la como sempre quis que sua mãe a tratasse, de dar-lhe todo o amor e carinho que pudesse, ouvi-la chamar-lhe de mãe pela primeira vez...

Sim, isso valia qualquer sacrifício.

• • •

Samuel recuperava-se bem. Mas sua mente fervilhava pensando em Ariel. Ela pegara seu número, mas ele acabara perdendo o celular no dia em que fora atacado; como chegaria até ele? Queria ter alta o quanto antes e ir atrás dela, fugir enquanto podiam.

Recebeu a visita de Alcides, que chorou bastante a perda de Elias e de Agenor. Samuel teve de ocultar que sabia da morte dos amigos, fingiu choque, mas a dor era real. Chorou junto com o único amigo que lhe restara. Apesar de ter-lhe traído, não guardava rancor de Agenor, e sofria ainda mais por saber que Elias se sacrificara em vão para tentar ajuda-lo a fugir.

As noites e dias passavam devagar demais. Daniel nunca saía de sua cola, sempre preocupado, atento a qualquer avanço na recuperação do irmão. Estava com olheiras, acabado, mas sempre com um sorriso reconfortante.

— Você precisa descansar, Daniel — falava ainda com dificuldades, ainda sentindo dores.

— Estou bem, *brother*. Bem melhor que você, garanto — sorriu.

— Eu entendo, cara, mas e seu trabalho?

— Eles vão entender.

— Vai lá, atualiza o que tiver que atualizar, dorme um pouco, depois você volta. Vou ficar bem, as enfermeiras são bastante atenciosas.

— Tem certeza?

— Vai antes que essas olheiras se tornem irreversíveis — riu, e sentiu dores por isso.

Daniel foi convencido. Falou com a enfermeira antes de ir. Algumas horas depois, recebeu a única visita que realmente o importava:

— Ariel?

Ela entrou no quarto com a mão na boca, chocada com o estado dele, lacrimejando. Foi até ele e beijou seus lábios bastante ressecados e pálidos.

— O que fizeram com você?

— Estão mortos agora.

— Adão e os capangas?

— Sim. Como me encontrou?

— Você nunca atendia o celular, fui à sua casa e não o encontrei. Depois procurei pelos seus amigos e encontrei aquele gordinho...

— Cidão...

— Ele não queria dizer onde você estava, mas eu implorei. Como eles morreram? Quem os matou? Você?

— Com as mãos nuas — forçou um sorriso.

— Meu rambo...

— Não, na verdade um ruivo surgiu do nada... — o olhar dele ficou subitamente sério.

— Um ruivo?

— Sim, Ariel. Um homem de meia-idade com cara de psicopata. Sabe o que ele me disse?

Ela sabia.

— Não...

— Que você matou o filho dele. Mostrou uma foto de um cara completamente mutilado... É completamente absurdo... Como você...

Ele parou de falar ao perceber que ela olhava para um canto qualquer com uma expressão nuviosa.

— Ariel? Ariel, que cara é essa?

— Esquece isso, Sam, por favor! Lembra-se do que eu falei sobre o passado?

— Foda-se o passado, Ariel! Chega de mentiras, chega de mistérios! O que aquele homem disse é verdade?

— Sam... Por favor... — implorou num sussurro.

— Responde, Ariel. Jogo do "Eu nunca": Eu nunca matei ninguém.

Ariel ficou um instante imóvel, depois fingiu segurar um copo e tomar seu conteúdo.

Samuel gelou.

— O homem que salvou você é meu Frankenstein... Eu sou a doutora Frankenstein — sua voz saiu quase inaudível. Seu rosto começou a umedecer de lágrimas, mas seu olhar continuava carrancudo, cheio me rancor, ainda fixo no nada.

— Pelo amor de Deus, do que você está falando?

— Sim, Sam — olhou para ele, fazendo-o estremecer. — Eu matei o filho dele.

• • •

Ariel estava totalmente insegura, nervosa, prestes a desistir quando entrou com Melissa na mansão de um dos jovens que a contrataram para a festa particular. Estava usando trajes e maquiagem provocantes. Foram recebidas por um rapaz ruivo.

— Você não brincou quando disse que ela era deslumbrante, Medusa — elogiou olhando Ariel dos pés à cabeça. Estava visivelmente embriagado.

— Cuide bem da minha menina, Leonardo.

— Pode deixar, meu amor.

— É aqui que eu me despeço, querida — disse a Ariel, apavorando-a. A ideia de ficar sozinha ali era aterrorizante.

Melissa entrou no carro e foi embora.

Ariel estava com um péssimo pressentimento. Teve uma súbita vontade de correr dali, esquecer aquilo. Não era tarde demais ainda.

Pensou em seu bebê.

Forçou um sorriso para o anfitrião.

— Venha comigo, meu tesouro. Os rapazes estão esperando.

Seguiu-o até uma suntuosa sala, onde um som alto tocava e seis jovens na casa dos vinte bebiam.

— Senhoras e senhores, olhem o que trouxe pra animar a festa!

Eles vibraram, bateram palmas, gritaram. Ariel forçou-se para se manter sedutora.

— Vem cá, Júnior!

Um dos rapazes se aproximou, sorridente.

— Esse é o Júnior, a razão dessa festa. Vai casar próxima semana o imbecil, acredita? Aos vinte e um anos!

Júnior beijou as costas da mão de Ariel. Era um rapaz bonito, como todos os outros.

— Hora do show, rapaziada! — tirou um controle remoto do bolso, acionando um gigantesco aparelho de som.

Uma música sensual começou a tocar.

Ariel respirou fundo. Entrou na personagem. Eles sentaram-se em sofás e pufes, boquiabertos com a desenvoltura da dançarina. Ela lembrava-se de cada dica de Melina, cada detalhe, cada movimento mais ousado, e fazia-os do seu jeito, como a própria Melina havia dito, seu tempero pessoal, sua arte de despertar a libido. Tirou cada peça de roupa sem pressa, embalada pela música. Jogou a blusa no meio da plateia, que vibrou. Usava adesivos cobrindo os bicos dos seios que mantinham-se rígidos sem a necessidade de um sutiã.

Júnior abriu a braguilha e colocou o pênis ereto para fora. Todos riram.

Menos Ariel. Isso a desconcentrou, deixou-a extremamente desconfortável. O que estava acontecendo ali? Forçou-se a continuar o show, mas o desconforto crescia.

Júnior foi em sua direção, se masturbando.

— Ei! O que é isso? — ela parou subitamente, estendendo a mão para que ele parasse onde estava. — Não foi pra isso que vim aqui! É apenas uma dança!

Júnior pareceu confuso. Olhou para Leonardo.

— Como assim, sua vadia? Eu paguei por um show completo! — disse o ruivo exaltado. — Você é o presente do meu amigo Júnior aqui!

— Show completo? Eu vim apenas dançar! Só isso! Ninguém me toca!

Um dos jovens bêbados pegou uma câmera e começou a filmar enquanto ria. Ariel estava apavorada.

— Eu paguei uma grana preta pra Melina pra você transar com o Júnior. E depois com todo

mundo!

Ariel arregalou os olhos, dando passos para trás, cobrindo os seios. Aquilo era um pesadelo! Melina não faria isso com ela! Apanhou a roupa mais próxima e virou as costas para a saída.

A mão forte agarrou seu ombro e a jogou para trás. Ariel caiu sentada.

— Não vai sair daqui antes de fazer o que foi paga pra fazer! — gritou Leonardo.

Dois dos jovens estavam um pouco assustados com a situação, inclusive o que filmava, mas Leonardo apressou-se em falar:

— Vamos deixar essa vadia estragar nossa festa? Tudo faz parte do show! Essas putas gostam de apanhar! — puxou Ariel pelo cabelo forçando-a a se levantar, então a imobilizou. — Vamos lá, Júnior, você é o primeiro!

Júnior estava hesitante, mas estava excitado ainda. Como ela era gostosa! Estava bastante alcoolizado, mas tomou de uma vez um copo de conhaque para tomar coragem.

— Vem aqui, delícia — tentou beijá-la.

— Vai se foder! — Ariel deu uma joelhada entre suas pernas, forte o suficiente para fazê-lo cair com as mãos na parte atingida. Os outros riram. O que filmava se aproximou, para focar nele caído.

Júnior levantou-se furioso.

— Vou te matar, sua puta!

O soco no estômago de Ariel fez com que sua vista escurecesse por alguns segundos, sumindo junto com o ar. Leonardo a soltou, deixando que seu corpo caísse.

A partir daí tudo pareceu acontecer em câmera lenta: a sequencia de chutes de Júnior em sua barriga, um dos rapazes segurando-o para que parasse, Leonardo falando alguma coisa com os outros, então arrancando sua calcinha. Ficou inconsciente; quando despertou, estavam todos nus, um deles violando-a vorazmente. O da câmera aproximou-se para focar em seu rosto. Desmaiou outra vez. Acordou com uma dor intensa; estava de bruços, as pernas abertas, um deles estocando-a por via anal. Leonardo estava acocorado diante dela.

— Está gostando, vadia?

Ariel gritou.

Ele a agarrou pelo cabelo.

— Olha pra mim. Olha nos meus olhos! Olha na porra dos meus olhos!

Ariel fixou seu olhar de fúria no dele. O ódio a anestesiava.

— Olha bem pros meus olhos verdes, olha! Quero que lembre bem deles lá no inferno!

Ariel gritou novamente, a plenos pulmões, tentou se debater para fugir, mas recebeu um chute na cara. Ficou inconsciente novamente. Ejacularam todos na face dela. Para todos os efeitos,

parecia um cadáver.

Todos pararam de rir, como se de súbito a ficha caísse.

— Ela está viva? — preocupou-se um deles.

— Ela *não pode* estar viva — Leonardo disse com firmeza. — Não sai daqui com vida, entenderam?

— A gente vai matar ela? — foi a vez de Júnior ficar nervoso.

— Se ela sair daqui vamos todos presos! Fizemos isso juntos, vamos terminar isso juntos! Desliga a porra dessa câmera!

— Como vamos matar ela?

— Não parece ser muito difícil — Leonardo tapou o nariz e a boca de Ariel por alguns segundos. Depois checou sua respiração. — Merda — disse limpando as mãos no corpo dela. — Sujei minhas mãos de porra!

Dessa vez ninguém riu. Estavam realmente assustados. Haviam estuprado e matado uma pessoa. Pegaram o corpo de Ariel, colocaram no porta-malas e jogaram em um lixão. Na volta, Júnior entrou em pânico:

— Tem nosso sêmen no corpo dela! Precisamos queimar o corpo!

Deram meia-volta. Foram diretamente ao local em que desovaram o corpo.

Não estava mais lá.

• • •

— Você o quê?

— Eu matei o filho do homem que salvou você. E matei outros também. Era isso que queria ouvir? A verdade? Torturei e matei cada um deles. Restou apenas um, que nunca encontrei...

— Isso não tem graça, Ariel! Para com isso!

— Eu sou uma assassina, Sam — seu olhar era de profundo pesar. Estava chorando. — Mas sabe por que eu fiz isso?

Samuel estava estarrecido. Ela falava a verdade.

— Eu fiz isso porque eles...

A porta abriu-se.

Ariel olhou para trás.

Era Daniel.

Os dois arregalaram os olhos um para o outro. Por um segundo a sala ficou em fúnebre silêncio. Ariel tremia. Ele estava pálido, terrificado.

Os lábios dela se moveram para articular uma única palavra:

— Júnior...

Vinte e três

— Vocês se conhecem? — Samuel indagou confuso com as reações dos dois. Ela o chamara de Júnior, nome que ele odiava, já que preferia ser chamado pelo nome do pai.

Ariel olhou para ele, e de novo para Daniel. Balançou a cabeça inúmeras vezes negativamente, como se não quisesse acreditar em algo atroz demais para ser verdade.

— Este... é seu irmão? — a voz saiu trêmula.

— Sim, é ele, Daniel. O que está acontecendo aqui?

A expressão de assombro de Daniel permanecia. Ficou intacto e sem reação, de olhos fixos em Ariel. Ela sentiu as lágrimas lavarem os olhos e escorrerem pelo rosto. Deu mais um olhar para Samuel, carregado de pesar e compunção, como se pedisse perdão por algo inevitável. Então olhou para Daniel de maneira hostil e ameaçadora, gelando a espinha do mesmo.

Saiu do quarto, batendo a porta.

Daniel teve ânsia de vômito, cambaleou, apoiou-se na parede. Samuel o olhava aguardando uma resposta àquilo tudo. Tomou fôlego, olhou para o irmão preparando-se para se explicar.

— Essa é a garota que conheceu na boate?

— Sim, Daniel, é ela. Agora me explica o que acabou de acontecer aqui!

— Afaste-se dela, entendeu?

— Por quê?

— Essa mulher está morta!

Samuel franziu o cenho.

— Morta? Do que está falando?

— Ela morreu, Sam. Eu a vi morrer.

— Acha que eu sou idiota? Por que vocês agiram desse jeito?

— Ela está usando você! Ela se aproximou de você para se vingar de mim!

Samuel ficou em silêncio, digerindo aquilo, junto com a confissão de assassinatos de Ariel. Estava inteiramente confuso. Daniel sentou-se na beirada da cama, fechou os olhos, então continuou:

— Há alguns anos conheci um cara chamado Leonardo, filho de um grande empresário. Foi por acaso, em um bar. Conversa vai, conversa vem, ele passou a me chamar de Júnior, preferia a Daniel. Disse a ele que ia casar, foi nessa época, lembra?

— ...

— Então ele disse que o pai estava viajando a negócios, me propôs uma despedida de solteiro; disse que gostou de mim, que seríamos grandes amigos — fez uma pausa. — Chamou uns amigos dele e contratou uma prostituta, essa, que acabou de sair.

— Prostituta?

— Stripper e prostituta... Quando ela chegou na festa, não queria fazer sexo. Cara, eu estava muito bêbado, muito! Você sabe como fico quando bebo...

— O que aconteceu, Daniel — a voz saía fria, automática.

— Eu tentei beijá-la e ela me chutou no meio das pernas. Eu estava fora de mim, dei um tapa nela — esperou alguma reação de Samuel, mas não viu nenhuma. — Ela enlouqueceu, disse que ia matar a todos nós, cada um! Puxou uma faca e tentou atacar a gente...

Samuel baixou o olhar vidrado.

— Cortou um de nós. Pedimos pra ela ir embora, mas ela não queria ir. Disse que só sairia quando matasse o último de nós. Ela é completamente louca!

Era quase impossível para Samuel imaginar aquela cena.

— Então Leonardo tentou imobilizá-la, e como ela se debatia muito, acabou... quebrando seu pescoço...

Samuel balançou a cabeça, incrédulo.

— Então quer me dizer que eu estive namorando uma morta-viva?

— Olha, eu não sei, entendeu? Eu estava bêbado demais para lembrar dos detalhes, por isso posso estar equivocado! Mas não quis saber o que aconteceria em seguida. Nunca mais encontrei nenhum deles. Leonardo sabia muito pouco sobre mim além de meu nome e meu último nome. Mas um ano mais ou menos depois do acontecido, o corpo dele foi encontrado... completamente mutilado...

Samuel lembrou-se da foto mostrada pelo ruivo que o salvara.

Não pode ser...

— Eu sinto muito, Sam. Foi por isso que parei de beber. Ainda hoje tenho pesadelos com ela, com aquela noite! Eu me arrependo completamente do que aconteceu, mas ela é uma psicopata! Ela usou você para me atingir! Provavelmente é ela a responsável pelas desgraças que vêm acontecendo com você! Talvez ela e Renata estejam juntas nisso! — sua voz saía embargada de desespero.

— Me deixa sozinho, Daniel.

— Sam, eu...

— Me deixa sozinho.

Daniel hesitou, quis dizer mais alguma coisa, mas resolveu sair. Samuel ficou alguns segundos em silêncio antes de entregar-se a um pranto que lhe doía tanto o corpo quanto dilacerava sua alma.

• • •

Ariel correu do hospital, dirigiu inconsequentemente pelas ruas até chegar em casa; foi ao quarto da porta amarela e o destrancou. Colocou uma das fitas no aparelho de som; sentou-se na poltrona, ouvindo os gritos de dor gravados por ela, ato que sempre repetia quando as drogas não eram o suficiente para aplacarem a dor. Trocou a fita, uma mais violenta, onde ouvia o som da água fervente sobre a pele e os guinchos de agonia. Trocou mais uma vez, escolhendo as fitas com as mãos trêmulas, espalhando-as todas.

Nada disso funcionava.

Olhou para trás, para a cama, com desprezo e angústia. Saiu do quarto, trancou a porta como sempre. Saiu de casa, foi a uma casa noturna. Usou cocaína, fumou maconha, mais cocaína; então tomou alguns comprimidos de LSD. As luzes da boate piscavam alucinadamente, mas para ela, tudo acontecia em câmera lenta. Dançava completamente entregue, deixando o corpo mover-se sozinho.

Maldito Karma.

Samuel era sua única esperança, a única coisa que a tirara daquele mundo negro em que estava mergulhada e a fazia sentir-se como a menina sonhadora que era. Tornara-se tão viciada nele quanto nas drogas que usava, ou nos vídeos e fitas que fizera de suas vítimas. Estar com ele trazia-lhe uma paz diferente, não relacionada à vingança, não relacionada ao sofrimento dos que acabaram com seus sonhos. Havia decidido que mataria cada um deles e no fim se mataria, ou se entregaria a um fim pior ainda: se entregaria ao pai de Leonardo. O Karma é implacável, como sempre dizia.

Mas não esperava por aquela ironia tão doentia. Samuel era o irmão do último que restava para que enfim descansasse; o único que nunca encontrara, independente da tortura que imprimisse nos outros; o que havia decidido deixar para lá e recomeçar a vida com Samuel, longe dali. Seria sua libertação, sua segunda chance.

Mas o Karma não dá segundas chances. O Karma é cruel. Sádico. Sevo. Como fora idiota em acreditar em sonhos outra vez...

Enquanto dançava sob o efeito das drogas que tomava, alheia às dezenas de pessoas ao seu redor e à música que tocava frenética, tentava tomar sua decisão final. Sabia o quanto Samuel

sofreria por perder o irmão, não queria que sofresse jamais...

Mas uma coisa era desistir de sua vingança porque não encontrara o desgraçado; outra era se apaixonar pelo irmão dele...

Ariel voltou para casa, usou mais drogas, chorou até cansar, pegou o notebook, sentou-se diante dele e relembrou-se de toda sua história de vida...

Começou a escrever:

Sinto muito ter que fazer isso, Sam. Ele é sangue do seu sangue, é mais que um irmão, é seu ídolo, e entendo que o ame profundamente. Mas ele precisa pagar pelo que fez a mim e meu filho. Antes de mais nada, deixe-me contar o que tentei convencer você a deixar para trás: o meu passado. Não faço isso para justificar o que estou prestes a fazer, mas para deixar claro a você que para mim não existe uma segunda opção. Saiba, agora, de uma vez por todas, quem é Ariel, a mulher que mais amou você nessa vida, e como nasceu Arlequim, o monstro que mais amou você nessa vida. E que por você quase deixou de existir...

Escreveu por horas toda sua história: a infância com a mãe sociopata, o romance com Rael, o envolvimento com Medusa, o estupro coletivo, como acordara no lixão e fugira como se vingou de cada um dos envolvidos em sua desgraça. *Cada um deles*. Sem pressa, planejando tudo fria e calculadamente. E finalmente, como se apaixonara por Samuel e foi sendo resgatada das trevas.

Na carta explicava que a prova do que estava falando estava no *pendrive* entregue em anexo. Pegou um *pendrive* e copiou um arquivo de vídeo do notebook. Assistiu o vídeo mais uma vez, uma das milhares de vezes que assistira para se motivar a sustentar sua vingança com requintes de extrema crueldade. Isso a deu o impulso que precisava. Imprimiu a carta, pôs em um envelope, junto com o *pendrive*.

Foi ao quarto, sentou-se ao piano e começou a tocar *Requiem*, de Mozart.

E a planejar...

Vinte e quatro

Duas semanas haviam se passado. Samuel levara um bom tempo para digerir aquilo tudo, voltar a confiar e ficar confortável com seu irmão. O que havia acontecido era muito sério, mas ele passou a entender que Daniel de fato não tinha culpa; estava bêbado no meio de companhias erradas. Apesar da tentativa de assassinato, a verdadeira assassina era Ariel, a mulher que ele mais amava.

Seu único medo era que ela ferisse o irmão, fizesse com ele o que havia feito com os outros. Mas fora isso, apesar de tudo, não conseguia odiá-la ou sentir repúdio. O que vivera com ela não fora uma mentira, o sentimentos foram reais. E ela nunca mentira, sempre dissera que tivera um passado negro e que era um monstro. Era inimaginável que ela fosse capaz de cometer aquelas atrocidades, apesar de saber que era verdade. Não sentia medo de Ariel, mas não sabia se teria coragem de continuar com uma pessoa capaz de matar tão cruelmente, e sem razão. Ariel era doente, era tudo o que pensava. Chorava todas as noites sem medo de estar sendo sensível demais; era deveras doloroso ter que quebrar seus sonhos de construir uma vida com ela longe dali. Por enquanto, tudo o que queria era que seu irmão ficasse a salvo. Daria tudo para conversar com ela e implorar que deixasse Daniel em paz, que o deixasse em paz.

Mas a ideia de nunca mais a ver era terrível...

O médico o examinou mais uma vez e anunciou que teria alta naquela mesma semana. Estava ávido para sair daquele ambiente, ao mesmo tempo em que tinha medo de encarar o mundo lá fora agora que mudara completamente os planos.

Daniel naquela tarde sentara-se ao seu lado e segurou sua mão, apertando firme.

— Independente do que acontecer comigo, saiba que eu sempre amei você, *brother*.

— Nada vai acontecer com você, cara. Ela não teria coragem...

— Não quero falar dela. Quero falar de nós dois. Quero que saiba, e nunca se esqueça de que tenho muito orgulho de você.

— Que é isso, Daniel, não chora.

— Não estou chorando — sorriu limpando as lágrimas que lhe haviam escapado. — Malditos ciscos. Essa clínica tem que ser mais limpa.

Samuel queria falar muitas coisas ao irmão, mostrar a ele tudo o que ele significava, tudo o

que nunca havia dito, mas sentia vergonha. Acreditava que um dia iria se sentir à vontade para dizer a Daniel que o amava e que ele era seu ídolo, seu herói.

Mas não naquela tarde.

Daniel saiu para voltar ao trabalho — escapara para visitar o irmão. — e dirigiu-se ao estacionamento subterrâneo. Entrou no carro, fechou a porta, mas antes de girar a chave na ignição, foi surpreendido por trás, com uma mão tapando sua boca e nariz com um lenço úmido. Daniel tentou lutar, mas o cheiro absurdamente tóxico o fez desfalecer.

Ariel empurrou o corpo dele para o lado, para o banco de passageiro, e deslizou para o banco da direção.

Deu partida.

• • •

Daniel era levado pela polícia, algemado, diante de dezenas de pessoas, a grande maioria vomitando ofensas; se não fosse pela escolta policial, com certeza seria linchado. Do meio da multidão, Samuel o observava com desprezo, um olhar tão pesaroso e hostil que era difícil acreditar que era de seu próprio irmão.

— Sam! *Brother!*

Samuel se aproximou, o que deu a Daniel uma esperança de ao menos pedir perdão. Mas o que recebeu foi uma cusparada no meio dos olhos. Samuel deu as costas, sumiu entre as pessoas furiosas.

Daniel despertou com um grito. Mas apesar de estar com os olhos abertos, ainda estava na mais completa escuridão e com um calor abafado terrível. Bastou mover-se um pouco para perceber que estava enclausurado por paredes próximas demais, por um teto próximo demais.

Estava em um caixão!

Daniel bateu no teto, gritou, o pânico possuindo seu ser, bateu nas paredes que mal o deixavam mover os cotovelos. Gritou. Alto. A falta de ar já o fazia arfar implorando por oxigênio. Não! Não podia ter um fim como aquele, não podia morrer enterrado vivo!

O pânico o estava enlouquecendo, o horror o dominava enquanto se debatia violentamente na tentativa vã de escapar daquela morte medonha.

E infelizmente aquilo não era um sonho...

Seus esforços duraram poucos minutos. Daniel sentiu os sentidos se esvaírem; a garganta doía de tanto gritar.

Parou finalmente de se mover, já sem força ou ar nos pulmões. Sua mente já não funcionava

direito quando enfim desfaleceu.

Ariel fez respiração boca a boca enquanto pressionava o peito de Daniel. Ele despertou tossindo, em pé.

E amarrado a uma coluna...

— Bem-vindo ao inferno — ela disse com um sorriso malévolo.

Era uma estação de trem abandonada, em ruínas, pichada e suja, com parte do teto destruída. Ariel focou a lanterna nos olhos dele, ofuscando sua visão. Não estava morto? Tivera um pesadelo? Não, não. Sabia que havia sido real. Mas por que ela o tiraria de lá?

Como se lesse seus pensamentos, ela respondeu:

— Não achou que ia ser tão fácil, não é? Logo você, o primeiro a socar meu estômago...

— Que lugar é esse? — a voz saiu rouca.

— Procurei bastante um local afastado. A cidade é cheia de pontos abandonados como este...

— Sua desgraçada! Você me enterrou vivo!

— Não imagina o trabalho que deu. Comprei o caixão, cavei, pus você dentro e enterrei, depois desenterrei, tudo sozinha! Minhas costas estão me matando!

— Fique longe do meu irmão! É comigo que tem que acertar suas contas!

Ela o fitou taciturna. Aproximou-se dele, ficando próxima a seu rosto.

— Eu jamais machucaria o Sam.

— Então por que se aproximou dele? Pra me ferir?

— Acredite, o que tenho em mente para ferir você é muito mais criativo...

Daniel gritou, sentindo a garganta inflamada, provavelmente de tanto gritar no caixão.

— É bem cliché de filme de terror, mas ninguém vai ouvir você, muito menos ajuda-lo.

— Você... Você estava morta! Nós vimos você morta!

— Vocês estavam bêbados demais para julgar se alguém estava morto ou não. E foram burros o suficiente para me deixaram escapar...

— Você mesma disse, estávamos bêbados, e...

— Você matou meu bebê. Vocês mataram meu sonho. Meus sonhos. Minha vida. Despertaram uma besta faminta por vingança.

— Seu bebê? Ah, meu Deus, eu não podia imaginar...

— Vocês tentaram me matar. Na verdade conseguiram. Não me restava mais nenhuma vontade de viver; perdi meu bebê e os médicos disseram que não poderia mais engravidar. O que

me movia era a vontade de fazer cada um de vocês pagar... Por isso procurei Medusa, fiz com que me levasse a Adão. Arquitetei todo o plano para fazer com que cada um de vocês tivesse exatamente o que merecia. E agora só falta você. O último para enfim deixar-me descansar...

— Você matou a todos? — o desespero chegava a ser insuportável.

— Cada um. Levava dias para matar apenas um. Saboreando a dor que proporcionava a eles. Os gritos eram o paliativo que eu precisava para sentir-me calma, muito mais eficazes que as drogas que passei a usar. Torturava para que entregassem o próximo, torturava por diversão. Todas as formas de tortura que imaginar; cheguei a pesquisar na internet as formas mais medonhas e cruéis de tortura... E guardei o melhor para você...

— Por que se aproximou do Samuel? Qual o seu intuito com meu irmão?

— Eu amo seu irmão.

— Besteira! Fala a verdade, sua desgraçada! Se você tocar um dedo nele...

— Se eu quisesse machuca-lo, o faria enquanto você estivesse vivo, para que sofresse vendo-o sofrer. Mas não o faço por dois simples motivos: não mato inocentes, e já disse, amo Samuel.

— Você é um monstro! Como pode amar alguém? Você é doente!

— Não. Você é a doença, eu sou a cura. E não importa o que faça, nada que diga me fará poupar sua vida!

— Você não entende... — ele fez uma pausa, ficando mais calmo, o semblante tornando-se suplicante. — Não vou pedir para poupar minha vida. Quero que poupe meu irmão.

— Não vou tocar em seu irmão.

— Eu acredito. De alguma forma acredito que não o vá machucar. Mas não é a isso que me refiro. Eu tenho total ciência de que você vai me matar, e de forma cruel e impiedosa. Não ligo pra isso. Mas Samuel vai acabar sabendo, vai sofrer... Eu sou um herói para ele.

— Não quando mostrar a ele o que você fez a mim.

— Você não pode fazer isso.

— Não?

— Não pode.

— Por que não faria?

— Por que você tem apenas três opções.

Ariel o encarou alerta. Ele era um advogado, sabia bem ludibriar, principalmente no que tocava a Samuel.

— Que opções?

— Você poderia me deixar ir, me entregar para a polícia, Samuel teria pena de você, mas

não a odiaria. Ele odiaria a mim, seria a maior decepção de sua vida me ver como um monstro, ele jamais confiaria em ninguém, mas ainda teria a mim vivo e a você como vítima. Segunda opção: você me mata e tenta mostrar a ele que sou um monstro. Ele me odiará e odiará você por ter me matado; será traumatizado, provavelmente cairá em depressão...

— Aposto que propõe a primeira opção — disse com ojeriza na voz.

— Não. Imploro para que escolha a terceira se realmente o ama.

Ela nada disse, à espera que ele falasse.

— Você me mata, mas Samuel nunca descobre o que fiz com você, continua com a mesma imagem que tem de mim...

— Ficou louco? — ela riu incrédula. — Acha mesmo que vai sair impune?

— Não quero sair impune, só quero poupar meu irmão. Muito do que ele é fui eu que o ensinei; todos os valores, ele sempre se espelhou em mim. O que fiz de errado, o que fiz com você ele não conhece, nunca viu, é um outro eu —Daniel começava a chorar. — E se ele descobrir que sou um monstro, tudo o que ele acredita vai desmoronar! Ele vai perder! Ele vai sofrer!

— É inevitável que ele sofra... — Ariel tentava manter-se firme, mas estava começando a se abalar.

— Sim, mas você entrou na vida dele sem a intenção de ficar. Depois de descobrir que matou tantas pessoas com requintes de crueldade, acha mesmo que vai conseguir ter uma relação sadia com você? Um conto de fadas em que a vítima mata o irmão monstruoso do amado e casa com ele? Não, garota. Ele já enxerga você como uma doente. De qualquer maneira você trará sofrimento a ele, mas pior do que a dor de me perder será a dor da decepção. Isso muda tudo, muda o Samuel que você conheceu. Isso acontecer ele apenas vai sofrer; se eu morrer e ele ver você como o monstro da história, o sentimento que terá será de revolta, ódio de você. E isso o fará sofrer menos, muito menos. O que manteve você viva? O que seria de você se não tivesse essa motivação?

— Quer que seu irmão viva odiando a mim? Buscando vingança? — ela tentava segurar as lágrimas, mas não conseguia.

— Não. Agora que vai me matar, você não tem mais motivação para viver. Se você estiver morta, não restará a ele outra solução senão seguir em frente com a vida, fazendo de tudo para continuar sendo como eu, em minha memória. —alterou a voz. — Você pode dizer o que quiser de mim, menos que não o amo! Eu sempre dei a esse garoto todo o amor que ele precisaria dos pais. Eu sempre cuidei dele e sempre fui capaz de qualquer coisa para fazê-lo feliz! Isso você não pode negar!

Ariel virou as costas, chorando, as costas das mãos no nariz. O pior de tudo era saber que

Daniel estava certo. Seu choro era sincero, mas não era ele que a comovia, era imaginar o estrago que sua decisão faria a Samuel. Eu intuito inicial era matar a Daniel e depois se matar. Entrou na vida de Samuel e se entregou, fez com que a amasse e se deixou amar, esquecer o ódio sempre que estava com ele. Samuel dera a ela mais do que esperança, dera a ela vontade de viver, de recomeçar. Samuel merecia ser feliz.

Olhou para ele. Sentiu raiva de si mesma, por que não sentia a mesma ânsia de fazê-lo sofrer como havia tido com todos os outros. Não tinha vontade de tortura-lo, sentia horror ao que já havia feito aos outros; era como se estivesse curada. O amor de Samuel, a vontade de recomeçar...

— Eu sei que é tarde pra isso, mas quero que saiba que sinto muito pelo que fiz, e que estou disposto a aceitar qualquer que seja a punição que dê a mim — intensificou o choro. — Me perdoa, por favor! Eu tenho pesadelos com aquela noite! Eu não sou aquilo!

— Se você não morresse, ele não descobrisse e eu sumisse, ele seria muito mais feliz... — ela sussurrou.

Daniel parou de chorar. O vento frio balançava as árvores próximas à estação, ameaçando chover.

— Não sinto mais vontade de causar dor a você, graças ao amor que seu irmão despertou em mim...

Daniel foi-se inundando de esperança.

— Mas matar você não tem nada a ver com Samuel. Tem a ver com a criança que você assassinou — tirou um punhal da cintura, devolvendo o pânico a Daniel. — Não vou torturar você. Mas vou te matar, com certeza!

Ariel avançou e espetou a lâmina até o cabo no peito de Daniel. Não sentiu prazer, satisfação alguma. Apenas alívio.

Repetiu o ato dezenas de vezes, seu coração se enchendo de paz, o dele se enchendo de buracos.

Vinte e cinco

Sua vingança, depois de anos, tivera um fim. Sempre achou que teria um vazio, já que era apenas o ódio que a mantinha viva, mas não. Sentia-se tranquila, com a impagável sensação de dever cumprido. Não havia nem um pouco de arrependimento em sua alma, apenas uma inquietação. Estava diante do prédio onde Samuel morava, com um envelope na mão. Dentro dele, a carta em que contava seu passado, e um *pendrive* com a filmagem de seu estupro. Imaginou o que aconteceria se Samuel descobrisse a verdade, e teve de admitir que o desgraçado do irmão dele estava certo.

Tomou sua decisão, seu último sacrifício por amor a Samuel.

Voltou para casa com o envelope em mãos. Tocou melodias tristes em seu piano enquanto revivia mentalmente todos os bons momentos com Samuel, um clipe mental que a fazia sentir-se leve, viva, amada, e de certa forma, pura. Então parou de tocar, pegou o celular, decidida dizer as palavras mais difíceis de sua vida.

• • •

Samuel estranhou a ausência de Daniel nos dias seguintes. O irmão não atendia o celular, o que o preocupou bastante. Quando o médico lhe deu alta, esperava que Daniel o levasse de carro para casa, o que não aconteceu.

Pegou uma condução, chegou em seu apartamento com o coração apertado: Daniel não estava lá. Uma angústia crescente enraizou-se, mas tentou afastar os pensamentos ruins.

Ariel não faria isso...

Ele deveria estar trabalhando ou coisa do tipo, imaginou tentando consolar-se.

O celular tocou.

Era ele!

— Daniel?

— Não.

A voz de Ariel deu-lhe um medonho arrepio na espinha. Queria ouvir a voz dela, mas não nessas circunstâncias, não do celular de Daniel.

— Ariel? Onde está meu irmão? Por que está falando do celular dele?

— Seu irmão está morto — disse a voz fria do outro lado.

Samuel ficou zonzo, como se o chão sumisse sob seus pés, quase que literalmente.

— Do que você está falando?

— Eu o matei, Sam.

Samuel começou a tremer, o coração acelerado.

— Ariel, não tem graça! Cadê meu irmão?

— Eu disse que o matei. Usei você pra chegar até ele, agora não preciso mais de você.

Samuel respirava pesadamente.

— Cadê o Daniel? Você não faria isso comigo!

— Acha mesmo que uma mulher como eu ia se apaixonar por um merdinha como você? Eu usei você pra fazer o puto do seu irmão sofrer. E agora que ele está morto, saiba que sinto nojo por ter tocado meu lábios nos seus. Você é ridículo!

Samuel não conteve o choro. Era a dor de saber que o irmão estava morto e de ouvir palavras tão duras e cruéis de Ariel. Era tudo mentira? Daniel estava morto? *Morto?*

— Está chorando? Está vendo? Olha o que dá se envolver com crianças! Você não passa de um perdedor afeminado. Não tem ideia de como ri de seus poemas gays. Agora que Adão está morto e fiz o que tinha que fazer, não preciso fugir! Ficarei aqui em casa. Pode me visitar, se quiser!

— Por quê? Por que matar o Daniel? — gritou em desespero. — O que ele te fez?

— Ele não fez nada. Mato por prazer, escolho minhas vítimas e só descanso quando estão mortas. Agora fica aí choramingando a morte daquele lixo. Tchauzinho, meu amor.

Ariel desligou.

• • •

Ariel colocou o celular de Daniel sobre o piano. Chorou com todas as forças. O que a consolava era saber que poupara Samuel da verdade. Sua alma estava dilacerada, tinha vontade de ligar novamente, desmentir tudo e dizer o quanto o amava, mas se conteve.

Pegou o litro de gasolina, espalhou o líquido pela casa inteira.

• • •

Samuel chorava de dor pela perda do irmão, chorava de decepção, mas principalmente, chorava de ódio. E foi exatamente esse sentimento negro que o fez pegar o papel do bolso e

discar o número.

Tocou uma, duas, três, quatro vezes.

A voz grave atendeu:

— Alô?

— Quer saber onde a Arlequim mora?

— Sim! — a voz de Leônidas encheu-se de entusiasmo.

Samuel disse o endereço, repetiu uma vez, então desligou, antes que o homem dissesse qualquer coisa. Sabia que ele seria cruel com Ariel, faria com ela exatamente o que ele desejava naquele momento, mas não tinha coragem.

Chorou por alguns minutos, ao mesmo tempo em que uma vontade crescente de voltar atrás começou a invadi-lo. Imaginou-se correndo para impedir uma tragédia, chegando e achando o corpo dela ensanguentado, o ruivo com a arma na mão; imaginou-se avançando sobre ele e levando um tiro, caindo ao lado dela, agarrando sua mão enquanto sua vida se esvaía. Um final cliché, romântico demais.

Não havia mais volta. Ela merecia.

Ela merecia.

Ela merece!

Ela merece!

Lembrou-se do irmão salvando-o:

— *Toquem em meu irmão e eu enfio isso na garganta de vocês!*

Lembrou-se dos momentos em que ele esteve sempre ao seu lado, como o pai e mãe que não tinha. Seu herói estava morto.

Morra, desgraçada!

Morra!

No noticiário da noite, pouco depois de relatar o desaparecimento do irmão à polícia, viu um incêndio em uma casa que logo identificou ser a de Ariel. Dois corpos haviam sido encontrados: o de um homem e o de uma mulher, mas não haviam ainda sido identificados devido às queimaduras que os tinham desfigurado.

Sabia exatamente quem eram os dois.

Que queimassem no inferno.

EPÍLOGO

Karma

Vinte e seis

Amanda olhava para a mãe com pesar. Não queria demonstrar a ela a tristeza que a desgastava. Tinha que demonstrar toda a maturidade dos seus dezoito anos para não deixa-la pior do que já estava. Observava a mãe que estava do outro lado da parede de vidro, no jardim, olhando para o nada, o vento esvoaçando seus cabelos castanhos. Era quatro anos mais jovem que Samuel, e aparentava ser ainda mais jovem que a idade que tinha.

— Estão mesmo decididos, mãe?

— Sim, filha. Não dá pra fingir que estamos bem. Eu e seu pai já não amamos mais um ao outro.

— Eu não entendo...

— Um dia você vai entender.

— Vocês... vocês nem brigam tanto... Acho que uma terapia de casal resolveria...

— Eu daria tudo para dar certo com seu pai, Amanda. Mas não há mais o que insistir...

Anastácia limpou a lágrima que caía e abriu sorriso para disfarçar a tristeza. Amanda olhou para a linda mãe que tinha, esposa dedicada... Simplesmente não entrava em sua cabeça que seu pai houvesse tomado a decisão de separar. O amor dos dois parecia tão pacato, tão bonito... Sempre temera que seu relacionamento com Max não durasse tanto como o dos pais simplesmente pela paixão dos dois ser intensa demais, e assim, talvez se desgastasse mais rápido. Samuel e Anastácia cuidavam um do outro, tratavam um ao outro com carinho, um romance pra velhice, de companheirismo. Ela e Max não; era tudo avassalador, fulminante, como ele gostava de classificar. Agora que via que o amor dos pais tinha prazo de validade, preocupou-se ainda mais com Max. Amava-o mais que tudo.

E sabia que um dia ele deixaria a esposa para ficar com ela.

• • •

— Vinte e sete anos, meu caro. Vinte e sete. Parece que foi ontem...

Samuel estava diante do túmulo de mármore com uma foto quase apagada de Macário. O cemitério estava vazio naquela manhã, como Samuel preferia. Estava cabisbaixo, o cabelo e barba tomados pelo grisalho; resistia a pintar, achavam charmoso um quarentão como ele com cabelo

acinzentado.

— Quem dera você estivesse aqui pra me dar seus conselhos; estou muito confuso, como sempre. A Amanda vai sofrer com essa separação... Mas tem que ser feito, você sabe. Vamos, velho ridículo, levanta do túmulo e me diz uma de suas frases de efeito pra me fazer refletir...

Samuel ficou ali ainda por um tempo, o vento forte balançando as árvores. Despediu-se do velho amigo e caminhou cerca de um quilômetro até outro túmulo.

— E aí, *brother?*

• • •

O homem forte de macacão azul com emblema da empresa de mudanças pegou uma grande caixa, pôs no ombro e saiu, sob supervisão de Samuel. Anastácia não quis estar em casa para ver a mudança, preferiu dar uma caminhada. Amanda estava no Sótão, chorando baixinho, cabeças e braços apoiados nos joelhos. Não era mais criança, mas seria duro ver a casa vazia, a mãe solitária, provavelmente se envolvendo com pessoas que detestaria. Amava o pai tanto quanto a mãe, era seu amigo, confiava nela, e ela nele. Sentia-se mais a vontade para falar de certas coisas com ele do que com a mãe.

Notou um baú que pertencia a Samuel encostado a outras caixas. Pensou em gritá-lo para o relembrar de levar, mas a curiosidade bateu: O pai nunca dissera o que guardava ali dentro. Não deveria ser nada muito secreto, já que nem tranca tinha. Abriu-o e tossiu com a poeira e o cheiro de mofo. Havia fotografias dele e de seu tio, Daniel, e alguns cadernos e livros velhos, além de pequenos objetos de época, como um modelo antigo de smartphone, CDs e DVDs, coisas não mais usadas em sua geração.

Pegou os cadernos e livros, dando uma rápida folheada nos mesmos. Havia uma foto com Samuel jovem, mais ou menos em sua idade, com mais três amigos, que não soube identificar. Um dos livros era O Pequeno Príncipe, de onde vez ou outra ele citava passagens. Amanda não gostava de ler tanto quanto ao pai, muito menos um livrete infantil como aquele, mas prometera um dia sentar e lê-lo. Não tinha pressa. No meio dos cadernos, um caderninho preto estava guardado embalado por um plástico.

Desembalou-o, curiosa.

Samuel estava verificando as caixas que restavam; foi surpreendido pela voz da filha atrás dele:

— E somos um só, e o tempo para
E respiramos o ar um do outro em nirvana
Nossas carnes e almas se confundem
Nossas peles e pelos se fundem
E cada poro implora
Para que chegue a hora
De o prazer deflagrar em estado líquido

Samuel ruborizou, ficou sem ação. Amanda segurava o caderninho preto nas mãos e um sorriso malicioso no rosto.

— Onde achou isso, Amanda?

— Uau, pai, me arrepiei. Nunca vi algo tão poético e erótico ao mesmo tempo.

— Me dá isso aqui, Amanda.

— O senhor está vermelho! Isso aqui não é pra mamãe, né? Pelas datas, o senhor era um ano mais velho que eu apenas. Quem era ela?

— Ninguém, Amanda. Romance adolescente bobo.

— Bobo? Olha só esse:

Tua ausência me mata, me corrói, me maltrata
Quanto mais ela dói, mais te sinto em Minh' alma.
Quanto mais ela aperta, mais eu te desejo
E ela só se cura quando encontro teu beijo
Quanto mais te tenho, mais tenho ciência
De que cedo ou tarde virá tua ausência

— Amanda!

Amanda entregou o caderninho. Samuel colocou-o no bolso, constrangido, ainda ruborizado.

— Pai, quero saber quem ela é.

— Não interessa, é passado.

— É um amor de verdade, pai. Eu li tudo! É exatamente o que sinto pelo Max.

— Max? Quem é Max?

— Não interessa. Vai me contar quem é ela?

— Espero que Max seja um cachorro.

— Vamos pro jardim?

— Me espera lá. Vou despachar o resto das caixas.

Samuel realmente não queria ter aquela conversa. Mas Amanda estava sentada no jardim, um sorriso lindo no rosto, os olhos brilhando de ansiedade. Era tão romântica quanto ele quando era jovem.

— OK, vamos começar por esse tal de Max.

— Não senhor. Vamos na ordem cronológica da coisa. Primeiro a sua musa inspiradora, depois o meu...

— O seu o quê?

Ela riu.

— Vamos, pai. Quem é ela?

Samuel sentou-se ao lado dela, olhar tristonho.

— A mulher da minha vida.

Amanda chocou-se um pouco com aquela revelação. Era muito apegada à mãe também.

— E a mamãe? Você não a amava?

— Claro que sim. Amei muito sua mãe, e ainda amo. Mas são formas de amar completamente diferentes.

— Conte, pai. Conte a história de vocês...

— Não, Amanda. Isso está enterrado para sempre, e não adianta insistir. O que posso falar com você é dos sentimentos envolvidos.

— Pra mim serve.

— Essa mulher do caderninho foi a única que realmente amei com todas as forças. O tipo de amor que você não quer existir se não mais tiver.

— Nossa...

— Eu a amei de verdade. Cada uma das poesias que você leu foram escritas do fundo da alma, todas para ela. Foi um amor avassalador, desses que você raramente tem a chance de viver durante uma única vida.

Enquanto ele falava, ela identificava-se totalmente. Era exatamente o que sentia por Max.

— O que sinto por sua mãe — continuou. — É algo diferente, um amor diferente, mais calmo, tranquilo, mais relacionado ao respeito e carinho. Acaba sendo algo quase fraternal. Nunca escrevi uma única poesia para Anastácia. Na verdade, minha veia poética morreu junto com meu amor por... Pela mulher do caderninho preto.

— Ela faleceu?

— Não é nada do que você pensa, querida. Amar aquela mulher foi o maior erro da minha vida. Foi um amor verdadeiro da minha parte, uma relação avassalante, mas falsa. Ela era um verdadeiro monstro.

— Um monstro?

— Desculpe aguçar sua criatividade, mas entenda. Ela me usou como instrumento de vingança. Se tem algo que aprendi com paixões avassaladoras, é que elas têm um preço. São como drogas; têm efeito fantástico, mas causam dependência e efeitos colaterais irreparáveis. Não vale a pena. Por isso me deixei levar pelo tipo de amor que sua mãe oferecia. Um tipo de amor que não feria ninguém.

— Então por que resolveu se separar da mamãe? Encontrou um amor como o primeiro?

— Não, não acredite em amores nascidos de adultério.

Amanda estava pensativa, decepcionada. Não era o que precisava ouvir. E se Max não se separasse? E se resolvesse ficar com a mulher e a abandonasse? E se na verdade só a usava para se satisfazer, fazer sexo, coisas que a esposa não fazia?

— Agora diga, quem é Max?

— Ninguém, pai — levantou-se e saiu, abatida.

— Amanda!

Deixou-a ir. Permaneceu sentado, pegou o caderninho preto e começou a folhear.

E a trazer memórias que não queria mais ter.

O fato de Amanda ter achado o caderninho preto fez com que Samuel revivesse toda a história que ele esforçava-se para enterrar. Os momentos divinos e os mais terríveis passaram a assombrá-lo novamente. E como se o destino o estivesse torturando, mais um elemento surgiu para deixa-lo confuso.

Estava em seu novo apartamento, já estabelecido, algum tempo depois de se mudar da casa que agora era de Anastácia. Precisava viajar, desopilar, fugir do seu mundo de trabalho e responsabilidades, mas não sabia para onde ir.

Foi por acaso em uma manhã de domingo, enquanto se exercitava em uma bicicleta ergométrica com a TV ligada, que viu o anúncio de um espetáculo de dança francês que estreava na cidade. Coisa que passaria completamente despercebida por ele se não fosse o título do espetáculo:

A Musa do Nunca.

Coincidência demais. O destino resolvera infernizá-lo, sinais nada aleatórios e ele sabia a razão. Algo que estava literalmente enterrado, algo o qual resistira à curiosidade por anos.

Resolveu para onde seria sua viagem.

Vinte e sete

Jericoacoara estava diferente do que se lembrava, mas era de se esperar, tendo se passado quase trinta anos desde que pisara ali pela primeira vez. A vila de pescadores — centro comercial e ponto turístico — havia mudado consideravelmente, e aumentado, ficando ainda mais bela. Hospedou-se em um hotel mais confortável e caro que a pousada que provavelmente não mais existia. Só o fato de estar ali já o dava um peso na consciência por causa do irmão. Mas sua mente não se aquietaria até descobrir o que havia na caixa que enterrara junto com Ariel.

Perguntou aos *bugueiros* se ainda existia a árvore da preguiça, mas nenhum havia ouvido falar, não estava mais na lista de lugares turísticos. Não desistiu. Por mais que não se lembrasse da localização da árvore, alguém deveria lembrar-se dela, algum dos mais antigos. No primeiro dia não teve sucesso, dormiu frustrado. Dia seguinte tentou novamente, entrevistando moradores mais antigos. Até abordar um guia, pouco mais velho que ele:

— Árvore da preguiça? Lembro sim! Faz muito tempo que a árvore já era. O povo de hoje nem sabe da existência dela — disse, deixando Samuel decepcionado.

— Mas você sabe onde ela ficava?

— Dificilmente encontraria. Não tem mais rastros dela.

— Podemos tentar?

O guia aceitou. Contrataram um *bugueiro* para sair à procura. Passaram boa parte da manhã rodando pelas dunas, sem sucesso.

— Que mal lhe pergunte, por que o senhor quer encontrar o local da árvore se ela não existe mais?

— Valor sentimental.

O guia fingiu que entendeu. Continuaram a procura até o fim da tarde.

— Deixe-me na duna do pôr-do-sol. Continuamos amanhã.

A duna continuava a mesma, a tradição de reunir turistas e moradores sobre ela à espera do crepúsculo também. Uma nostalgia massacrante o sobrepujou. Era como se Ariel estivesse ali. Podia quase sentir o cheiro da pele dela, ambos sentados, abraçados. Bateram palmas quando o sol beijou o mar. Estava quase desistindo; era impossível achar o local da árvore.

Dia seguinte tomou café, contatou o guia e saíram à caça novamente, com o mesmo *bugueiro*. Passou a manhã quase toda rodando as dunas, quando o guia pediu parada.

— Acho que era aqui — disse olhando a paisagem.

Samuel olhou a paisagem tentando achar algo que estalasse sua memória.

Desceram do *boogie*.

O guia andava olhando atentamente para o chão, para caules de árvores mortas sobrepostas pela areia.

— Ali!

O guia apontava para uma duna onde via-se um pedaço de galho seco. Samuel correu para lá, retirando da mochila a espátula que trouxera consigo. Cavou no local indicado, mas percebeu que com aquele instrumento levaria uma eternidade.

— Preciso de uma pá.

O guia e o *bugueiro* estavam curiosos, mas prontificaram-se a encontrar a ferramenta. Samuel continuou ali, para não perder o local novamente. Minutos depois os homens retornavam com a pá.

Samuel cavou, cavou e cavou. O vento forte não compensava o sol escaldante. Os homens esperaram no boogie, *cochichando,* trocando teorias. Cada vez mais o que restara da árvore ia tomando a forma que um dia tivera, vinte e sete anos atrás, apesar de agora não haver uma única folha nos galhos mortos. Chegou finalmente ao ponto em que antes ficava a base do caule, parte mais dura de terra, com toda a areia retirada. Cavou no local exato em que Ariel havia cavado.

Um barulho metálico o revigorou. Retirou a caixinha de metal.

— É um tesouro? — perguntou o guia, de olhos arregalados.

— Isso vamos ver.

Meu segredo mais precioso. Se eu não viver pra te contar, vai ficar enterrado aqui, nesse paraíso de sonhos perdidos. Só volte para ver quando duvidar do que sinto por você.

Samuel forçou golpeou o cadeado com a pá várias vezes até que cedesse. Os dois homens se aproximaram, tomados de curiosidade.

Samuel abriu.

O guia olhou para o rosto pálido e bestificado de Samuel. O mesmo retirou o pequeno objeto da caixa, com a mão trêmula.

— Oh, Deus...

Samuel estava mais confuso do que nunca, totalmente perturbado pelo que encontrara na

caixa. Aquilo só podia ser um truque, uma forma de Ariel manipulá-lo, não podia ser real!

Abriu a carteira e retirou o pequeno objeto rosa, colocando-o sobre a mesa.

Era um teste de gravidez, com dois palitinhos que indicavam positivo.

Ariel estava grávida quando viajaram!

Não, não podia ser! Ela mesma dissera que não podia ter filhos! Como aquilo era possível? Abriu o frigobar e tomou uma dose de *whisky*. Não queria crer que Ariel morrera queimada com uma criança no útero, que *ele* havia assassinado as duas.

Samuel tentara afastar o pensamento cruel, mas era indiscutível que ele fora o responsável pela morte dela. Ele dera o endereço dela a um pai louco por vingança. Nem imaginava o que tinha acontecido quando ele a encontrara, ou como os dois haviam morrido queimados, mas pesadelos mostravam versões diferentes do que poderia ter havido naquele fatídico dia.

Só que agora era diferente. Não era apenas uma assassina que ele matara. Era uma criança inocente. E o que mais o atormentava era imaginar que tal criança pudesse ser sua! Começou a se obcecar com aquilo.

Foi quando algo absurdo lhe ocorreu à mente.

Digitou no Google "A Musa do Nunca". Na capa de divulgação do espetáculo havia uma silhueta feminina que lhe deu arrepios.

Não pode ser!

Não havia outra forma de tirar aquela dúvida.

Samuel estava em um dos primeiros assentos, nervoso, esperando o espetáculo começar. Era uma performance contando a história de um homem comum que se apaixonava por uma mulher misteriosa, que desaparecia sempre à meia-noite. Todo o show era feito magistralmente sem diálogos; a história toda era contada através da dança, com bailarinos e bailarinas talentosíssimos.

Quando a atriz principal entrou no palco, Samuel teve calafrios. Era muito, muito parecida com Ariel quando era jovem. Samuel afundou no assento, o coração palpitando rápido demais. Se aquela era a filha de Ariel, então ela não havia morrido no incêndio. Ela havia forjado a própria morte e escapado!

Mal prestou atenção na história que era contada, um amor impossível que culminava no sacrifício da personagem principal pelo amado, fingindo-se de vilã para poupá-lo do sofrimento. Além dos dançarinos fabulosos, a iluminação, os cenários, a trilha sonora, efeitos especiais e truques coreografados com sombras tornavam a imersão completa. A plateia inteira estava apaixonada. Samuel estava perturbado. Dividido entre a satisfação de saber que a criança

sobrevivera e o ódio por Ariel ter saído impune da morte de seu irmão e de tantas outras. Mas no fundo, seu coração estava, por mais que o fosse quase impossível admitir, feliz pela chance de revê-la. Rever Ariel. Rever a mulher que mais amara na face da terra.

A dançarina e protagonista chamava-se Juliette Lebrun, francesa, pelo que pesquisara. Samuel esperou a chance de encontra-la nos bastidores. Estava ansioso, nervoso, sem a mínima noção de como reagiria. Tentou se infiltrar na reunião do elenco, mas não permitiram sua entrada.

Ficou sabendo mais tarde que toda a equipe do espetáculo se reuniria para comemorar a estreia no Brasil em um salão de festas. Uma festa privada, aberta apenas para convidados e imprensa.

Tirara sorte grande.

— Alô, Cidão?

— Sam? Quanto tempo, caramba!

— Preciso de um favor seu...

Alcides trabalhava em como colunista do site de grande emissora de TV. Havia mudado bastante a aparência: engordara até o nível da obesidade e fizera uma redução de estômago, entrando em seguida em uma academia. Era um quarentão atlético agora.

— Você enlouqueceu? Eu posso perder meu emprego, cara!

— Por favor, Cidão. É muito importante pra mim!

— Tudo bem! Mas se eu for despedido, vai sustentar minha família inteira!

— Fechado.

O salão de festas era enorme. A festa era de gala, o espetáculo havia rodado o mundo todo e tinha além de grande orçamento. Samuel lera que o diretor sempre fazia a festa de estreia depois da primeira apresentação, para que tivessem o que comemorar. Graças ao crachá fornecido por Alcides, Samuel pode transitar livremente entre as luxuosas mesas, iluminadas por suntuosos lustres; todos usavam terno ou vestidos deslumbrantes; parecia a festa de estreia de um filme. Ali estavam algumas das maiores emissoras do país, sites e jornais; era realmente um espetáculo importante.

Mas os olhos ágeis de Samuel procuravam a protagonista, que ao que tudo indicava, era a filha de Ariel — e provavelmente sua.

Avistou-a dando entrevista e tirando fotos. Como estava linda! Lembrava bastante Ariel, era incrível a semelhança. Esperou uma brecha para se aproximar, nervoso demais. Seu inglês era fluente, mas não tinha noção alguma de francês. Esperava que ela também falasse a segunda

língua.

— Boa noite — ele disse, em inglês, tentando segurar o nervosismo e a ansiedade.

— Boa noite — respondeu em inglês, com forte sotaque francês.

Samuel fez uma rápida apresentação sobre a emissora em que supostamente trabalhava. Segurava um bloco de notas e uma caneta. Fez perguntas sobre o espetáculo, enredo, tempo de ensaio, moral da história... Tudo tentando manter o porte profissional. Estava se saindo bem melhor do que esperava. Juliette respondeu a cada uma das perguntas com carisma; cada vez que ela abria a boca ele perguntava-se se estava diante de sua filha. A ideia era assustadora, em todos os sentidos.

— Então, Juliette, a família acompanha você durante as apresentações?

— Claro! Minha irmã e meus pais são meus maiores fãs!

— Eles estão aqui? — perguntou com cautela, com medo da resposta.

— Claro que sim! Estão logo ali — apontou.

Vinte e oito

Samuel não saberia dizer se estava frustrado ou aliviado por ver que a mãe de Juliette não era Ariel. A mulher de meia idade parecia-se muito com a filha — logo, com Ariel. — Mas definitivamente não eram a mesma pessoa. Samuel cumprimentou à família Lebrun e afastou-se, sentindo-se um idiota por fantasiar toda aquela conspiração.

Óbvio que Ariel estava morta. Tudo não passava de uma teia de coincidências que culminavam naquela embaraçosa cena digna de filmes de comédia. Quis sair dali imediatamente, esquecer aquilo tudo e voltar à sua vida solitária.

— Você está bem? — perguntou em português, com forte sotaque, um homem alto e sorridente, vestido refinadamente.

Samuel percebeu que estava suando frio.

— Sim, estou bem, obrigado.

— Você precisa de um drink — fez um sinal para um dos garçons. — O que você bebe?

— Qualquer coisa. Estou mesmo precisando.

O garçom ofereceu a bandeja e os dois retiraram uma taça de champanhe cada.

— Trabalha para a TV?

— Para o site.

— Fique à vontade para perguntar o que quiser. Sou o diretor de *A Musa do Nunca*.

Samuel surpreendeu-se. O próprio diretor for falar com ele. Não tinha mais perguntas a fazer, era uma farsa. Mas não podia se desmascarar ali.

— Parabéns pelo espetáculo. É simplesmente maravilhoso.

— Agradeço.

Samuel fez algumas perguntas sobre A Dama do Nunca, a maioria que já havia feito a Juliette. Além de muito solícito, o diretor era simpático.

— Perdoe, não perguntei seu nome.

— Vernon Lacaze — ele estendeu a mão.

— Samuel.

— Muito prazer.

— Então, Samuel, o que veio fazer aqui?

— Como assim?

— Você claramente não é um repórter — disse com um sorriso que passava naturalidade na acusação.

Samuel sobressaltou-se por ser pego, mas o pior que poderia acontecer era ser enxotado dali. A menos é claro que fosse entregue à polícia, o que implicaria no envolvimento de Alcides.

— Por que diz isso?

— Você age como um novato. Vem à festa de estreia do show e não sabe quem é o diretor, muito menos o nome? Sem falar em suas perguntas bastante genéricas. Juliette pode não ter percebido, mas eu tenho muita experiência com imprensa, e você nem por um novato se passaria.

— Vai chamar a segurança?

— Não vejo motivos até aqui. Só quero que esclareça o porquê de se infiltrar na festa.

— Sou um penetra. Foi a maneira que consegui para entrar. Sempre faço isso em estreias — mentiu.

Vernon riu.

— Péssimo mentiroso também.

— Se quiser chamar a polícia vá em frente — Samuel ficou sério. Não tinha paciência para joguinhos.

— Já disse, não há razão para fazer isso. Você não aparenta ser o tipo perigoso, muito menos um terrorista.

— Qual sua teoria sobre mim então?

— Não tenho nenhuma. Por isso gostaria que me esclarecesse. Sou muito curioso.

— Eu estava procurando alguém. Alguém que não está aqui. Se não se importa, vou embora agora mesmo.

— Não por minha causa. Aproveite a festa! É meu convidado a partir de agora.

Samuel franziu o cenho.

— Por que faria isso?

— Por que talvez eu saiba o que você procura.

— E o que eu procuro? — perguntou, intrigado.

— Venha comigo.

Vernon se afastou com um sorriso no rosto. Samuel ficou em dúvida se o acompanhava, mas decidiu-se por segui-lo para descobrir seu propósito. No caminho Vernon foi abordado várias vezes por fotógrafos e repórteres, mas educadamente dizia estar ocupado.

Samuel o seguiu até a entrada do banheiro masculino.

— O que é isso? Você é gay ou algo do tipo? — indagou Samuel ofendido.

— Siga-me.

Samuel hesitou, mas acabou entrando no banheiro. Vernon estava parado diante do espelho na parede. Havia além dos dois apenas um homem que lavava o rosto e saía, em seguida.

— O que quer me mostrar?

— Aproxime-se.

Samuel deu alguns passos relutantes e parou ao lado do homem.

— E agora?

— E agora, olhe para o espelho.

Samuel obedeceu. Olhou para alguns segundos, principalmente para o rosto triunfante de Vernon, que, para sua surpresa, lacrimejou, com o queixo trêmulo. Só então Samuel percebeu o que ele apontava: olhou para o próprio rosto, depois para o dele; fez isso repetidas vezes, o coração acelerado.

Virou-se para Vernon chocado e emocionado, tão comovido quanto ele.

— Me dê um abraço, pai.

O mundo de Samuel desabou. Além de todas suas convicções. Tudo o que acreditara era mentira. Ariel, afinal, estivera grávida dele, forjara a própria morte e desaparecera. Tinha identidades falsas que usariam para fugir e, sabe-se lá como, dinheiro suficiente para recomeçar, como era o sonho dele com ela. Saber que tinha um filho com quase vinte e sete anos de idade, filho da assassina de seu irmão e ao mesmo tempo, a mulher que mais amara, era como colocar seu coração e mente em um liquidificador. Seus pensamentos e sentimentos eram deveras ambivalentes, em extremos diferentes, doces e cruéis. Queria vingança, queria revê-la; queria mata-la, queria tê-la nos braços; queria dizer todo o ódio que sentia, queria dizer todo o amor que ainda morava em seu peito.

A verdade é que no fundo da alma Samuel nunca engolira a história de que ela era uma assassina sádica e manipuladora. Por mais que fosse isso que ela mesma o levara a acreditar com seu telefonema vil, confessando a morte brutal de Daniel, seu coração dizia que havia algo errado. Não havia como sentimentos como os que sentira serem irreais, forjados. Nisso sua mente se dividia, e por causa do irmão decidira focar na cólera, em todos os sentimentos negativos possíveis direcionados a Ariel.

— Mas como... — segurava com as mãos trepidantes o rosto do filho, com o semblante muito semelhante ao seu. Não fosse pela barba que tinha, os dois seriam ainda mais parecidos.

— Não responderei a nada aqui, pai. Não é o lugar.

— Vamos a outro ambiente, então... — a voz ainda estava emocionada.

— Não é a isso que me refiro.

Além da ferina revelação, Vernon não disse mais nada que satisfizesse a indigesta e confusa mente de Samuel. Limitou-se a dizer que contaria tudo se o visitasse em sua casa na França, o que demoraria algumas semanas por causa da turnê no Brasil. Deu a ele além do endereço, as passagens e um telefone para contato. Nada mais que isso. Samuel teve que engolir as milhares de perguntas que tinha e esperar.

A chance de rever Ariel testava os limites de sua sanidade e de seus sentimentos. Tinha de olhá-la nos olhos.

Ou a mataria imediatamente.

Ou a entregaria à polícia.

Ou a beijaria como se não houvesse amanhã.

Vinte e nove

Samuel aterrissou no aeroporto internacional de Calais, em Dunquerque em uma manhã ensolarada. Fazia frio, bem mais do que estava acostumado no Brasil. Pegou um taxi para o endereço dado por Vernon, com quem havia falado horas antes.

Passou pelos portões da muralha coberta de vegetação e passou por uma alameda de faias até chegar diante do casarão de pedra. Ariel havia conseguido ser bem-sucedida, pensou, no mesmo estado de ansiedade que deixara seu país. O frio na barriga era intenso demais, quase insuportável. Não tinha a mínima ideia de como reagiria àquele encontro.

Vernon o esperava diante da casa, com um largo sorriso, abraçado com uma bela mulher de cabelos loiros cacheados. Pagou o taxi e foi falar com seu anfitrião. Os dois se abraçaram forte.

— Esta é minha esposa, Marie — disse em português. — Marie, este é meu pai, Samuel — completou em francês para a esposa.

Os dois se cumprimentaram timidamente.

— Fez uma boa viagem? — Vernon perguntou.

— Nunca havia saído do Brasil.

— Acostume-se. Venha comigo, pai.

A sala era enorme, com uma grande lareira, móveis caros e quadros do personagem Arlequim e outros que Samuel não pôde identificar. Marie disse algo a Vernon, fez um sinal com a cabeça para Samuel e saiu, deixando os dois a sós. Sentaram-se um sofá em formato de L.

— Minha mãe era apaixonada por arte.

— Era? — Samuel sentiu um entalo na garganta.

— Ela faleceu há dois anos.

Samuel sentiu-se entontecer. Seu cérebro não conseguia digerir que havia perdido Ariel mais uma vez.

— Ariel morreu?

— Você a chama assim? O nome dela era Berthe.

Berthe? Apesar da surpresa, logo se lembrou de que ela tinha feito documentos falsos com nomes falsos. Havia recomeçado do zero. Ficou curioso com a escolha de tal nome.

— De que ela morreu?

— Aneurisma. Quando descobrimos era tarde demais, não havia mais como operar — disse

com consternação.

Então um aneurisma conseguira a façanha que nem um incêndio conseguira.

— Você tem uma foto dela? — perguntou com a garganta seca.

— Claro que sim — levantou-se e se ausentou por alguns minutos. Retornou com um quadro na mão e uma pasta. — Era tão linda assim quando a conheceu?

Samuel tomou em mãos o quadro de Ariel fazendo uma pose glamorosa com um longo vestido. Aparentava ter pouco menos de cinquenta anos, mas a beleza era a mesma; havia envelhecido muito bem. Primeiro Samuel sentiu uma onda de ternura e dor por ter perdido a chance de revê-la. Depois, foi o ódio de saber o que aquela mulher havia feito que o sufocou. Ela tinha tatuado no peito uma frase inclinada em direção ao ombro, parcialmente coberta pelo vestido. Aproximou o quadro dos olhos para tentar ler.

— *Eternal jour inexistant* — disse Vernon.

Samuel não precisou que ele traduzisse.

— Eterno dia inexistente... — balbuciou.

— Na base da frase, sobre o peito, tem uma estrela amarela sobre um horizonte de duas linhas, retirada do livro O Pequeno Príncipe. Ela disse que era em homenagem a você.

Entregou o quadro a Vernon, abalado com aquilo. Se ele não significava nada para ela, por que tatuaria algo tão pessoal dos dois? Perguntou-se se seu filho sabia das atrocidades cometidas por ela. Provavelmente não; não seria ele quem contaria, não valia a pena.

— Como sabia que eu era seu pai? Como me reconheceu?

— Por causa dessas fotos — abriu a pasta e entregou a Samuel algumas fotografias envelhecidas. Samuel e Ariel na praia de Jericoacoara. — Eu sempre tive a curiosidade de conhecer você, mas ela nunca me dava nenhuma informação que me levasse a encontra-lo. Não dizia que tinha morrido nem coisa do tipo e falava coisas belíssimas sobre você. Dizia que você a salvara com seu amor e que graças a você ela tinha ressurgido das cinzas para me criar. Ela disse que eu fui um milagre concebido através de você; ela não podia engravidar, e mesmo assim, aqui estou.

— Como me encontrou? — Samuel tentava disfarçar a emoção que sentia.

— Eu insisti bastante antes de ela morrer. Ela disse que se eu quisesse encontra-lo, se fosse para acontecer, seria com a ajuda do destino e um empurrãozinho dela. Eu sou um diretor renomado há um bom tempo, tenho várias formações em música, ela investiu bastante nisso. E pediu que eu dirigisse o espetáculo que você assistiu, com a exata tradução de "A Musa do Nunca", e uma dançarina protagonista que se parecesse com ela o máximo possível. Levei um ano para montar tudo, ela nem chegou a ver o produto final. Encontrei Juliette depois de uma longa busca

pela França, nas melhores companhias de dança do país. Fiz a turnê por vários países antes de decidir finalmente chegar ao Brasil. E como ela havia dito, o destino ajudou. Quando vi você ao longe, entrevistando Juliette, tive plena certeza de que era você. Eu esperei tanto por esse momento, pai — Vernon emocionou-se. Samuel o abraçou, igualmente comovido. Saber que aquele espetáculo majestoso havia sido feito apenas para encontra-lo.

Havia algo de errado.

Ariel era um monstro. Uma assassina! Nada do que fizesse ia mudar aquele fato. Mesmo que fosse uma doente com transtorno de personalidade, isso não justificava as dezenas de facadas no peito de Daniel, cujo crime fora arquivado — Samuel não contara nada sobre Ariel por não ter provas, e por saber que ela estava morta. Sua vida se tornaria um inferno se tivesse que provar que ela realmente existia, que ele havia se envolvido com a máfia da Paraíso da Perdição e, provavelmente, seria acusado pelos homicídios.

Mas agora, ao saber que Ariel havia feito fortuna na França, impune de seus crimes, sentiu-se profundamente revoltado. Vernon não tinha culpa da mãe que tinha, mas isso não mudava o que havia acontecido vinte e sete anos atrás.

— Ela pediu que o entregasse uma coisa.

Samuel o seguiu pela escadaria até uma porta de madeira, precisamente entalhada e esculpida com relevos simétricos. Abriu-a.

Não precisou dizer que aquele fora o quarto de Ariel, ou Berthe, como escolhera ser chamada. Era uma réplica bem maior e luxuosa de seu quarto no Brasil. Ali estavam as mesmas decorações nas paredes, só que bem maiores, com detalhes mais caros: a do Pequeno Príncipe, a dos personagens do *Peanuts*, a do "retrô" e a da música. A cama de casal era suntuosa, assim como os móveis presentes. Diante de uma mesinha de vidro havia um divã vermelho. E na parede com temática música havia um belíssimo piano de cauda. O cheiro de Ariel estava impregnado no lugar, como se tivesse estado ali alguns minutos atrás.

Vernon andou até um tapete persa diante da cama e puxou-o, revelando um cofre.

— Minha mãe disse que entregasse isso a você caso o encontrasse. Não tenho ideia do que seja e ela pediu que você tivesse contato com isso sozinho.

Samuel recebeu em mãos um envelope. Rasgou a borda e retirou uma carta e um *pendrive* de dentro.

— Um antigo pendrive. Não existem mais portas USB — observou.

— Tenho guardado um modelo antigo de notebook. Talvez ainda funcione. Vou buscar.

Samuel ficou onde estava, apreensivo com o conteúdo da carta. O que teria ela a lhe dizer? Vernon retornou alguns minutos depois com um notebook preto ligado.

— Ainda funciona. Tem uns doze anos, ainda bem que é de marca boa — entregou a Samuel. — Precisa de ajuda para abrir?

— Não, obrigado. É da minha época, ainda lembro como funciona — disse com um sorriso nervoso.

— Então vou deixar você sozinho.

Vernon saiu. Samuel sentou-se sobre o divã vermelho e abriu a carta.

Sinto muito ter que fazer isso, Sam. Ele é sangue do seu sangue, é mais que um irmão, é seu ídolo, e entendo que o ame profundamente. Mas ele precisa pagar pelo que fez a mim e meu filho. Antes de mais nada, deixe-me contar o que tentei convencer você a deixar para trás: o meu passado. Não faço isso para justificar o que estou prestes a fazer, mas para deixar claro a você que para mim não existe uma segunda opção. Saiba, agora, de uma vez por todas, quem é Ariel, a mulher que mais amou você nessa vida, e como nasceu Arlequim, o monstro que mais amou você nessa vida. E que por você quase deixou de existir...

(...)

Samuel sentiu falta de ar. Seu nervosismo aumentou. O que ela ousava falar sobre Daniel?

Continuou a ler a carta.

A cada passagem, uma avalanche de sentimentos ia acontecendo. Podia ouvir a doce voz de Ariel citando cada trecho. Chegou finalmente na pior parte:

(...)

Deveria ter seguido meu pressentimento e fugido. Mas acabei entrando naquela mansão e matando todos os meus sonhos. Veja por si próprio como nascem os monstros, veja o vídeo antes de continuar e entenderá por que seu irmão não merecia viver.

(...)

Samuel sentia uma dor forte no peito, um entalo na garganta, e muito medo de ver o conteúdo do *pendrive*. Mas interrompeu a leitura da carta para conectar o dispositivo no notebook. Clicou duas vezes no arquivo de vídeo.

O terror tomou conta de Samuel quando viu seu irmão entre os envolvidos, quando o viu esmurrar Ariel no estômago, quando os viu estuprar brutalmente, espanca-la sem piedade, divertindo-se no processo. Chorou alto, absolutamente chocado. Fechou a tela do notebook pouco antes do fim do vídeo. Chorou inconsolavelmente por alguns minutos, tendo uma inversão violenta

de sentimentos. O desespero, a culpa, a decepção, o arrependimento, o ódio, a saudade... Tudo ao mesmo tempo centrifugado em seu coração.

Tomou a carta em mãos novamente, sem conseguir conter o pranto. Ela explicava detalhadamente como se transformara na criatura sexy e mortal sedenta por vingança. Como mergulhara nas trevas e como ele a resgatara na noite em que ela a escolheu na plateia.

(...)

Quando descobri que estava grávida, tudo mudou. Eu realmente achei que estava tendo uma segunda chance. Os médicos foram bem claros quando disseram que eu não poderia engravidar. Tomei isso como milagre. Eu tinha dois grandes amores: você e meu bebê. Senti-me a mulher mais feliz do mundo.

(...)

Samuel não segurava as lágrimas. A dor apenas aumentava, o sentimento de impotência, a vontade de dar a vida para voltar no tempo, só para dar-lhe um abraço, um beijo demorado, dizer o quanto a amava, o quanto se arrependia de tê-la odiado.

(...)

Não aprendi a perdoar e não espero que me perdoe, ou que me entenda. Só queria que soubesse a verdade. Você mesmo disse que prefere verdades massacrantes a mentiras acalentadoras. Perdoe-me apenas por privar-lhe de conhecer seu filho. Meu plano era fugir com você e cria-los juntos... Infelizmente não era pra ser assim. Talvez um dia, se o destino permitir, vocês se encontrem. O Karma me levou até você, talvez o leve também.

Não te disse pessoalmente por medo, estava traumatizada, como expliquei, mas não tenho a mínima dúvida, Sam... Minhas mãos estão sujas demais para tocar em você novamente, pra eu ter a coragem de um dia olhá-lo nos olhos mais uma vez. Se tivesse, tenha absoluta certeza de que diria com todas as palavras...

O quanto, absurdamente, amo você.

Eu te amo, Sam. Eu te amo.

Esse é meu último adeus, meu amor.

Ariel.

Samuel ficou em silêncio. Dobrou a carta, colocou novamente no envelope.

Bateram na porta.

— Pai?

— Pode entrar.

Vernon entrou preocupado.

— Tudo bem com você?

Samuel levantou-se, caminhou até ele e o abraçou. Forte.

— Amo você, meu filho.

— Também amo você, meu pai. Você está... chorando?

Samuel afastou-se a enxugou as lágrimas.

— Estou ficando velho — sorriu.

— Pai... O que havia na carta e no *pendrive*... Era algo ruim?

Samuel segurou o rosto do filho:

— É apenas a prova de que você teve a melhor mãe do mundo, filho.

Marie apareceu à porta, de mãos dadas com uma criança vestida de bailarina.

— Olha quem chegou da aula de ballet — disse Marie sorridente.

Samuel abriu ainda mais os olhos com carinho, vendo aquela miniatura de Ariel; tinha o mesmo cabelo, as mesmas feições, o mesmo sorriso...

— Esta é minha filha, pai. Sua netinha Anice. Tem quatro aninhos.

— Dá um abraço no vovô — disse em francês.

Anice aproximou-se timidamente, sempre olhando para o pai. Samuel se abaixou para envolver a garotinha em seus braços. Não se conteve, chorou mais uma vez. Anice desprendeu-se educadamente do avô e olhou para o pai, perguntando em francês:

— Por que ele está chorando? Não gostou de mim?

— Ele está chorando de felicidade.

— Como eu digo para ele parar de chorar?

Vernon se abaixou e cochichou algo em seu ouvido.

Anice tocou o braço de Samuel com calentura e sussurrou, em português, com a pronúncia, apesar de errada, mais linda que ele poderia ouvir:

— Non chore, vovó.

Samuel deu um largo sorriso, enxugando o rosto.

— Não vou chorar, princesa.

— Por que não aproveita e dança para o vovô, Anice? — sugeriu Vernon. — Vai alegrá-lo bastante.

— Isso!

— Sente-se ali, pai — apontou para o divã e andou até o piano, abrindo a cobertura das teclas. Marie ficou em pé ao seu lado, adorava vê-lo tocar.

Anice posicionou-se à espera da música começar.

Samuel preparou o coração.

Os dedos de Vernon começaram a flutuar sobre o teclado tocando a sonata Claro de Luna, de Beethoven, a mesma que ouvira Ariel tocar anos atrás.

Mas não era apenas a composição que lhe trazia encanto e nostalgia...

Anice começou uma coreografia ao sabor da melodia, leve como uma pluma, com movimentos suaves e graciosos, exatamente como os de Ariel. Samuel estava extraído da realidade. Seus ouvidos apenas escutavam à musica e seus olhos apenas enxergavam à pequena Anice, que vez ou outra, como em uma interferência na TV, transformava-se por milésimos de segundos em sua avó. Seu coração foi inundado pela mais profunda e pura forma de amor que um ser humano era capaz de sentir. A cada movimento da garota ele lembrava-se de um momento ao lado de sua amada.

O jogo no jantar...

O karaokê...

O primeiro beijo...

A roda gigante...

Jericoacoara...

A dança de ballet na sala...

Lembrou-se de uma frase de O Pequeno Príncipe naquele momento fazia todo o sentido do mundo: “O essencial é invisível aos olhos”. Quando a música se encerrou, Anice fez uma posição de agradecimento.

As palmas de Samuel ecoavam pelo quarto e as lágrimas mais felizes que já derramara perdiam-se em sua barba grisalha.

Só daquela vez, o essencial estava bem diante de seus olhos.

